

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE**  
**COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

**MULHERES QUE REZAM E CURAM: NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS EM**  
**NOVA IGUAÇU, BAIXADA FLUMINENSE (RJ)**

Geraldo da Silva Bastos

Rio de Janeiro - RJ

Março de 2020

**MULHERES QUE REZAM E CURAM: NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS EM  
NOVA IGUAÇU, BAIXADA FLUMINENSE (RJ)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Lima da Costa

Co-orientadora: Profa. Dra. Catalina Revollo Pardo

2020

Geraldo da Silva Bastos

Dedico este trabalho a todos os que foram perseguidos em nome de crenças religiosas, e em especial às mulheres que rezam e curam...

## AGRADECIMENTOS

Estamos em Guerra...

Este caminho até aqui foi um compartilhamento de interrogações, buscas, encontros e desencontros... E como toda caminhada da minha vida, tive companheiros e companheiras que cerraram fileiras comigo. Eles são muitos e foram fundamentais nesse percurso.

Nós estamos em guerras... Sendo uma dessas, a guerra contra o racismo; outra contra o feminicídio e o patriarcalismo; outra contra a intolerância religiosa. E neste momento difícil em que estamos vivendo, estamos em guerra contra a hipocrisia como forma de política que tomou nosso país. Há ainda outras guerras que são guerreadas pelos oprimidos e esfarrapados deste mundo. Mas é preciso ter esperanças, pois em meio a todas essas guerras também se revelam as resistências, as formas de sobrevivência, de superação, de luta e de transformação.

Olhando para os lados, para frente e para trás, vejo diversos companheiros de combate, que precisaram seguir por outras estradas: Togo Ioruba, Américo José Batista, Tereza Ribeiro Pontes... que se tornaram guerreiros e guerreiras da justiça e da luz. Outros permanecem nesta grande marcha, como meus colegas do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ, e em especial os companheiros do Labmens - onde encontrei abrigo, amizade, caminhos epistemológicos, pedagógicos e teóricos – mesmo diante deste ambiente desafiador que é a academia.

Não poderia deixar de agradecer a família, irmãos, irmãs e meus netos. Minha companheira Marcia Fortes, as filhas Fernanda Bastos e Margê Fortes Bastos, o filho Hiram Fortes Bastos que foram fundamentais no apoio, no incentivo e no amor, que me deram forças para encarar essa empreitada e que suportaram minhas ausências e ainda colaboraram comigo discutindo algumas temáticas. Minha querida mãe Dona Deise, inspiradora e que é uma das grandes responsáveis por tudo isso.

A família estendida e que me acompanham há muitos anos, comandada pela querida Dinair Rodrigues e sua turma. Um salve para o amado Daniel Fortes que fez a correção desse texto de forma atenta e parceira.

Agradeço à direção do Movimento Negro Unificado (MNU) que me deu apoio no momento em que precisei me ausentar para dar contas da atividade de pesquisa.

Agradeço ao Ile Ase Ogun Alakoro, na pessoa de Paulo José Reis - Paulo de Ogun, a orientação espiritual, acolhida e a solidariedade da luta.

Agradeço às colaboradoras desta pesquisa, sábias mulheres que rezam e curam, por partilharem comigo saberes orgânicos que subsidiaram meu texto e me trouxeram diversas lições de vida. Ao Sr. Raimundo, rezador, meu mestre das ervas e rezas, embora morador de outra cidade, me valeu de informações precisas e preciosas sobre o poder das plantas medicinais.

Agradeço as valiosas contribuições e orientações da Profa. Dra. Samira Lima da Costa, Profa. Dra Catalina Revollo Pardo, Profa Dra. Claudia Miranda e Dra. Dulce Santoro - cada uma me fez enxergar estratégias e possibilidades que enriqueceram meu trabalho.

Agradeço aos socorristas, que é um grupo de companheiros e companheiras que nas horas mais difíceis se apresentam para nosso fortalecimento com solidariedade e segurança. Para nós não há outra alternativa à meritocracia: ou nos juntamos ou sucumbimos ao sistema da competitividade desenfreada e doentia, porque a vitória grande é a vitória coletiva.

Por fim, agradeço ao CNPQ pelo aporte financeiro que nos possibilitam criar condições de tornar real nossas pesquisas.

As rezadeiras usam  
Águas da chuva e do rio  
Curam as dores do corpo  
Cisco no olho, espinhela caída

As benzedadeiras vão  
Com fé na oração  
Curando nossas feridas  
Como obaluaê

As rezadeiras quebram  
Quebranto, mal olhado  
Males que vêm dos ares  
Nervos torcidos, ventres virados

As benzedadeiras são  
As estrelas das manhãs  
As nossas anciãs  
Nanãs buruguêis  
  
Afastam a inveja  
E o mal olhado  
Com suas forças  
Com suas crenças  
Com suas mentes sãs

As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Nanãs

Esta canção é uma oração  
Para as benzedadeiras  
Do coração mando este som  
Para as rezadeiras

As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Nanãs

(Martinho da Vila)

## RESUMO

As práticas de rezas e curas de pessoas doentes, ofício realizado com grande predominância por mulheres, denominadas como rezadeiras, é uma atividade de grande penetração social na região de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ). É uma intervenção social de grande importância, na medida que, há uma grande carência de acesso aos serviços de saúde para a população, sobretudo da população que mora na periferia da cidade, composta majoritariamente pela raça negra. É uma região de forte disputas políticas e religiosa, onde acontecem o maior número de ataques aos terreiros de matriz africana.

Esta dissertação é o fruto da pesquisa que busca compreender de que forma se articulam o racismo e a intolerância religiosa ao atual cenário de violência em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ) e como afetam as mulheres que rezam e curam. Para isso, verificou-se através de narrativas de sete mulheres rezadeiras, de filiações religiosas diferentes, quais são suas principais estratégias de resistência.

A violência é um sintoma muito presente no cotidiano da região da Baixada Fluminense, atingindo de maneira contundente um número grande de mulheres, sejam de forma direta através do feminicídio, como também de forma indireta, no caso das rezadeiras, através do preconceito e da discriminação, que tem no racismo religioso seu principal suporte. Esta pesquisa deixa claro sua proposta de discutir a temática a partir da participação do pesquisador nas lutas contra o racismo, traço comum de sua militância no Movimento Negro Unificado (MNU) e em diversas outras organizações. Sendo assim, entrevistou sete rezadeiras, de seguimentos diversificados, sendo eles: cigano, candomblé ketu, umbanda, bruxaria e candomblé banto. Após análise do conteúdo, as entrevistas foram organizadas em três categorias empírico-analíticas. Onde percebeu-se como o sincretismo e o racismo religioso, atravessam as atividades das mulheres que rezam e curam na cidade de Nova Iguaçu.

**Palavras Chave:** Psicossociologia de Comunidades, Racismo Religioso, Sincretismo Religioso, Rezadeiras, Violência.

## ABSTRACT

The practices of praying and healing sick people, a profession carried out with great predominance by women, called rezadeiras, is an activity of great social penetration in the region of Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ). It is a social intervention of great importance, as there is a great lack of access to health services for the population, especially for the population living on the outskirts of the city, composed mainly of the black race. It is a region of strong political and religious disputes, where there is the greatest number of attacks on terreiros of African origin.

This dissertation is the result of research that seeks to understand how racism and religious intolerance are articulated to the current scenario of violence in Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ) and how they affect women who pray and heal. For this, it was verified through the narratives of seven women prayers, of different religious affiliations, which are their main resistance strategies.

Violence is a very common symptom in the daily life of the Baixada Fluminense region, strikingly affecting a large number of women, whether directly through femicide, but also indirectly, in the case of prayers, through prejudice and discrimination, which has its main support in religious racism. This research makes clear his proposal to discuss the theme based on the researcher's participation in the struggles against racism, a common feature of his activism in the Unified Black Movement (MNU) and in several other organizations. Thus, he interviewed seven rezadeiras, from different segments, namely: gypsy, candomblé ketu, umbanda, witchcraft and Bantu candomblé. After content analysis, the interviews were organized into three empirical-analytical categories. Where syncretism and religious racism were perceived, they cross the activities of women who pray and heal in the city of Nova Iguaçu.

**Keywords:** Community Psychosociology, Religious Racism, Religious Syncretism, Prayers, Violence.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Fotografia da cidade de Nova Iguaçu vista do alto .....	29
Figura 2 Carta do Bispo solicitando ação da justiça contra os terreiros .....	36
Figura 3 Senhoras rezadeiras se encontram em 2010 em Nova Iguaçu .....	41
Figura 4 Reportagem sobre Dona Geni – Mãe de Santo e Rezadeira de Nova Iguaçu .....	49
Figura 5 Mulheres são presença maciça nos terreiros – Terreiro Ile Asé Ogun Alakoro em Magé, Baixada Fluminense. ....	61
Figura 6 Dona Lourdes .....	65
Figura 7 Dona Clementina diante do seu altar de rezas e de sincretismo religioso .....	70
Figura 8 Altar de entidades invocadas nas rezas do Sr. Raimundo. ....	79
Figura 9 Dona Clementina (blusa azul) - Oficina de rezas. ....	80
Figura 10 Dona Clementina e Dona Deise. ....	83
Figura 11 Dona Vilma .....	85
Figura 12 Bruxa Alana .....	87
Figura 13 Dona Isabel. ....	91
Figura 14 Dona Josefa .....	94
Figura 15 Mãe Zefa ao centro com filhos de santo .....	94
Figura 16 Dona Nina .....	96
Figura 17 Altar de curas da Tenda Cigana Tzara Ramirez. ....	97
Figura 18 Dona Itamara (Keualombo). ....	100
Figura 19 Altar dedicado a Athena e Apolo .....	113
Figura 20 Altar dedicado aos deuses Dionísio e Artemis. ....	114
Figura 21 Altar dedicado a Poseidon. ....	114
Figura 22 Altar dedicado à Hermes .....	115
Figura 23- machado de Zeus .....	121
Figura 24 - machado de Xango. ....	120
Figura 25 Acerola – quintal do autor .....	13737
Figura 26 Alecrim – quintal da Dona deise .....	13838
Figura 27 amora - quintal da Dona Deise .....	13939
Figura 28 Assa peixe – quintal do autor .....	1400
Figura 29 - Alho - quintal da Dona Deise .....	1411
Figura 30 - Arnica - Dona Deise .....	1422
Figura 31 - Aroeira - quintal Dona Deise .....	1433
Figura 32 – arruda – quintal do autor .....	1444
Figura 33- babosa - quintal do autor. ....	1455
Figura 34 - boldo - quintal Dona Deise .....	1466
Figura 35 - Cana do brejo - quintal Dona Deise. ....	1477
Figura 36 - cansaço - quintal Dona Isabel .....	1488
Figura 37 - capim limão - quintal do autor .....	14949
Figura 38 – canela de velho – estrada. ....	1500
Figura 39 - carqueja - quintal Dona Deise .....	1511
Figura 40 - caruru - quintal do autor. ....	1522
Figura 41 - confrei - quintal Dona Deise .....	1533

Figura 42 - colônia - quintal do autor .....	1544
Figura 43 - Emabúna - quintal Dona Deise .....	1555
Figura 44- erva cidreira - quintal Dona Deise .....	1566
Figura 45 - Erva doce - quintal do autor.....	1577
Figura 46 - Eucalipto - estrada .....	1588
Figura 47 - guaco - quintal Dona Deise.....	15959
Figura 48 - gengibre - Dona Josefa .....	1600
Figura 49 - gervão - quintal Dona Deise. ....	1611
Figura 50 - hortelã - quintal do autor.....	1622
Figura 51 - losna - autor desconhecido.....	1633
Figura 52 - manjericão - quintal do autor .....	1644
Figura 53 - Erva de Santa Maria - quintal do autor .....	1655
Figura 54 - moringa - quintal do autor .....	1666
Figura 55 - negramina - desconhecido .....	1677
Figura 56 - ora - pro - nobis - quintal Dona Deise .....	1688
Figura 57 - parietária - quintal Dona Deise .....	16969
Figura 58 - pata de vaca - quintal Dona Deise .....	1700
Figura 59- picão - desconhecido.....	1711
Figura 60 - pitanga - quintal Dona Deise .....	1722
Figura 61 - poejo - quintal do autor .....	1733
Figura 62 - picuta - mata e cura - quintal Dona Deise.....	1744
Figura 63 - quebra pedra - quintal Dona Deise .....	1755
Figura 64- Romã - quintal Dona Deise.....	176
Figura 65 - saião - quintal do autor.....	1777
Figura 66 - terramicina - quintal do autor.....	1788
Figura 67 - Trançagem - desconhecido .....	17979

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

APN – Agente de Pastoral Negro

CAF – Centro de Atendimento Familiar

CEAP – Centro de Articulaco de Populaoes Marginalizadas

EICOS – Programa de Ps-Graduao em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

FUNAI – Fundao Nacional do Índio

GESTAR - Grupo de Estudos e Ao Racial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IESA - Instituto de Educao Santo Antonio

IPEA – Instituto de Pesquisa Econmica Aplicada

ISP – Instituto de Segurança Pública

LABMEMS – Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupaoes: Rastros Sensíveis

MNU – Movimento Negro Unificado

NDI - National Democratic Institute for International Affairs

ONG – Organizao Não Governamental

PO – Pastoral Operária da Igreja Católica

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1. Objetivos</b> .....	17
<b>1.2. Apresentação do Autor</b> .....	18
<b>1.3. Apresentação da escolha do tema</b> .....	23
<b>2. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.</b> .....	29
<b>2.1. Características do Município de Nova Iguaçu: terra de contrastes</b> .....	29
<b>2.2. A História de Nova Iguaçu: entre opressões e resistências</b> .....	31
<b>3. CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS</b> .....	38
<b>3.1. Aspectos Éticos da Pesquisa e Estratégias Participantes</b> .....	44
<b>4. MULHERES QUE REZAM E CURAM</b> .....	47
<b>4.1. Rezadeiras: Mediação Mágica e Enfrentamentos</b> .....	48
<b>4.2. Mães de Santo: Religião de Matriz Africana e Protagonismo</b> .....	60
<b>4.3. Sincretismo Religioso</b> .....	65
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	83
<b>5.1. Apresentação das Rezadeiras</b> .....	83
<b>5.1.1. Clementina Nunes Alvarenga (Dona Clementina)</b> .....	83
<b>5.1.2. Vilma Loureiro Dias (Dona Vilma)</b> .....	85
<b>5.1.3. Alana Coelho Villar – (Alana Morgana, Bruxa Alana, Dona Alana)</b> .....	87
<b>5.1.4. Isabel Fonseca do Carmo (Dona Besinha, Dona Isabel)</b> .....	91
<b>5.1.5. Josefina Paulina Rodrigues – (Dona Josefa, Mãe Zefa)</b> .....	94
<b>5.1.6. Alina Paulina de Lima (Dona Nina)</b> .....	96
<b>5.1.7. Itamara Silva de Oliveira dos Santos (Keualombo, Dona Itamara)</b> .....	100
<b>5.2. Conexões e Aprendizados: Relações estabelecidas entre o Pesquisador e as Colaboradoras.</b> .....	102
<b>5.2.1. Dona Clementina</b> .....	102
<b>5.2.3. Bruxa Alana</b> .....	111
<b>5.2.4. Dona Isabel</b> .....	122
<b>5.2.5. Dona Josefa</b> .....	126
<b>5.2.6. Dona Nina</b> .....	129
<b>5.2.7. Dona Itamara</b> .....	132
<b>6. SABERES ORGÂNICOS DAS MULHERES QUE REZAM E CURAM</b> .....	135
<b>7. EXPERIÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NO SINCRETISMO RELIGIOSO</b> .....	180

<b>7.1. Sincretismo Religioso: Resistências e Agenciamentos .....</b>	<b>180</b>
<b>8.1. Como se manifesta o racismo religioso nas mulheres rezadeiras .....</b>	<b>184</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>198</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se localiza dentro do campo das narrativas de resistências de um grupo de mulheres rezadeiras e mães de santo na Cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ). É uma temática que emerge importância a partir das discussões dos movimentos sociais de mulheres e do movimento negro no Século XX, que buscam ancorados na crítica ao patriarcalismo, ao racismo e a intolerância religiosa, mostrar a influência nefasta dessas violências na história da formação do Brasil.

Propõe-se a identificação dessas mulheres através da sua autoapresentação, seja da sua história individual, seja da sua relação com a sociedade em que estão inseridas, trazendo no enredo de suas narrativas questões relacionadas ao campo religioso e suas implicações no contexto de violência, como também as diversas formas da prática de resistência, tendo o sincretismo uma forte influência nessa questão.

Nesse contexto, a partir de 1960, com o crescimento do segmento religioso cristão pentecostal, e posteriormente o neopentecostal, percebe-se um acirramento de disputas de espaço político/religioso e geográfico, com um aumento de ataques a outras denominações religiosas, como aos cristãos católicos, porém, com maior incidência às religiões de matriz africana, que têm forte presença de lideranças femininas, ferindo de morte o ofício de rezadeiras e mães de santo. Importante salientar que esses ataques acontecem há muitas décadas e desde o início do Século XX, na cidade de Nova Iguaçu, nunca deixaram de acontecer, ora em maior ou menor escala.

Os diversos estudos sobre esta temática no Brasil trouxeram à baila importantes análises sobre o papel das manifestações afro-brasileiras como movimento de resistência contra-hegemônica, disputando espaços em uma sociedade construída dentro de uma proposta cristã-eurocêntrica. Essa sociedade é organizada, com sistemas de exclusões racistas e que coloca em detrimento as manifestações das comunidades tradicionais brasileiras.

O estudo das narrativas das mulheres que rezam e curam vem discutir além da identificação deste segmento, suas articulações sociais, que permitem a estas mulheres, continuarem em atuação até os dias atuais.

As manifestações que têm origem em raízes afro-brasileiras resistem em território brasileiro através de muitas lutas, sendo assim se constituem em uma conquista teimosa em existir, teimosia não só cultural e religiosa, mas também política, que as deixam como alvos dos movimentos conservadores que têm tomado força e poder em todo mundo, sobretudo na América Latina.

Na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ), as mulheres que rezam e curam, mães de santo e rezadeiras, que antes atuavam de forma extensiva nas periferias da cidade, possuem hoje uma jornada de impedimentos que interferem diretamente no exercício dos seus ofícios. Compõe essa realidade a taxa da violência na Baixada Fluminense que é de 56,2 para 100 mil habitantes, superior a todo o Estado do Rio de Janeiro, que é de 39,4 para cada 100 mil hab. (ISP, 2018)<sup>1</sup>. Nova Iguaçu acompanha a alta incidência de violência, liderando o ranking desde 2015, quando apresentou 150 casos só na delegacia da Posse e a de Comendador Soares registrou 118 casos de homicídios. A região da Baixada Fluminense possui ainda sete das dez delegacias com maiores registros de violência de todo o Estado do Rio de Janeiro e teve um aumento de 63% de mortes causadas por agentes do estado no ano de 2018. É a cidade que mais registrou casos de ataques aos terreiros.

Dentre as diversas formas de violência que interferem na dinâmica das mulheres que rezam e curam, está a intolerância religiosa e o racismo. As análises dessa pesquisa trouxeram reflexões sobre como resistem e como esse segmento é atravessado em seu exercício.

Dessa forma, no âmbito da psicossociologia, buscou-se entender os diversos mecanismos causais que promovem as afetações no ofício de mulheres rezadeiras e mães de santo, passando por uma análise teórica da crítica ao desenvolvimento do capitalismo e da visão eurocêntrica, presentes nos movimentos conservadores e fundamentalistas.

Essa região da Baixada Fluminense de predominância de católicos no passado, conta segundo o último censo com 263.499, perdendo pela primeira vez a liderança de maior adesão para os evangélicos que somaram 294.099 adeptos. Somados os umbandistas, 3.787, os adeptos do candomblé, 3.333, com os que se declaram umbanda e candomblé juntos, possuem ao todo 14.422 (IBGE, 2010). Os dados apontam ainda, que a região Sudeste do Brasil é a que tem a maior concentração de adeptos espíritas, candomblecistas e umbandistas em convivência, com grande incidência de intolerância religiosa contra as religiões de matriz africana. Mesmo assim, diante de um contexto marcado por diferentes formas de violência contra práticas típicas da religiosidade popular e afro-brasileira (VAGNER, 2007), as mulheres rezadeiras e mães de santo continuam atuando.

Tendo este cenário como pano de fundo inicial, abordamos além da questão do sincretismo religioso, as temáticas do racismo e da intolerância religiosa, que interferem diretamente na prática das rezadeiras e mães de santo.

---

<sup>1</sup> Site do Instituto de Segurança Pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro (ISP-RJ). Ver em: <<http://www.isp.rj.gov.br/>>

O objetivo desse texto é trazer resultados e análises que identifiquem como mulheres que rezam e curam resistem em seus ofícios, diante de um cenário de violências múltiplas, sobretudo a intolerância religiosa e o racismo religioso, que insistem em classificá-las como “bruxas” e/ou “feiticeiras”.

As referidas reflexões levaram em conta, sobretudo as implicações sociais que interferem no ofício de rezadeiras e mães de santo, colhidas a partir da descrição de suas narrativas. O uso das narrativas de um Outro que é ainda subalternizado pela colonialidade, mas que através do seu conhecimento orgânico se faz Mestre dos Saberes (BISPO, 2019), faz-nos pensar uma nova perspectiva teórica, trazendo para a arte literária uma reflexão política, ou seja, a voz do Outro, que soa a verdade sobre a sua própria identidade como problematizado por Claudia Miranda (2006) quando reflete que: a crítica pós-colonial melhor se traduz por examinar produções nascidas do ponto de vista de quem detém o poder de falar sobre os outros da colonização e também de examinar a insurgência de segmentos oriundos das nações.(pag. 17). Desta forma, percebemos que esta condição de ainda subalternidade da mulher diante do patriarcalismo é um resquício colonialista e que sua classificação como “bruxas” e/ou “feiticeiras” tenta encobrir sua atuação política e de mantenedoras de tradições culturais, questões que se fizeram presentes em seus depoimentos, nas suas narrativas e nas suas atuações.

As resistências desses grupos de manifestações religiosas se dão de diversas formas, sendo o exercício do sincretismo religioso uma prática acentuada entre essas mulheres. Não obstante, suas narrativas vêm impregnadas de estratégias e resiliências consentidas e conscientes, que conseguem, mesmo em uma ordem hegemônica cristã, patriarcal e racista, criar mecanismos de superações, mesmo que estejam ora mais motivadas, ora mais afetadas e desmotivadas por esse cenário de violência.

Sendo assim, dividimos em três partes essa dissertação. Na primeira, temos uma descrição de quem são as mulheres que rezam e curam, com uma abordagem histórica da perseguição que sofreram ao longo da história no Brasil e no mundo. Para isso, trouxemos para análises, as contribuições do documento “Martelo das Feiticeiras”. Onde se conclui que, inicialmente a violência atinge mulheres que rezam e curam através das ações do Santo Ofício. Essas ações são baseadas em uma organização bem alicerçada, com um tripé: jurídico, epistemológico e político que tem como base o documento redigido em 1478, pelos inquisidores Kramer e Sprenger. Além de criar condições “legais” de perseguição, também, buscavam reverter, a situação que colocava as mulheres no topo dos processos, que envolviam ações de cura. Os membros do Santo Ofício passaram a persegui-las denominando suas práticas como bruxaria. Para atingir seus propósitos, eles criaram outras formas de cura, incluído

principalmente o exorcismo, para retirar o demônio do corpo dos pacientes. Mas havia outros meios mais eficazes para eles, que resultaram em mais de cem mil casos de mulheres que foram assassinadas, sendo mortas nas fogueiras da inquisição.

Também colaboraram para essas conclusões as observações que Silvia Federici, produziu em “O Calibã e a Bruxa” que trouxeram potentes contribuições das temáticas de interesses dos movimentos feministas em todo o mundo. Esta produção, discute os conceitos relacionados ao capitalismo e o poder. Agudiza a crítica às obras de (FOUCAULT, 2017) que não aprofundaram análises sobre as condições das mulheres no passado e no presente. Sua abordagem utiliza a violenta empreitada patriarcal de caça às “bruxas” (mulheres que rezam e curam) como subsídio para discutir seccionalidades.

Na segunda parte, discutimos o sincretismo religioso que, enquanto fusão, absorção ou entrelaçamento de valores religiosos, mesmo que não tenha sido inicialmente oriundo do Brasil, encontra aqui em nossa terra, terreno fértil de atuação nas diversas trocas e vivências de povos indígenas, afro-descendentes e europeus.

Embora o sincretismo religioso no Brasil normalmente remeta a identificação das divindades africanas com os santos católicos, podemos observar na produção de diversos autores, essa prática, como produto elaborado já no continente africano: As constantes lutas tribais entre jejes, nagôs e hausás juntaram povos e costumes (BENISTE, 2019). Não obstante, percebe-se na atualidade um novo procedimento ritual do sincretismo, na utilização de elementos de uso mais restrito das religiões de matriz africana, que vieram somar-se à liturgia e cultos neopentecostais, como o sal grosso e defumadores, bem como os transes, invocações de orixás, de entidades, incorporações e sessões de descarregos.

A terceira parte, é composta pela apresentação pessoal de cada colaboradora dessa pesquisa, e as implicações percebidas através de suas falas como resultado do trabalho de campo.

### **1.1. Objetivos**

O objetivo principal desta pesquisa, consiste em discutir como mulheres que rezam e curam resistem em um cenário de violências na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ). Sendo os objetivos específicos: (a) identificar essas mulheres através de suas próprias narrativas; (b) refletir sobre os atravessamentos do racismo religioso e do sincretismo em suas práticas e ofícios de rezadeiras.

## 1.2. Apresentação do Autor

Desde muito cedo tenho uma influência muito forte da atuação feminina na minha vida, sendo minha mãe com sua história e luta a maior das referências e que intervém em mim desde o útero. Essa influência sempre me sensibilizou a ter um olhar crítico sobre a realidade das mulheres, buscando compreender meu papel como homem e privilegiado nessa sociedade. Corroboram para tudo isso outras reflexões que têm surgido, tanto por pensadores LGBTI+, como pensadores e pensadoras heterossexuais com análises contemporâneas sobre a masculinidade negra e masculinidade feminista. Nesse contexto, encontro amparo em reflexões de Bell Hooks (2018) quando analisa que: A maioria dos homens nesta nação se sente perturbada pela natureza de sua identidade. Mesmo apegados ao patriarcado, eles estão começando a intuir que ele é parte do problema.

Sendo assim, acredito que ao discutir sobre um determinado grupo de mulheres, possamos produzir uma pesquisa comprometida e entender a importância da nossa participação no processo de construção de uma nova sociedade, que não seja marcada pelo patriarcalismo e pela violência, trazendo significados e caminhos para um novo momento de igualdade de oportunidades.

Outrossim, o patriarcalismo é o responsável por um grande número de adversidades em que vivem as mulheres, cabendo a nós um compromisso e atuação que colaborem para a luta antissexista.

A religião sempre foi na minha vida um processo de desenvolvimento espiritual e político. Uma força transformadora que me coloca a serviço de um projeto de sociedade de igualdade de condições. A Teologia da Libertação e a militância nas CEBs – Comunidades Eclesiais de Base me levaram a participar da Pastoral da Juventude (PJ), e a seguir na Pastoral Operária (PO), nos sindicatos e nos Agente de Pastoral Negro (APNs). O Bispo Dom Adriano Hipólito, incentiva a participação e o envolvimento dos católicos na política de transformação social, foi através dos seus conselhos que procurei o líder metalúrgico Samuca e me filiei no Partido dos Trabalhadores ainda na década de 1980. As reflexões sobre o racismo passaram a fazer parte da minha atuação política e em 1994, com alguns militantes fundamos um grupo de combate ao racismo denominado Comitê Manuel Congo<sup>2</sup>. Homenagem ao líder que em

---

<sup>2</sup> Manuel Congo, foi um africano escravizado de origem étnica angolana, possuidor de um ofício de reis e nobres africanos e dono de uma grande inteligência e habilidade estratégica. Foi o líder de uma revolta em 1838 que libertou cerca de quatrocentos escravos de diversas fazendas da região de Vassouras e que incluía os atuais municípios de Paty do Alferes, Miguel Pereira e parte de Paracambi, todos municípios vizinhos de Nova Iguaçu.

companhia de outra líder de nome Marianna Crioula<sup>3</sup> atuaram contra a escravidão no Vale do Paraíba (RJ). Junto a esse grupo de militantes, elaboramos o projeto de lei “Revivendo Palmares” aprovado pelo legislativo iguaçuano, através de iniciativa parlamentar do então vereador do PT Artur Messias, que dava a denominação de Estrada Zumbi dos Palmares à RJ 111, que liga o distrito de Vila de Cava à localidade de Tinguá. Junto, com essa aritulação do Comitê Manoel Congo, foi aprovada outro Projeto de Lei, também no dia 20 de novembro de 1995, em que o Poder Executivo estaria autorizado a implementar no conteúdo programático do currículo escolar das escolas públicas do município temáticas voltadas ao resgate da cultura e da valorização dos afro-brasileiros e que, inclusive, deveriam promover a história das personalidades negras que contribuíram para a causa na Baixada Fluminense. Esse projeto foi aprovado por unanimidade no Poder Legislativo Municipal e apesar de todos os esforços dos Movimentos Sociais na época, nunca foi implementado de fato no currículo escolar.

Logo após a desmobilização do Comitê Manoel Congo, fundamos com outros militantes o PVNC - Núcleo de Pré-vestibular para Negros e Carentes na Catedral de Nova Iguaçu, que através de seu funcionamento até os dias de hoje, aprovou nestes vinte e quatro anos de atividades, pessoas de baixa renda para diversas universidades públicas e privadas. Muitos desses alunos são hoje nas universidades e em outros segmentos da sociedade referências teóricas e profissionais na luta contra o racismo. Em 2005 fundamos outro grupo de combate ao racismo, chamado GESTAR, que teve uma forte atuação na cidade, sobretudo até o ano de 2010, com denúncias contra o racismo institucional, publicações de textos em revistas, cursos de formações e militância reivindicatória pela implementação da lei 10.639/03 e 11.645/08. Atualmente, participo do Movimento Negro Unificado (MNU) onde em 2018 fui eleito coordenador estadual de cultura. Após a morte do Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito e o aumento da influência forte do movimento conservador Renovação Carismática, fui aos poucos ficando sem espaço de atuação e me desvinculei religiosamente da igreja católica. Iniciando meu processo religioso no Ile Asé Ogun Alakoro, pelas mãos da autoridade civilizatória africana Paulo José Reis.

---

<sup>3</sup> Mariana Crioula, era escravizada nascida no Brasil, mulher de grandes habilidades e múltiplas inteligências: sendo costureira e mucama, vivia e dormia na casa grande. Era casada com um escravizado de nome José, que trabalhava na lavoura. Marianna Crioula, considerada uma dócil escrava pelos donos da fazenda, liderou com Manuel Congo a maior revolta de escravos da região do Vale do Paraíba e foi coroada rainha pelos escravos revoltosos.

### **Pós-graduação: política social como convencimento.**

Fazer a pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Instituto de Psicologia, através do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, trouxe para mim o desafio de romper uma barreira imposta a três gerações da minha família de não ter nenhum universitário e pós-graduado. Mas também foi um momento de vislumbrar a universidade como espaço político de concepção de mundo e entender cada vez mais a importância da ação coletiva para o Bem Comum: Precisaria compreender que no interior das diversas formas da ideologia dominante, o conhecimento científico tinha se tornado objeto de poder (MARTINS, S.; IORUBA, T.; GOMES, F, 2015). A maioria nós, negros e negras periféricos, moradores da Baixada Fluminense não consegue ter nem o nível médio e para pensar o acesso ao nível superior e uma pós-graduação, precisa de muitas estratégias de solidariedade, lutas e militância, que foi o que me trouxe até aqui.

Uma parte do convencimento veio do incentivo na construção do projeto base de pesquisa, que teve na Dra. Johana Pardo Gonzalez uma grande colaboração. Marcou-me profundamente uma conversa com o Dr. Celso Sánchez, professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIRIO. Dr. Celso Sanches, participou comigo de uma roda de conversa entre a França e o Brasil, intitulada: Mulheres Rezadeiras, Benzaduras, Curas e Mistérios, que realizei no Seminário “Palavras e Maravilhas”, na Casa da Ciência/UFRJ, em Botafogo. Este seminário foi organizado, através da coordenação da ativista Sophie Tzitzichvili de Panaskhet. Em sua análise sobre o tema que desenvolvi na roda de conversa, Dr. Celso Sanches me instigou a participar do edital do mestrado que havia sido aberto na Universidade do Rio de Janeiro e a participar do seu grupo de pesquisa o **Geasur**: Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde El Sur. Eu tive algumas dúvidas: uma delas era se eu conseguia em tão pouco tempo me preparar para uma prova no mestrado em uma das mais importantes universidades brasileiras. A outra dúvida era porque, a luta na militância sindical e contra o racismo nunca me permitiram pensar em realizar um caminho acadêmico, graduei-me aos 45 anos em 2010, e acreditava, ser muito tarde para isso. Mas como disse meu pai de santo Paulo de Ogun “*O jẹ igbagbogbo lati bẹrẹ*”, ou seja, sempre é tempo de começar.

Se as dúvidas sobre ser ou não capaz do acesso à pós-graduação sempre se fizeram presentes na minha construção enquanto sujeito, mas estiveram presentes também, as certezas de quem sou e de onde eu posso chegar. Esse foi um diálogo interno travado comigo de, como os destroços causados pela colonização, nos colocaram enquanto população negra em uma condição de subalternidade inconsciente, que sempre nos persegue, porém, nós, pela força de nossa ancestralidade, sempre superamos essas barreiras.

A representação negra de algumas pessoas na produção intelectual e na luta política, como Togo Ioruba<sup>4</sup>, que faleceu em 2016 e Dra. Conceição Corrêa Chagas<sup>5</sup> me influenciaram bastante nas minhas decisões para a pós-graduação. Togo sempre me alertava que eu deveria me manter na política, mas que também não deveria deixar de aprimorar meus conhecimentos na universidade, afirmando que isso também era uma forma de fazer política, pois este caminho também me ajudaria a compreender nossa luta contra o racismo. Os intelectuais negros deveriam ter a consciência de que os problemas e soluções em torno da questão racial, mais do que sociológicos eram de natureza política. Seria necessário entender o que significava ser negro no Brasil entre memória, passado e expectativas de transformação. (MARTINS, S.; IORUBA, T.; GOMES, F, 2015).

As discussões com esses pesos pesados da luta contra o racismo, teóricos e militantes, foram fortalecendo minhas percepções de que os avanços que tivemos com o Movimento Negro na década de 1970 e 1980 foram importantes para que tivéssemos o resgate de nossa autoestima, como esclareceu a Dra. Conceição Corrêa: Quando a pessoa negra atinge este estágio é um momento muito importante para a etnia negra. O entusiasmo que ela está vivendo é imenso (CHAGAS, 1996). Porém, nossas lutas necessitam para a libertação dos efeitos da decolonialidade, agrupar outras discussões fundamentais, como são as questões de gênero, pois esta vitória que tivemos é: Uma libertação parcial, pois é sabido que enquanto houver desigualdades sociais, das quais o negro, a mulher e outras minorias discriminadas sofrem, apenas mudamos de “senhor”. O coronelismo da “elite” detentora do poder permanece (CHAGAS, 1996).

---

<sup>4</sup> Gerson Miranda Theodoro, pseudônimo Togo Ioruba, foi Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bacharel em Artes Cênicas com especialização em Cenografia. Técnico Indigenista da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Convidado pelo *National Democratic Institute for International Affairs* (NDI, 2004) chefiou Delegação de ativistas do Movimento Negro do Rio de Janeiro à Atlanta (EUA, 2004). Ministrou o curso “Teoria da Comunicação e Imprensa Étnica” na Escola de Comunicação da UFRJ (2001). Concebeu, editou e coordenou o *Jornal Maioria Falante* (1987-1996), com suporte da Agência Britânica *Christian Aid/Coordenadoria Ecumênica de Serviços/Conselho Mundial de Igrejas*. Cofundou dentre outras Organizações Não-Governamentais o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), tendo também criado a logomarca para essa ONG; Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA, 1977). Cofundou, editou, colaborou e apoiou diferentes jornais e editou revistas para a Comunidade Negra brasileira como, por exemplo “*Jornal SINBA*” (RJ, década de 70), “*Koisa de Crioulo*” (RJ, 1982), “*Frente Negra*” (RJ, 1981), “*Gazeta Afro-Latina*” (RS, 1992) “*Revista Ébano*” (SP, 1983-1984) e “*Cadernos do GESTAR*” (RJ 2007), respectivamente. Autor da História em Quadrinhos “*A Pequena África*” (CEAP, 2012). Expôs em 1986 no Salão de Bandas Desenhadas, de Sobreda (Portugal), expôs seus trabalhos de Desenhos de humor na exposição “*Carnavalesca*”, da Sala FUNARTE (1982), Publicou ilustrações no jornal “*Angolê*”, Portugal e Angola (década de 90).

<sup>5</sup> Dra. Conceição Corrêa Chagas, psicóloga, Dra em Pssicossociologia de Comunidades e Ecologia Social/EICOS/UFRJ. Foi fundadora do CAF – Centro de Atendimento Familiar em Nova Iguaçu, escritora e assessora dos movimentos sociais e de combate ao racismo. Autora do livro: *Negro – Uma Identidade em Construção*.

Esse diálogo fez com que nenhuma das dúvidas iniciais que tive fossem suficientes para eu desistir e apesar de não ter viabilizado minha inscrição no edital da UNIRIO, acabei me inscrevendo no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ e após a aprovação, houve um movimento intenso de comemoração entre familiares e amigos desejosos de boa jornada e mais uma vez um trabalho coletivo entre as mulheres da minha família e algumas amigas e amigos permitiu o meu percurso até aqui. E é assim, com as Mulheres que Rezam e Curam: Narrativas e Resistências que vou entrando no meu texto dissertativo trazendo uma parte da cidade de Nova Iguaçu para dentro da universidade.

### 1.3. Apresentação da escolha do tema

Eu me lembro das mulheres da geração da minha avó: mulheres ferozes e fortes que poderiam te parar com um olhar de canto. Mulheres que andavam com majestade; que podiam torcer o pescoço de uma galinha e pescar um peixe. Que podiam colher algodão, plantar um jardim e costurar sem um padrão. As mulheres que ferviam roupas brancas em grandes caldeirões negros e que cantarolava canções de trabalho e canções de ninhar. Mulheres que visitavam os idosos, faziam sopa para os doentes e pães para os bebês.

As mulheres que deram à luz aos bebês, procuraram por raízes de cura e medicamentos naturais. Mulheres que cortavam madeira e massavam tijolos. Mulheres que podiam nadar em rios e atirar na cabeça de uma cobra. Mulheres que tomavam dedicada responsabilidade para seus filhos e para os filhos dos seus vizinhos também.

As mulheres da geração da minha avó fizeram da doação uma forma de arte. “Aqui, leve este pote de couve à Irmã Sue”; “Leve este saco de nozes para a escola e dê ao professor”; “Fique aqui enquanto eu vou cuidar da perna do Senhor Johnson.” Cada criança no bairro comeu em suas cozinhas. Elas chamavam umas as outras de “irmãs” por causa do sentimento e não como o resultado de um movimento. Elas apoiavam umas as outras em tempos difíceis, compartilhando o pouco que tinham.

As mulheres da geração da minha avó em minha cidade natal treinaram suas filhas para a mulheridade. Ensinar-lhes a dar respeito e exigir respeito. Elas ensinaram suas filhas como bater a manteiga; como usar graxa de cotovelo. Ensinar suas filhas a respeitar a força de seus corpos, a levantar pedras e como matar um porco; o que fazer para a cólica, como interromper uma febre e como fazer um cataplasma, colchas de retalhos, tranças no cabelo e como a cantarolar e cantar. Elas ensinaram suas filhas a se cuidar, a assumir o comando e a assumir a responsabilidade. Elas não iriam tolerar menina preguiçosa ou uma garota com a cabeça nas nuvens. Suas filhas tiveram de aprender como seguir suas aulas, como sobreviver, como ser forte.

As mulheres da geração da minha avó eram a cola que mantinha a família e a comunidade juntas. SHAKUR (2016)

A escolha da temática deste trabalho reflete também muito da minha formação religiosa e tradição familiar. Venho de uma família onde rezadeiras e rezadores, com suas curas e mistérios, era algo comum e corriqueiro. Família de grande influência feminina, como a da minha mãe, Dona Deise, que se inicia em seu processo com reza na adolescência. Ela conta que tinha visões de entidades, entre elas algumas espécies de exus “...então filho, mamãe via o Exu Caveira e o Tranca Rua” (Dona Deise, agosto de 2019). Tomada por problemas de saúde, foi aconselhada por uma mãe de santo incorporada por um preto velho, que fizesse a iniciação no santo<sup>6</sup>. Conta que entre seus quatorze ou quinze anos, foi pescar acará em um rio um pouco distante de sua residência e no retorno, acharam uma garrafa com o gargalo quebrado, onde colocaram os peixes. Ao avistar mais um acará e ir em direção ao rio, a garrafa caiu da mão de sua irmã, tia Sueli, e cortou o tendão do seu calcanhar. Foi levada para um centro espírita, onde uma entidade, após rezá-la, encaminhou ao hospital. Passou algum tempo e os pontos não cicatrizaram, o ferimento piorava e estava muito inflamado, impedindo-a de caminhar. Sua mãe a levou a um outro terreiro (terreiro de Dona Rute) e na consulta com o Preto Velho Brás

---

<sup>6</sup> Processo de desenvolvimento da orixalidade, realizado nos terreiros por pais e mães de santo.

Carreiro, ele rezou sua ferida, benzeu com seu cachimbo e logo após segurou sua perna e chupou toda a inflamação com a boca, o que a deixou com um buraco na perna. Em seguida, cuspiu a inflamação, pegou nova saliva, misturou com as ervas medicinais e cinzas do cachimbo e colocou sobre a ferida, que após alguns dias estava sarada. Os curandeiros e curandeiras, rezadores e rezadeiras utilizam diversas técnicas para curas de enfermidades, muitas delas trazidas em suas memórias do continente africano. Em seu estudo sobre práticas de feitiços no período colonial, Laura de Mello e Souza traz inúmeros casos dessa atuação.

A sucção era comum também entre africanos, e praticava-se ainda em Portugal – o que, mais uma vez, aproxima práticas mágicas comuns a sociedades tribais e a sociedades europeias da época pré-industrial, lançando por terra a possibilidade de distinguir rigidamente uma das outras (SOUZA, 2009, p. 226).

O caso do Preto Velho Brás Carneiro é semelhante a história que Laura de Mello relata da cura de Leonor Francisca, a Sarabanda: “curava enfermos em Lisboa chupando-lhes os dedos dos pés”. Alguns costumes realizados incorporam este universo mágico que sempre esteve presente na minha família, o sopro nos olhos para tirar ciscos, sopro na moleira das crianças: acontecia além disso, assoprava-o, dizia palavras estranhas e chupava-lhe o pescoço, lançando pela boca matéria branca semelhante a catarro (SOUZA, 2009, p. 227). Essa estrutura ritual que está presente nos relatos das rezadeiras que tivemos contatos, são na verdade parte integrante de sua identidade, que resiste em ser apagada desde a violenta, cruel e assassina travessia transatlântica.

Neste episódio, o Preto Velho Brás Carneiro, avisou que aquilo tinha sido um trabalho feito para ela nunca mais andar e que a mesma deveria procurar fazer sua iniciação. Ela continuou no terreiro de Dona Rute e minha avó, rezadeira e costureira, fez sua roupa branca de saia rodada para seu processo de iniciação no terreiro de umbanda<sup>7</sup>. Ela passou a receber Vovó Cambinda neste terreiro localizado no bairro Mangueiras em Duque de Caxia e através dessa preta velha também realizava curas. A cicatrização da sua ferida pela ação do preto velho fortaleceu sua fé nas rezas e nas curas, cresceu com essas informações e as repassou para mim.

---

<sup>7</sup> Segundo Nei Lopes é a religião brasileira de base africana, resultante da assimilação de diversos elementos, a partir do ancestrismo banto e do culto aos orixás jeje-iorubanos. O vocábulo umbanda ocorre no umbundo e no quimbundo significando arte de curandeiro, magia, ciência médica, medicina, em derivação talvez vinda do quimbundo banda, desvendar. Em bundo o termo que designa o curandeiro, o médico tradicional, é mbanda; e seu plural (uma das formas) é imbanda. Em quimbundo, o singular é quimbanda, e seu plural imbanda, também. (Lopes, 2012, p.250).

Cresci ouvindo de minha mãe que “santo de casa sempre faz milagres”. Na infância só íamos ao médico para tratar as “doenças dos homens”<sup>8</sup>, pois “as doenças do espírito”<sup>9</sup> eram sempre curadas por minha mãe ou por outras rezadeiras. Minha Bisavó Idalina era parteira e rezadeira, nascida em Carangola (MG) e segundo minha mãe, ela era muito elogiada por suas curas, sendo inclusive procurada pelos “sinhôs”<sup>10</sup> da fazenda onde morava. Sobre a minha avó, Olivia, conta minha mãe que ela era uma mulher mística, que oficialmente se dizia católica, mas gostava mesmo era de uma boa curimba<sup>11</sup>. Minha mãe costumava me contar que minha bisavó Idalina era uma grande curandeira, mas também sabia colocar feitiço e amarrar<sup>12</sup>, tombando na roda de jongo quem ousasse infringir a regra do respeito aos mais velhos e a boa convivência na comunidade.

Além desta forte influência feminina, meu pai biológico era sacerdote de Ogum. Esclarece dona Deise que é um Ogum da Falange de Rompe Mato, o qual via em atuação na minha infância quando ia no terreiro em Vilar dos Teles, São João de Meriti. Minha mãe me dizia que meu pai, Geraldo de Ogum, era muito temido por seus “afazeres”. Quando pequeno, meus pais se separaram e após o desquite, eu costumava visita-lo em sua casa, que tinha um terreiro de umbanda denominado Centro Espírita Caboclo Ogum Rompe Mato e Vovó Catarina. Lembro de ficar muito intrigado com os diversos carros que se amontoavam na rua, trazendo os clientes que vinham para as consultas de búzios e outros trabalhos. O fato é que eu gostava de ficar brincando no salão do terreiro, observando o bode que ele criava no quintal e admirando seu gongá<sup>13</sup>, e sempre ficava muito curioso para saber o que tinha naqueles quartos fechados, que só mais tarde eu soube que se tratava dos locais de assentos, roncó e camarinhas.

---

<sup>8</sup> Algumas rezadeiras acreditam que os males que afligem os seres humanos e animais fisicamente são de origens espirituais. Ela(e)s defendem que a saúde está relacionada ao equilíbrio entre o plano espiritual e o material. Por isso é preciso tratar dos dois planos.

<sup>9</sup> Como exemplos de enfermidades popularmente conhecidas como “doenças de espírito” é possível citar o quebranto, ventre virado, resguardo quebrado, espinhela caída, dor de dente, dor de cabeça, mau-olhado, peitos abertos, ramo, sol na cabeça, nervo triado, “desmentidura”, engasgo “de gente e de bicho”, ferida de boca e outros tipos de males.

<sup>10</sup> Tratamento empregado por negros escravos em relação aos seus senhores. Masculino de Sinhá.

<sup>11</sup> Curimba é na Umbanda o grupo responsável pelos toques e cantos dentro de uma gira. Para isso pode-se utilizar diversos instrumentos, mas os mais comuns são os atabaques, o agogô e a própria voz. É um polo de irradiação de energia, que potencializa as vibrações, dissolve energias negativas, dilui miasmas espirituais (vibração negativa que causa transtornos espirituais e mentais) e limpa a atmosfera criando um ambiente ideal para a gira. Na periferia de onde eu morava quando criança, era comum se referir a curimba para dizer que estava indo a um terreiro.

<sup>12</sup> O “amarra” aí tem a descrição da própria Dona deise que diz que era o ato de deitar o indivíduo nos pés do mestre jogueiro, de modo que se o mesmo levantasse, caía novamente.

<sup>13</sup> Altar de umbanda

Dona Deise, apesar da cura pela reza efetuada pelo preto velho e o seu processo de iniciação, após alguns anos resolveu despachar tudo. E dessa maneira, juntou suas roupas e fio de contas e deu fim a tudo. Ela não gosta de falar como foi esse processo, mas de qualquer forma, após esse ritual terminou sua participação no terreiro de umbanda, mas manteve a sua fé nas entidades, já que durante este período de mudança, sempre que precisava, rezava para a vovó Cambinda. Logo após sua separação, passou a frequentar a igreja católica, agregando à sua fé, sobretudo devoção a Nossa Senhora Aparecida, a quem cumpre promessa de ir todos os anos a seu santuário em Aparecida do Norte (SP).

Assim, posso dizer que cresci imerso neste universo de rezas e feitiços, de curas, segredos e mediações mágicas que envolvem o meu universo familiar e as orientações de Dona Deise, que me possibilitam através da história oral, estar sempre em contato com as lembranças dos meus ancestrais. Dessa forma, percebo que estas memórias, trazem narrativas de uma mulher forte que influenciou diretamente a minha vida e ressignificou diversos processos da sua espiritualidade e religiosidade. Essas são histórias que precisam continuar a serem contadas, no exercício da oralidade, que tão bem foi exercido pelas nossas avós, moldando nossas identidades religiosa, civil e oculta, através de uma prática comum tão bem vivenciada no continente africano, origem de todos nós: “Há povos que se servem da linguagem escrita para fixar o passado; mas acontece que essa invenção matou a memória entre os homens e mulheres: eles já não sentem mais o passado, visto que a língua escrita não pode ter o calor da voz humana...” (NIANE, 1982, p.65).

Propor um estudo que possa trazer compreensões sobre como a violência intervém sobre mulheres que rezam e curam e suas formas de resistência, traz para a análise abordagens sobre as questões relacionadas à intolerância, ao racismo e à violência de gênero. Mas, sobretudo, é uma oportunidade de a partir desse estudo entender como homens militantes podem estar comprometidos nesse processo de construção de equidade de gênero.

Mesmo em movimentos sociais críticos ao racismo, percebi que a grande predominância das discussões era feita pelos homens e, sendo assim, as pautas ligadas à realidade da mulher negra eram discussões que aconteciam em menor escala. Todo esse percurso deixou cada vez mais evidente para mim que, mesmo nos movimentos sociais, há ainda uma consciência fragmentada sobre a realidade, prejuízo social e violência que afetam as mulheres, sobretudo as mulheres negras. Também nos grupos organizados que participei e participo, muitas vezes há atuações que fortalecem o patriarcalismo em nossa sociedade, vitimando a mulher negra com maior incidência desses prejuízos e violências.

Porém, percebo que os movimentos sociais estão também em análises e em discussões internas. O aumento da presença de mulheres em cargos de direção tem feito muito bem para questionarmos cada vez mais nossos papéis e exigir coerência na luta, pois, diversos indicadores demonstram que estamos num momento de aumento acelerado das ações de violência e feminicídio, como demonstram fontes documentais: Nove em cada dez brasileiros (90%) concordam totalmente (81%) ou em parte (9%) que a violência contra a mulher aumentou no último ano (Pesquisa “Mulheres Violência e Feminismo” – Folha de São Paulo e Instituto Data Folha realizada em abril de 2019). Esses índices acompanham uma realidade de fortalecimento de uma política conservadora e misógina que, a partir do início do ano de 2018, caminha passo a passo com o aumento dos indicadores de agressões às mulheres. Segundo o serviço Ligue 180 do Ministério dos Direitos Humanos (MDH), em relação à violência de gênero, o feminicídio teve um aumento significativo, atingindo um total de cinquenta e uma mulheres entre os meses de janeiro e julho de 2018 (Ligue 180). O crescimento de 23% nos assassinatos entre a população negra e a queda de 6,8% entre a população branca (Atlas da Violência, 2018) traz a necessidade de um diálogo que à luz da psicossociologia reflita os efeitos interseccionais a que estão submetidas as mulheres no Brasil.

Da mesma forma, é importante ressaltar que essas mulheres que rezam e curam têm na intolerância religiosa uma das maiores violências contra sua história e ancestralidade. Em 2018, o Disque 100 (Disque Direitos Humanos) recebeu 506 denúncias de intolerância religiosa, no Brasil. Os dados foram divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) e apontam que no ano de 2018, entre as religiões mais perseguidas temos: umbanda (54), candomblé e matriz africana (92), católica (31) e evangélica (27). Em 2019, a umbanda foi a mais atacada com 72 denúncias, seguida do candomblé e matriz africana com 75 e testemunhas de Jeová com 31.

Em diversas verificações teóricas, pude observar que existem consistentes trabalhos sobre o ofício das rezadeiras e também sobre a atuação das sacerdotisas de religiões de matriz africana. As rezadeiras atuam nas periferias há muitos anos e suas atividades de rezas e curas contribuem para o bem-estar de milhares de pessoas durante o exercício do seu ofício, mas, esmo assim, esta atuação tem sua continuidade comprometida. Há um processo de degradação do seu existir no mundo, com um acelerado aumento da violência sobre indivíduos e coletivos, provocada por ações dos indivíduos e por coletivos associados. Porém, há também um crescimento de novas formas de fazer, de resistir e cocriar realidades sociais nas ações destes indivíduos: “O social se apresenta como constituído e constituinte de vínculo entre os indivíduos, organizador das representações que dão sentido à vida comum, lugar de mediação

do que é da ordem do imaginário individual e do imaginário coletivo e que se inscreve no real” (NASCIUTTI,1996).

Uma análise no campo da psicossociologia oportuniza que possamos ir além de uma verificação clássica da temática proposta, onde estes indivíduos são considerados parte da grande árvore chamada sociedade, tendo suas subjetividades ignoradas pelo determinismo social. Pois as análises no campo da psicossociologia devem retratar no seu percurso o que na identidade social há de combinações mais profundas e subjetivas dos indivíduos, fazendo que se tornem não parte, mas a própria árvore. Esta pesquisa traz para o estudo na psicossociologia uma outra abordagem que investiga numa conjuntura de violências como resistem essas mulheres, buscando perceber suas complexidades em suas redes de atuação e buscando também vários ângulos de possibilidades de interpretações favorecidos pela interdisciplinaridade e pelo estudo da psicossociologia.

## 2. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.

### 2.1. Características do Município de Nova Iguaçu: terra de contrastes

O município de Nova Iguaçu, criado em 1833, faz parte da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, está localizado geograficamente na Baixada Fluminense e segundo dados (IBGE, 2017), tem uma população de 798.647 habitantes distribuídos em um território de 517,995 Km<sup>2</sup>. Possui uma densidade demográfica de 1.527,60 (hab/km<sup>2</sup>).

Distante 31 km do centro do município do Rio de Janeiro, faz limite com Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias, Miguel Pereira, Japeri, Queimados, Seropédica, Itaguaí, e Rio de Janeiro. A tradição do território iguaçuano, no passado, era de território de passagem da rota de exploração do ouro que vinha de Minas gerais para o Rio de Janeiro, notabilizando-se pelos seus diferentes caminhos que proporcionavam pontos de pouso, favorecendo o desenvolvimento do comércio; assim, quase paralelamente, foi se consolidando a vocação mercantilista da cidade.

O território de Nova Iguaçu possui 35% da cidade coberta de floresta do tipo Mata Atlântica e possui um grande número de patrimônios históricos materiais e manifestações imateriais, como: folias de reis, baianas do acarajé, terreiros, igrejas, grupos de maracatu, rezadeiras, grupos de cavalgadas de São Jorge e inúmeras escolas de samba.

Figura 1 Fotografia da cidade de Nova Iguaçu vista do alto



Fonte: O autor.

Vista do alto (Figura 1) é uma cidade encantadora, com uma beleza exuberante e prédios suntuosos. Mas, essa realidade é somente vista do alto, pois entre ruas e estradas de suas periferias estão a realidade de exclusão social, com um índice de pobreza de 54,15% e uma taxa de homicídio de 42,7% a cada cem mil habitantes, segundo o Atlas da Violência do IPEA (2017). Esta região, que já foi predominantemente católica, possui segundo o último censo

demográfico uma mudança em seu perfil de adeptos das religiões, sendo 36,9% evangélicos e 33,0% católicos (IBGE, 2010). Somando-se estas duas denominações cristãs, resultam 69,10 % , a grande maioria da população.

O ministério Público Federal, em seu relatório NOTA TÉCNICA Nº 5/2018/PFDC/MPF, relata o município como destaque no quesito ataque aos terreiros e sacerdotes:

A desterritorialização forçada dos povos de terreiro avançava a passos largos. A perseguição que tomou conta de várias comunidades da zona norte da cidade do Rio de Janeiro também se instalou na Baixada Fluminense. O Município de Nova Iguaçu se destaca no quesito quantidade de sacerdotes, adeptos e terreiros atacados. De acordo com notícia de 6 de setembro de 2017, traficantes ameaçaram líderes religiosos com o intuito de proibir a realização de cultos religiosos afro-brasileiros. Conforme a matéria jornalística, falsos pastores teriam estabelecido relações com o tráfico de drogas em Nova Iguaçu, Município que, segundo a Secretaria Estadual de Direitos Humanos, registrou outros seis casos de violência religiosa. Também de acordo com o noticiado, um grupo de criminosos invadiu terreiro de candomblé situado no Parque Flora, em Nova Iguaçu, onde quebraram objetos litúrgicos.

Seis dias depois, na tarde do dia 13, em Miguel Couto, outro bairro de Nova Iguaçu, o templo da Mãe de Santo Carmem Flores também foi atacado por traficantes supostamente evangélicos, que a obrigaram a destruir todas as guias e estátuas do terreiro que funcionava no local há quatro anos. Segundo o noticiário, Mãe Carmem, que vive no bairro há trinta e cinco anos, planejava *pedir asilo à Suíça* porque continuava sofrendo ameaças.

Verificadas com atenção as circunstâncias e a verdadeira motivação desses crimes, é forçoso afirmar que de fato está em curso uma perseguição religiosa sistemática contra coletividades denominadas comunidades de terreiro. No caso do Estado do Rio de Janeiro, essa sistemática perseguição conta, inclusive, com a atuação de bandidos fortemente engajados<sup>7</sup>.

Além de caracterizar os delitos previstos na Lei 7.716/89, tais condutas podem perfeitamente caracterizar os crimes de tortura e terrorismo. Com efeito, o cerco e a obstinada perseguição, infundindo terror social, têm impingido inequívocos sofrimentos a pessoas e coletividades constantemente ameaçadas, torturadas, expulsas de suas comunidades. Essas coletividades estão sendo reiterada e gravemente violentadas e impedidas de exercer seus direitos de consciência, crença, culto, liturgia e até o sagrado direito de ir e vir.

É possível deduzir, porém, que o cerco imposto não conta apenas com o que seriam traficantes. Em 20 de agosto de 2017, a idosa Maria da Conceição foi agredida a pedradas no bairro Cerâmica, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. As evidências apontam que a candomblecista levou seis pontos na testa e três na boca pelo fato de ser... candomblecista. A religiosa seria submetida a exame oftalmológico para verificar se o olho esquerdo foi afetado. (PFDC - PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO)

Há diversas iniciativas e mobilizações que discutem, denunciam e organizam movimentos de combate à intolerância religiosa. Em agosto de 2019 o Fórum de Combate à Intolerância Religiosa “Respeitem o Nosso Sagrado” realizou a primeira caminhada na cidade. Também houve na cidade diversas audiências realizadas pelo Ministério Público Federal, com o objetivo de discutir as ocorrências dos casos de ataques às religiões de matriz africana em Nova Iguaçu.

## 2.2. A História de Nova Iguaçu: entre opressões e resistências

A cidade de Nova Iguaçu faz parte da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, situa-se na Baixada Fluminense, que é composta de diversos municípios. Nos primeiros séculos do Brasil Colônia, as terras da hoje Nova Iguaçu fizeram parte da cidade do Rio de Janeiro; sua origem, enquanto povoado passa pela campanha da colonização da Guanabara, pois, alguns daqueles que participaram da guerra contra os franceses e seus aliados tamoios receberam sesmarias na região de Iguaçu.

Em 1833, o povoado foi elevado à sede da vila de Iguaçu, crescendo no entorno da igreja Matriz e dos pequenos portos fluviais, de onde era transportado o café que descia do vale do rio Paraíba do Sul, através da estrada do Comércio.

Os quilombos em Iguaçu, surgiram provavelmente no século XVIII, contudo um dos primeiros registros conhecidos data de 1812. Neste documento, o intendente de polícia da Corte em ofício ao comandante do distrito de Jacutinga, manda que prestem auxílios ao capitão do mato Cláudio Antonio, que realizará uma expedição punitiva para “dar nos quilombos a prender os negros fugidos que se encontrarem”.

Em 1816, foram presos Joaquim Congo, João Mofumbe e José Benguela no “Quilombo do Pilar” em Iguaçu e enviados para o Calabouço. Em 1825, o chefe de polícia da Corte informa ao ministro da Justiça sobre a existência de “grandes quilombos entre Sarapuí e rio de Iguaçu, e outros lugares”. Em abril do mesmo, Jacinto Quintão, fazendeiro próximo ao rio Sarapuí, apresentando-se como representante de outros fazendeiros da região, solicitou providencias urgentes contra um quilombo que segundo ele era “antigo neste lugar; e sempre tem sido atacado por ainda não extinguido, ficando aquele rio intransitável...”

No final da década de 1850, os quilombos de Iguaçu estavam consolidados na região e eram considerados pelas autoridades problemas crônicos na região, que viviam a proceder diligências para ataca-los. Conforme demonstra o relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro.

O Delegado de Polícia do termo Estrella, Coronel Joaquim Alves Machado, auxiliado por Faustino Gonçalves Vieira, administrador da fazenda do Mosquito, effectuou em dias sucessivos do mês de junho a prisão de 23 escravos fugidos, que se achavão nos dous quilombos conhecidos por O Quilombo Grande e Quilombo Gabriel – o primeiro também denominado do – Bomba, e situado no termo de Iguassú, escapando ou fugindo por essa ocasião dez dos mencionados escravos do quilombo do – Bomba. ( p.25)

Os quilombos de Iguaçu localizavam-se às margens dos rios Iguaçu e Sarapui, em uma extensa planície com riachos e pântanos, próximos às freguesias de Pilar do Iguaçu e Jacutinga. Além da região pantanosa da de Iguaçu, surgiram também comunidades de fugitivos na serra do Tinguá, freguesia de Santana das Palmeiras e na serra de Madureira, na varginha

onde fica a pedra do Quilombo, hoje chamada de Pedra da Contenda. Ali encontraram refugio seguros nos pântanos e serras.

As dificuldades para a destruição dos quilombos são devidos a capacidade de criação de estratégias dos quilombolas que escolhiam a sua localização em áreas pantanosas e de difícil acesso, juntando a isso os quilombolas criaram redes de convivências comerciais com os taberneiros locais. Um outro local onde os quilombolas encontravam esconderijos e mantinham relação com escravos, eram as comunidades de senzalas da fazenda de São Bento em Iguaçu. De acordo com investigações policiais e denuncia de moradores, os ranchos principais dos quilombolas ficavam junto aos pântanos, na margem do rio Iguaçu, dentro dos limites da extensa Fazenda de São Bento do Iguaçu. Em janeiro de 1860, autoridades comunicam ao Abade do Mosteiro de São Bento, responsável da fazenda de São Bento do Iguaçu em cujas terras se localizam quilombos, sobre a necessidade de “fazer devastar as matas e abrir caminhos em todos os sentidos” . Dos escravos da Fazenda dos beneditinos, dizia-se que realizavam trocas e mantinham freqüentes contatos com os quilombolas de Iguaçu. Assim, 1860, o escravo Querubim da fazenda de São bento é denunciado como um dos que mantinham contatos com os quilombolas.

A localização geográfica foi fator fundamental para a sobrevivência, economia e autonomia dos Quilombos de Iguaçu. Numa expedição contra o quilombo em 1876, foram encontrados num acampamento , na margem do rio Iguaçu, “ uma canoa, uma espingarda de caça embalada, machados, enxadas, rede de pescar, alguma ferramenta de carpinteiro e 64 talhas de boa lenha”.

Os quilombos de Iguaçu podem ter criado uma comunidade camponesa na região, negociando não só os excedentes de sua produção, mas também extraindo, armazenando e controlando parte do comercio de lenha.

Nas margens dos rios Iguaçu e Sarapuú surgiram os quilombos, entre eles o quilombo do Rio Iguaçu, existente já na década de 1850 que, por ser noticiado como destruído pelo comandante da polícia e logo após ressurgir em outras margens, foi denominado de Hidra de Iguaçu, em alusão a Hidra de Lerna da mitologia Grega, que tinha corpo de dragão e cabeça de serpentes que ao ter uma cabeça cortada, logo ressurgiam duas outras em seu corpo.

O presidente da província do Rio de Janeiro, Ignácio Francisco Silveira da Mota, movido, sem dúvidas, por informações que a ele chegaram desde o ano anterior, enviou um ofício ao chefe de polícia da Corte, Justiniano Batista Madureira, em 15 de novembro de 1859, no qual ponderava sobre as providências que vinham sendo tomadas pelo chefe de polícia, em relação ao “quilombo nas margens do rio Iguaçu”. No ofício do presidente (governador) ele

aconselhava: “Acerca deste assunto, convindo progredir ativamente nas diligências a fim de serem capturados não só os escravos como os demais indivíduos que ali por ventura forem encontrados”. Ignácio da Mota já havia sido informado das relações que os quilombolas mantinham com indivíduos livres da região, por isso pedia que fossem também capturados. Cinco dias depois, o chefe de polícia enviou um ofício, informando ao presidente da província sobre os planos que ele e o delegado de polícia do termo de Iguaçú estavam realizando para agirem: “estão expedidas providências necessárias à remessa de força policial e dos escaleres pedidos”.

Esta informação demonstra que esses quilombolas se mantinham, principalmente, através de negociações com pequenos comerciantes, que conseguiam obter com os negros a lenha, que podia ser enviada e vendida na cidade do Rio de Janeiro, onde a demanda por este produto era expressiva nesta época. O delegado de Iguaçú afirmou também que os taberneiros avisavam aos quilombolas quando os policiais estavam por perto, e que seus estabelecimentos representavam um “incentivo dos divertimentos próprios dos negros nas tabernas vizinhas do quilombo”.

Tendo fugido, os quilombolas passaram a ser perseguidos. Em ofício de 2 de janeiro de 1860, ficamos sabendo que sete foram presos no dia 31 de dezembro, cerca de meia-noite, por um grupo sob o comando do subdelegado Francisco Xavier de Barros, da freguesia do Pilar. Eles foram encontrados numa casa de farinha de uma fazenda naquela freguesia, que pertencia a Constante Ferreira Penasco. Quatro deles eram escravos fugitivos que pertenciam ao fazendeiro citado. Desse grupo, cinco eram africanos, dois Congos e três Moçambiques; duas espingardas foram apreendidas. Estes quilombolas estavam ali escondidos há dois dias e é provável que contassem com o apoio de outros escravos daquela fazenda, amigos dos quatro que haviam pertencido ao Penasco. Ali mesmo, começaram as pressões sobre os detidos: “Então, dos presos soube-se que os quilombolas Nicolau e a única mulher negra, Florinda, que habitava no quilombo, estavam arranchados em um morro não muito longe dali”. Parece que os famosos ‘autos de perguntas’ se iniciaram ali mesmo na casa de farinha, não sem a violência costumeira. Ainda naquela madrugada, a força repressora partiu para o lugar apontado, e lá chegando: “não encontraram o preto Nicolau por ter saído a procura dos outros e somente prenderam Florinda; além de apreenderem quatro espingardas carregadas. Os autos de perguntas foram realizados pelo subdelegado do Pilar e foram enviados ao delegado de polícia de Iguaçú, que enviou as primeiras informações obtidas ao chefe de polícia da Corte, em ofício de 4 de janeiro de 1860.

A última informação do chefe de polícia esclarece sobre a localidade do quilombo, ou seja, em terras dos beneditinos, em área de mangue, na margem direita do rio Iguaçú, sob a jurisdição da freguesia de Jacutinga. Os administradores da fazenda do mosteiro de São Bento em Iguaçú mantinham relações mais amistosas com seus escravos; vários deles residiam em pequenas casas com roças, nas terras da fazenda, fornecendo mandioca para o engenho de farinha desta ordem religiosa, produzindo também gêneros alimentícios. Estes escravos tinham relações estreitas com os quilombolas vizinhos, e conheciam muito bem as terras daquela fazenda. Mas as relações mais importantes destes quilombolas, como já vimos, eram com os taberneiros, para venderem e/ou trocarem lenha por mantimentos. Esse dado indica a capacidade dos quilombolas de avaliarem aspectos sociais favoráveis a eles. Na invasão policial ao quilombo não houve nos ofícios relato de plantações. Esses quilombolas optaram por sobreviver da troca de lenha com os taberneiros, obtendo assim, alimentos e a cachaça utilizada nos seus momentos de lazer.

Houvera também resistência negra através do quilombo da Varginha, próximo à pedra do Quilombo, que por ser o marco de uma divisão de terras, também é conhecida por pedra da Contenda. Além destes quilombos, próximo ao cemitério da Vila de Iguassú, houve o Quilombo dos Galinhas, no Vale do Rio São Pedro, que depois foi transferido para o Rio das Palmeiras na localidade de Tinguá. Portanto, observa-se que é uma região de resistência desde o início do processo de ocupação e colonização.

Durante o século XIX, a população escravizada na região era maior do que a livre. Essa população, como em outras vilas do país, tinha na igreja católica um braço do estado, onde os indivíduos eram batizados, se casavam e eram enterrados no entorno das igrejas matrizes das freguesias do município. O catolicismo se manteve como majoritário na região, passando das famílias de fazendeiros aos seus descendentes, os coronéis, desde os primeiros momentos da república. Eleitos por seus “currais” os coronéis não admitiam outra religião além da católica no município, que passou a se chamar Nova Iguaçú em 1916. Um exemplo dessa projeção de autoridade entre as famílias e seus descendentes representantes foi o coronel Ernesto da França Soares que foi prefeito em 1920. Em um primeiro momento, após a abolição da escravatura, aos ex-escravos e seus descendentes foram abandonados pelo recém-criado sistema político republicano do Brasil. Conforme noticiado no jornal “O tempo” (1894) os coronéis acompanhavam qualquer indício de organização popular e reprimiam de acordo com o que ofereciam de perigo ao status quo:

No dia 9 do corrente, o fujão Antônio de Mello residente nas proximidades de Queimados, tendo ressentimentos dos administradores da fazenda Cabuçu, convidou cerca de 200 ex-escravos e vagabundos dos arredores para uma invasão tumultuária

daquela fazenda. O seletivo delegado de polícia de Iguassú. Sr. tenente-coronel Ernesto da França Soares, tendo conhecimento de semelhante atentado dirigiu-se a Antônio de Mello, a que fez sentir a leviandade de seu ato, dissolvendo um princípio de ajuntamento e obstando a que os amotinados levassem avante seus criminosos intentos” (O TEMPO, 14 de fevereiro de 1894, p. 2.)

Era com mão de ferro que os coronéis mantiveram a sociedade iguaçuana nas primeiras décadas do século XX; o racismo e a fé no catolicismo, traços conservadores não permitiam aos negros exporem suas crenças religiosas, que eram vivenciadas em sigilo no sincretismo e em outras estratégias.

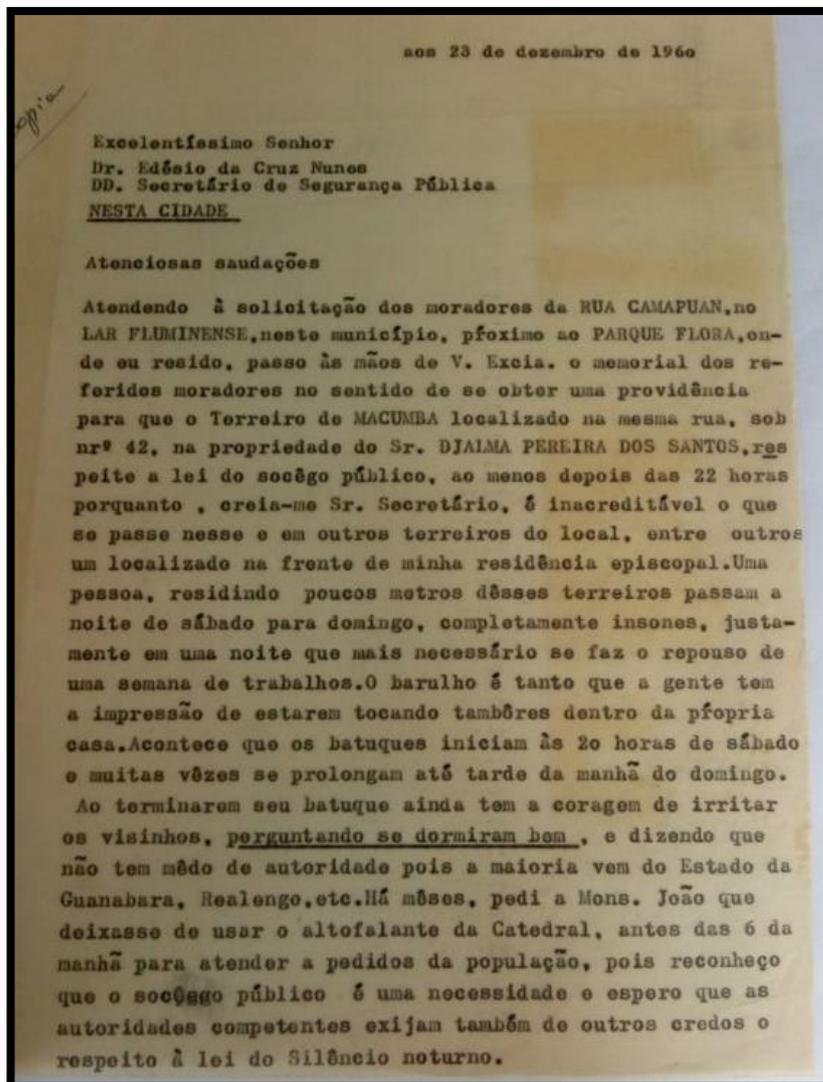
A cidade segue o fluxo de desmembramento após seu período de apogeu das fazendas de laranja, época que ficou conhecida como “cidade perfume” e logo após à Segunda Guerra Mundial (1939/1945), suas terras passaram a ser vendidas na forma de lotes urbanos, transformando-se Nova Iguaçu, a partir de então, numa cidade dormitório onde diariamente muitos moradores iam trabalhar na cidade do Rio de Janeiro.

Os lotes urbanos foram ocupados por migrantes dos estados próximos e também do Nordeste. A maioria da população era católica, vindo de áreas rurais, onde havia rezadeiras e benzedadeiras. A partir da década de 1940, começaram a se instalar em Nova Iguaçu terreiros de candomblé e na década seguinte centros de umbanda.

O sincretismo religioso e a falta de assistência médica levaram parte da população a recorrer às mães-de-santo, rezadeiras e a consultas com médiuns espíritas que eram muito influentes na região e disputavam a ocupação de espaços políticos e geográficos: Logo depois de chegar a Nova Iguaçu e tomar conhecimento de sua gente e seus costumes, Padre João não escondeu o susto de ter encontrado a paróquia muito inclinada ao espiritismo (MARTINS, 1980, p. 25). Na década de 1930 o padre alemão João Musch ao perceber a influência dos terreiros de matriz africana e do espiritismo liderado pelo professor Leopoldo Machado na cidade, empreitou obra na construção do Instituto de Educação Santo Antonio (IESA), conhecido como Colégio das Irmãs, que passou a disputar com o ginásio Leopoldo Machado não só a preferência educacional como religiosa. Naquela época, a construção de escolas e espaços de terreiros eram instrumentos não só de doutrinação, mas também de ocupação política. Nesse caso, diferentes igrejas e espaços religiosos não estão isentos da disputa por parte dos grupos dominantes já estabelecidos no poder local à procura da legitimidade que o campo político não mais confere. (ALVES, 2002). A atuação da igreja católica de Nova Iguaçu em relação às religiões de matriz africana, consta com um histórico de pouca aceitação por parte da igreja. Em episódio envolvendo o seu primeiro bispo, Dom Walmor, essa questão fica

evidente, pois as “providências” solicitadas pelo bispo, quando executadas pela polícia na íntegra, elas prendiam os sacerdotes e quebravam os instrumentos litúrgicos.

Figura 2 Carta do Bispo solicitando ação da justiça contra os terreiros



Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana 2019

O projeto do padre João fez expandir a Diocese de Nova Iguaçu, mas não freou o crescimento dos terreiros de matriz africana e presença dos espíritas na região. Os terreiros de matriz africana chegaram ao seu auge no fim da década de 1980 quando atingiu milhares de unidades.

No final do século XX, já se percebia a diminuição das rezadeiras, mas até os dias atuais parte da população utiliza os seus serviços nas periferias da cidade. A perseguição às religiões de matriz africana preocupam seus adeptos, mas as mães-de-santo persistem, resistem à violência e a discriminação. Essa violência cresceu a partir do início do século XX, notadamente com a expansão do projeto de poder das igrejas evangélicas. A partir desse período, temos

também uma grande parcela de pessoas oriundas da umbanda e do candomblé, que passaram a frequentar os templos pentecostais e neopentecostais.

Durante o período citado acima, o catolicismo foi marcante na sociedade desta região, embora, às escondidas, muitos dos seus adeptos praticassem rituais das religiões de matriz africana, como também entre a elite cristã, se praticasse também o espiritismo kardecista. Como em outras áreas rurais, as rezadeiras eram procuradas para resolver problemas de saúde da população, utilizando rezas, gestos e ervas, dependendo da necessidade.

Como afirmamos acima, o catolicismo durante o período colonial e o Império predominava na Baixada Fluminense, funcionando também no apoio administrativo. Durante o ciclo econômico da laranja, período cuja produção era destinada a exportação, que estendeu-se da primeira década do século XX até o final da década de 1930, houve migração de portugueses, da população dos municípios próximos à Baixada Fluminense, como Valença e Vassouras e, principalmente, de descendentes de escravizados. Os portugueses normalmente tornavam-se responsáveis pela produção de laranja em chácaras, ou mesmo em fazendas. Eles eram católicos praticantes e isso manteve essa religião como predominante na região. Já os trabalhadores agrícolas que migravam dos municípios próximos, apesar de ser a maioria católica, mesclavam crenças, mantendo as diversas práticas de cura oriundas das áreas rurais. Talvez o termo rezadeira utilizado na Baixada Fluminense, em detrimento ao de benzedeira deva-se ao predomínio do catolicismo na região. Esse predomínio católico começa a diminuir no início da década de 1960 com a instalação de templos pentecostais, é nesta época que cresce o número de ataques por intolerância religiosa.

Na Baixada Fluminense, a intolerância religiosa sempre esteve de mãos dadas com o racismo. Discriminados, os escravizados tinham dificuldades de realizar seus ritos nos espaços em que viviam. Após a abolição da escravidão, a política herdada do Império, tendo a frente os “coronéis” que dominavam os territórios da Baixada, impunham o catolicismo, inibindo a criação dos terreiros de candomblé, que somente irão surgir na região, a partir da década de 1930.

### 3. CONSTRUÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A construção do percurso teórico metodológico desta pesquisa não surge do nada. Parte da minha história de vida, já que sou tataraneto da Dona Braszina, bisneto da Dona Idalina, neto da Dona Olivia e filho da Dona Deise, mulheres que rezam e curam. Fazem parte ainda deste mosaico de identidades e religiosidade o fato de ser também filho de Geraldo de Ogun - Pai de Santo da umbanda traçada, sobrinho de Antônio Lourenço, famoso feiticeiro/catimbozeiro e contador de histórias e Sebastião Bernardo, Ogan e quimbandeiro. Esse vínculo, por sua vez, se reflete na minha trajetória enquanto pesquisador, profissional, militante e também como alguém que vivenciou e vivencia este universo de dentro.

Por nascer em uma família com forte influência das religiões de matriz africana, pude presenciar desde cedo a realidade deste território de rezas, curas e saberes tradicionais e assim, de certa forma, fui me tornando comprometido com estas causas, com estas pessoas. Por essas influências, também me encontro em aprendizado das rezas e utilização das plantas medicinais com Sr. Raimundo, meu mestre rezador, que tenho o prazer de visitar uma vez ao mês em Paraty (RJ).

Minha atuação em movimentos sociais, incluindo o movimento negro, trouxe-me a base para um olhar sensível, um pensamento crítico e democrático, bem como me fortaleceu a capacidade de indignação e luta diante de diferentes questões que envolvem o debate em torno do racismo religioso, da discriminação e um primeiro contato com a discussão em torno do questionamento deste resquício colonial de exploração e escravização do povo negro.

Por isso, o primeiro momento foi de pensar essa pesquisa com interações além-fronteiras e na biointeração (SANTOS, 2019), partindo das experiências vivenciadas no território.

Deste modo, neste trabalho optamos por trazer trechos das narrativas das colaboradoras da pesquisa do mesmo modo que faríamos para nos referir a uma citação acadêmica, pois entendemos que assim podemos reconhecer o valor destas narrativas enquanto referenciais para a compreensão desta realidade específica, sendo tão importantes quanto os saberes produzidos por cientistas, por detrás dos muros de universidades.

Portanto, traremos as falas de tais senhoras que rezam e curam com base nas normas da ABNT, e, neste sentido, nos aproximamos da perspectiva defendida pelo mestre quilombola Antônio Bispo (2019)<sup>14</sup>, que nos aponta para a necessidade de reconhecimento do que ele

---

<sup>14</sup> Antonio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo é ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra. Nêgo Bispo atualmente é membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e da Coordenação nacional de Articulação das Comunidades

chama de saberes orgânicos, que são os saberes populares que fazem parte do arcabouço de conhecimentos que o povo utiliza em sua relação com o cotidiano - que no caso das benzedeiças representa ainda uma dimensão espiritual e ancestral comum a esta modalidade de saber. Por fim, o saber popular (SANTOS, 2019) nos remete a possibilidade de uma confluência de saberes a partir da conjunção entre tais saberes orgânicos e os chamados saberes sintéticos (representados pelos conhecimentos científicos).

Também considero importante ressaltar que historicamente mulheres que rezam e curam em diferentes regiões do mundo, sobretudo onde predomina o patriarcalismo e a intolerância religiosa, têm sido perseguidas com violência. Assim, ao longo do tempo e em diferentes contextos históricos, mulheres foram submetidas a condições de meras reprodutoras, empregadas domésticas e objetos passivos diante dos desejos de seus maridos, isso quando não foram associadas ao demônio e atiradas nas fogueiras. E assim, a história tem presenciado o silenciamento de muitas destas mulheres, como ilustra o caso da franco-brasileira Mima Renard<sup>15</sup> e das bruxas de Salém<sup>16</sup>.

Neste sentido, a revisão de uma literatura diversificada com autores de outras nacionalidades que discutem essas realidades das mulheres ao longo do tempo, foi importante para iluminar este contexto, que se somou a outras análises críticas e nos ofereceu um entendimento do universo de resistência e enfrentamentos em que vivem mulheres que rezam e curam.

Assim, partindo dos exemplos que influenciaram a trajetória desta pesquisa, passei a compreender que tipo de percurso poderia seguir para respeitar essas influências que me formaram. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa que obtém as informações a partir de entrevistas abertas do tipo histórias de vida – focadas na coleta de narrativas que conectam as vivências destas mulheres enquanto rezadeiras e mães de santo, as suas memórias sobre episódios de violência e resistências. Como pesquisa comprometida, propõe-se a pensar

---

Negras Rurais e Quilombolas (CONAQ). Foi presidente do Sindicato de Trabalhadoras e trabalhadores Rurais de Farcinópolis/PI e diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Piauí (FETAG/PI).

<sup>15</sup> Mima Renard - bela e cobiçada, a franco-brasileira Mima Renard mudou-se da França para o Brasil com o marido, que foi morto por um pretendente da mulher. Mima passou a se prostituir para sobreviver, e as mulheres da vila de São Paulo começaram a acusá-la de atrair os homens com feitiços. Numa ocasião, dois de seus clientes brigaram e um deles foi assassinado. Mima foi denunciada ao padre local pelas esposas de seus clientes, sendo acusada de bruxaria. Foi julgada, condenada e executada em uma fogueira pública, em 1692 (biografia mulher 500 anos – JP. Satre)

<sup>16</sup> Os julgamentos das bruxas de Salém refere-se a uma série de audiências e processos de pessoas acusadas de bruxaria na Massachusetts colonial entre fevereiro de 1692 e maio de 1693. Mais de duzentas pessoas foram acusadas. Trinta foram considerados culpadas, das quais dezenove foram executadas por enforcamento, dessas dezenove pessoas “culpadas” de bruxarias, quatorze eram mulheres.

estratégias possíveis para auxiliar tais colaboradoras a lidar com as dificuldades vivenciadas por decorrência de sua atuação religiosa/espiritual e política.

Minayo (2015) entende que a pesquisa qualitativa é aquela que se ocupa de questões que não podem ser reduzidas a partir de simples quantificação, até mesmo por envolverem aspectos mais subjetivos e complexos que fazem parte dos universos psicossociais dos sujeitos, incluindo, por exemplo, o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p. 21), enfim, os diversos fenômenos presentes na realidade social.

A mesma autora (MINAYO, 2015) destaca que, em geral, as pesquisas qualitativas seguem três etapas principais: 1) fase exploratória, na qual é realizado um levantamento bibliográfico e é o momento de entrar em contato com a dimensão teórica da pesquisa, bem como de informações sobre o campo disponíveis em artigos, livros, publicações, sites etc; 2) fase de coleta de dados, que representa o trabalho de campo da pesquisa e compreende esses momentos de encontro com a realidade e os sujeitos da investigação; 3) fase da análise das informações e tratamento do material, que segundo a autora referem-se “às formas de organização dos dados e os passos empreendidos para a produção de inferências explicativas ou de descrição” (MINAYO, 2015, p.49).

Sobre o processo de seleção dos participantes da pesquisa, é preciso enunciar, em primeira instância, que se origina a partir de um trabalho anterior, no qual desenvolvi um mapeamento das rezadeiras de Nova Iguaçu, que envolveu oficinas de educação popular a partir da construção de cursos ministrados pelas próprias mestras rezadeiras. Dessa forma, utilizei como base para definir minhas colaboradoras na pesquisa o levantamento anterior realizado no projeto “Senhoras rezadeiras, benzeduras, curas e mistérios” de 2010.

Nessa oportunidade, organizei com algumas participantes “oficinas de rezas e curas”, pois, em 2010, o trabalho realizado com as comunidades já apontava para uma diminuição dessas atividades na região de Nova Iguaçu. Das rezadeiras que participaram deste projeto em 2010, ao todo sete rezadeiras, a maioria delas, não está mais atuando, algumas por falecimento (Dona Aláide e Dona Lourdes) outras por enfermidades (Dona Clementina – Alzheimer, Dona Sonia – hipertensão). Na oficina de rezadeiras, participaram quatro mulheres, sendo que somente duas seguiram e mantêm o ofício das rezas e curas. Com essas rezadeiras que estão vivas, mantenho uma prática de acompanhamento próximo, seja através de visitas ou atividades em comum. Em diversas ocasiões, convido-as para estar a participar de em atividades que possam de certa maneira fortalecer seus ofícios de rezadeiras e, não obstante, algumas delas já foram homenageadas por projetos de iniciativas particulares (Projeto Ilustres e Anônimos), bem como projeto de apoio do poder público (Encontro Municipal das Rezadeiras/2010).

Figura 3 Senhoras rezadeiras se encontram em 2010 em Nova Iguaçu



Fonte: O autor, 2010

Após as oficinas de rezadeiras que tiveram as idosas senhoras como mediadoras em 2010, elaborei também um site, que teve muitos acessos de pessoas interessadas nas simpatias, orações, e receitas caseiras, mas por questões financeiras não consegui manter e por conseguinte foi desativado.

Assim, esse foio primeiro contato formal como pesquisador diante do universo das rezadeiras, que posteriormente inspirou o desenvolvimento do presente estudo, sendo também o primeiro passo para a iniciativa de construção de uma rede de rezadeiras na região da Baixada Fluminense. A partir deste contato preliminar, parti para um processo de indicações por meio da técnica Bola de Neve, entendida como “uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referências” (VINUTO, 2014, p. 203), além de conhecer outras participantes em potencial a partir de minhas experiências frequentando diferentes locais como terreiros, espaços de debates e eventos. Iniciei a pesquisa através das indicações que tive na minha própria região, além de ter realizado algumas conversas preliminares, de cunho exploratório, com alguns membros de religião de matriz africana no meu bairro. Porém, diante do crescente aumento da onda de violência na região, acabei sendo convidado pelos traficantes de drogas a encerrar minhas incursões nos terreiros do bairro.

Durante esse processo, participei com algumas mães de santo e rezadeiras da organização da 1ª Marcha contra a intolerância religiosa da Baixada Fluminense, realizada em Nova Iguaçu. Conheci nesse processo a rezadeira e bruxa Alana, posteriormente uma das colaboradoras da pesquisa. Também convidei Mãe Itamara, que tem como Dijína

“Keualombo”, que participou ativamente das atividades de organização. Durante o processo de contato com diversos terreiros, obtive de um participante informações sobre as rezadeiras para as entrevistas. Com o falecimento de Dona Lourdes e Dona Alaíde e o Alzheimer de Dona Clementina, presumi que as rezadeiras nessa região de fato não estavam mais realizando o ofício, porém, o dia a dia me fez encontrar uma dezena delas em atuação na periferia, apesar de algumas vezes mostrarem um certo desânimo e cansaço causado pela perseguição religiosa.

Suas apresentações neste texto foram colocadas na íntegra e suas narrativas sobre sua identidade são o que elas revelam, porém, algumas vezes são o que elas não querem revelar para um pesquisador, que é também um homem. Ser homem diante da narrativa de uma mulher, por mais compromisso que possamos ter com a luta por uma sociedade que respeite a diversidade, traz a marca estampada em nós do patriarcalismo e tantas outras anomalias sociais que colaboram para as violências ao feminino. Ser comprometido implica também entender que o silenciamento de uma mulher é uma forma de resistência, não uma luta contra o gênero masculino.

Portanto, parto da minha realidade de homem negro pesquisador, percebendo que escrever é mergulhar profundamente também no meu inconsciente, encarando as verdades que fazem a nossa história de vida real, história esta dos homens de modo geral, que tem sido a história do patriarcalismo e da violência contra mulheres.

Sendo assim, minha tarefa não é falar por elas, mas falar com elas, as mulheres que rezam e curam, e para isso, privilegio em meu texto as suas narrativas, que me orientaram a encontrar um caminho onde eu pudesse de fato analisar suas formas de resistência, mas também as intervenções psicossociológicas que a violência traz para o seu cotidiano.

A minha caminhada no campo tem o viés da pesquisa participante, desenvolvendo-se a partir do olhar de um militante e intelectual orgânico comprometido com as questões relacionadas à realidade das mulheres que rezam e curam na região de Nova Iguaçu. Sobre a pesquisa participante, entendo, na descrição de Eduardo Mourão Vasconcelos, como aquela metodologia com participação orgânica do pesquisador na realidade social em foco (VASCONCELOS, 2013); e também no contexto trazido por Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Borges, que apontam a pesquisa participante da seguinte forma:

Elas se originam dentro de diversas unidades de ação social que atuam preferencialmente junto a grupos ou comunidades populares. Em sua maioria, elas serão postas em prática dentro de movimentos sociais populares emergentes ou se reconhecerão estando a serviço de tais movimentos (BRANDÃO; BORGES, 2007, p, 53).

É importante salientar que a construção teórico-metodológica também passou por aperfeiçoamentos, que foram ficando mais visíveis como modelo de investigação que eu

deveria optar. As experimentações através de instrumentos de pesquisa para coleta de dados exigiam mudanças na hora dos procedimentos, fazendo com que as entrevistas abertas, rodas de conversas ou escuta sensível se alternassem de acordo com a conjuntura, o humor e a disponibilidade das colaboradoras. Sendo assim, as idas e vindas às suas residências e aos terreiros, que já faziam parte da minha relação com as manifestações religiosas na Baixada Fluminense, deram-me outros olhos, ouvidos e reflexões que eu não estava acostumado a ter, fortalecendo a ideia de que na metodologia de pesquisa participante:

Elas se originam e reelaboram diferentes fundamentos teóricos e diversos estilos de construção de modelos de conhecimento social através da pesquisa científica. Não existe na realidade um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da pesquisa participante (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 53).

As entrevistas abertas em determinados momentos, com a chegada de uma ou outra colaboradora (filhas de rezadeiras), transformavam-se em roda de conversa, e às vezes, elas traziam alguns documentos ou fotografias que precisavam ser analisados.

Logo após esse processo de coleta de dados, realizei as análises das narrativas, separando as anotações por temas, inicialmente os temas desenvolvidos durante o percurso de construção teórica: o sincretismo, o racismo religioso e as religiões de matriz africana. Porém, tornou-se forte durante a menção aos “traficantes de Jesus”, que devido ao clima de intolerância religiosa encontrado, apareceu de forma considerada.

Esta discussão está imbricada em um processo de atuação do Estado na região da Baixada Fluminense, que será tema desenvolvido privilegiadamente em minha tese de doutorado que se inicia a partir do mês de março/2020 na UFRJ.

### 3.1. Aspectos Éticos da Pesquisa e Estratégias Participantes

Neste caso, optei por não envolver as mulheres colaboradoras da pesquisa diretamente na gestão do trabalho investigativo, por acreditar que seria importante, diante de um cenário de riscos, a maior descrição possível, considerando que a pesquisa foi realizada em território onde explodiram problemas de ataques aos terreiros e aos adeptos da religião de matriz africana, bem como a outras práticas de rezas e curas que não se enquadram nos parâmetros euro-cristãos. Sendo assim, a participação das colaboradoras se deu a partir dos encontros com o pesquisador, que ia ao seu encontro, em geral em suas residências, de modo a evitar que estas circulassem por um território marcado pela violência.

As reflexões sobre quaisquer implicações com as colaboradoras da pesquisa fizeram-me pensar estratégias participantes, que pudessem anular essa possibilidade. Sobre estratégias participantes o cientista político, Eduardo Mourão, descreve que:

constituem metodologias com participação orgânica do pesquisador na realidade social em foco, mas não implicando participação dos envolvidos na gestão do seu trabalho investigativo. Inspira-se no modelo clássico de pesquisa participante, que nasceu na antropologia e etnografia contemporâneas, com pesquisadores convivendo intimamente e por períodos de média ou longa duração com grupos humanos investigados, visando poder interpretar “por dentro” a sua cultura e subjetividade. (VASCONCELOS, 2013, p, 181)

Portanto, esta empreitada trouxe complexidade tanto na permanência no campo como na relação com colaboradores. Foi importante neste processo, realizar com minhas orientadoras um mapeamento dos riscos e das possibilidades do projeto, onde questões relacionadas à segurança, organização, ação pedagógica, limites e possibilidades foram consideradas e debatidas, trazendo para próximo da ação o paradigma da complexidade.

Do ponto de vista do paradigma da complexidade, a pesquisa participante tem papel ético-político e epistemológico fundamental em primeiro lugar, porque se destina exatamente ao reconhecimento das diferenças sociais étnicas e culturais subjetivas e físicas, destacando o aspecto antidiscriminação multi e transculturalismo da pesquisa no sentido de realizar um esforço de diálogo e interpretação entre diferentes perspectivas de vida humana e de superação dá diferença e do preconceito (VASCONCELOS, 2013, p 181)

Ao contrário dos modelos mais convencionais de pesquisas envolvendo seres humanos, em que o pesquisador assume um papel de verticalidade com relação às comunidades, objetificando os participantes da pesquisa, que assumem a simples função de informantes, no caso deste trabalho, a primeira diferença consiste no fato dessas colaboradoras envolvidas na pesquisa não serem simples informantes, mas sim mestras dos saberes tradicionais espirituais/religiosos. Assim, a primeira mudança na relação pesquisador-comunidade se estabelece ao entender tais participantes como guardiãs de saberes e, conseqüentemente, tais

sujeitas assumem um papel de protagonismo da fala dentro da pesquisa, que passa a se guiar a partir de suas narrativas e memórias, enquanto o pesquisador assume um papel de ouvinte-aprendiz diante das mestras.

Ainda com relação à Pesquisa Participante, Gabarrón e Landa (2006) ressaltam que esta se trata de “uma proposta metodológica emergente da crise nas Ciências Sociais, que se desenvolve durante a década de 1960 na América Latina e, com aspectos semelhantes também na Europa” (p. 93). Os mesmos autores (GABARRÓN; LANDA, 2006) afirmam que “esta crise é resultado, sobretudo do debate em torno do “fator de relevância social” e do comprometimento ético-político-teórico-metodológico com os processos de transformação da sociedade em torno das melhorias das condições de vida da população, do fortalecimento dos processos democráticos e da resolução de problemas reais vivenciados pelo povo.

Após a devida autorização do comitê de ética (CAAE 14407619.0.0000.5582), busquei os bairros mais afastados de minha residência para o processo de atuação no campo. Foram realizadas rodas de conversas, entrevistas não estruturadas, abertas e centradas nas histórias de vida destas sujeitas, a fim de entrar em contato com as narrativas que conectam as trajetórias pessoais destas rezadeiras e mães de santo a episódios de violências e intolerâncias religiosas. Dessa forma, efetivamente participaram e deram autorização para essa pesquisa as seguintes mulheres que rezam e curam: Dona Nina (bairro Santa Eugênia), Dona Isabel (bairro Jardim Iguazu), Dona Josefina (bairro Nova América), Mãe Itamara - Keualombo (bairro Parque Flora), Dona Vilma (bairro Santa Eugênia) e Dona Alana, que mora em São João de Meriti, mas tem atuação no Comitê contra a intolerância religiosa em Nova Iguaçu.

Com relação à identificação de tais colaboradoras, é importante destacar que tal situação foi amplamente discutida com as participantes, que entenderam não haver motivos para ocultar suas identidades neste trabalho, até porque elas são amplamente conhecidas em suas comunidades por conta de seus ofícios como rezadeiras e curadoras – de modo que entendemos que um trabalho acadêmico não lhes traria nenhum tipo de exposição que elas já não tivessem anteriormente em suas comunidades. Portanto, tais mulheres entenderam que suas identificações, poderiam trazer mais benefícios do que prejuízos, uma vez que a própria visibilidade desta questão no âmbito acadêmico já poderia suscitar reflexões, aprofundamentos teóricos e até mesmo auxiliar na produção de dados para embasar políticas públicas ou ações de intervenção direcionadas a tais grupos. Neste sentido, entendemos que essa pesquisa, partindo de uma perspectiva participante-colaborativa poderia representar uma estratégia de forjar alianças entre essas mulheres e a universidade, com vistas a produção de uma confluência de saberes (SANTOS, 2019).

Sobre as entrevistas, Minayo (2015) assume que “podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização” (p. 64) que, neste caso será empregada porque, segundo a autora “é por meio de entrevistas também que realizamos pesquisas baseadas em narrativas de vida, igualmente denominadas ‘histórias de vida’ [...]” (p. 65).

Em alguns casos, optei por realizar rodas de conversa (entrevistas coletivas) incluindo outras pessoas da família das rezadeiras, como, por exemplo, no caso de Dona Isabel, que fala pouco e tem em sua filha Nívea um grande apoio para dialogar com estranhos. Em outras ocasiões, optei por entrevistas abertas, com algumas poucas perguntas de orientação para aproximar as narrativas aos temas de meu interesse e em alguns momentos retomava algum assunto que ficasse confuso ou que não estivesse entendido. A tudo eu anotava, quando possível, no celular ou em folhas, que logo ao chegar em casa já transferia para o computador. Neste processo, privilegiei a escuta mais do que intervenções com perguntas, pois queria saber de fato o que se passava com estas mulheres diante da atual realidade, deixando-as livres e espontâneas em suas narrações. Isso me permitiu acessar informações importantes do seu universo religioso, pessoal e político, além de compreender melhor as realidades e motivações. Essas entrevistas e rodas de conversas foram realizadas entre os meses de julho e setembro em sua grande parte.

#### 4. MULHERES QUE REZAM E CURAM

##### **Eu Que Te Benzo, Deus Que Te Cura!**

Samba-Enredo 2020 - G.R.E.S Renascer de Jacarepaguá (RJ)

Rezadeira, dá licença mãe senhora  
 Esta dor que sinto agora  
 Não me deixa outra saída  
 Dói no peito, a inspiração perdida  
 Num pedido que implora pelo santo amor à vida  
 Eu tô pra baixo, mais caído que espinhela

Requenguela sem um facho de razão  
 Já mandei fechar a porta e a tramela  
 E pus cancela no meu coração  
 Pro mau olhado, só um galho de arruda  
 Peço ajuda à folha de manjerição  
 Oh minha santa benzedeira me acuda  
 Ocê me cuida e me dá proteção  
 Aroeira, senhor, aroeira  
 Sentada à mesa, mãe da brandura  
 Aroeira, senhor, aroeira  
 É vela acesa, copo d'água e reza pura

Rogo a ti toda a graça da bondade  
 Faz surgir anjos da dignidade  
 Para o combate do espinho com a flor  
 Oh preta velha, meu Brasil quer tua cura  
 Pra tirar a amargura deste povo sofredor

Benza Deus, meu caminhar  
 Joga no mar toda feitiçaria  
 Sou Renascer de Jacarepaguá  
 Em nome do pai e da Virgem Maria

(Autores) Cláudio Russo / Diego Nicolau / Moacyr Luz

#### **4.1. Rezadeiras: Mediação Mágica e Enfrentamentos.**

As rezadeiras são mulheres que através da prática do seu ofício curam enfermidades, utilizando orações/rezas e algumas vezes receitas de plantas medicinais. Elas trazem nessa rede de ação solidária, de missão espiritual e dedicação, também uma denúncia de que pessoas em região de periferia estão submetidas a violências, sofrimentos e abandono das políticas públicas do estado.

Diferente das mães de santo, nem todas as rezadeiras atuantes são adeptas das religiões de matriz africana, porém o exercício do seu ofício é classificado como feitiçaria por parte de alguns segmentos praticantes de intolerância religiosa.

Suas atuações tecem uma rede de solidariedade entre pessoas necessitadas e evidenciam que o desenvolvimento do capitalismo até os dias atuais tem servido majoritariamente para criar uma sociedade de exclusão. Como no passado, quando eram acusadas de heresias, atualmente, essas mulheres são acusadas de práticas de feitiçarias, continuam sendo violadas em seus direitos e mesmo assim resistem em suas práticas, evidenciando que o projeto de sociedade com justiça e respeito à diversidade ainda está para acontecer.

A heresia denunciou as hierarquias sociais, a propriedade privada e a acumulação de riquezas, e difundiu entre o povo uma concepção nova e revolucionária da sociedade que, pela primeira vez na Idade Média, redefinia todos os aspectos da vida cotidiana (o trabalho, a propriedade, a reprodução sexual e a situação das mulheres), colocando a questão da emancipação em termos verdadeiramente universais. (FEDERICI, 2017, p.70).

A autora (FEDERICI, 2017) problematiza em seu trabalho denominado “O Calibã e a Bruxa” questões ligadas ao movimento feminino na Europa, e que trazem contribuições para as reflexões de temáticas relacionadas ao capitalismo e ao poder, temáticas estas que foram abordadas por Marx e Foucault, mas que não aprofundaram as condições das mulheres no passado.

Sua abordagem utiliza a violenta empreitada patriarcal de caça as bruxas (mulheres que rezam e curam) como subsídio para aprofundar seccionalidades de classe e gênero.

A ideia de um trabalho mais sistematizado com as rezadeiras surgiu em 2010, quando a secretaria de cultura de Nova Iguaçu abriu um edital do Fundo Municipal de Cultura Antonio Fraga para financiar projetos culturais na cidade e acabei sendo contemplado com o projeto Senhoras Rezadeiras, Benzeduras, Curas e Mistérios. A proposta oferecia um levantamento parcial de mulheres rezadeiras da região, uma página na internet e um encontro. Era um prêmio individual e busquei parcerias com algumas pessoas que me ajudaram a localizar algumas rezadeiras. Através das entrevistas, percebi a dificuldade na continuidade e transmissão do

ofício e assim, acrescentei uma outra atividade na execução do projeto, que foi realizar oficinas para novas postulantes a rezadeiras.

A primeira rezadeira que tive contato no projeto em 2010 foi Dona Geni, mãe de santo, com barracão no bairro Jacutinga. Dona Geni me recebe no seu espaço sagrado onde realiza as curas com orações de diversas doenças. “... eu para rezar não incorporo, eu chamo as entidades, mas não incorporo” (Dona Geni, 2010)

Figura 4 Reportagem sobre Dona Geni – Mãe de Santo e Rezadeira de Nova Iguaçu



Fonte: O autor, 2010

Quando criança, eu e meus irmãos tivemos grandes dificuldades por termos nascidos em uma realidade sócio econômica muito desfavorável. Nasci no bairro Copacabana, na cidade de Duque de Caxias, porém com o registro feito em São João do Meriti fiquei com o gentílico de Meritiense. Através dos relatos de minha mãe, eu soube e senti orgulho de ter nascido próximo à residência e terreiro de Joãozinho da Goméia, que foi um grande pai de santo na Baixada Fluminense, cuja sua atuação teve reflexos positivos para o candomblé na nossa região e no exterior.

Apesar de ser uma realidade sofrida, havia jeito para quase tudo. A falta de saneamento básico e de equipamentos públicos de saúde contrastava com uma relação de solidariedade local e havia a atuação de umas senhoras que faziam intervenções através da medicina popular que, conforme fui crescendo, aprendi que se chamavam rezadeiras. Uma delas era dona Dolores, que além de rezadeira, foi quem realizou o parto da minha mãe quando eu nasci. Assim conta ela: “Dona Dolores chegou e com orações rezou minha barriga de grávida para que você se encaixasse para o nascimento, depois preparou uma bacia com água quente e utensílios para

cortar o cordão, toalhas e fraldas, e logo você estava nascendo. Era dia 07 de fevereiro<sup>17</sup> de 1965, um domingo de carnaval às 18 horas, mamãe antes socou um pilão por ordem de sua avó.” (Dona Deise/agosto 2019).

Senhoras como Dona Dolores atuavam realizando curas e muitas vezes partos, sendo assim, achei importante trazer aqui este relato, porque para mim, que não acredito em coincidências, os terreiros e as rezadeiras sempre estiveram no meu caminho, apesar de ter por muitos anos participado das Comunidades Eclesiais de Base na Igreja Católica. Sempre estive nos terreiros e com as rezadeiras, inclusive, fui catequista e levava na década de 1980 jovens da igreja para conhecer terreiros de umbanda, para que pudessem aprender sobre a religião e perder a visão preconceituosa que traziam na sala de aula, na hora das aulas de catequese. É difícil entender esse enredo de misturas e tendências religiosas, talvez seja fruto da infância, onde era muito comum na minha família e no meu bairro ir à missa e ao terreiro com pouco constrangimento.

Em 1984, através de uns amigos e sacerdotes da igreja católica, tive junto com mais dois membros das pastorais sociais, a oportunidade de realizar uma viagem à Itália. Certamente, este prêmio que me foi dado em função da atuação na Pastoral Operária, teve uma repercussão muito forte em minha vida. Porém, quero a despeito de toda a riqueza que tem nessa história, relatar meu encontro em um dia de forte geada com uma rezadeira, que na realidade era também uma comerciante de produtos holísticos em uma loja do acesso para o local chamado Mont Blanc, que é a mais alta montanha da União Européia, na divisa entre Itália e França e com uma altitude de 4808,73 metros.

A conversa começou sem pé e sem cabeça, porque meu italiano era sofrível, o que ela logo percebeu e falou em português, deixando-me menos embaraçado. Esse diálogo trouxe-me uma importante informação, após considerações sobre sua atuação, que, além de comercializar pedras que energizavam, ela fazia também curas. Ao lhe falar sobre as rezadeiras de onde eu morava na época, Belford Roxo, município da Baixada Fluminense, ela me revelou que Elis Regina havia gravado em 1972, uma música feita por Aldir Branc e João Bosco chamada Violetas de Belford Roxo em homenagem a uma rezadeira da cidade chamada Violeta que efetuava curas milagrosas. Nessa época, Belford Roxo era, segundo dados da ONU, a cidade mais violenta do mundo. A gente evitava falar que morava lá, mas essa história de rezadeira que fazia milagres na cidade, deu-me uma autoestima de tamanha intensidade que ao retornar

---

<sup>17</sup> Dia dedicado a Selene, Deusa Grega da Lua e da Magia. A data de nascimento corresponde ao Odu numero 3 que é Etá Ogundá, Odu regido por Ogun que mais tarde veio se confirmar como meu patrono.

ao Brasil, passei a anotar tudo que ouvia e descobria sobre essas senhoras rezadeiras, inclusive após pesquisa, encontrei a música gravada por Elis Regina, que trago em uma das suas estrofes:

“...Um dia um menino cego  
Tocou Violeta e viu  
E depois o surdo ouviu  
Chagas sumiram, curou-se o coxo  
Por obra e graça  
De Santa Violeta de Belfort Roxo...”  
(Letra da música Violetas de Belfort Roxo, 1972,  
Aldir Blanc e João Bosco)

Em Nova Iguaçu, cidade onde habito há trinta e quatro anos, tive contatos com outras mulheres que rezam e curam. Há algumas décadas, encontrava-se rezadeiras em toda a Baixada Fluminense, mas atualmente, é mais difícil encontrá-las nessa área periférica da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

É importante perceber que a população pobre acaba sofrendo uma intervenção forçada de migração do centro para a periferia, provocada pela “urbanização” dos grandes centros econômicos, e mesmo em cidades médias como é o caso de Nova Iguaçu, essa “urbanização” desloca para as periferias as populações que estão em maior prejuízo social e econômico, na maioria das vezes os afrodescendentes.

Antes de nos determos às rezadeiras de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense, vamos observar em outros países antecedentes desta prática que acontece há muitos séculos e que no passado e no presente seus poderes de curas as fizeram perseguidas. “No período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII, que ocorreu o fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de ‘caça às bruxas’”. (MURARO, 1997, p.13). Inicialmente, o Santo Ofício perseguiu principalmente as mulheres acusadas de feitiçaria, de pacto com o demônio. Essa perseguição tinha como motivo a necessidade de a Igreja Católica impor-se como religião universal:

Aqui, todos participam das práticas supersticiosas, com palavras, nomes, rimas, usando os nomes de Deus, da Santíssima Trindade, da Virgem Maria, dos doze Apóstolos [...] Estas palavras são pronunciadas tanto abertamente como em segredo; estão escritas em pedaços de papel, engolidos, levados como amuletos. Também fazem sinais, ruídos e gestos estranhos. E, depois fazem magias com ervas, raízes e ramos de certas árvores; tem seu dia e lugar especial para todas essas coisas (FEDERICI, 2004, p. 316)

Para as perseguições às mulheres nesse período, diversos motivos eram criados, entretanto, ser mulher e ser uma ameaça ao desenvolvimento do capitalismo abrigava e abriga até hoje em um guarda chuva todas as outras acusações hipócritas utilizadas como pretexto para a violência contras essas mulheres. As rezadeiras, curadoras populares, detinham

conhecimentos que estavam a serviço da população mais pobre, que também sofria a exploração de sua mão de obra:

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as **curadoras populares**, as parteiras, enfim, detinham o saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças”. (FEDERICI, 2004, pág. 14)

Na referência acima, além da sinalização em relação ao protagonismo das mulheres (curadoras populares) em relação às práticas de cura, observamos também a uso das ervas em períodos remotos, questão importante para a nossa análise.

Buscando reverter a situação que colocava as mulheres no topo dos processos de cura, membros do Santo Ofício passaram a persegui-las, denominando suas práticas como bruxaria. Para atingir seus propósitos eles criaram outras formas de cura, incluído principalmente o exorcismo, para retirar o demônio do corpo dos pacientes. Mas havia outros meios, como relatavam os próprios inquisidores: Basta espargir a água Benta para a purificação das casas, basta acender uma Vela Benta para ter-se o mesmo efeito purificador. [...] é útil colocar ou queimar ervas consagradas nos recintos onde possam ser mais bem consumidas. (KRAMER; SPRENGER, 1997, p.201)

Observamos que água, vela, erva, deveriam passar pela benção, pela consagração, realizadas por membros do clérigo. Aqui entram os gestos, encontrados também entre as rezadeiras. Atualmente, as igrejas neopentecostais se apropriaram também de alguns ritos de origem afrobrasileiras, trazendo o poder de cura para dentro do templo, competindo com as ações dos terreiros e das rezadeiras populares.

O documento escrito pelos inquisidores traz a mulher como única detentora do papel de prática de bruxaria, sendo elas o alvo principal do Santo Ofício. O uso do exorcismo (remédios verbais) foi uma estratégia de cura por si mesmo para os homens que também servia para relativizar o poder de um feitiço:

Já foi dito que as bruxas são capazes de afligir os homens com toda a sorte de enfermidades físicas; pode-se, por conseguinte, considerar como regra geral que os vários remédios verbais ou práticos a serem aplicados contra essas enfermidades são igualmente aplicáveis a todas as demais, como contra a epilepsia, a lepra, entre outras. (KRAMER; SPRENGER, 1997, p. 347)

Assim, os homens eram as vítimas preferenciais das bruxas; e outros remédios podiam ser utilizados por eles: “E quando dizemos que os homens enfeitiçados podem exorcizarem-se

a si mesmo, referimo-nos aos amuletos e talismãs, com palavras sagradas, bênçãos ou fórmulas escritas, que podem usar pendurados ao pescoço, quando não sabem ler ou as pronunciar”. (KRAMER; SPRENGER, 1997, p. 337). Várias dessas práticas foram observadas pelos inquisidores no Brasil colonial; as palavras sagradas, bênçãos e amuletos chegaram às nossas atuais rezadeiras.

Mas não eram somente as bruxas os sujeitos de perseguição dos autores do “Martelo das Feiticeiras”, mas uma série de práticas que ameaçavam as ‘curas cristãs’:

As virtudes naturais dos objetos naturais acompanham-lhes as formas materiais obtidas pela influência dos astros – e pela mesma influência adquirem certos princípios ativos’. As formas dos objetos artificiais, contudo, promanam da concepção dos artífices; e pois, conforme Aristóteles na sua Física, nada mais são do que uma composição artificial, por isso não possuem qualquer virtude natural capaz de determinar qualquer efeito. Conclui-se então que a virtude recebida pela influência dos astros só há de residir nos objetos naturais, e não nos artificiais. Assim, conforme assevera S. Agostinho em A Cidade de Deus, errava Porfírio ao julgar que das ervas, das pedras e dos animais, e de certos sons, de certas vozes e de certas figuras, e de determinadas configurações na revolução dos astros, e seu movimento, conseguissem os homens fabricar, na terra, alguns poderes ou Forças correspondentes aos vários efeitos dos astros; como se os efeitos da magia proviessem da força das estrelas. Ora, conforme aduz S. Agostinho, tudo isso pertence aos demônios, os enganadores das almas que a eles se submetem”. (KRAMER & SPRENGER, 1997, p. 362-363)

A perseguição às mulheres denominadas bruxas pela igreja católica foi analisada por Silvia Federici, relacionando essa atitude às necessidades econômicas. As mulheres detinham conhecimentos sobre ervas e suas aplicações para o aborto, mas esse processo já é percebido no século XI, na tentativa de retirar das mulheres a autonomia de decidir sobre seus corpos. É do início do século citado um documento do bispo de Worms, que continha a seguinte indagação:

Fizeste o que algumas mulheres estão acostumadas a fazer quando fornicam e desejam matar suas crias, agindo com sua malefícia e suas ervas para matar ou cortar o embrião ou, se ainda não o tiverem concebido, conspirar para que não o concebam? (FEDERICI, 2004, p. 70).

A autora demarca a passagem da perseguição aos hereges árabes, desde as cruzadas à caça às bruxas: “[...] este processo, que marcou a transição da perseguição à heresia para a caça às bruxas, a figura do herege se tornou, cada vez mais, a de uma mulher” (FEDERICI, 2004, pág. 71). Como vimos acima, para a inquisição, as mulheres faziam pactos com o demônio para perseguirem os homens, impingindo-lhes doenças.

O argumento de Federici é de que, tendo surgido na Europa o mercantilismo, houve a necessidade de suprir com mão-de-obra os reinos daquele continente, e as mulheres impediam esse projeto de crescimento populacional:

Na acusação de que as bruxas sacrificavam crianças para o demônio – um tema central da ‘grande caça às bruxas’ dos séculos XVI e XVII – podemos interpretar não só uma preocupação com o declínio da população, mas também o medo que as classes abastadas tinham de seus subordinados, particularmente das mulheres de classe baixa, que, como criadas, mendigas ou curandeiras, tinham muitas oportunidades para entrar nas casas dos empregadores e causar-lhes danos. (FEDERICI, 2004, pág. 153)

Iniciava assim uma perseguição que ultrapassava a doutrina cristã e passava a ser também exercida pela burguesia emergente.

Dessa forma, o pré-capitalismo ou mercantilismo, durante dois séculos, motivou mudanças de comportamento, tendo como base pensamentos filosóficos:

O que morreu foi o conceito do corpo como receptáculo de poderes mágicos que havia predominado no mundo medieval. Na realidade, este conceito foi destruído. Por trás da nova filosofia encontramos a vasta iniciativa do Estado [europeu], a partir da qual o que os filósofos classificaram como ‘irracional’ foi considerado crime. (FEDERICI, 2004, p. 255)

Como vemos, na Europa estava sendo forjada uma mudança na forma de ver o mundo. Esses processos alastraram-se pelas colônias europeias nos séculos seguintes.

Portanto, a perseguição às mulheres, sejam as consideradas bruxas ou as curandeiras, teve início na Europa e durante séculos foi se cristalizando uma forma de atrelar a mulher às curas mágicas, desqualificando estas, enquadrando as práticas de cura das mulheres como crime sujeito a julgamento e a execução. Mas o que a autora procura frisar é a motivação de um novo sistema econômico:

Nesta fase inicial e experimental do desenvolvimento capitalista, não havia alcançado o controle social necessário para neutralizar a prática da magia, e que tampouco podia integrar funcionalmente a magia na organização da vida social. Desde o seu ponto de vista, pouco importava se os poderes que as pessoas diziam ter, ou aspiravam ter, eram reais ou não, pois a mera existência de crenças mágicas era uma fonte de insubordinação social. (FEDERICI, 2004, p. 260)

Assim o corpo das mulheres foram alvos de apropriação para os interesses econômicos: “neste contexto, foi a condenação do aborto e da contracepção como um malefício, o que deixou o corpo feminino – o útero foi reduzido a uma máquina para a reprodução do trabalho – nas mãos do Estado e da profissão médica”. (FEDERICI, 2004, p. 262) O novo sistema econômico necessitava repor mão-de-obra, e a determinação das mulheres que não estavam dispostas a fazer de seus úteros uma máquina para viabilizar esse novo regime, e essas mulheres foram duramente atacadas. A perseguição às mulheres chegou às colônias europeias das Américas:

Os destinos das mulheres na Europa e dos ameríndios e africanos nas colônias estavam tão conectados que suas influências foram recíprocas. A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das

populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo”. (FEDERICI, 2004, p. 362)

No caso do Brasil, as crenças europeias nos chegaram, também, através dos degredos de mulheres e homens para cá enviados pelo Santo Ofício, legando rezas cujas origens podiam ser ainda medievais. Isso proporcionou a troca de informações entre a população, trazendo novos elementos aos indivíduos que rezavam e curavam.

Federici ocupou-se somente de exemplos de perseguição na América Espanhola, não trazendo dados sobre a América Portuguesa, mas, de forma geral, há paralelismos, embora no Brasil a influência dos grupos étnicos africanos tenha sido muito presente nas curas mágicas. Ainda sob aspectos europeus, a autora, em relação as práticas de cura, assinala: “Suas ferramentas [das mulheres] eram óleos naturais e pós, bem como artefatos aptos a curar e proteger por ‘simpatia’ ou ‘contato’”. (FEDERICI, 2004, p. 367). Mas também aqui no Brasil, a perseguição trouxe danos às práticas de curas mágicas; porém como veremos, essas práticas se estenderam por mais tempo, diferentemente do que ocorreu na Europa. E a medicina oficial, acadêmica, beneficiou-se em ambos continentes.

Com a perseguição à curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração, uma perda que abriu o caminho para uma nova forma de cerceamento: o surgimento da medicina profissional, que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranha para as ‘classes baixas’. (FEDERICI, 2004, p. 367).

Essa medicina profissional tomou vulto no Rio de Janeiro a partir da criação dos institutos de previdência social corporativos, tipo IAPC<sup>18</sup> e IAPI<sup>19</sup>, etc. Assim as rezadeiras foram se afastando dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro para a periferia metropolitana, como é a cidade de Nova Iguaçu.

Há diversidade de nomenclaturas entre os autores que pesquisam esse ofício em outros estados. Se em minha infância o nome rezadeiras marcou para nós, como sendo as mulheres que rezam e curam, em Minas Gerais, são denominadas benzedeadas e seu ofício é a benzeção:

O que é benzeção? Perguntamos de início. Uma benzeção é uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem. Benzer é garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal. (GOMES; PEREIRA, 2004, p.19)

Para Laura de Mello e Souza, o que essas mulheres realizam são as curas mágicas, práticas que tinham antecedentes no passado europeu: “As curas mágicas com palavras

<sup>18</sup> IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (Decreto nº 24.272, de 21 de maio de 1934)

<sup>19</sup> IAPI - Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (Lei nº 367, de 31 de dezembro de 1936)

refletiriam velha crença no poder curativo da igreja medieval, e eram comuns em toda a Europa”. (SOUZA, 2005, p. 179)

Sendo assim, há no processo de curas uma composição de saberes que são difundidos por europeus nas américas, pelos negros escravizados e pela população indígena. Um dos seus exemplos traz a cura efetivada pela índia Domingas Gomes:

Domingas tinha ainda uma oração para combater a erisipela: pegava uma faca, dava com ela uns toques em cruz sobre a parte enferma, dizendo: ‘rosa branca, corto-te. Rosa negra, corto-te. Rosa encarnada, corto-te’. A cada pronunciamento dava dois toques com a faca. E finalizava: ‘Requeiro-te da parte de Deus e da Virgem Maria, se tu és fogo selvagem ou erisipela, não maltrates a criatura de Deus’”. (SOUZA, 2005, p. 180)

Essa prática de cura da indígena tinha muitos traços oriundos das curas na Europa, utilizando, como foi afirmado acima, “uma linguagem oro-gestual”.

Indo para o período republicano, vamos explorar o conhecimento da medicina popular no Brasil, com a riquíssima variedade de medicamento da flora e sua difusão dos indígenas aos africanos e seus descendentes, que mantiveram viva a prática das rezadeiras e curadores, principalmente na população mais carente, como exemplifica (BEVILAQUA, 1988) ao falar de Dona Amélia:

Escapou da escravidão quando da assinatura da Lei do Ventre Livre. Sua mãe, Eva, fora escrava doméstica, nas fazendas de Valença. E nessa cidade ela criou-se, casou”. Dona Amélia em 1910, foi morar em Jacarepaguá, cidade do Rio de Janeiro e na década de 1920, já viúva, foi para o morro da Matriz, no bairro do Rocha.. Ali era conhecida como D. Amélia Rezadeira. “Seus vizinhos a respeitavam muito. As rezas que fazia aliviavam dores, tiravam o mau-olhado, abrandavam a erisipela, consertavam o nervo torcido, livravam do quebranto, da íngua. [...] Para um ventre virado, ela podia pegar alguns galhinhos verdes, molhá-los no azeite ou no leite materno, e sarar a criança. Mas o segredo da reza não se conta. Reside na sussurrada oração e nos movimentos peculiares que a rezadeira faz. Reza não se paga, mas agradecidas, as pessoas sempre lhe ofereciam alguma coisa para ajudar nas refeições. [...] Sendo também parteira, graças aos costumes da época, aparou muitas crianças nascida no bairro, algumas inclusive, de famílias financeiramente bem situadas”. D. Amélia Rezadeira era a mãe de Clementina de Jesus. (BEVILÁQUA, 1988, p.45-46)

Essa informação reafirma que as práticas de cura espiritual adentraram o século XX numa área urbana onde a cultura popular era ainda forte; e na área rural e no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro os trabalhadores e seus filhos tinham dificuldades em ter acesso à Previdência Social, que somente a partir do final da década de 1940 chegou aos trabalhadores impondo uma medicina científica.

A questão da medicina científica, sobretudo a partir da criação dos hospitais na Europa, não é uma história de cura, mas de alijamento do convívio social da população pobre, esclarece Jean-Noel Fabiani:

No século 17 a concentração de muitos pobres nos grandes centros nas cidades fez com que os hospitais passassem a ser um local de prisão para controlar os pobres fazendo

com que a questão da Saúde ficar assim em segundo plano e a questão da Segurança Pública que caça em primeiro plano (FABIANI, 2019, p. 36)

A maioria da população em todo o mundo fica a margem das políticas públicas de saúde, que no passado e no presente têm sido pensadas para o desenvolvimento da indústria farmacêutica em detrimento ao atendimento de um tratamento de saúde universalizado. Sir Richard J. Roberts, prêmio Nobel de Medicina, conhecido por sua luta no mundo contra a indústria farmacêutica e os transgênicos, afirma que: A indústria farmacêutica na realidade não quer curar ninguém, e por um motivo muito simples e direto: a cura é menos rentável que a doença. (Portal Saúde Integrativa 30/05/ 2019). Para ele há um comprometimento da indústria com a não cura.

Critico que a indústria diga que quer curar doenças quando não o faz, porque não é um bom negócio. Durante anos houve tentativas de interromper pesquisas que desmentem certas coisas. O melhor exemplo é a *Helicobacter pylori*. Barry Marshall e Robin Warren descobriram que essa bactéria causava as úlceras, não só o ácido. A indústria tentou eliminar a pesquisa. Se houvesse medicamentos que acabassem com as células cancerígenas por imunoterapia, seriam muito difíceis de comercializar: se o câncer se detivesse totalmente tomando-os duas ou três vezes, onde estaria o dinheiro? Interessa mais à indústria tentar conter o avanço do câncer do que eliminá-lo. (Portal Saúde Integrativa Maio 30, 2019)

No Brasil, em 2019, ficou conhecido o caso da MP (Medida Provisória) 890/19, que criou o programa Médicos pelo Brasil, substituto do programa Mais Médicos – lançado em 2013 pela então presidente Dilma Rousseff (PT). O programa Médicos pelo Brasil, retirou dezoito mil médicos cubanos da atividade de prestação de serviços públicos de saúde. A partir dessa Medida Provisória, diversas tribos indígenas e grandes locais de pobreza ficaram sem atendimento médico. Muitos médicos que se inscreveram no novo programa desistiram de atender em locais de periferia.

Portanto, podemos afirmar que diante desta realidade cruel da saúde pública no mundo e que tem conexão no Brasil, o trabalho da medicina alternativa é importante para o socorro da população mais marginalizada. Um dos segmentos que colaboram para esse atendimento são as mulheres que rezam e curam, rezadeiras e benzedeadas.

O termo benzedeadas não é utilizado sem uma justificativa; autores como Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimilson de Almeida Pereira enfatizam que:

A presença da mulher é marcante no mundo da religiosidade popular e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e do gesto de exorcizarem o mal. Em algumas fórmulas de benzer estudadas na Península Ibérica ocorria frequentemente a presença da frase, inicial ou final: ‘Eu sou a mulher, a benzedeadas’. (GOMES; PEREIRA, 2004, p. 11-12).

O papel das mulheres como vemos em muitos setores da sociedade brasileira, influencia essa prática: A princípio não há dificuldades em associar as benzedoras aos arquétipos da mãe provedora ou a anciã que ensina os caminhos de bem-estar e equilíbrio. Há nas benzeções uma retórica que associa as funções do sagrado a uma retórica própria ao universo feminino: Essa retórica tem como elemento visível as conversas de mulheres, nas quais transparecem as preocupações com a casa, os filhos, os maridos e a saúde. (GOMES; PEREIRA, 2004, pág. 134). De fato, são principalmente as mulheres que ocupam esse ofício chamado de rezadeiras.

Apesar da importância dos gestos nas atividades das rezadeiras, as palavras ocupam um lugar de destaque neste fenômeno:

As orações oficiais nascidas da Igreja chegaram ao domínio popular. [...] A linguagem dessas fórmulas caracteriza-se pela riqueza e profundidade das metáforas que explicitam as dificuldades do homem e sua recorrência ao mundo sagrado. Há uma diferença entre a linguagem das orações oficiais e a das orações populares. Nas orações populares a linguagem acontece no âmbito lúdico das relações entre os deuses e os homens, incitando-os a uma aproximação mais intensa. (GOMES; PEREIRA, 2004, pág. 22)

Tanto no passado como no presente, esse fenômeno ocorre com frequência no âmbito da cultura popular. Como veremos, a prática das rezadeiras tornou-se escassa na periferia da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente na Baixada Fluminense. Diversos fatos motivam pensar uma possibilidade da diminuição da atividade do ofício de rezadeiras. Uma delas é o aumento de famílias convertidas ao protestantismo. Poderia também haver dificuldades de transmissão de saberes, algumas rezadeiras que participaram no projeto da secretaria de cultura em 2010 não puderam fazer as oficinas por rezarem muito baixo e com uma linguagem não decifrável.

O ritual da benção – que envolve benzedor/benzido, gestos, espaços e objetos sacralizados – está inserido no contexto da cultura popular. Esse modelo cultural se caracteriza por estabelecer relações de oposição e diálogo com o modelo de cultura erudita divulgada através das redes de ensino e instituições de governo e estabelecida, juntamente com as culturas de massas, como modelos culturais dominantes na sociedade brasileira (GOMES; PEREIRA, 2004, pág. 88).

Essas diversas realidades também devem ser analisadas para entendermos os motivos que determinam a diminuição das rezadeiras na Baixada Fluminense.

Outro fator importante na observação e na análise do ofício das rezadeiras é o uso das plantas medicinais. Este é um elemento comum também nas atividades das mães-de-santo, mulheres que rezam e curam.

É elemento constante nas benzeções o uso de ramos como corpos intermediários para produção do efeito de cura: a planta fornece energia vital ao homem. O vegetal representa a unidade fundamental para a vida, através das características cíclicas da existência: nascimento, maturação, morte e transformação. Por isso, a vegetação

simboliza o desenvolvimento, já que as possibilidades vitais estão latentes no grão e concretizam-se na germinação e no crescimento. Há uma ligação entre homem/planta, porque no Jardim primordial (Éden) ambos brotaram da terra, como afirma a Bíblia e também o Corão. 'Deus nos fez nascer da terra, como uma planta'. Essa origem comum irmana humanos e vegetais, portadores ambos de energia vital e correndo igualmente riscos de degenerescência e da morte. Assim o vegetal se presta a receber em si o mal que afetava o doente. A vida da planta empresta energia ao homem, ajudando na restauração de seu equilíbrio. (GOMES; PEREIRA, 2004, p.40)

As mulheres sempre estiveram muito atentas a questões da saúde, da cura, desde os tempos das chamadas religiões primitivas, politeístas. Essa atuação no passado chamou a atenção da Santa Sé e culminou com sua perseguição, através de ações jurídicas, políticas e epistemológicas com a aprovação do Martelo das Feiticeiras e continuou também durante o desenvolvimento do capitalismo nos séculos passados, conforme trouxe ao texto Silvia Federici. O patriarcalismo nunca deixou de perseguir as mulheres que ameaçavam a excludente proposta de sociedade eurocêntrica.

Na Baixada Fluminense, região onde os muitos moradores são descendentes de migrantes das áreas rurais do Nordeste, o uso das folhas, das ervas e simpatias, faz parte da cultura de várias pessoas que habitam nessa região. Atualmente, as mulheres que rezam e curam têm resistido mais nas religiões de matriz africana, onde muitas delas, além de rezadeiras, são também mães de santo.

## 4.2. Mães de Santo: Religião de Matriz Africana e Protagonismo

Os terreiros ou casa de santo, como popularmente são chamados, organizados através do pressuposto civilizatório africano e da filosofia ubuntu<sup>20</sup>, são locais de exercício pedagógico da espiritualidade e religiosidade de matriz africana. Neste espaço, são produzidos os mais diversos afetos e campanhas de solidariedade. Pessoas rejeitadas por sua cor, sua opção sexual, sua orientação ideológica, sua condição social e econômica são acolhidas ali. O respeito aos mais velhos, às crianças, à partilha e à diversidade são um destes pressupostos. Nesses espaços, é muito intensa a participação de mulheres, sejam como iniciadas ou como mães de santo. Esse protagonismo das mulheres nos terreiros foi pouco evidenciado nas literaturas, mantendo durante muito tempo a invisibilização da liderança das mulheres. Uma das pesquisadoras que quebraram essa lógica e evidenciou esse protagonismo na religião de matriz africana e na literatura foi Ruth Landes.

A mãe, cercada pelas demais sacerdotisas, vive na casa de culto para estar em companhia dos deuses por que zela e para servir os clientes que necessitam da sua intercessão junto aos deuses. Fala-se muito bem destas mulheres de culto, famosas em todo o Brasil pela sua bondade. (LANDES, sem data, p. 278)

Esse protagonismo das mulheres chamava a atenção de homens que buscavam iniciação em algumas casas de candomblé, porém eram vistos com desconfiança pelas zeladoras: Certa mãe nagô hesita antes de fazer homens, mesmo depois que caem no transe ritual, durante o qual dançam possuídos pelo deus, que nele penetrou, e transmitem a mensagem dos deuses. (LANDES, sem data, p. 279).

---

<sup>20</sup> Trazemos aqui algumas significações do psicólogo sul-africano Dirk Louw (2010, p.5) que entre outras afirma que, em sentido secular, ubuntu é: compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo ou, em uma só palavra, amor.

Em sentido estritamente tradicional, ou religioso, ubuntu é: ubuntu significa que só nos tornamos uma pessoa ao ser introduzido ou iniciado em uma tribo ou em um clã específico. Nesse sentido, “tornar-se uma pessoa por meio de outras pessoas” implica em passar por vários estágios, cerimônias rituais de iniciação prescrito pela comunidade.

Ubuntu também está resumido no tradicional aforismo africano “umuntu ngumuntu ngabantu” (na versão zulu desse aforismo) que significa: “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”.

*Figura 5 Mulheres são presença maciça nos terreiros – Terreiro Ile Asé Ogun Alakoro em Magé, Baixada Fluminense.*



Fonte: O autor, 2019

Nesse período, na década de 1930 e 1940, nos candomblés da Bahia, a presença das mulheres era hegemônica; havia algumas casas onde um homem era zelador, mas eram as iaôs que predominavam nas casas de candomblé.

Várias ialorixás se destacaram na Bahia a partir da primeira metade do século XX, entre elas Yιά Oba Biyi, Eugênia Ana dos Santos, a conhecida mãe Aninha e mãe Senhora, Maria Bibiana do Espírito Santo. Em situações adversas, essas mulheres, entre outras, foram as responsáveis pela organização, manutenção e resistência do candomblé no Brasil. Aliadas a estudiosos, pesquisadores e políticos, essas mulheres entenderam diversas conjunturas, tomando providências em relação a diversos casos, mostrando que sua liderança era espiritual e também política. Um deles foi o asilo que o folclorista e etnógrafo Edson Carneiro obteve de mãe Aninha em 1937, quando este foi perseguido pelo “Estado Novo”. Refugiado na casa de Oxum, Aninha determinou que Senhora cuidasse e desse a devida assistência a Edson. (Santos, Deoscóredes M. dos Santos. *Axé Opô Afonjá*. Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, Salvador).

Outra iniciativa importante de mãe Aninha, com a participação do babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim, foi a fundação da sociedade civil Sociedade Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá, que reunia os “Obás de Xangô” descrito no livro *O terreiro e a cidade*: “A instituição dos obás (a palavra já não tem, portanto, o sentido original de ‘rei’) é um bom exemplo dessa consciência mítico-política das lideranças negras na Bahia. De fato, tratava-se de uma ‘restauração cultural’, com o objetivo de ampliar o apoio externo (graças ao prestígio e à

posição financeira dos obás) ao culto, mas também dignificar o poder masculino”. (SODRÉ, 1988, p. 68). Estas iniciativas de mãe Aninha permitiram não só resistir às adversidades que as religiões de matriz africana sofriam, mas também a locomoção e contatos que a ialorixá manteve na capital do país e na Baixada Fluminense, tendo Nova Iguaçu como um grande centro de fixação dessa religião.

Curiosa é a referência de Pierre F. Verger aos antigos terreiros do Rio de Janeiro, onde também cita apenas mulheres, e mais importante, são da Baixada Fluminense:

No Estado do Rio de Janeiro instalaram-se numerosos candomblés, originários dos três terreiros kêto da Bahia [Casa Branca do Engenho Velho, o Ilê Iyanassô, o Terreiro do Gantois, Iyá Omi Àse Iyámase e o Centro da Cruz Santa do Axé Opô Afonjá]. Citemos, entre os mais prestigiosos, o Axé Opô Afonjá em Coelho da Rocha, ligado aquele de mesmo nome, estabelecido na Bahia pela célebre Aninha [Obá Biyi]; em Miguel Couto, o terreiro de Nossa Senhora das Candeias, fundado por Nitinha de Oxum, filha de Tia Massi da Casas Branca da Bahia. (VERGER, 1981, p. 31)

Entendendo o espaço das ‘casas de santo’ como um micro-universo social, vamos descrever o que publicou o antropólogo Vivaldo da Costa de Lima: “A autoridade e o poder das mães [de santo] a cada dia se renova e se reafirma através de sua comunicação matutina com os orixás, a quem a mãe-de-santo pede, de joelhos no chão do peji, conselho, saúde, e paz para sua casa” (LIMA, 1998, p. 136). A ialorixá preocupada com “sua família” está atenta a saúde dos adeptos de seu terreiro. Essa é uma preocupação que todos os membros têm, e é através de banhos com ervas que se previne de doenças. As ialorixás possuem um profundo conhecimento dessas ervas. Mas sua atenção não se restringe a saúde:

É a mãe-de-santo quem interpreta para todos os seus filhos a vontade dos santos e este é um de seus deveres maiores. E as mães crescem em poder e no respeito de seus filhos quando têm para eles a palavra exata de orientação, a advertência oportuna ou a punição justa – pois tudo isto representa a ordem dos orixás levada aos filhos da casa por sua voz autorizada. (1974, p. 136)

O terreiro é o espaço comum da família de santo, onde a mãe-de-santo ou pai-de-santo exerce um papel central, reconhecido por todos os adeptos que frequentam este espaço.

A cidade do Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense receberam várias lideranças que participavam de candomblés na Bahia. Na Baixada Fluminense, várias pessoas cultivavam suas crenças nas religiões de matriz africana sem criar uma casa de culto. Mas na década de 1940, isso começou a mudar com a vinda de algumas ialorixás para esse território. Mãe Aninha, Iya Obá Biyi, baiana do Axé Opô Afonjá, desde a década de 1920, visitava o Estado do Rio de Janeiro. Depois de 1930, ela passou a ter uma residência própria na cidade: é sua residência (portanto, espaço bem diverso do implicado no terreiro baiano) que passa a acolher as demandas litúrgicas de um número crescente de pessoas” (SODRÉ, 1988, p.96). Como vemos, assim

como na capital do estado, também na Baixada Fluminense, indivíduos realizavam seus cultos sem criar um terreiro próprio. “O terreiro definia-se, assim, não por sua territorialidade física, mas enquanto centro de atividades litúrgicas e pólo irradiador de força” (SODRÉ, 1988).

Mãe Aninha faleceu em 1938, e Mãe Agripina, Obá Deyi, desde 1925, atuava em Coelho da Rocha, hoje um bairro do município de São João de Meriti, como também em São Cristóvão, na capital Federal. Nesse último local, Mãe Agripina, na década de 1940, consulta Xangô: “É esse orixá que, em 1943, diz não querer mais a realização de obrigações na cidade, porque já dispunha de uma roça. Esse enunciado é ainda obscuro, uma vez que não fica explicitada a localização da roça” (SODRÉ, 1988, p. 96-97). No ano seguinte, 1944, Mãe Agripina “- que vinha desenvolvendo atividades litúrgicas num barraco de sapé (batizado de ‘Pavilhão Obá’ por Mãe Aninha em 1925), localizado no subúrbio de Coelho da Rocha – recebe de Xangô a instrução de permanecer em Coelho da Rocha. A mensagem trazia, no entanto, uma incerteza: poderiam talvez voltar para a cidade (bairro de São Cristóvão) depois do ritual denominado ‘Águas de Oxalá’. Narra Augras [Monique]: ‘Depois dessa festa, no entanto, Xangô mandou dizer que não mais voltaria para a cidade, pois ele já tinha uma roça. Conta um ogã da casa:

Ninguém sabia desta roça. Foi Omulu que, pegando uma estaca, saiu porta afora, com todos acompanhando. Ele parou em um terreno, próximo ao Pavilhão Obá e, fincando a estaca, disse ser ali a roça’. Descobre-se então, que o terreno pertencia a Filhinha de Ogum (iniciada por Mãe Aninha na Bahia, em 1921), irmã de Mãe Agripina. Nesse sítio, instala-se o terreiro fluminense do Axé Opô Afonjá (SODRÉ, 1988, p. 96-97).

No Rio de Janeiro, podemos citar neste mesmo período um terreiro que cultuava caboclos e realizava giras para os orixás em Duque de Caxias, liderado pelo baiano Joãozinho da Goméia, que recebeu a visita de várias personalidades; políticos e artistas.

No final de 1942, Joãozinho da Goméia chegou ao Distrito Federal, indo morar em Duque de Caxias; mas envolvido numa trama, teve que retornar ao seu estado. Volta para o Rio de Janeiro em 1946 e seu terreiro “da Goméia”, que originalmente funcionava nos arredores de Salvador, onde foi criado, é instalado em Duque de Caxias. Ali, no seu barracão de Nação Angola recebe pessoas que o procuram para se consultar com o caboclo Pedra Preta. Muitos problemas de saúde dos consulentes tiveram a orientação de cura pelo caboclo; na Goméia fluminense Joãozinho também incorporava os Orixás Oya (Iansã) e Oxossi. Era, portanto, um terreiro que apresentava contribuições das diferentes correntes das religiões de matriz africana. O terreiro de Goméia em Duque de Caxias teve grande projeção:

O terreiro de Caxias, desponta no cenário local, nacional e internacional. Os casos de cura por doenças, de sucesso profissional obtido nos negócios, de mudança em situação de vida, relatados por aqueles que buscaram o axé da Goméia de Caxias, ganham dimensões jamais vista no processo religioso” (NOBRE, 2017, p. 70)

Outro terreiro importante da Baixada Fluminense, fundado em Nova Iguaçu por uma grande ialorixá, é o Ilê Omiojuaro, tendo como sua maior expressão Mãe Beata de Iemanjá<sup>21</sup>, que faleceu em 2017. Beatriz Moreira Costa nasceu em 1931, no Engenho Novo, no recôncavo baiano. Chegou a Baixada na segunda metade da década de 1970; não somente seu terreiro ficou muito conhecido, como a própria ialorixá, que desenvolveu uma ativa militância social e política no Rio de Janeiro.

Sendo assim, essa organização das religiões de matriz africana em nossa sociedade realizada pelas mulheres, foi um fenômeno que permitiu uma parte da população manter traços culturais importantes para parcela do povo brasileiro. Apesar de toda a violência, como vimos, tentando-se impedir que os africanos escravizados e os afro-brasileiros, vivessem suas crenças no período colonial e imperial, eles conseguiram se recriar em nosso território. De forma objetiva, a organização dos terreiros combate os efeitos da invasão dos europeus no continente africano e o período de tráfico de mão de obra escravizada, que trouxe prejuízos incomensuráveis para o povo negro e seus descendentes na diáspora. A violência desse processo tirou mais do que o acesso à terra e as origens culturais, atingiu profundamente suas subjetividades com a troca de nomes, de espaço geográfico e tentativa de submissão a uma crença imposta pelos seus próprios alçozes, um processo que até hoje perdura nos efeitos da colonialidade, mas que, através de uma proposta de atuação filosófica de valores civilizatórios africanos nos terreiros, podemos recuperar.

---

<sup>21</sup> Mãe Beata de Iemanjá, Beatriz Moreira da Costa, era rezadeira e mãe de santo. Iniciada por mãe Olga do Alaketu, foi fundadora do terreiro Ilê Omi Ojuarô em 1980 na cidade de Nova Iguaçu (RJ), destacou-se por sua especial liderança tanto no aspecto religioso quanto nas ações sociais que desenvolveu e participou. Foi presidente de honra do grupo Crioula uma das mais importantes organizações de mulheres negras do Rio de Janeiro e foi também membro ativista do Movimento Negro Unificado (MNU/RJ).

### 4.3. Sincretismo Religioso

Logo que nasci, em fevereiro de 1965, conta minha mãe Dona Deise, que meu pai, conhecido Babalorixá Geraldo de Ogun, levou-nos junto com meus padrinhos José e Maria até a igreja matriz de São João Batista no centro da cidade de São João de Meriti. Na ocasião, houve um certo desconforto, porque durante a cerimônia houve a participação do orixá do meu pai, que se fez presente além do padre. Diz ela: *“Ogun se manifestou na igreja, e logo depois fomos ao terreiro do seu pai para terminar o batismo”*. (Dona Deise/agosto, 2019). Nessa época, era comum essa confluência<sup>22</sup> entre umbandistas e católicos. Esse fenômeno era a maior preocupação da igreja católica na década de 1970. Reportagem do Jornal do Brasil traz em seu título *“Proliferação da macumba é desafio a que a igreja mude seus métodos, diz sacerdote”*

... a proliferação crescente da macumba e de todas as formas de religiões afro-brasileiras constitui hoje um desafio para a igreja católica. Ainda no último sábado um casal de noivos, apesar de espíritas, fez questão de casar na Igreja Católica. Não contente com isso, foi daí para um terreiro de umbandistas, onde se sujeitou ao ritual próprio e partiu então o bolo de casamento”. (Padre Valdeli Carvalho em Jornal do Brasil 01/12/1971).

Essas confluências e também as influências do sincretismo religioso me perseguiram por muito tempo, pois, como minha mãe, eu era católico, vivia na igreja e também nos terreiros. Porém, fui entender bem isso com Dona Lourdes Rezadeira, negra, natural de Juiz de Fora, MG, moradora do bairro Parque das Palmeiras em Nova Iguaçu, nascida em 1920, que praticava suas rezas geralmente na sua casa situada no caminho que eu costumava fazer para ir da periferia onde moro até o centro da cidade de Nova Iguaçu. Dona Lourdes rezou seus benzimentos do catolicismo popular por mais de 60 anos em Nova Iguaçu.

Figura 6 Dona Lourdes



Fonte: O autor, 2010.

<sup>22</sup> Para Antonio Bispo, confluência: “é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual” (Bispo, 2019, p. 68)

Era do meu costume, e por diversos anos Dona Lourdes rezava minha primeira filha, que vivia acometida de ventre virado, resfriados e falta de apetite. No seu altar de rezas, havia muitas imagens de “entidades”, era assim que ela denominava todos os que estavam no altar. No mesmo nível estavam colocadas Santa Bárbara e Iansã, São Jorge e Ogum, São Sebastião e Oxossi, Nossa Senhora Aparecida e Iemanjá, São Jerônimo e Xangô. Em destaque ficava a imagem de Jesus Cristo, que ela nunca relacionava com Oxalá. Havia ainda a imagem de Tuninho Mármore, que Dona Lourdes me relatou tratar-se de um menino que morreu muito jovem e recebia o espírito de um médico e praticava curas com rezas e receitas de chás. Do lado direito saltava aos olhos a fotografia em preto e branco de Getúlio Vargas<sup>23</sup>, na saída, no cantinho do seu portão de madeira, figurava ali uma pequena imagem do Tranca Ruas, que conheci a primeira vez no terreiro do meu pai e lá tinha a função de fazer a limpeza do espírito e livrar os filhos de santo dos maus caminhos.

Dona Lourdes curava minha filha e as crianças com a utilização de diversos chás e na reza usava um copo de água, um galho de planta e uma vela. Dela eu tive um grande ensinamento, quando perguntei em uma das idas a sua casa para rezar, se ela não se confundia com santos e entidades de religiões tão diferentes. Ela prontamente respondeu: “isso é um problema dos vivos que são preconceituosos, as entidades estão em um outro plano, elas se misturam, mas não se contaminam, elas estão onde só tem amor”. E logo em seguida, fui novamente repreendido por ela ao perguntar o que fazia a foto de Getúlio Vargas na parede. Novamente, no auge dos seus 87 anos na época, “E você conhece alguém melhor para resolver os problemas desse pessoal daqui que ele? Se ele sempre ajudava os pobres quando era político, imagina se não vai ajudar agora que é santo! É a ele mesmo que eu peço e ele sempre me ajuda” (Dona Lourdes, Março, 2010). Essas senhoras rezadeiras acumularam uma sabedoria muito peculiar, que as permite, através de rezas, realizar curas em diversas pessoas nas periferias da cidade. Esse saber popular de utilização das ervas aplicadas em seu ofício de rezadeira e o sincretismo religioso exercido no seu ofício tem origem na colonização do Brasil e perdura até os dias atuais.

Elucidativa é a descrição que Roger Bastide (1974) traz do sincretismo em relação às práticas religiosas dos africanos escravizados no período colonial:

---

<sup>23</sup> Getúlio Dornelles Vargas foi um advogado e político brasileiro, líder civil da Revolução de 1930, que pôs fim à República Velha, depondo seu 13.º e último presidente, Washington Luís, e, impedindo a posse do presidente eleito em 1º de março de 1930, Júlio Prestes. Getúlio Vargas foi presidente do Brasil em dois períodos (O primeiro período foi de 15 anos ininterruptos, de 1930 até 1945, e dividiu-se em 3 fases: de 1930 a 1934, como chefe do "Governo Provisório"; de 1934 até 1937 como presidente da república do Governo Constitucional, tendo sido eleito presidente da república pela Assembleia Nacional Constituinte de 1934; e, de 1937 a 1945), conhecido por alguns como “pai dos pobres” e por outros como “mãe dos ricos”.

O sincretismo por correspondência Deuses-Santos é o processo mais fundamental, além de ser o mais estudado. Pode ser explicado historicamente, pela necessidade que tinham os escravos, na época colonial, de dissimular aos olhos dos brancos suas cerimônias pagãs (BASTIDE, 1974, p. 144)

Diversos estudos descrevem que os escravos nas fazendas realizavam festas em homenagem aos santos católicos, com o aval dos seus senhores, que faziam parte da assistência, muitas vezes espionando ou interessados nas danças e músicas aos sons de atabaques e outros instrumentos africanos; mas os santos dos altares montados no terreiro da fazenda eram vistos pelos escravos como um orixá ou vodum, e dessa forma realizavam seus rituais aos seus deuses.

Ainda no século XVIII, sob a perseguição da Inquisição, as manifestações religiosas de matriz africana ficaram conhecidas como Calundu, embora esse termo tenha sido originado no meio banto: “Na Bahia, práticas rituais africanas já eram então designadas como calundus”. Souza, Laura de Mello, 1986, p. 264). Também no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e outras localidades da colônia o termo calundu ficou conhecido.

Dulce Santoro Mendes chama a atenção para o mau uso do conceito de sincretismo, utilizado como mistura, transformação; discutindo um dos grandes teóricos da temática problematiza: “Bastide identificou um tipo de sincretismo sem fusão, que a princípio se poderia imaginar com a associação entre os deuses africanos e os santos católicos” (MENDES 2017, p.160) como exemplificamos acima.

Para esse processo de sincretismo sem fusão, (MENDES, 2017) afirma que Bastide preferia utilizar o termo interpenetração cultural, ou justaposição cultural, para referir-se aos eventos religiosos observados nas fazendas coloniais no Brasil, nas festas dos escravos, permitidas e assistidas pela família desses fazendeiros. Complementa afirmando que são formas de crer que: podem conviver nos mesmos espaços, se corresponder, ou não se corresponder, mas não se opor, e sim se complementar (p. 159).

O sincretismo, enquanto fusão, absorção ou entrelaçamento de valores religiosos não nasce no Brasil. Embora no Brasil normalmente remeta à identificação das divindades africanas com os santos católicos, podemos inicialmente observar na produção de diversos autores o sincretismo já no continente africano: Ocorreram diferentes formas de sincretismo, como o regional na África, chegando ao Brasil já pronto. As constantes lutas tribais entre jejes, nagôs e hausás juntaram povos e costumes (BENISTE, 2019). Houve então sincretismo entre os orixás e voduns numa região de onde vieram africanos escravizados e chegou ao Brasil através de três orixás: Nana Buruku, Omulu, Oxumaré. “Esses três últimos Orixás são conhecidos por vir de regiões ditas *djèdjè mahi*” (VERGER, 2000). A origem dessas divindades reverenciadas pelos

yorubá é o antigo Daomé, hoje Benin, onde chamavam-se Mawu (Nana Buruku), Sopoma (Omulu) e Dan (Oxumaré), ou seja, em algum momento histórico na África, houve um sincretismo religioso entre povos diferenciados, cada qual com seu idioma e cultura. Essa fusão iniciada na África originou no Brasil, conforme já vimos, o que se denominou de cultura jeje-nagô e mais tarde, uma forma de candomblé denominado Nagô-Vodun (BENISTE, 2019).

Um desses processos está na origem de Oxumaré: “O lugar de origem desse Orixá, como Obaluaê e Nana Buruku, seria Mahi, no ex-Daomé, onde é chamado Dan” (VERGER, 1981, p. 207). Ou seja, antigos voduns se incorporaram às divindades yorubá (orixás).

O fato é que o sincretismo religioso no continente africano de que tratamos ocorreu entre grupos étnicos chamados de ‘sudaneses’ e os adeptos das religiões nas áreas acima citadas chegaram ao Brasil escravizados.

“Entre os nagôs, na Bahia, a nação Kétou era particularmente importante, em consequência das numerosas guerras que, no início do século XIX, opuseram os reinos vizinhos de Abomé e de Kétou. Foram estes últimos que criaram os primeiros terreiros de candomblé”. (VERGER, 2000, p.33). As guerras provocadas pelos indivíduos que lidavam com o tráfico negreiro levaram a quase extinção de Ketu, uma cidade-estado; mas sua religiosidade e cultura sobreviveram na Bahia, de onde o pesquisador Pierre Verger traz elementos que aprofundam a discussão do sincretismo no Brasil:

Quando o senhor passava ao lado de um grupo no qual eram cantados a força e o poder vingador de Sango, o trovão, ou de Oya, divindade da tempestade e do rio Níger, ou de Obatalá, divindade da criação, e quando ele perguntava o significado daquelas cantigas, respondiam-lhe sem falta: ‘Yoyo, adoramos a nossa maneira, e em nossa língua São Jerônimo, Santa Bárbara ou o Senhor do Bonfim’. É que cada divindade africana havia sido assimilada aos santos e virgens da religião católica. Foi assim que, ao abrigo de um aparente sincretismo, as antigas tradições mantiveram-se através do tempo. (VERGER, 2000, P.23)

Vejam que Verger escreveu ‘um aparente sincretismo’, ou seja, ele percebe que não era de fato um sincretismo, mas uma forma de se manter as manifestações religiosas africanas, num período, inicialmente, que ainda não havia sido criado o primeiro terreiro de candomblé na Bahia. Ele afirma ser um aparente sincretismo, no período colonial, não afirma que não existe o sincretismo religioso entre os adeptos do candomblé em relação ao catolicismo. É que nesse período citado os africanos colonizados não podiam conhecer os detalhes da vida dos santos (OLIVEIRA, 2007). Tinham uma carga pesada de trabalhos forçados e nas missas assistiam do lado de fora da capela, dificultando o fenômeno do sincretismo por não conhecerem de fato as duas religiões assimiladas.

Os descendentes dos africanos no Brasil com o passar do tempo foram incorporando as duas religiões, a de matriz africana e o catolicismo. E esses descendentes tornaram-se “tão

sinceramente católicos quando vão a igreja, como ligados às tradições africanas, quando participam zelosamente das cerimônias de candomblé”. (VERGER, 1981, p. 28). Essa devoção foi observada por muito tempo durante o século XX, mas alguns adeptos de terreiros deixaram de frequentar as igrejas, defendendo a ‘purificação’ da religião de matriz africana.

Ainda analisando o sincretismo religioso no Brasil, Roger Bastide nos traz dados não somente sobre as religiões africanas, mas também amplia suas observações sobre as religiões afro-brasileiras, percebendo um grau maior de influência entre uma e outra: “Etnicamente, o sincretismo é tanto mais pronunciado se passamos dos daomeanos (Casa das Minas) aos yoruba e, destes últimos, aos bantos, os mais permeáveis de todos às influências exteriores” (BASTIDE, 1974, p.142). Ele identifica nos bantos uma maior capacidade de lidar com hibridismos, tanto com as culturas dos brancos, como dos negros e dos indígenas, e como exemplo mais amplo de sincretismo no Brasil ele aponta:

Encontramo-lo tanto nos espaços relativamente vastos, como os candomblés que justapõem pegis africanos a capelas católicas, como em espaços restritos, como o do pé voduesco ou dos altares de macumbas, com pedras, garrafas de aguardente, cruces, estátuas de santos,oringas encerrando a alma dos mortos, terços bentos, círios etc.. (BASTIDE, 1974, P. 143)

No texto acima, o que o autor está chamando de macumba é a umbanda. A umbanda também cultua os orixás, porém de maneira diferente do candomblé e possui entre suas divindades a pomba gira, os caboclos e o preto velho. Ele não menciona no seu texto, mas o que chamamos atualmente de candomblé banto, traz elementos da umbanda e dos indígenas na sua liturgia. Sobre o termo macumba, Dulce Mendes esclarece ser “a macumba carioca, forma popular de se tratar todas as religiosidades [afro-brasileiras] praticadas no Rio de Janeiro” (MENDES 2017, p. 167). O termo macumba é muito utilizado de forma pejorativa, principalmente por quem é contra as religiões de matriz africana. Em outros estados também se pode encontrar esse termo.

Bastide (1989) categoriza a prática religiosa dos africanos escravizados na época colonial como “catolicismo negro” ao que Anderson Oliveira faz críticas. Para Bastide a ‘religião patriarcal’ teria incorporado o escravizado em seu culto, criando uma espécie de “solidariedade doméstica entre senhores e escravos”. Anderson Oliveira afirma que é através da “premissa da existência de um catolicismo puro”, que Bastide pode propor a categoria ‘catolicismo negro’. (OLIVEIRA, 2008, p. 35) Anderson Oliveira propõe em seu trabalho que, a partir do século XVIII, irmandades criadas pela Ordem do Carmo no Rio de Janeiro, através do catolicismo proporcionou aos escravos de determinadas etnias no Rio de Janeiro condições de vida, se não satisfatórias, espiritualmente confortáveis. A projeção que o candomblé ocupou

no século XX e que ocupa atualmente é uma forma de resistência, reforça Bastide: “Foi este ‘catolicismo negro’, superficial e sincrético, que permitiu aos negros/escravos preservarem, de forma ‘dissimulada, as religiões africanas no Brasil (BASTIDE, 1989, p. 157-159).

Figura 7 Dona Clementina diante do seu altar de rezas e de sincretismo religioso



Fonte: O autor, 2019

O autor continua a ampliar suas observações sobre o sincretismo, quando nos traz elementos da cultura e religião católica, medieval, que chama de feitiçaria, esclarecendo que essas práticas atravessaram o oceano Atlântico nas mentes de brancos banidos, dos degredados. Esses brancos pobres mantiveram contatos com indígenas e africanos, surgindo desses contatos formas de sincretismos, crenças que determinaram ritos e práticas de curas diversas.

A magia apresenta-nos um outro tipo de sincretismo, diferente dos precedentes, já que é obediente à própria lei da magia: a eficácia. Os europeus que colonizaram o Novo Mundo não deixaram de trazer com eles suas superstições, suas práticas medievais de feitiçaria, tanto mais que os feitiçeiros ou mágicos já, na época, não eram mais punidos com a morte na forca, mas sim com o banimento para as terras recentemente descobertas; a necessidade do povoamento prevalecia sobre as exigências da ortodoxia. Mas esses mágicos e feitiçeiros eram brancos, isto é, pertenciam à classe dos senhores. (BASTIDE, 1974 p. 148/149)

Assim podemos observar que o processo, por exemplo, de cura das doenças, no Brasil Colônia teve também influência de brancos para cá enviados, criando uma grande aquarela de cores e raças, nessa tela chamada mediações mágicas:

Duas precauções, em caso de dúvida, valiam mais do que uma só. É assim que as orações católicas, para a cura das doenças, como a Santa Luzia para o mal de olhos, a de São Pedro e São Paulo para a tosse, até mesmo a de São Cipriano para tirar a má sorte, ou a de São Expedito, são utilizadas em Cuba, no Haiti e no Brasil. Assim é que, ao lado das práticas africanas, como a de fazer a doença passar para uma ave a fim de a matar depois e transmitir o mal à pessoa que pisar no bicho jogado numa encruzilhada

(ebó yoruba), juntam-se as práticas européias, como o feitiço com a ajuda de uma boneca crivada de alfinetes (BASTIDE, 1974, p. 149).

Nessa perspectiva podemos dizer que no período colonial o conhecimento cultural de diversos povos serviu a necessidade de se curar corpo e o espírito. Embora houvesse perseguições, a população lançava mão de processos de cura de diversas pessoas com crenças diferentes. Assim, nós podemos afirmar que, apesar do sincretismo orixás-santos católicos ocupar lugar de destaque entre os cientistas sociais no século XX, há muitos ritos, crenças e práticas curativas que tiveram origem em trocas de práticas com indígenas e brancos pobres, outras formas de sincretismo pouco analisada.

Na busca dos conhecimentos sobre os processos de cura no tempo e no espaço nacional, encontramos referências sobre o sincretismo no norte do país. Nessa região, os indígenas puderam manter seus traços culturais por mais tempo do que em outras partes do país. “...devemos chamar a atenção na Amazônia para a existência de uma outra espécie de sincretismo intermediário, a *pajelança*. O termo *pajé* designa entre os tupis-guaranis, o sacerdote mágico, e a palavra *pajelança* é, portanto, a expressão de uma realidade índia”. (BASTIDE, 1974, p. 80). O autor identificou duas linhas de sincretismo de indígenas com negros, estes “...penetraram na região amazônica levando seus deuses, Vodus daomeanos ou Orixás yoruba; e assim, ao lado da *pajelança* índia (chamada também, sob a influência espírito, “linha” dos caboclos, criou-se uma outra *pajelança* (chamada “linha” africana)”. (BASTIDE, 1974, p. 80). Como em outras regiões do país, os negros mantiveram no Norte do Brasil relações religiosas com grupos de outras culturas.

Nessa região do Brasil os negros expandiram suas crenças religiosas em um tipo de contato em que não sobrepuja uma cultura à outra, houve um imbricamento, uma interpenetração. Os mantenedores desses cultos compreenderam que conseguiam atrair muito mais os fiéis utilizando as duas “linhas” e que obteriam também mais “poderes” multiplicando o poderio dos deuses africanos pelo dos espíritos índios. Mas aperceberam, ao mesmo tempo, da disposição estrutural das duas religiões (BASTIDE, 1974, p. 80) em um meio social sempre em transformação e que o conhecimento pode ser deslocado junto ao indivíduo quando, em migração, essas práticas religiosas chegaram a outras regiões do país. E alguns paralelos podem ser observados com práticas religiosas do Sul e Sudeste. Ainda descrevendo as atividades religiosas no Norte, assinalamos que encontramos essa coexistência em outros espaços religiosos da Baixada Fluminense:

Conseguiram, pois, que coexistissem mais do que se fundissem, se bem que já tenhamos testemunhos de um processo de fusão. No templo existe uma separação do “Território” dos espíritos índios e do *pégi* ou santuário africano; nas cerimônias, os Vodus ou Orixás

são invocados em língua africana, e os caboclos em língua portuguesa. (BASTIDE, 1974, p. 80).

Essas práticas religiosas chegaram ao Nordeste do Brasil, uma região de onde saíram muitos migrantes, nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, para a Baixada Fluminense. Roger Bastide, sobre essa região, fez referências sobre o candomblé de caboclo nas áreas de Pernambuco e Bahia:

“Sua existência parece recente. Entretanto, seu sucesso não autoriza a pensar em uma criação arbitrária de certos sacerdotes. É verossímil que, em toda a extensão do Brasil, cultos do tipo catimbó existiram e que o candomblé de caboclo não foi mais do que sua incorporação, por africanos pertencentes a seitas Angola ou Congo, às suas próprias cerimônias. Nossa hipótese apoia-se na descoberta, nas seitas bantos, de garrafas de jurema que queriam esconder de nós. Seja como for, esse culto é privativo das seitas bantos; nem os descendentes “culturais” dos Yoruba nem dos Fon o aceitam”. (BASTIDE, 1974, p. 81).

Embora as referências sobre as religiões de matriz africana no Brasil sejam em maior número sobre os grupos étnicos da costa do Benin, alguns pesquisadores dos meados do século XX nos deixaram algumas contribuições.

Na década de 1930 e 1940, ainda sob a lente do folclore, Edson Carneiro nos deixou algumas referências sobre as práticas religiosas dos bantos. O pesquisador baiano sofria forte influência de um “Nagocentrismo”.

“A liturgia de influência banta, no Brasil, não difere muito da jeje-nagô, de que é, mesmo, uma imitação servil. Apenas, aqui, os negros se permitem certas liberdades maiores, certas fugas ao estabelecido pelas religiões sudanesas. Para dizer numa palavra, os negros bantos se permitem certa dose de rebeldia”. (CARNEIRO, 1991, p.185).

Sob o olhar do folclorista, Carneiro (1991) nos deixou alguns detalhes curiosos:

“Estes encantados podem ser de vários lados, de várias nações, de Angola, do Congo, de Cambinda ou Cabila (Cabinda), de Cabula ou de caboclo, exigindo, naturalmente, os cânticos correspondentes. Depois de dançarem por algum tempo no canzuá, os encantados vão mudar de roupa, vestimentas especiais de cada qual. A sua volta, todos os paramentados, o coro canta saudando-os:

Tóté! Tóté!

Tóté de maiongá!

- Maiongongê!

- Ma'onga-ê!”

(CARNEIRO, 1991, p. 189.)

A contribuição de Carneiro pode ser útil, na medida em que foi coletada na década de 1930, em um período que a academia no Brasil ainda não se debruçara sobre aspectos das religiões de matriz africana. Mas, de fato havia um preconceito maior sobre os bantos, descritos

já na época dos primeiros viajantes europeus no Brasil do século XIX como “inferiores”. Podemos, pois, observar:

“A obra do sincretismo religioso, entre os bantos, na Bahia, se exerce num campo muito mais vasto do que entre os jeje-nagôs. E isso se compreende. De fato, a mitologia dos negros sul-africanos não tem nenhuma consistência própria, de maneira que o processo de interpenetração cultural se desenvolve aqui, em condições inteiramente favoráveis...”. (CARNEIRO, 1991, p. 192).

Da mesma época há relatos sobre o terreiro da Goméia, em São Caetano, periferia de Salvador, Bahia. No início das atividades religiosas de Joãozinho da Goméia, os ritos eram de candomblé de caboclo: A festa do caboclo Pedra Preta era realizada pela comunidade em 2 de julho. Neste dia, os fiéis da casa se enfeitavam e recebiam também visitas de outros pais de santo que dançavam no terreiro de Joãozinho. [...] Corria solto a “jurema”, bebida forte feita com casca da jurema fermentada em álcool”. (NOBRE, 2017, p.43). Como vimos acima, a jurema havia sido introduzida no candomblé de caboclo através do sincretismo dos bantos com os índios. Mas isso não quer dizer que a mitologia dos bantos “não tem nenhuma consistência própria”, como afirmou Carneiro. Nobre, comentando um livro de Jorge Amado, que foi ogã da Goméia na década de 1930, esclarece: “A casa do caboclo, naquela época, segundo Amado, era uma árvore (gameleira) com uma cerca de bambus, enfeitada de fitas, como se fosse um altar de floresta”. (NOBRE, 2017, p. 43). A gameleira<sup>24</sup> é a árvore sagrada para os bantos nos cultos a natureza dirigidos a Katendê ou Tempo.

Joãozinho da Goméia e o caboclo Pedra Preta ficaram famosos na periferia do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, entre as décadas de 1950 e 1970. Pobres e ricos faziam suas consultas ao caboclo, muitas delas voltadas a curas, a problemas de saúde. O sincretismo religioso, nessa época, no Rio de Janeiro, atinge seu apogeu. Vários autores referem-se a essa questão: “É difícil traçar uma linha de demarcação clara entre o candomblé de caboclo, a macumba do Rio de Janeiro e o espiritismo de umbanda, que atualmente floresce por quase todo o Brasil”. (BASTIDE, 1974, p. 82). Esse quadro religioso esteve presente na Baixada Fluminense, influenciando muitos indivíduos. Embora a umbanda tenha perdido terreno frente ao candomblé yorubá na Baixada Fluminense, na última quadra do século XX, sua presença foi importante.

Com a umbanda, iniciou-se vigoroso processo de valorização de elementos nacionais, como o caboclo e o preto velho, que são espíritos de índios e escravos. A umbanda nascente retrabalhou os elementos religiosos incorporados à cultura brasileira por um estamento negro que se diluía e se misturava aos brancos pobres na constituição das novas classes sociais numa cidade, então capital federal”. (PRANDI, 1998, p. 156).

---

<sup>24</sup> A gameleira é uma árvore cujo nome científico é *Chlorophora excelsa*. É uma árvore tipicamente africana, que representa o orisa Ìrókó ou Roco (nação ketu); vodun Loko, (nação jeje); nkise Tempo (nação angola).

Em sua pesquisa no Vale do Rio Paraíba do Sul, Maria da Consolação Lucinda esclarece questões sobre esse período através de seu foco na Umbanda. É preciso frisar que dessa região houve considerável migração para a Baixada Fluminense:

“Bastide, ao explicitar em um panorama geral a “geografia das religiões africanas no Brasil”, informa que elas teriam existido no designado Brasil Central, o que corresponde, nos dias de hoje, à região Sudeste do país. Em sua argumentação, ele pontua que a urbanização e a industrialização transformariam essas religiões na denominada macumba e no “espiritismo de umbanda” e informa que o calundu teria sido conhecido em Minas Gerais com o nome de canjerê”. (LUCINDA, 2016, p. 114).

Nesse período citado de urbanização e industrialização do país, a Baixada Fluminense conheceu o seu maior povoamento de indivíduos vindos do Nordeste, de Minas Gerais, do Espírito Santo e de outros municípios do Rio de Janeiro.

Lucinda assinala que, locais de resistência de escravos na região por ela pesquisada, os quilombos tiveram a contribuição de povos bantos e também afirma que foram descobertas nos locais onde os quilombos foram mais numerosos. Assim, podemos supor que a transmissão dos conhecimentos sobre religião e cultura dos indígenas e negros chegaram por várias vias à Baixada Fluminense. Na pesquisa com as rezadeiras/benzedadeiras da Baixada Fluminense, temos que levar em conta todas essas influências religiosas e culturais.

Acredita-se que as presenças dos elementos religiosos dos ameríndios/as, juntamente com concepções religiosas dos africanos/as, proporcionaram a formação de uma nova manifestação da fé, ao mesmo tempo em que a possibilitaram a (re) significação do catolicismo tido como oficial, desenvolvido na Europa e estendido ao território brasileiro desde o Brasil colonial. Teria sido em virtude de tal imbricamento cultural que a população brasileira pôde experimentar uma modalidade de catolicismo agregacionista tido como popular. (CONCEIÇÃO, 2015, p. 118).

Como no recôncavo de Salvador, área de pesquisa de Alaíze Conceição, a periferia da cidade do Rio de Janeiro sofreu forte influência desse catolicismo “agregacionista”, que as rezadeiras/benzedadeiras da Baixada Fluminense abraçaram.

Entendendo que a questão das rezadeiras/benzedadeiras não se dá apenas por aspectos religiosos, mas também culturais, observamos o que sugere Alaíze Conceição:

Diante da instabilidade conceitual acerca do sincretismo, pesquisadores como Roger Bastide preferiu utilizar o conceito de interpenetração cultural, nessa perspectiva visualizava as diferentes trocas culturais das populações, mas nesse caso, não se preocupando em mensurar a expressividade de uma cultura em detrimento de outra. Verifica-se que o mais importante a ser considerado no processo é o dinamismo presente em práticas culturais e religiosas das diversas populações. (CONCEIÇÃO, 2015, p. 124).

Esse é o desafio da pesquisa na Baixada Fluminense, investigar a origem das práticas religiosas das benzedadeiras/rezadeiras e mães de santo de nossa região.

Há uma interessante pesquisa sobre um terreiro em Sergipe, que se autodenomina irmandade de Santa Bárbara Virgem. É um terreiro de candomblé no município de Laranjeiras, criado por “um africano nascido na cidade de Obá”, Ti Henrique, que quando faleceu, o zelador passou a ser Ti Herculano. (TORRES, 2015, p. 44). Após a morte desse zelador, o terreiro passou a ter somente zeladoras, que também devem ser virgens.

Essa experiência do terreiro traz discussões importantes cunhadas pelos seus zeladores, tornando esse local de culto afro-brasileiro especial em relação ao sincretismo religioso: a principal característica apontada pelos seus participantes que, segundo eles, difere o nagô puro do nagô do candomblé, (TORRES, 2015, p. 32). O que eles e a autora denominam de nagô puro? Para os adeptos do terreiro ou irmandade de Santa Bárbara Virgem:

o que caracteriza a religião como pura é na verdade um paradigma, visto que se a religião Nagô mescla elementos de outras religiões como a Umbanda, Candomblé e Toré, ela deixa de ser uma religião pura, porém ao mesclar com elementos do catolicismo, elas mantêm vivas suas raízes. (TORRES, 2015, p. 66).

Como veremos adiante, essas “raízes” tem a ver com o período da escravidão; mas antes de analisar este aspecto, vamos observar o que seria o impuro para esses adeptos: O puro é o não mesclado, ou seja, aquilo que não é impuro, profano, que para eles seriam elementos da umbanda ou dos rituais de caboclo. No caso da religião católica, os elementos não são considerados impuros, mas sim sagrados. (TORRES, 2015, p. 100).

A pergunta pertinente é por que a adesão ao catolicismo mantém o terreiro como “nagô puro”? Essa explicação nos é fornecida por Dona Ciza, a mãe pequena da casa, entrevistada por Torres:

Pelo que eu escuto desde menina, os objetos sagrados do peji têm a ver com a igreja católica, porque os escravos negros não podiam entrar na igreja, então eles fizeram com que cada objeto daqueles fosse representado por algo. Cada objeto tem um significado, uma representação, geralmente ligada à igreja católica. Além disso, temos a Santa Bárbara, que é o nome dado ao nosso terreiro. Hoje, ela não pertence mais à igreja Católica, mas pertenceu, e tem uma representação muito forte para nós. (Dona Ciza, in TORRES, 2015, p. 108).

Portanto, para os zeladores que ao longo do tempo criaram o “nagô puro”, esta é uma religião africana, de origem yorubá, que adaptou-se à religião vigente no Brasil colônia/império, através do sincretismo. E outro aspecto reforça essa lógica por eles cunhadas em relação ao catolicismo; o iniciado no terreiro Santa Bárbara Virgem deve ser batizado na igreja católica.

Mas essa questão do batizado na igreja católica não é algo que ocorra somente na irmandade Santa Bárbara Virgem, a pesquisadora, antropóloga, filha de santo de Joazinho da Goméia, conhecida como Omindarewa, traz uma outra informação que fortalece esta prática:

...se alguém não é católico, não pode fazer parte de um candomblé. Recentemente, testemunhamos o dilema que surgiu para a mãe de santo e uma mulher que ela estava iniciando; um menino de oito meses [...] A mãe de santo estava arrependida por não poder deixar a criança dormir no ranko, com os iniciados porque ele não foi batizado. Não sendo purificado do pecado original, ele teria, por sua presença, corrompido o lugar e degredado o axé. (COSSARD-BINON, 1976).

As relações entre as religiões de matriz africana e o catolicismo têm várias análises. Necessariamente, elas não são de aceitação universal, tendo muitas controvérsias, algumas delas, carregadas de falas que justificam o sistema de dominação. Uma dessas formas de análises é feita por Reginaldo Prandi:

Se a religião negra, ainda que em sua reconstrução fragmentada, era capaz de dotar o negro de uma identidade negra, africana, de origem, que recuperava ritualmente a família, a tribo e a cidade perdidas para sempre na diáspora; era por meio do catolicismo, contudo, que ele podia se encontrar e se mover no mundo real do dia-a-dia, na sociedade do branco dominador, que era o responsável pela garantia da existência do negro, ainda que em condições de privação e sofrimento, e que controlava sua vida completamente. Qualquer tentativa de superação da condição escrava, como realidade ou como herança histórica, implicava, primeiro a necessária inclusão no mundo do branco. E logo passava a significar o imperativo de ser, sentir-se brasileiro. Os negros não podiam ser brasileiros sem ser ao mesmo tempo católicos. (PRANDI, 1998, p.154).

Dessa forma, a irmandade Santa Bárbara Virgem considerava a presença do catolicismo nas suas crenças, uma religião pura, formada quando Henrique fundou o terreiro em Laranjeiras, Sergipe. Sem dúvidas, em diferentes locais desse país, indivíduos agrupados formaram suas crenças com certa autonomia.

Em 9 de novembro de 1976, o Jornal do Brasil publicou um artigo sobre um simpósio realizado em Salvador, Bahia, promovido pela Igreja Católica, com a participação de teólogos, sociólogos, historiadores, filósofos e antropólogos, sobre o sincretismo religioso no Brasil.

O professor de filosofia Rubem Alves defendeu que o sincretismo foi um mecanismo de resistência contra o domínio do senhor, pelo qual o negro aparentemente aceitou o domínio dos brancos, mas preservando a religião que lhe mantinha a dignidade. Ele também argumentou que o negro, por ser minoria, precisou e precisa de um núcleo ideológico para preservar sua identidade. Além das discordâncias de várias correntes de pensamento, também é questionável que o negro fosse e seja minoria, principalmente na Bahia.

Uma parcela dos participantes do simpósio argumentou que o “sincretismo teria sido urdido pelos dominadores, no caso o homem branco, visando até mesmo a uma “maior aceitação”, pelos negros, de sua situação de escravos, de dominados. E nessa argumentação, lembram que os missionários já haviam adotado o mesmo processo com os índios”. De fato, sobre as práticas religiosas dos escravos houve maior atenção, até porque muitas manifestações ocorriam nas propriedades dos donos de escravos. Certamente essa “maior aceitação” está mais

nas construções estratégicas de resistência que os negros criaram do que na boa vontade dos colonizadores. Já, aos indígenas também foram dadas as opções de: ou se adaptavam às práticas católicas, envolvendo-se com a sociedade colonial ou afastavam-se dos grupos estabelecidos dessa sociedade. Os indígenas resistiram de diversas formas, porém é certo que o poderio bélico do colonizador e a estrutura colonial foram colocadas a serviço para perpetuar o genocídio das comunidades originárias no Brasil.

Embora os clérigos católicos possam acreditar que as religiões de matriz africana são subsidiárias em relação ao catolicismo, assim não acreditavam alguns pesquisadores, como o próprio Pierre Verger, como veremos depois.

Porém, o que nos chama mais a atenção foi a falta no simpósio de indivíduos relacionados às religiões afro-brasileiras, seja de adeptos do candomblé, seja de representantes da academia, pesquisadores na Bahia como, por exemplo, Vivaldo da Costa Lima e Pierre Verger.

Em matéria da *Veja*, de 17 de agosto de 1983, com o título: *Mães-de-santo propõem o fim do sincretismo*, lemos que:

O vento da renovação começou a soprar já há algumas semanas, quando o tema do sincretismo foi debatido num congresso internacional de praticantes da fé ioruba que reuniu, em Salvador, representantes de vários países africanos e da América Central. A partir daí, a idéia do rompimento frutificou. Líder do movimento, Stella conseguiu reunir a assinatura de quatro das mais importantes mães de santo baianas (VEJA,17/08/1983)

Mãe Stella de Oxossi<sup>25</sup>, zeladora do Ilê Axé Opô Afonjá, declarou ainda nessa matéria: o catolicismo e a religião dos orixás têm doutrinas e liturgias próprias, e bem diferentes. O sincretismo surgiu porque os escravos precisavam dele, mas agora não é mais necessário. Stella

---

<sup>25</sup> Maria Stella de Azevedo Santos, a Mãe Stella de Oxóssi, nasceu no dia 2 de maio de 1925, em Salvador, Bahia. Em 12 de setembro de 1939, aos quatorze anos, foi iniciada por Maria Bibiana do Espírito Santo, a Mãe Senhora, e recebeu o nome de Odé Kayodê. Em 29 de junho de 1964, foi designada 'Kolabá' por Mãe Senhora. Filha diletta de sua mãe-de-santo, pouco a pouco foi aprendendo os grandes mistérios e segredos do candomblé. Em 19 de março de 1976, foi escolhida para ser a quinta Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá.

O primeiro pronunciamento público de Mãe Stella foi na II Conferência Mundial de Tradição dos Orixá e Cultura, ocorrida em 1983, em Salvador, quando lançou ideias originais sobre o sincretismo. Ela também participou da III Conferência Mundial de Tradição dos Orixás e Cultura, em 1986, em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Em 1987, Mãe Stella integrou a comitiva organizada por Pierre Verger para a comemoração da Semana Brasileira na República do Benin, na África. Sua presença mereceu destaque e ela foi recebida com honras de líder religiosa. Em 1999, Mãe Stella conseguiu o tombamento do Ilê Axé Opô Afonjá pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão ligado ao Ministério da Cultura.

Em 2001 ganhou o prêmio jornalístico Estadão na condição de fomentadora de cultura. Em 2009, ao completar setenta anos de iniciação no Candomblé, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Estado da Bahia. É detentora da comenda Maria Quitéria (Prefeitura do Salvador), Ordem do Cavaleiro (Governo da Bahia) e da comenda do Ministério da Cultura.

Aos 88 anos e com sete livros editados, foi eleita por unanimidade para a Academia de Letras da Bahia onde tomou posse no 12 de setembro de 2013. Faleceu no dia 27 de dezembro de 2018 aos 93 anos.

assumia, assim, um movimento que não pretendia decretar de forma imediata o fim do sincretismo religioso entre o catolicismo e o candomblé, mas que essa discussão fosse realizada, a partir de então, entre adeptos do candomblé.

O povo de santo tinha, então, uma visão realista desse movimento: As mães-de-santo afirmam que não esperam uma reviravolta imediata no terreno do sincretismo, já que não se mudará em um dia uma tradição de dois séculos. “Estamos plantando uma semente para a próxima geração”, esclarece Stella. Iniciado este debate sobre o sincretismo, algumas vozes discordaram da ruptura entre o catolicismo e o candomblé, como fez Luís da Muriçoca, babalorixá do terreiro Ilê Axé Iba Ogum: “Eu sei que o Senhor do Bonfim não é Oxalá, mas ninguém vai tirar sua imagem do meu peji”, diz ele, diante do altar em que mantém a estatueta de sua devoção. Muriçoca continuará indo à missa, às sextas-feiras, na igreja do Bonfim e manterá também o hábito de rezar na Igreja de Santo Antônio da Barra, às terças-feiras, dia de Ogum. Faço isso desde menino, era o que nossos avós nos ensinavam, argumenta. Pierre Verger, também entrevistado, argumentou que os baianos criaram um paralelismo de culto. Quando estão nos terreiros, diz ele, as pessoas professam o candomblé. Quando vão à igreja, professam a fé cristã; ao que o redator da matéria argumentou: De qualquer forma, o paralelismo sofre ameaça, pelo menos teórica, e isso repercute também na Igreja Católica. Chamado ao debate, Dom Avelar Brandão Vilela declarou: Caso os adeptos do candomblé aceitem essa idéia, eles terão de renunciar à fé cristã. Poderia ser ruim para a Igreja, como também poderia ser ruim para o candomblé. (VEJA, 17/08/1983).

Após duas décadas e meia se passarem do início desse movimento de rompimento entre o candomblé e o catolicismo, na Bahia, observamos que alguns adeptos das religiões de matriz africana não admitem mais o sincretismo; mas este ainda é admitido na sociedade brasileira, por exemplo, na Bahia e no Rio de Janeiro, quando ocorrem ritos e festas, como no dia do Senhor do Bonfim em Salvador e de São Jorge no Rio, com envolvimento direto da Igreja Católica e de adeptos do candomblé. No Rio de Janeiro, ainda hoje, sacerdotes de alguns terreiros recorrem aos padres com pedidos de lavagem das suas igrejas.

Senhor Raimundo é um rezador da localidade de Barra Grande em Paraty, para ser um rezador como ele, eu costumo ir desde 2018 em sua região, e assim aprender seus ensinamentos sobre as ervas, simpatias e as rezas. Sua atuação é um bom exemplo de como os elementos de diversas religiosidades se entrelaçam nas práticas ritualísticas de formas sincretizadas. Na sua prática como rezador, atua muito parecido com as rezadeiras tradicionais da minha cidade Nova

Iguaçu, com uma diferença, ele também não incorpora, mas fica ombrado<sup>26</sup> com sua entidade, que ele denomina de mensageiro de frente, Manoel Severiano. Nascido em Rio Grande do Norte, no dia 23 de dezembro de 1940, mora em uma área de assentamento do INCRA. O único da família que despertou para o ofício de benzedor e segundo afirma: *“só dá certo para aquele que tem fé”*, benze entre outras doenças: espinhela caída, dor de dente, aguamento que segundo ele é *“criança que desejou comer algo e foi negado, ficando desnutrida, e só cura com a benzeção”*, quebradura e más influências, inveja, quebranto, "magia negra" *“coloco tudo no benzimento para tirar das pessoas, dependendo da sua fé”*. Para benzer, utiliza a palavra, os galhos e água. Um outro trabalho que realiza na comunidade, é a limpeza das casas contra as más energias e mau agouros com ervas arruda, macaxá, guiné e manjerição.

Figura 8 Altar de entidades invocadas nas rezas do Sr. Raimundo.



Fonte: O Autor, 2018.

Os processos de sincretismo diversos e as atividades de curas que acontecem no século XVI, avançaram pelos séculos XIX e XX, chegando aos nossos dias. Sem sombra de dúvidas, a relação dos negros escravizados com os indígenas e com os portugueses que chegaram aperfeiçoou a capacidade e entendimento sobre as ervas e, conseqüentemente, os processos de cura.

Dona Clementina, negra, oriunda do terreiro de umbanda de mãe Janete, na Ilha do Governador, nascida em 1927, moradora do bairro Prata, em Nova Iguaçu, católica e pertencente ao grupo das filhas de Maria na Paróquia Santo Antônio da Prata é uma outra rezadeira com quem há anos me relaciono. Ela costumava me rezar para dar boas energias, e em sua oração fica evidente o quanto o sincretismo permeia o mundo das mulheres que rezam e curam: *“...também peço a mamãe Oxum, Nossa Senhora da Conceição derramai seus poderes*

<sup>26</sup> A entidade espiritual fica próxima, ao lado, auxiliando durante o processo de reza e cura.

da cabeça aos pés deste filho...” O que parece contraditório nesta relação entre a divindade do candomblé e a santa católica é muito comum na prática do ofício das rezadeiras em Nova Iguaçu.

Figura 9 Dona Clementina (blusa azul) - Oficina de rezas



Fonte: O Autor, registro de 2012.

Laura de Mello, em sua obra “O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial” (2005), relata práticas de curas na colônia portuguesa, realizadas por diversos grupos étnicos:

Africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das *ervas e de procedimentos rituais* específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu da medicina popular. Houve curandeiros europeus, mas em número muito inferior. [...] As curas mágicas tinham grande importância nas culturas primitivas. (SOUZA, 2005, p. 166)

A procura por meios mágicos de cura promoveu várias formas de sincretismo religioso. Dependendo da região, ocorria entre religiões de origem africana, indígena ou europeia:

Num primeiro momento, registrado notadamente pela Visitação quincentista, prevaleciam os elementos de magia e religiosidade popular comuns em Portugal; a feitiçaria descrita era de cunho eminentemente europeu e as manifestações de religiosidade ameríndia ainda não chegavam a ser propriamente sincréticas, ou o eram em âmbito restrito. Avançando pelos séculos XVII e XVIII, o desenvolvimento do processo colonizatório propiciava maior interpenetração entre religiosidade europeia, africana e ameríndia. (SOUZA, 2005, P. 17)

Estas modalidades de cura permaneceram nas práticas populares em nossa cultura. A feitiçaria, herança da idade média, chegou a nossa população por várias vias: “Procurar obter curas por meios sobrenaturais, aproximava, pois, esta terapêutica popular da feitiçaria.

Curavam-se doenças, insolações, incômodos como dores de dentes; mas também se curavam feitiços”. (SOUZA, 2005, p. 167). Mas, veremos adiante que havia formas de sincretismo religioso onde as orações uniram-se ao conhecimento dos *princípios ativos das ervas*, preservando traços mágicos nos gestos daqueles que curavam e ainda curam no território brasileiro, tendo ainda questões atuais que o conceito de sincretismo não alcança, como é a questão apresentada por Vagner Silva (2007) sobre as liturgias afro-pentecostais. Sobre esses desafios, Dulce Santoro Mendes (2017) esclarece que em sociedades multiculturais como as surgidas na América, o conceito de hibridismo permite uma análise mais profunda e trazendo Canclini (2003) para a sua narrativa, exemplifica que:

A utilização do conceito de hibridismo nas temáticas religiosas a partir dos estudos culturais e pós-coloniais vai ampliar sua utilização, incorporando os contextos históricos, políticos, sociais e culturais, ao reconhecer mais diretamente as interações entre estes contextos e os fenômenos religiosos. (MENDES, 2017, p. 161)

O que nos auxilia para o que Vagner chama de “liturgias afro-pentecostais”, parte das estratégias utilizadas pelas lideranças pentecostais e neopentecostais, visando atrair adeptos das religiões de matriz africana: “A proximidade entre o neopentecostalismo e o sistema mágico-religioso afro-brasileiro e espírita tem gerado práticas no mínimo inusitadas para uma denominação cristã, como a IURD, ainda que revisionista em relação à pregação pentecostal” (Silva, 2007, p.236). Parece estranho que cultos pentecostais e neopentecostais, que deveriam ‘adorar Jesus’, assim visto pelo senso comum, utilizem para a validação dos seus propósitos divindades de religiões afro-brasileiras em seus ritos; o que ocorre dentro das paredes de seus templos dificilmente chega ao público geral, apesar de não ser incomum em algumas dessas igrejas, ouvir o toque do atabaque e o cheiro do defumador:

As giras de caboclo realizadas semanalmente nos terreiros também consagram essas divindades da mata, que incorporadas em seus filhos atendem o público utilizando o conhecimento que possuem sobre as propriedades mágicas dos elementos da natureza. Nessas giras é comum, por exemplo, que os caboclos recomendem benzimentos com ervas, infusões, uso de sal grosso, óleos etc. Na Iurd, esses mesmos elementos fazem parte de rituais feitos nos templos ou recomendados pelos pastores para que os fiéis os façam em casa. (SILVA, 2007, p.239).

Contraditoriamente, podemos observar que indivíduos evangélicos, sendo a grande maioria neopentecostais, discriminam rezadeiras na Baixada Fluminense como praticantes de ‘feitiços’, por utilizarem ervas e outros elementos naturais, mas atendem as indicações dos seus líderes para também utilizá-las, bem como também entram em cena nos cultos as entidades da umbanda, sendo o Exu um dos mais convocados:

A meia-noite, “hora grande”, de sexta para sábado é o momento em que os Exus se manifestam e trabalham (na umbanda). É justamente nessa hora que nas igrejas estão

sendo realizadas as cerimônias onde esses Exus são invocados, para em seguida serem expulsos do corpo das pessoas presentes (VAGNER, 2007).

Como vimos, os neopentecostais isolaram partes de ritos e entidades afro-brasileiras de seu contexto para cumprir interesses socioeconômicos impostos por suas lideranças. Dessa forma, “recombinam com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando, no processo, novas práticas” (MENDES, 2017, p. 161).

Um apelo dos líderes pentecostais e neopentecostais aceito pelos adeptos, tem relação com a cura ou a manutenção da saúde, utilizando ‘ingredientes’ que antes só eram comuns às mulheres que rezam e curam:

O uso nos rituais neopentecostais de objetos com panos coloridos, chás de sete dias, galhos de arruda molhados em bacias cheias de água benta e sal e aspergidos nos fiéis para que estes sejam libertos [exorcismos], indica uma apropriação nesse universo de uma magia popular difusa, mas muito comum nos rituais de umbanda. O preto velho, por representar o espírito do ancestral africano cheio de sabedoria e conhecimento de feitiçarias, mas também convertido ao catolicismo, aglutinou em torno de si tal memória. São típicos de suas receitas os vários usos de ervas, como a arruda (SILVA, 2007, p. 240)

Não é difícil para o adepto da IURD, por exemplo, aceitar o uso de ‘ingredientes’ da umbanda, já que parte da população das periferias das grandes cidades que tem se convertido aos novos grupos religiosos protestantes, é oriunda de regiões rurais e terreiros, onde a medicina popular é ainda hoje muito utilizada, incluindo aí uma das ervas mais manipulada pelos pretos velhos: “a arruda às vezes é conduzida pelo fiel para captar o mal presente em casa e nos moradores, sendo depois levada de volta ao templo para ser queimada”. (SILVA, 2005, p.42). Como podemos observar, os pentecostais e neopentecostais estão utilizando as crenças das práticas das mulheres que rezam e curam e das religiões de matriz africana sem parcimônia. Mas a contradição fica evidente quando esses adeptos acusam essas mulheres de feiticeiras e promovem a intolerância religiosa, perseguindo-as.

Como vemos acima, não há nesses casos uma interpenetração cultural, não é uma conciliação, há uma negação dos elementos religiosos de um grupo e sua utilização por um novo grupo, um novo grupo cristão, oriundo dos pentecostais, agindo de forma agressiva contra práticas de religiões afro-brasileira para atrair adeptos, numa luta por um ‘mercado religioso’: ”No contexto da teoria pós-estruturalista e da teoria pós-colonialista, o hibridismo significa a tendência dos grupos e das identidades culturais se combinarem, resultando em identidades e grupos renovados (MENDES, p. 161). Nesse caso, o hibridismo funciona em mão única, servindo apenas a um dos grupos em questão.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1. Apresentação das Rezadeiras

#### 5.1.1. Clementina Nunes Alvarenga (Dona Clementina)

Em 2008, fiz um estudo de caso de duas rezadeiras para a Revista do Gestar (2009), estudo esse que serviu também para meu trabalho de conclusão de curso para professores sobre a Lei 10.639/03, promovido pelo CEAP, na FEUDUC. Foi nessa época, que passei a frequentar a casa de Dona Clementina, que é a rezadeira mais idosa que conheço.

Clementina Nunes Alvarenga - Dona Clementina mora no bairro Prata em Nova Iguaçu. “Começou tratando do umbigo das crianças com pó de mutã, naquela época (década de 1940) muitas crianças morriam por falta de cuidados com o umbigo”. (Bastos, 2008, p. 22 – Revista do Gestar) Curava muitas pessoas, sem cobrar nada para exercer sua missão: *“Uma vez veio aqui uma mulher com uma ‘doença braba’, ela rezou três vezes e ficou curada. Depois, fui saber que era a mulher do prefeito e voltaram na minha casa para agradecer. Eu não pedi nada”*

Figura 10 Dona Clementina e Dona Deise.



Fonte: O autor.

Dona Clementina é católica, negra e natutal de Mendes (RJ). Inicialmente, foi umbandista durante vinte anos no terreiro de mãe Janete, na Ilha do Governador, onde atendia com Vovó Catarina e Ogun Beira Mar. Atualmente, está com 92 anos, sofre de Alzheimer e quando a visito, não reza mais. Atuou durante quarenta anos atendendo uma média de vinte pessoas por semana, o que se traduz em mais de cinquenta mil atendimentos no exercício de rezadeira. Segundo ela, recebia muitas mulheres que precisavam de conselhos, além das rezas

para os seus filhos: “Eu, às vezes rezava a criança, mas via que o problema estava com a mãe, às vezes era ela que passava o problema para os filhos, aí eu rezava os filhos e dava uns conselhos e elas sempre voltavam para agradecer. Eu não pedia nada (Dona Clementina maio/2009). Uma das características sempre presentes entre elas é o fato de não cobrar para o atendimento. Também, assim dizia Dona Lourdes: Eu não cobro, porque seu eu cobro, perco a força da reza.

Maria de Lourdes Rodrigues de Aquino (Dona Lourdes) nasceu em 1920, em Juiz de Fora (MG). Moradora do bairro Parque das Palmeiras, em Nova Iguaçu, como Dona Clementina, era católica e negra. Rezou e curou por 70 anos seguidos, até morrer em 2014. Teve uma infância muito difícil trabalhando já aos cinco junto com o seu pai em uma pedreira que se chamava “Pedreia Cristo Redentor Carlos Monteiro da Silva”. Seu patrão, era religioso, mesmo assim explorava mão de obra infantil, Dona Lourdes conta foi aí nessa realidade difícil que observava o papel social de sua avó rezadeira:

“Minha avó era rezadeira, parteira, cuidava de doentes. Os grande de Juiz de Fora colocava tudo na mão dela...na fazenda onde a gente morava as crianças ricas dos fazendeiros foi tudo com ela, às vezes o médico ia, mas a criança já tinha nascido, já estava tudo limpinho, eu herdei da minha avó, eu sinto orgulho disso, ela rezava muito bem” (Bastos, 2008, p. 24).

O orgulho das capacidades de curas de sua avó se estendia também à sua raça, como afirmou em uma das nossas conversas: “Eu sou negra, eu me orgulho de ser negra, minha mãe sempre me dizia: ‘onde o negro bota a mão o branco não bota nem a cara’ ” (Dona Lourdes/ maio 2009).

Dona Clementina e Dona Lourdes nos ajudam diante do desafio de tramas sociológicas e psicológicas tão intensamente vinculadas: nos fazer entender este processo a partir do indivíduo para o todo e do todo para o indivíduo.

As demais rezadeiras, colaboradoras dessa pesquisa são moradoras na cidade de Nova Iguaçu, excessão feita a rezadeira Bruxa Alana, que apesar de atuar no coletivo “Respeitem o Nosso Sagrado”, que organizou a primeira caminhada contra a intolerância religiosa da Baixada Fluminense, tem domicilio em São João de meriti. O coletivo tem sede em Nova Iguaçu, onde ela atua. Optei com essas colaboradoras de trazer no texto suas apresentações na íntegra, o que faz a apresentação ter um formato diversificado e diferente entre uma e outra.

### 5.1.2. Vilma Loureiro Dias (Dona Vilma)

Dona Vilma é uma senhora rezadeira já com mais de 60 anos. Iniciada na umbanda e praticante do Kardecismo há mais de 40 anos, tem como santo protetor Santo Expedito.

Figura 11 Dona Vilma



Fonte: O autor.

*“Meu nome é Vilma Loureiro Dias, eu sou rezadeira já vai bem uns sessenta e dois anos, você faz a conta aí, que eu nasci em 1943. Olha, eu me iniciei no terreiro tem muito tempo, tem mais de quarenta anos, e como rezadeira eu já estou desde os doze anos, eu já estou com setenta e dois anos.*

*Eu pegava santo dentro de casa e aí a minha mãe, ela tinha uma tia também que era umbandista, e minha mãe sempre falava: ‘Filha, você tem que arrumar um lugar pra você ir’. Você sabe que lá na cidade onde eu morava, no Recreio (MG), os terreiros de Umbanda eram assim muito esquisitos, não eram esquisitos não, eles não tinham disciplina, se pagassem tudo bem, se não pagassem faziam também, mas sempre falando ‘você traz isso, você traz aquilo’. Lá em Minas, você sabe que a agricultura lá é muito forte, então aqueles que não tinham dinheiro, levava sempre assim, verdura, legumes.*

*Eu incorporava dentro de casa, mas não sabia o que era, porque eu nessa época era Católica Apostólica Romana. Aí eu fui pro Kardecismo, mas o seu Zé era umbandista, era o chefe da mesa, mas era umbandista. Aí foi quando eu comecei a frequentar o cardecismo, mas aí o Seu José que já estava lá, aí ele falou pra mim: ‘Olha Dona Vilma, a senhora vai pro Rio, a senhora vai frequentar o centro umbandista, a senhora é da Umbanda’. Ele foi o primeiro a falar comigo, seu Xangô é maravilhoso, agora Xangô, tem também aquelas qualidades de*

*Xangô, o meu é o Xangô Alafim, que sempre falam que é aquele o São Jerônimo, meu Xangô é esse.*

*Então é isso, o que você tem que passar, você passa. Antes de ser espírita, eu tive um problema nas pernas, assim do nada. Do joelho pra baixo eu não sentia as pernas, o médico veio, espetou com agulha, cortou assim cá na bacia nada, não sentia nada até aqui, mas pra cá cima sentia, isso eu fiquei mais de seis meses. Minha outra irmã, a Dora, uma que mora também aqui perto, ela que me dava banho, me carregava pra onde eu queria e fazia de tudo por mim. A minha mãe ainda era viva, mas a minha mãe tinha aquela preocupação de cuidar da casa, fazer almoço, minha mãe cozinhava muito bem essas coisas assim.*

*Antes de eu ficar assim, eu estava varrendo a frente da casa, eu vi aquele senhor subindo a escada. Eu olhei porque eu nunca tinha visto. Sabe aquele vaqueiro lá do nordeste que usa aquela roupa assim, parece até uma capa de couro? Ele vinha subindo e viu que olhei pra ele, ele com um sorriso muito apagado falou assim: ‘Você, a partir de amanhã, você não vai andar, você só vai andar quando eu voltar’. Olha a parte espírita como que ela tava, ele falou isso pra mim.*

*Lá em Minas, de manhã eu tinha que levar um sobrinho pra mamar na minha outra cunhada e ela falou: ‘Wilma, já ta na hora, daqui a pouco ele abre um chorador aí, o que aconteceu?’ Daí eu não senti, a perna. Eu disse: ‘Eu não to podendo andar não’. Ela disse: ‘Deixa de ser boba, arruma logo e vai levar o menino pra mamar, ele tá com fome. Daqui a pouco ele começa com a gritaria’. Mas dali eu chorei, todo mundo chorou, aquelas coisas todas e não fiquei mais andando, foram seis meses que eu fiquei assim e ela fazendo tudo, me dava banho, me botava assim do lado de fora da casa, varria tudo, coitada, botava eu sentada lá. Um dia, ela falou assim, meu pai era maquinista, naquela época ainda era Leopoldina: ‘Wilma, daqui a pouco papai vai passar, eu vou te botar lá fora pra você ver o papai e você vai ficar quietinha lá tá?’ Já tinha me dado banho e me botou sentada, era uma cadeira assim que meu irmão ajustou e eu ficava assim recostada, dessas cadeiras preguiçosas. Ele botou o encosto que eu ficava com as pernas assim esticadas, aí tô sentindo um enorme assim do lado, eu tô assim, ouvindo o passo de uma pessoa subindo a escada, quando eu olhei pra ver, ele não tava subindo, já tava começando a descer, aí ele falou assim: ‘Agora você pode andar, ele riu e disse assim pra mim, precisei fazer isso minha filha, mas agora você pode andar’. Mas, e ele no descer, eu achei aquilo tão coisa, que eu já tinha visto, levantei da cadeira e fui ver o que estava acontecendo e eu ouvindo os passos dele, aí a minha irmã: ‘Mãe, a Wilma tá andando mãe!’ Eu eté assustei e eu falei: ‘Eu tô, por quê?’ Aí a mamãe veio, aquela choradeira toda e dali nunca mais...”*

### 5.1.3. Alana Coelho Villar – (Alana Morgana, Bruxa Alana, Dona Alana)

Rezadeira há mais de 37 anos, Alana Coelho Villar, ou Alana Morgana, define-se como uma bruxa Wicca da Tradição Athena Pronaia, tendo como principais protetores: Os deuses greco-romanos Apolo e Athena.

Figura 12 Bruxa Alana



Fonte: O autor.

*“Então Geraldo, eu sou Alana Morgana Villar, conhecida também como a bruxa, eu nasci em 1952 né? Dia 22 de dezembro e sou taróloga, também sou terapeuta holística e já tenho essa atividade há 40 anos. Inicialmente era católica e depois, hoje, eu sou bruxa da Wicca. Eu tenho uma instituição que se chama Tradição Athena Pronaia e eu já tenho 37 anos de sacerdócio e 37 anos de reza também.*

*Eu aprendi rezar sozinha, tenho três filhos e tem uma filha que vai continuar como rezadeira seguindo a tradição. O que eu acho é que a reza é uma missão dada, né? Eu rezo pela fé e também uma obrigação, são várias os motivos, né? E eu tenho como meu protetor Deus Apolo e a Deusa Atena.*

*Eu sempre estudei tarô, eu sempre joguei carta desde garota, isso meu pai dizia ‘Alana você puxou meu pai’. Eu não conheci meu avô, que era João Cândido Vilar, ele que gostava de esoterismo, mas morreu quando meu pai era pequeno, aí eu devo ter puxado esses genes dele. Mamãe sempre gostou também, meu pai dizia que era ateu.*

*Eu aprendi isso não foi nem na bruxaria, isso foi na alta magia há muitos anos. Porque eu fui primeiro maga, depois bruxa. Eu fui magista primeiro, eu sou tatuada, sou tudo, sou feita*

*mesmo, aí sim, sou feita na magia. Desde novinha, e isso é o quê? Isso é o símbolo de que por exemplo? O termo de candomblé é “feita”, lá você é iniciada, sou iniciada mesmo, na magia, na alta magia.*

*Eu sempre rezei, gostei de rezar, fui à rezadeira quando era pequena, aprendi muita coisa, muita coisa que eu vi com uma rezadeira, inclusive dessa flebite, eu chamo de flebite, aquilo vermelhão que tem aqui na perna, que dizem erisipela. Aí eu via aquela rezadeira, daí eu fazia já feitiço, aí eu falei assim, minha filha estava com dez anos, não, tinha menos idade, era uns seis anos, sete, com aquilo na perna, aí eu levei em tudo quanto era médico e vai daqui, vai dali, eu falei: ‘Isso não é de médico’. Aí meu vizinho falou: Alana, leva numa rezadeira lá perto do rio. Aí eu fui vendo, ela pega um galhinho de qualquer árvore e foi rezando e botava azeite de oliva, eu falei: ‘Olha que coisa!’ Eu fui três vezes e a Maria ficou boa.*

*Eu sempre gostei de negócio de cura, mas eu curo com as mãos e rezo também coisas que eu aprendi na alta magia, da aura, ou invocando, com as mãos e você invoca e faço também nas pessoas, não fico só com planta não, as plantas às vezes me responde, às vezes não me responde, responde nos chás e nos unguentos. O certo as pessoas não falam, o certo é quando você reza com a planta e ela murcha, muitas vezes, eu vejo que a minha planta não murcha. Mas eu faço com a planta também, pedindo aos espíritos, até porque as pessoas precisam ver alguma coisa para até ajudar na cura do paciente. Só não uso planta em quem está no hospital, como foi o caso da menina, aí eu não uso, eu uso minha força, é diferente. Quando eu vou a hospital eu não uso erva. Eu já rezo diferente, aí eu boto as mãos, aí depois eu vou onde eu sinto que tenho mais força, que é na parte da mão, de passar a mão, aí eu chamo os ventos quando eu vejo que é espírito mesmo que a pessoa tem. Aí, nesse caso uso chocalho, uso as penas e chamo os animais de poder e tal, que os urubus vai levar, os ventos vão levar e tal, mas em hospital você não tem isso.*

*Eu fico cansada, mas não deveria ficar, porque o certo eu aprendi, não deve se cansar, ensinam pros filhos assim. Eu aprendi que você antes de rezar, você tem que ter as mãos formigando, pra você poder não se cansar, se as mãos não formigar, você acaba doando a sua energia. Você deve pegar do cósmico para cima, vir, a mão formigar e aí você vai trabalhar, quando começa a formigar a mão, aí você reza, aí não cansa.*

*Eu sempre fui mística, de reza e se eu quisesse botar casa de terreiro de umbanda a coisa aqui estava cheia. De qualquer forma, sempre vem gente para estudar ou para aprender ou pra alguma coisa. Aí, agora que eu tô mais devagar. Eu sou uma bruxa porque eu gosto disso, eu gosto daquilo, mas sou maga também, porque eu gosto disso eu gosto daquilo, aí já tava com 30 anos. Eu só fui amadurecer aos 30 anos.*

### **Com quem reza Alana**

*“[...] Quando eu rezo, eu peço ao meu pai Apolo que é o senhor da cura, que é meu pai, eu vou lhe mostrar ele ali. Quando é espíritos, eu peço à Hécate. Apolo, além da cura é o senhor das pestes, aí o pessoal diz que ele é Omolu, que é o senhor das pestes também. Ele é senhor da beleza, das artes, da música, mas é também o senhor das pestes, e o filho dele é Esculápio ou Asclépio, que é o médico, que é grego, e ele é o senhor que retira os miasmas, porque Apolo tira os miasmas, porque você pode retirar aquilo tudo, mas ficam os miasmas. Então, você tem que tirar os miasmas, que é o resto que fica daqueles espíritos, às vezes resto de espírito, a gosma que fica. Você entra num bar, por exemplo, a gente quando entra num bar, tem bar pé sujo, cospe grosso e tem bar sofisticado. As entidades, os espíritos ruins ficam no cospe grosso, mas também ficam no lugar sofisticado. Aí, por exemplo, você vai no cospe grosso que tem aqueles mendigos, tem não sei o quê misturado, a energia é uma, no sofisticado é outra...”*

### **Fontes de ensinamentos da magia**

*“...Hoje já se tem o livro em português sobre essas questões, como “As Três Filosofias Ocultas de Agrippa<sup>27</sup>”. É com ele que você sabe sobre a posição de planeta, a diferença de magia para bruxaria. A alta magia é um módulo, a bruxaria é outra. A bruxaria é igual candomblé e a baixa magia. O que não significa que é inferior. É baixa porque trabalha com aquilo, os elementos da natureza, ovo, pedra, mas não sei o quê, planta. O mago ou a maga legítima trabalha só com símbolos: o círculo, aqui nós trabalhamos com círculo, com símbolos e trabalha também com gênios, seria o caso aqueles de Salomão e os espíritos. Só que tem uma coisa, o mago ele ordena: ‘Vem aqui agora!’ Por exemplo, quando eu chamo o Guardiã aqui, eu peço: ‘Que te apresentes! É diferente de falar assim: ‘Ô Geraldo, eu tô te mandando vir aqui! Vem ou não vai dar certo!’ O mago manda, ou você vem, ou se você não vier eu falo, eu queimo teu selo, eu faço isso, eu faço aquilo. Já o bruxo não. O bruxo fala: ‘Eu peço que te presentes!’ Eu peço. Eu peço é diferente.*

*O mago domina essas energias e tudo. Se fosse trabalhar com o elemental, que eles trabalham também, eu falo: ‘Elemental do ar, eu peço que te apresentes, eu te ordeno que te*

---

<sup>27</sup> Três Livros de Filosofia Oculta é um livro escrito há cinco séculos, por Heinrich Cornelius Agrippa Von Nettesheim. Tendo seu texto apresentado a primeira vez ao seu mestre Johannes Trithemius em 1510. É um livro extenso de mais de mil páginas que contém a base filosófica da teoria e prática da magia.

*apresentes elemental!’ Elemental do fogo, elemental disso, elemental daquilo ou ser disso ou ser daquilo.*

*Existe uma coisa na moda, pelo visto você está por fora, já ouviu falar em goécia? Magia do caos, goécia isso aí está fervilhante assim na garotada, inclusive esses alunos. Por isso que às vezes o pessoal do candomblé, a pessoa chega e não sabe o que é, sabe que tem magia, mas não é com o santo, é cliente. Pais de santo que não sabem da onde está vindo, eu digo: olha, isso tá vindo disso, isso tá vindo daquilo, que não descobre. Por quê? Porque a bruxaria usa umas coisas que também não descobre o que eles estão fazendo. Estão estudando alta magia, tão estudando bruxaria pra poder ter pelo menos uma noção, por exemplo, na goécia você trabalha com os não nascidos, que são os 78 gênios de Salomão. Esses gênios são deuses antigos que nunca nasceram. Porque os deuses nunca nasceram, sempre foram. Pra você chamar, você não pode pedir, você tem que ordenar. Eles detestam humanos, esses deuses antigos, eles detestam humanos, e por que eles detestam humanos? Por que os humanos só fazem merda. Os humanos chamam, evocam eles pra besteira, eles estão misturados com aqueles que na bíblia fala, os caídos, que aí ele não respeitou Deus, os anjos caídos, a história é parecida com os gregos, é tudo igual, se você for ver história, é tudo igual. Quem veio e ensinou para o homem para mulher arte da pintura, para o homem do fogo, da engenharia da química e tudo? Isso está na Bíblia, tá no Antigo Testamento, não com essas palavras, o Deus Jeová, como os outros deuses, queriam deixar o ser humano bem babaca, bem alienado no paraíso como um boçal, a medida que come a maçã a pessoa desperta pra consciência. ”*

#### 5.1.4. Isabel Fonseca do Carmo (Dona Besinha, Dona Isabel)

Rezadeira há mais de 50 anos, Mãe de Santo iniciada no candomblé há mais de 70 anos, tem como orixá Logun Edé. Seu terreiro é identificado pelo nome Ilê Balaxi D'alê – Candomblé Ketu.

Figura 13 Dona Isabel



Fonte: O autor.

*“Eu me chamo é Isabel Fonseca do Carmo, sou baiana de Ilhéus, posso te dizer que minha religião no início era católica e agora eu sou do candomblé, mas também sou católica. Meus protetores são a Nossa Senhora Aparecida, Oxun, Nanã Zarabandaia, Niger Iger Pavani que é uma Padilha da Nigéria e Logun Ede. Eu aprendi a rezar com o tempo, ninguém me ensinou, mas a minha mãe era rezadeira também.*

*Você sabe que eu tive oito filhos, mas nenhum seguiu minha religião da macumba? Eu nem sei que doidera foi essa de eu começar a rezar, sei não, porque não foi inventado por mim. Chegou uma pessoa aí que nem me lembro mais, muito tempo, estou com a memória terrível, vou fazer oitenta anos. Ela veio e ficou insistindo para mim rezar, eu disse acho que vou rezar o pai nosso, não sabia né, agarrei umas folhas, que tinha árvores boas plantadas no quintal, uma folha de cada uma, passei com uma oração, veio nascendo assim, fui pegando a folha assim, rezando, falando a palavra, a pessoa melhorou e espalhou por todo mundo que eu era rezadeira, uma coisa! Ficava cheia de gente vindo no meu portão.*

*Eu não pensava em ser mãe de santo, mas a minha irmã tinha recolhido para fazer santo, mas tinha muitas cobras e aranhas grande lá e eu fui fazer companhia a ela naqueles dias todos. E quando acabou, o pai de santo fez o santo de nós duas, aí eu virei de santo.*

*Aqui em Nova Iguaçu, agora não tem muitos barracões e as rezadeiras também não são muitas. Eu as vezes só passo os ramos, porque só de passar o ramo as crianças ficam boas. As folhas que eu mais gosto de usar é o peregum e o para-raio, tem aqui perto do campo, mas parece que algum filho de alguma coisa cortou a árvore e eu tô descobrindo que cortou por me ver pegar para rezar, não sabe para o que que é que serve, mas eu uso para cortar olho grande, mau olhado.*

*Olha, eu vim morar aqui com a minha mãe, o nome dela era Mocinha. Nós somos a quinta moradora, aqui só tinha muito mato e minha mãe caçava cobra, ela não tinha medo de cobra nenhuma. Era cada cobra grande, a pele dela dava para fazer uma roupa e eu só vestia a roupa de cobra. Minha mãe era terrível, aqui tem um lugar de mato, que ali no campo tem um valão medonho, ainda tem algumas cobras. Minha mãe era que rezava o povo daqui, ela veio da Bahia e foi morar ali onde a gente chama de Monte Alegre, que é o lado das canetas Compactor, ela era do candomblé, tinha seu katender. Ela só entrou, eu não sei por que, mas sei que eu era pequena, ela ficou internada no hospital e foi dada como morta, ficou muito tempo, Mocinha foi dada como morta. Aí, os médicos lá no INPS, não sei o que lá, disseram para ir pegar o cadáver para enterrar, foi meu pai com um cara que diz que era pai de santo, ele era adefontó, você sabe o que que é adefontó? Sabe não, é gay. Então ele disse 'Ela está viva'. Aí, quando meu pai foi lá pegar o cadáver para enterrar, minha mãe acordou manifestando, ela estava incorporada com algum espírito e o adefontó falou 'Vamos levar para casa'. E ela ficou três meses recolhida. Quando saiu do recolhimento, ela estava boa, andando e viveu esse tempo todo, ela estava morta e incorporou Obaluaê. Aí, graças a Deus, ela ficou bem, não teve nada, ela tinha Obaluaê por isso. Ela tinha um São Lázaro lá, ela não tinha só santo de velho, ela tinha um Santo Antônio, foi um milagre isso, ela se ajoelhou no altar e o Santo Antônio saiu lágrimas.*

*Eu fiquei pau com Nívea, Nádia, não, foi com Dalva, porque eu ia pegar o Santo Antônio e ia recolher e trazer aqui para casa, porque aqui em casa não tem nada de jogar santo fora, mas ela virou crente pegou o Santo Antônio e jogou fora, estava tudo quebrado. Eu fiquei pau da vida.*

*A minha mãe não chegou a ter terreiro, só minha irmã, a Janete, ela teve um terreiro lá em Nova Aurora (Belford Roxo, RJ). Aqui, eu tenho um banquinho que eu uso para rezar espinhela caída, porque eu coloco a criança deitada e com ajuda da própria mãe. Eu também*

*rezo no banquinho o vento virado, porque minha mãe fazia assim e tenho também aqui em casa muitas imagens da igreja católica, que eu sempre fui à igreja e eu também sou católica, eu sou lá da paróquia São Francisco de Assis e eu tenho muito aqui arrodada a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Daqui da frente até as casas do fundo, sabe que minha mãe também era da igreja e era do candomblé, ela também era da São Francisco de Assis. Todo domingo marcava presença na missa...”*

### 5.1.5. Josefina Paulina Rodrigues – (Dona Josefa, Mãe Zefa)

Rezadeira e mãe de santo da umbanda há mais de setenta anos, tendo a orixá Oxun como protetora, é liderança religiosa na Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição.

Figura 14 Dona Josefa



Fonte: O autor.

*Eu não sei bem como comecei a rezar, mas minha bisavó era rezadeira, eu sei que foi os espíritos que me ensinaram a rezar, os orixás que ensinaram. Eu sei que a comadre da minha mãe morreu me rezando. Eu tenho cinco filhos, mas só as mulheres que seguem o santo, mas elas são de nação, não são de umbanda, uma é de Obaluae e de Jagun a outra é de Ogun e a outra é de Iansã, mas são tudo de nação.*

*Na época que eu abri casa de santo, era uma coisa mais séria, tinha até que sair no diário oficial, a federação fazia uma ata, tinha que ver, coisa séria e a policia fiscalizava. Agora, está mais bagunça, esses garotos ficam uns dias e depois larga o terreiro e vai ser pai de santo na casa deles, sem nenhuma preparação direita.*

Figura 15 Mãe Zefa ao centro com filhos de santo



Fonte: o autor, 2019.

*Meu nome é Josefina, Josefina Paulina Rodrigues, eu por exemplo, tenho o dom de rezadeira por familiares, bisavó, vó, e veio dessa geração, não é questão de ser espírita que eu*

*rezo. Por que a maioria dos espíritas não rezam, chegam em um lugar e só reza se estiver incorporado. Eu, por exemplo, já rezo sem incorporar. Eu rezo as pessoas que vêm na minha casa, inclusive agora eu não tenho rezado muito, porque eu já cansei de tanto rezar de eu não ter tempo na minha casa pra mim. Era rezando gente na minha casa o tempo todo.*

*Há muitos e muitos anos eu rezo, eu estou com 81 anos e eu rezo desde meus vinte, vinte e um anos, uns sessenta anos rezando. Desde de meus vinte, vinte e um anos rezando os outros, desde de pequena eu trouxe o dom de reza. Então, a gente tinha a mania de pegar no ramo, que antigamente se rezava com ramo, agora que nem tem mais ramo pra rezar, tem que ter um rosário. Aí a gente pegava um ramo, copo com água e rezava a pessoa. Eu sei que a criança debaixo da nossa fé, a pessoa se sentia bem. Mas, como rezadeira mesmo eu já vim nos vinte e um anos como rezadeira mesmo. Com vinte e um anos eu também assumi a umbanda, aí então começou, vem um vem outro pra rezar sucessivamente, assim foi andando, não tem mistério, não tem nada. O mistério é que a gente tem que ter o dom de Deus, aquilo que Deus nos deu pra que a gente praticasse a caridade para os nossos irmãos, nossos semelhantes que precisam. E justamente o que não está acontecendo mais hoje. Antigamente, você ia ali, tinha uma rezadeira, uma senhora que rezava, aí lá, tinha outra, agora você não encontra. A coisa mais difícil que tem é encontrar uma rezadeira. Agora todo mundo é evangélico.*

*Olha, eu trouxe o dom de criança, eu adoecia, eu tinha um tipo de uma tosse, engraçado que eu, ao invés de tossir para fora, tossia para dentro, ficava muito ruim e a minha mãe não sabia o que fazer. Porque a minha mãe era católica, a minha mãe não sabia o que era espiritismo. Então, por motivo da minha mãe não saber o que era o espiritismo, ela perdeu uma filha com 10 anos, ela não sabia o que era, ela levou um tombo, em um valãozinho, tinha aqueles trilhos de linha que se passava por cima, ali ela caiu, aí foi o motivo de ela adoecer. E muito ruim, muito ruim. Então, a minha mãe não conhecia o que era espiritismo, não conhecia o que era nada, a comadre dela que era espírita, deveria ser espírita, porque ela ia, foi numa casa de santo, foi quando lá disseram que não havia mais jeito e quem estava levando ela eram os próprios orixás dela. Mas já tinha passado o tempo. Não tinha mais jeito pra ela, como não teve. Não foi falta de médico, não foi falta de nada, tínhamos médico, minha mãe tinha médico dentro de casa por que meu pai era empregado da siderúrgica, dentro de casa tinha enfermeira e tudo para cuidar dela, mas não teve jeito, ela morreu com 10 anos.*

*Eu sou filha de Xangô com Oxum. Mas o meu caboclo é o Caboclo Sete Flechas. É muito interessante, é muito difícil das pessoas entenderem essas coisas que estou falando, e eu sei que você não é cômico nessas coisas, seu Geraldo.”*

### 5.1.6. Alina Paulina de Lima (Dona Nina)

*“Mais vale o pau da barca do que a doença”* (Dona Nida)

Rezadeira há mais de doze anos, Dona Nina é também iniciada no candomblé, tendo como protetora a Santa Sara Kali - padroeira dos ciganos. Alina participa como integrante da Tenda Cigana Tzara Ramirez.

Figura 16 Dona Nina



Fonte: O autor.

*“Eu sou Nina. Tem uns doze anos que comecei a rezar, que descobri a minha casa, que é a Tenda Cigana Tzara Ramires, onde a gente faz essas terapias de rezas e curas. Aí eu me interessei muito, comecei a trabalhar nelas também e me despertou esse lado de querer aprender cada vez mais. Acho meio mágico, né? E é tudo muito simples, a gente trabalha com os elementais, são os elementais, a água, o fogo, o ar e a terra. Cada elemento tem um nome mágico, a gente fala assim, que é o encantado. Vamos supor, o encantado do fogo a gente chama de salamandra, o encantado da terra são os gnomos, o encantado do ar são os silfos, o encantado da água são as ondinas, então existe os encantados e há o mais encantado de todos, que é o encantado do espírito que é você mesmo, o seu Ser, que é o que você está proposto para*

fazer. Todos nós temos um pouquinho de Deus dentro de nós, um Deus de amor, maravilhoso de caridade, um Deus que veio para ajudar os outros.

Os meus avós eram da fazenda, lá não tinha remédio, era tudo a base de mato e a minha mãe aprendeu assim, e quando ela veio para cidade grande, no quintal dela sempre tinha ervas, que ela plantava e fazia o chá para acalmar todo mundo. Se estivesse irritado, ela fazia capim cidreira com camomila.

A minha avó, pelos pais, era descendente de alemão, mas o meu avô, aquela parte do meu avô, eles eram descendentes de índios. Minha avó tinha quase dois metros de altura e olhos azulzinhos, meu avô já era moreno do cabelo liso, mas a minha mãe, ela tinha um metro e meio, ela foi a única que nasceu pequenininha, porque os meus tios eram todos grandão. Meus avós, eles eram de Minas e a minha mãe também era de Minas, mas meu pai era do Rio de Janeiro, era de Macaé. Meu avô por parte da minha mãe é que tem, é que tem descendência de índio...”

Figura 17 Altar de curas da Tenda Cigana Tzara Ramirez.



Fonte: O autor.

“... Eu sou do tempo que a gente andava descalço na chuva, agora não, agora essa Juventude é tudo Nutella, eles são tudo viciados em celular, você não vê mais hoje criança jogar bola de gude, jogar futebol, queimada e bandeirinha, que a gente brincava. A minha mãe fazia xaropes, ela preparava xarope só com ervas, ela colocava para gripe folhas de laranja da terra, capim limão, cidreira e guaco. E aí botava para ferver, fazer aquilo bem concentrado, e aí colocava o açúcar e aí ia fazendo melado, dava para as crianças tomar aquilo e a gente ficava bom rapidinho. Ela fazia xarope para gripe e o catarro preso soltava tudo.

*Os ciganos sempre trabalharam muito com a natureza e com ervas com as coisas mais simples. A gente gosta muito de ervas frescas, que você pode tomar banhos, ervas que você pode beber. Eles gostam muito de manjeriço, macassá, poejo, ervas simples que você pode usar no seu corpo e pode beber, dependendo da situação. Tem umas anti fungos, tem umas que acalma teu coração, igual ao chá de camomila, erva-doce ajuda no estomago, cidreira ajuda a baixar a pressão, cada erva tem uma fonte energética e tem outras que você usa para repor sua própria energia. Quando toma banho de ervas frescas, você está repondo todo seu campo energético, nós temos sete campos energéticos ao nosso redor, que é o que nos protege e esse campo energético, quando começa a ficar com rupturas, ele vai te enfraquecendo e você fica doente.*

*Tem pessoas que são capazes de medir seu campo energético e também tem um aparelho que é capaz de medir, que se chama aurímetro, que vê o tamanho da sua áurea. Geralmente, são sete cores que você tem ao seu redor, no seu campo energético. Às vezes a pessoa fala assim: 'Você abriu seu campo energético para que o negativo chegasse até você'. Isso acontece muito com pessoas que xingam muito, que bebem muito e que andam em lugares não muito agradáveis, entendeu? E às vezes, por algum motivo, adquirem a raiva e ali você abre um campo energético e os miasmas negativos, eles ficam ali e vai penetrando, quando ele atinge o seu físico, vem a doença, muitas das vezes as pessoas não sabem. Aí vem o médico e fala 'Você não tem nada no estomago'. Mas foi a raiva, a ira e aquilo tudo vai transformando, e chega uma hora que te atinge, outros sente dores na coluna e o médico diz que não tem nada e parece que você está carregando uma cruz e aí toma um banho de ervas e melhora tudo isso. O banho de ervas tem a função de repor, de fechar esses buracos que ficam no campo energético. Esses banhos de ervas servem para fortalecer, nos blindar e proteger esses campos energéticos. Porque tem essas coisas por aí, os espíritos obsessores e pessoas mesmo que já trazem aquela negatividade nelas, pessoas más que de repente já te olha e de alguma forma está te fulminando. Esses espíritos obsessores são capazes de te perturbar, e você, através da perturbação, adquire algum tipo de doença, principalmente do estômago e pode acordar no meio da noite, geralmente às três horas da manhã. Tem muita gente que acorda as três horas da manhã e não sabe porquê, acorda sentindo-se estranho, sentindo mal e quando acorda é bom, porque é o seu anjo da guarda que te chamou, porque estava acontecendo alguma coisa ali que eles (obsessores) estavam te sugando, vampirizando suas energias e porque as três horas da manhã, porque as três horas da manhã todos os portais estão abertos. Então, pode vir coisas boas e pode vir coisas ruins, quem dera se só viessem coisas boas, e depende de como você está vibrando, de repente tu foi dormir com raiva, está vibrando energia negativa,*

*então você pode ser vampirizado, podem sugar sua energia e esses miasmas sugam sua energia e no outro dia você acorda sem disposição de levantar da cama e fica com mal-estar o dia todo, um cansaço que não sabe explicar, dá uma sudorese, que você não sabe explicar porque está suando.*

*Quando deitar, deve sempre fazer suas orações, suas preces. Não custa nada, é só uns minutinhos, agradece o dia a noite e peça aos seus mentores espirituais estejam ao seu lado te protegendo. Se tiver sonhos, que sejam sonhos bons, não custa nada e isso é para ter uma noite agradável. Coloca um copo de água na cabeceira da cama, porque ela filtra toda a negatividade, ela faz com que a claridade, luminosidade a paz, fique no ambiente. A água limpa toda as impurezas e a gente usa também muito incenso, porque ele afasta qualquer coisa que é negativo e estiver perto, porque ele tem o dom de afastar coisas negativas. A gente usa os cristais para alinhar as pessoas, a gente usa uma vela acesa, porque queima tudo que é negativo e joga no fogo tudo que está fazendo mal e a gente queima. A pessoa depois fala: 'Eu tive em um lugar tão gostoso eu apaguei e dormi'. E começa a contar. Na verdade, ele estava sendo cuidado tanto no físico como no espiritual e nem viu. A gente, quando pega alguém para cuidar, antes de começar, a gente pergunta o nome dela de batismo e dali a gente faz as preces, pedindo permissão ao anjo de guarda daquela pessoa que nos deixem trabalhar o campo energético dela e fazemos uma oração para ela também. Mas ela tem que aceitar, você só pode ajudar quem quer ser ajudado. Não tem uma reza específica, cada um tem seu modo de fazer suas preces. Quando a gente termina, a gente agradece e no encerramento, a gente reza um pai-nosso e uma ave-maria e encerra e você chama o irmãozinho. Tem que ter muito cuidado para ele não se assustar, no processo de reza muitos adormecem, roncam, viajam, tem uns que vão parar em outros lugares e eles dizem 'Aí eu me vi em um lugar assim' e quando a gente chama, a gente tem que chamar com muito cuidado, eu tenho mania de pegar e fazer um cafuné na pessoa e chamo pelo nome dela bem baixinho, que é para ela ir voltando ao normal, para ela não se assustar e aí mexo nas suas mãos e pés para tirar a dormência e sentamos ela devagar, depois liberamos a pessoa..."*

### 5.1.7. Itamara Silva de Oliveira dos Santos (Keualombo, Dona Itamara)

Rezadeira há mais de vinte e cinco anos e uma das mais jovens colaboradoras deste estudo, Itamara é mãe de santo iniciada no candomblé Angola, tendo como Orixá e protetor *Mutakalambo*. Sua Instituição é a Casa Raiz de Bengue N'gola Janga de Mutakalombo.

Figura 18 Dona Itamara (Keualombo)



Fonte: O autor.

*“O meu nome é Itamara Silva de Oliveira dos Santos e meu nome religioso é Keualombo. Eu sou de Oxossi e fala Mutakalambo, porque é de Angola e tem muita gente que não sabe, mas é Oxossi, mutakalambo é Oxossi. Eu tenho 39 anos, eu nasci em 9 de agosto de 1980, sou casada tenho três filhos, nasci em São João de Meriti, naquela maternidade São José, acho que até acabou. Eu moro aqui no endereço que é Estrada de Santa Rita, 321, Parque Flora, Nova Iguaçu. Eu sou assistente social e profissionalmente, essa é minha ocupação e eu tenho nível superior, e sou pós-graduada e a minha etnia é negra, preta. Eu sempre apoio movimentos sociais, não participo de todos, mas apoio alguns.*

*Eu sou rezadeira, porque a minha avó rezou a vida toda. Então, a minha avó começou a me ensinar e eu não tinha nem feito santo ainda, eu era adolescente, devia ter uns treze ou doze anos. E minha avó começou a me ensinar a rezar e eu ficava meio arredia com aquilo, porque eu era muito criança e tinha muita criança sendo atendida, muita gente, muitas pessoas ali para ser atendida e para rezar. Eu falava para vovó: ‘Eu não quero rezar não!’ E eu*

perguntava: 'Vó, por que essas pessoas vêm todo dia para cá?' E a minha vó falava o seguinte: 'Eu já estou com a idade muito avançada, não tenho mais saúde como você que está nova, então você vai ter que aprender sim, vou te ensinar e você vai rezar'. Aí, um dia eu queria, outro dia não, mas depois, eu peguei aquela responsabilidade de rezar aquelas crianças, todo dia muita criança, todos os dias. Aí, minha avó me ensinou a rezar com folha e vela, me ensinou a rezar erisipela, nervo torcido, espinhela caída, isso tudo eu rezo. Já comecei a rezar com essa idade, doze ou treze anos e rezo até hoje, porque mesmo sendo mãe de santo, tem mãe de santo que reza e tem outras que não reza e às vezes, ela não quer também, porque tem que ter tempo, isso tudo, tem que ter tempo porque as pessoas chegam assim, não tem horário, a pessoa tá doente, tá precisando. Ela bate no barracão, bate na porta, então você tem que estar lá para rezar.

Eu vim para cá com dois anos, isso aqui era tudo mato, não tinha nada, o barracão da minha avó era de madeira, isso aqui era estrada de barro, era muito ruinzinho, tinha vala aberta e a minha avó, ela era muito antiga aqui. A reza aqui era dela, vinha a gente de tudo quanto é lugar para rezar, aqui tinha muita mãe de santo, mas nem todas rezavam, porque não é todas as mães de santo que reza, mas a rezadeira e a mãe de santo convive bem dentro de mim. É chato que é toda hora, mas depois que você pega aquela responsabilidade de rezar, parava as crianças aqui toda hora, depois que eu assumi aquela responsabilidade e falei agora eu vou rezar essas crianças, eu passei a rezar todos os dias aquelas crianças.

Eu não incorporo, mas teve uma vez, uma moça que veio rezar, eu recebi uma vovó Rosário da Calunga. 'Maria Rosário da Calunga, tem uma moça aqui na cadeira de roda.' O pessoal subiu ela aí aqui e essa vovó rezou essa senhora na cadeira de roda. Essa vovó não vem assim toda hora não, mas esse dia ela veio e até acompanhou essa senhora e ela ficou vindo para acompanhar essa senhora aí. Na senhorinha, a vovó veio outras vezes, ela vem, se arrasta pelo chão, eu não tenho muita condição de ter ela não, mas quando ela vem, ela não anda, ela se arrasta pelo chão, ela é muito velha.

Aí depois, com 14 anos, eu me iniciei. Eu fiz o santo com meu pai Anangue, que é meu pai de santo, fiz o santo e fiquei quase um mês recolhida, isso aí, fiquei três meses de quelé, tem esse preceito. Também fiz três meses de obrigação certinha! Depois recebi o meu Deká, que é de sete anos, mesmo com esse de sete anos, eu ainda me sentia frágil para ser mãe de santo. Mas aí, também eu tive que assumir essa postura, porque você tem que ir lutando com você, assumindo aquilo, porque aquilo você vai pegar, uma responsabilidade de pessoas e tem que tomar decisão de tudo, você tem que lembrar de tudo, você tem que fazer isso, tem que

*passar na minha mão, eu que tenho que fazer e assumir a responsabilidade, mesmo você pegando todas essas obrigações. Tem gente que não está preparada...”*

## **5.2. Conexões e Aprendizados: Relações estabelecidas entre o Pesquisador e as Colaboradoras.**

### **5.2.1. Dona Clementina**

Apesar de nas indicações terem surgido novas mulheres que rezam e curam para colaborar com essa pesquisa, continuei com minhas visitas a algumas rezadeiras que tive contato no primeiro levantamento que fiz em 2010. Daquele grupo de seis mulheres, duas faleceram: Dona Alaíde, rezadeira evangélica e Dona Lourdes, católica. Dona Sônia, rezadeira cigana, está adoecida, bem como Dona Clementina. Com Dona Geni, do candomblé, não consegui mais contato e Dona Vilma faz parte deste novo estudo. Com Dona Clementina, estive três vezes entre os meses de maio e novembro de 2019. Aos noventa e dois anos, tem Alzheimer e está sob cuidados de sua filha mais velha, Silma Alvarenga de Souza, a explico o objetivo “acadêmico” da minha visita. Ela me recebe e dá o diagnóstico: *‘Mamãe está com Alzheimer, nesses seis meses que você sumiu, ela piorou e não lembra mais das pessoas.’* Eu pergunto se posso ter acesso a ela e logo ouço sua voz: *‘Olha, é o meu menino, que bom que você está aqui.’* Silma retruca: *‘Mamãe esquece até de mim, acabou de me perguntar quem era eu e de você, mamãe se lembra!’* Dona Clementina me recebe com um abraço. Está no leito, uma maca, demonstra uma altivez das grandes mulheres. Silma, sua filha, proporciona todo o aparato estrutural material para sua qualidade de vida, desde remédio, até a alimentação, higiene e vestimenta. Falou de seu novo momento do Alzheimer, mas que se sentia bem, sua voz já é menos audível nesse momento. Pergunto pelas rezas, ela diz que não pode mais rezar, que tem saudade de rezar, mas reza agora de forma geral, reza para todo mundo. Conta que ficou doente, internada há dois meses atrás, cobra que eu não a visitei. Explico que havia entrado para o mestrado da UFRJ e estava assustado com as disciplinas, os trabalhos acadêmicos e a Plataforma Brasil. Ela sorri o sorriso de ternura de rezadeira e diz: *‘Eu sei que você é muito ocupado, meu filho!’* É constrangedor para mim, enquanto pesquisador, esse afastamento de quem é sujeito na minha pesquisa. Até o início da minha participação mais efetiva no grupo de pesquisa LabMens, eu sempre ouvia que tínhamos que ter o máximo de afastamento do nosso campo e dos prováveis colaboradores. Era uma discussão inviesada, que só consegui resolver após a orientação e as reflexões que fazemos semanalmente no grupo e na universidade.

Este momento com Dona Clementina foi muito importante para eu entender a dimensão espiritual de uma rezadeira. Percebo que ela, que diz que já não reza mais, continua sua missão e em cada respiro, está está a sua reza, imbricados e se eternizando.

Logo que cheguei em sua casa com Dona Deise, minha mãe e começamos a conversar, ela disse: “*Deixa eu te falar uma oração*” e já foi ela, nos rezando:

*Livrai-nos de todos os inimigos que você tem, os que têm olhos não verão, a boca não falará, pés não alcançarão e mãos não tocarão no poder de Jesus. Meu corpo não será preso, nem ferido, nem meu sangue derramado, andarei tão livre como andou Jesus Cristo*”. E repete: “*Seus inimigos terão olhos e não te verão, terão boca, não falarão, terão pés, não te alcançarão, terão mãos, não te ofenderão.*” E logo a seguir canta: “*Jesus é bom, Jesus é bom é bom até demais, ninguém sabe agradecer as obras que ele faz. Quem crê em Deus, muitas maravilhas ele faz, faz curas divinas, expulsa Satanás.*”

Uma das características de Dona Clementina é a contação de história. Fala que já está satisfeita e pode morrer: “*Papai do céu pode me levar.*” Digo que ainda é cedo e que há dez anos ela já falava que iria morrer, ela aproveita e me reconta a história da morte do seu marido Dino:

*“Ele ia saindo para trabalhar e como sempre, eu fazia um café de manhã e o levava ao portão. Mas, uma voz me avisou naquele dia ‘O Dino vai morrer’. Eu falava para ele: ‘Dino não vai trabalhar, hoje não, porque uma voz, um pressentimento está falando uma coisa ruim.’ Ele dizia ‘Deixa de ser boba Clementina’. Eu insisti, mas ele foi trabalhar. Quando deu a parte da tarde, um amigo que trabalhava com ele, chamou no portão e deu a notícia que o poste caiu sobre ele e ele não resistiu.”*

Clementina está cansada, despeço-me para que ela possa dormir. Minha visita foi sem marcação de horário, já que eu não tinha mais o seu telefone. Foi uma investida de surpresa e meu planejamento inicial, após o comunicado do seu quadro de saúde, caiu por terra. Eu precisava retomar minha relação, e com as novas informações do Alzheimer, pensar em formas de ajudar no seu processo de recuperação, já que ela ficou internada há pouco tempo. Mesmo assim, Dona Clementina me chama, pede para sentar mais um pouco próximo a ela, que já está no sofá e diz: “*Quero cantar um samba para você. Ouve esse samba que se chama Carne de Gato.*”: E cantou um samba de Ari dos Santos e Gentil Leal, que foi gravado por Jorge Veiga e Geraldo Medeiros em 1949.

Me convidaram pra fazer um samba  
Lá no Morro da Arrelia  
Me apresentaram pra o dono da casa  
Era um tal de Malaquia

Ele me disse em sua homenagem  
 Já mandei preparar o prato  
 Eu fiquei indignado  
 Quando me disseram que comi carne de gato.  
 Malandro não dá mancada  
 Vou pôr minhas mãos à obra  
 Vou convidá-lo para uma peixada  
 Vai ser de carne de cobra, surucucu e cascavel.

Dona Clementina, continua: *“Olha, meu filho, essa é sua oração que faço para você hoje”*. Eu me despedi, trazendo um rico acervo de percepções e emoções dessa conversa com Dona Clementina. Entre essas percepções, fica evidente que o rezar em uma rezadeira é feito com seu olhar, seu toque, suas palavras, suas intuições e seus afetos.

Dona Clementina agora fala pouco, sua voz já é menos densa, mas traz em cada olhar úmido, em cada sorriso o milagre do amor em forma de rezas que curou muitas pessoas. Me confessa que longe da filha evangélica, ainda pede em oração para vovó Catarina ajudar todo mundo. São lembranças que permanecem do tempo que frequentou o terreiro da Mãe Janete, na Ilha do Governador, antes de passar a se dedicar mais ao catolicismo e à Legião de Maria. Sua filha Silma Alvarenga de Souza, que nos recebeu, conta que: *“Ela adoeceu e aos poucos ela foi parando de fazer essas coisas, aí ela fica reclamando que ninguém procura ela, a gente senta lá na frente do portão e é bom, porque passa o pessoal da igreja e dá uma palavrinha, eu não gosto de ficar muito sentada não, mas vou pra casa dela”* (Silma, agosto, 2019). Sua filha continua e me dá uma nova informação a respeito de Dona Clementina: *“Mamãe além de rezadeira, ela também aplicava injeção. Ela fez até parto! Ela era rezadeira e parteira. Ela tinha uma frustração de não ter sido enfermeira, ela curava umbigo, que o pessoal falava daquela doença dos sete dias, curava com pó de muta, ela cuidava dos umbiguinhos de um monte de criança aqui. Ela era muito conhecida e até hoje, se ela for assim no lugar, se ela for na igreja, onde ela não vai há muito tempo, mas quando ela vai, todo mundo se aproxima dela, porque o filho, dos filhos, do filho vêm falar com ela. Ela aplicava injeção, ela era o terror das crianças. Eu brincava com ela dizendo ‘Clementina Nunes Alvarenga só não tem a perna capenga’”* (Silma, agosto, 2019). E continua em suas explicações sobre a rotina de sua mãe: *“Quando eu estava precisando de um médico vir aqui, tinha um posto, mas o médico não podia vir, porque aqui não pertence à área do posto, mas quando a minha sobrinha falou que era a minha mãe, Dona Clementina, aí o pessoal do posto falou: ‘Não, a Dona Clementina é*

*patrimônio cultural, pode deixar que eu vou mandar o médico lá.’ E o médico veio aqui e acompanha ela em casa. De certa forma, o fato dela ter ajudado, as pessoas reconhecem.*

*Quando você teve aqui na última vez, ela tinha um problema maior, mas todas aquelas mulheres que vieram visitar já morreram, a mais antiga tinha noventa e cinco anos, morava na rua de trás.” (Silma, agosto, 2019)*

Dona Clementina me pergunta: “*Quantos filhos você tem?*” Eu respondo: “*Tenho um menino e duas meninas.*” Contrariando o Alzheimer, ela responde: “*Mas você já tem netinho né? Que bacana, é vovô, parabéns vovô!*” Essa informação sobre meu neto, eu a revelei já fazia um ano e mesmo assim ela trouxe como memória, deixando visível que os planos da doença não estavam dando muito certo com ela.

Na minha segunda visita, na qual vou acompanhado de meu filho e minha companheira, encontro Dona Clementina em bom estado de saúde. Como sempre, é simpática, fala que me vê bem e bonito, e elogia minha família. Pergunto sobre as idas à igreja, a filha responde: “*Na igreja, mamãe não vai mais, eles trazem a hóstia e as vezes a visitam.*” Pergunto se ela vai ao quarto onde está seu altar de fazer orações, e ela mesma responde: “*Eu não vou mais lá, não estou rezando, mas gostaria de ir.*” O “gostaria de ir” me traz a pergunta a sua filha: “*Por que ela não vai mais até o altar de orações?* Ela responde “*Se ela não reza mais, não precisa mais ir até lá.*” O altar tem muitos símbolos para quem o utiliza, estes oratórios foram organizados como ponto de oração, de rezas e curas das rezadeiras:

Pouco importa, assim, a pequenez do espaço topográfico do terreiro, pois ali se organiza, por intensidades, a simbologia de um cosmos. É uma África “qualitativa” que se faz presente, consensada, reterritorializada. Dá-se algo comparado ao espírito do artesão tradicional africano que, mesmo sem jamais ultrapassar os limites de sua aldeia, sente-se participante do universo inteiro, (SODRÉ, 1998, p 52).

Os símbolos compõem o cenário e os rituais de invocação para a cura, porém mulheres que rezam e curam o fazem, mesmo sem ter um altar, mesmo que tenham esquecidos na sua avançada idade alguns desses símbolos, como conta a famosa história do grande sábio Bal Shem Tov.

O amado Bal Shem Tov estava à morte e mandou chamar seus discípulos. Sempre fui o intermediário de vocês e agora, quando eu me for, vocês terão de fazer isso sozinhos. Vocês conhecem o lugar da floresta onde eu invoco a Deus? Fiquem parados naquele lugar e ajam do mesmo modo. Vocês sabem acender a fogueira e sabem dizer a oração. Façam tudo isso, e Deus virá. [...] Depois que Bal Shem Tov morreu, a primeira geração obedeceu exatamente às suas instruções, e Deus sempre veio. Na segunda geração, porém, as pessoas já se haviam esquecido de como se acendia a fogueira do jeito que o Bal Shem Tov lhes ensinara. Mesmo assim, elas ficavam paradas no local especial da floresta, diziam a oração, e Deus vinha. [...] Na terceira geração, as pessoas já não se lembravam de como acender a fogueira, nem do local da floresta. Mas diziam oração assim mesmo, e Deus ainda vinha. [...] Na quarta geração, ninguém se lembrava de como se acende a fogueira, ninguém sabia mais em que local exatamente da floresta

deveriam ficar e, finalmente, não conseguiam se recordar nem da própria oração. Mas alguma pessoa ainda se lembrava da história sobre tudo aquilo e a relatou em voz alta. E Deus ainda veio. (Estés, 1998, p,9)

O altar da rezadeira, assim como a fogueira, o local da reza tanto faz algumas vezes, o essencial na cura é sua relação com o divino. Dona Clementina é como as mães de santo que no Brasil recriaram sua religiosidade, mas não perderam a essência da sua fé, onde elas vão, carregam um continente dentro delas.

### **Aprendizados**

Dona Clementina é uma entidade, seu estado de saúde e idade avançada mostram que, aos 93 anos, sua força está na sua espiritualidade. Convive com o seu catolicismo e o mundo evangélico, hora reza para São Jorge, hora canta um louvor. No fim de tudo, encontro nessa mais idosa rezadeira deste grupo de colaboradoras algumas respostas de como resistem diante de tantas adversidades. Sua fé é inabalável. Ainda hoje, fala da importância do seu quartinho, onde há diversas imagens e o altar mais sincrético que já conheci. Na qualificação do mestrado que me submeti em maio de 2019, o Dr. Amauri Mendes Pereira me disse: Seu texto está bom, mas falta trazer um pouco mais as rezadeiras, são elas que poderão salvar esse mundo de violência e guerra que estamos vivendo! Ele tem toda razão.

#### **5.2.2. Dona Vilma**

Dona Vilma é rezadeira do bairro Santa Eugênia, o bairro mais próximo do centro da cidade de Nova Iguaçu. Ela me recebe também com uma interrogação de que tenho demorado a visitá-la. Eu digo sempre a mesma coisa sobre as exigências acadêmicas e meus prazos a cumprir do Comitê de Ética, a qualificação e as disciplinas. Ela sorri o mais doce dos sorrisos e me convida a entrar em sua varanda. Explico meus objetivos e que dessa vez estou fazendo uma pesquisa para a pós-graduação e a necessidade de sua autorização. *“Olha Geraldo você me diz o que devo falar, você sabe que eu gosto e você é de casa, não precisa de autorização”*, explico sobre as normas acadêmicas e ela prontamente assina o TCLE e começa sua narrativa. Conta-me a história de suas entidades, que recebia durante sua participação no terreiro de umbanda.

### Carmencita de Espanha

“A minha entidade, quando ela vem, ela se chama Carmencita de Espanha e ela fala espanhol, mas eu não falo espanhol, não. Diz que chegou um rapaz, lá no terreiro, que estava com uma ferida enorme na perna, diz que aparecia até os ossos e que uma entidade havia mandado ele colocar álcool canforado e eu falei: Meu Deus! Que isso? Por quê? Lá têm umas meninas que depois, quando sai a incorporação, elas me contam tudo. Tinha uma lá, então, que sempre me falava tudo. Aí Carmencita falou *meu Deus não vai fazer isso com ele, aí para você nem é bom, aí você tem que limpar*. Carmencita mandou limpar com água oxigenada e passar o mercúrio. Somente depois de quatro dias a perna dele sarou.

Mas, infelizmente, a umbanda é um lugar que tem muito ciúmes das entidades dos outros que trabalham. Infelizmente, é assim que acontece, porque todo mundo só queria ir em Carmencita da Espanha, e ela ia falando o que tinha que falar para todos e ela, para evitar o ciúmes, ela ficava dançando, ela não ficava parada, mas dizem que todo mundo ia atrás dela. Mas, infelizmente, o ciúme é assim, você pode ter certeza. Se algum dia você for para umbanda, para o candomblé, se você trabalhar, se a sua identidade trabalhar, vai criar muito ciúme, ainda vão dizer assim: olha tá querendo mostrar serviço como se a mediunidade fosse um serviço. É por isso que às vezes eu deixei de ir a muitos lugares, mas eu tinha a mediunidade inconsciente, porque essa você não vê nada, mas tem a mediunidade, a consciente, você incorpora e vê tudo. A mediunidade consciente é mais difícil, porque é você tudo e na mediunidade inconsciente, a entidade é que incorpora e que fala, na mediunidade consciente acaba tendo um problema para a pessoa resolver, ela fica pensando o tempo todo: Será que estou fazendo certo? E isso é muito difícil, porque a pessoa vendo tudo, ela é muito sacrificada, porque não adianta ela dizer que foi a entidade, porque ela também é testemunha e ela não pode mentir, porque senão ou ela ou a entidade vai ter problemas.

Você sabe Geraldo, depois, quando acabava, as meninas vinham me dizer: olha Dona Vilma, a Carmencita veio bonita, ela dançou, rodou ela fez a festa do salão, é muito bom quando ela vem, dizem elas que quando o Carmencita chegava ela andava em cima do muro que separa a assistência, do salão. E ela fazia sapateado, mas eu depois não sentia nada os meus pés, não ficavam nem vermelhos. As meninas diziam que quando a Carmencita vem, é a alegria da casa, e eu perguntava: Mas teve o povo cigano? Eles falavam: “Teve. O povo cigano chegou e a Carmencita é que fez toda a festa.” Mas essa coisa da Carmencita ser muito especial, criava muito ciúme porque todos queriam falar com Carmencita e as pessoas ficavam incomodados E aí eu fui me afastando.

### Pedrinho da Praia

“Há pouco tempo, eu fui com um colega no centro, lá em Belford Roxo e eu fiquei sentindo a minha criança, e ela ficava falando: ‘Tá me pondo de castigo?’ Eu falei: ‘Não Pedrinho, não estou te colocando de castigo.’ ‘Abre o teu coração, deixa entrar’, é assim que ele falava comigo, o Pedrinho, Pedrinho da Praia. Eu falava: ‘Filho aqui não, aqui não tem ninguém para tomar conta de você’ e ele retrucava: ‘Ué! Eu já tenho 14 anos, eu já namoro, eu apanho coisas escondidas’ e ele continuava falando: ‘Olha, eu vou mexer no seu rosto.’

Então, o senhor que tomava conta desse centro é muito instruído e ele dizia ‘não deixa ele vir, não deixa!’ Ele falava: ‘Ô, seu Valdênio!’ Esse pai de santo era de Mesquita, ele dizia: ‘Não deixa ele vir!’ e o Pedrinho retrucava e dizia ‘Esse seu Valdênio é muito chato! Olha, eu vou contar um segredo dele e vou gritar para todo mundo: ele é 24, ele é 24! Agora, todo mundo vai saber. E eu falava: ‘Eu não vou fazer isso, Pedrinho! Ele aqui é meu pai de santo.’ E Pedrinho retrucava: ‘Ele nem fala pai de santo. A senhora fala direito, mas ele não fala pai de santo. Olha, vou dar um conselho: manda ele parar de falar de mim com a senhora!’ Eu falei: ‘Pedrinho, você tem que se comportar. Você quer colocar a sua dona contra o pai de santo dela?’ E ele falava: ‘Não sei, eu tenho que ter uma madrinha também. Você com esse corpo, eu queria uma magrinha!’

Mas, o seu Valdênio falou para o Pedrinho: ‘Você vai deixar Vilma e eu arrumo logo um outro para ela.’ O Pedrinho, ele tinha maior ciúme de uma entidade que vinha, que era Mariazinha, o Pedrinho tinha muito ciúme quando cantavam ‘Mariazinha na beira da praia quando chega ela pega a saia’ E ele dizia: ‘Para mim, ninguém canta’, mas as pessoas não cantam porque não sabiam. Eu sei uma música do Pedrinho, que quando ele vai embora, que é assim: ‘Pedrinho já vai chegando, Pedrinho já vai embora, sua hora está chegando, Pedrinho já vai embora, Oxalá tá te buscando, vai contente, vai Pedrinho pelas estradas do caminho, Pedrinho já está na hora de você ir embora’ .

Pedrinho dizia: - Lá na minha prainha, eu jogo meus olhos de tormenta e as meninas caem toda por mim, o Pedrinho era muito bacana, mas tinha gente que não gostava dele, porque ele falava a verdade. Uma vez, uma moça lá no centro foi falar do namorado e ele perguntou ‘Qual deles?’ Aí ela disse: - Estou falando do meu namorado, e ele respondeu: - *Mas, você está com quatro, qual deles é namorado mesmo?* E o seu Valdênio falava: Pedrinho, você não pode falar isso não! Aí, ele dizia: - *Ela me perguntou, como é que eu não posso falar?*

Mas, o seu Valdênio falava: - Olha, eu admiro ele porque ele é verdadeiro, teve um outro caso de um rapaz que foi lá para o Pedrinho achar um anel e ele falou: *É, tá igualzinho o caso que eu conheço de um outro anel, mas esse está mais fácil, porque ele deu para o ageota, era*

assim que ele falava: ageota, *e ele está com anel até hoje, é só ele ter dinheiro e lá buscar*. Diz que a mulher do rapaz estava com ele e a sogra também estava com ele, e ela perguntou: - Isso é verdade, Pedrinho? E ele falou: - *Eu não falo mentira, às vezes falo, mas agora não estou mentindo, estou falando a pura verdade, estou falando e foi o que aconteceu*. Eles foram no agiota e pegaram anel, e o agiota falou: - Eu nunca quis ficar com esse anel, mas eu te dei dinheiro, então é justo que você me devolva o dinheiro para pegar o seu anel. E era um anel de família, que havia sido deixado pelo marido para filha e o marido da filha, na primeira dificuldade, empenhou o anel que era de família e eles tinham afeto.

O Pedrinho, ele é brincalhão, mas ele cura, ele sempre curava e tinha vovó também que curava, essa minha entidade era a vovó Cambinda, e a vovó também curava desavenças em família e brigas. A vovó sempre aconselhava para dizer como havia de se proceder e a vovó, quando era preciso, até doença física ela curava. Hoje em dia, quase não tem pessoas que rezam, ela rezava também o quebranto e o mau olhado, a vovó rezava tudo isso. Só que ela, eu sou baixinha, tá me vendo, sempre tive o corpo mais cheio, dizem que ela pegava aquelas pessoas altas nas costas e levantava a pessoa três vezes, e elas saíam dali boas. Mas o seu Valdênio falou: - Vilma, a vovó não vai mais rezar espinhela caída, é muito sacrifício para senhora, Dona Vilma, mas não adiantava, porque a vovó, vendo que as pessoas estavam precisando, ela rezava, mas seu Valdênio disse: - A partir de hoje, não, ela só vai dar consulta.

Quando eu comecei a me afastar, as pessoas falavam - Você tá doida? Eles vão vir, vão te pegar e incorporar na frente de todo mundo, em uma hora apropriada. E eu falei: Ué! Mas eu sempre recebi eles de bom grado, eu sempre trabalhei com eles para o bem e agora eles vão me dar castigo? Eu não acredito nisso, eu não acredito que quem faz o bem castiga as pessoas, porque, você como mãe, se o seu filho deixar de fazer uma coisa que você mandou, você vai querer coisas ruim para ele? Não você vai chamar atenção dele, mas você não vai fazer coisas ruins.

Eu sou muito consciente da vida, das coisas da vida. Eu sou inconsciente, quando eu pego a entidade, aí eu não lembro de nada, mas eu sou muito consciente para vida. E tinha um senhor que falou: - Olha, Vilma você vai para o Rio de Janeiro, você vai ainda ficar um pouco no kardecismo, mas teu lugar é na umbanda. Mas, você tem que ter muito cuidado, porque o médium inconsciente, ele é muito maltratado, as pessoas acham que ele está ali para fazer o desejo deles e aí vira bagunça. É o seu Eugênio Bovanelli, você vai ver aí, ele era uma pessoa muito boa e ele dizia: - Minha filha não deixe nunca que a vaidade tome conta de você, ele trabalhou muito aqui em Nova Iguaçu. Então, ele falava: - Não deixa o ciúme e a vaidade te incomodar, tenha cuidado porque o ciúme e a vaidade puxa para trás, pede luz e força aos seus

guias. E foi lá no centro dele, que uma moça, lá era kardecismo, a moça falou: - Você tem uma preta velha muito bacana! E ela falava: - Você não frequenta umbanda, não? Eu vou te dizer aqui: a minha Preta Velha Vovó Cambinda, modesta parte, todo mundo gosta muito dela, do sorriso dela, e diz que ela não encosta na pessoa na hora da reza, ela reza do lado sem encostar, a não ser quando é espinhela caída.

Olha Geraldo, tenho muita saudade dos meus guias, às vezes eu fico pensando, mas o Zé Grosso, que é meu guia espiritual, ele diz assim: - Deixa como está, depois, a gente vê!

E os irmãos evangélicos, que a gente tem muitos problemas! Porque eles condenam muito a gente, mas isso é porque muitos deles já fez parte do candomblé. A gente não pode condenar eles, porque eles já foram do candomblé e a gente não sabe como era o regime da casa. Porque antes, havia matanças tanto de duas patas como de quatro patas, tudo isso então, o sangue, assim como eles falam, também fica lá, dá até nojo, depois ficava aquele mal cheiro. A umbanda está tirando isso, mas no candomblé ainda tem muita matança, eu não sei agora, porque não estou frequentando nada, mas dizem que no candomblé ainda aceita muita matança.

Outro dia, passou um daquele pessoal evangélico, que vende aquelas revistinhas, acho que é Despertar e eles falaram 'a gente não adora Cristo, a gente não adora imagens', e eu tava vendo que na umbanda é assim, lá dentro tem uma imagem do Cristo crucificado, tá vendo? Eu fico olhando assim, o Cristo não devia ser adorado, crucificado, a evolução dos crentes está grande, mas a gente ainda está pego nas tradições e a tradição às vezes atrapalha muito. Porque não pergunta a causa que ele foi crucificado? Talvez, até um de nós iria crucificar ele, em existência remota, nós estávamos ali batendo palma para o crucifícamento dele. Não é melhor estar com o braço aberto, chamando a todos nós do que crucificado. Agora, ele crucificado, é muito triste e saber que fomos nós que crucificamos uma pessoa pura de coração.

### **Uma história de intolerância religiosa**

Eu tenho uma história de intolerância, porque eu tinha um quartinho de reza, o altar que meu cunhado fez. Ele era da Umbanda, como a minha sobrinha também, mas depois que ela virou crente, ela quebrou tudo, ela quebrou não, ela disse que pegou tudo, tinha um Xangô enorme lindo maravilhoso, um São Jorge muito grande mas ela chega um dia lá e, ela pegou tudo aquilo todas as entidades, meu santo e sumiu com tudo quando eu cheguei estava tudo quebrado o meu quarto de reza que o meu cunhado fez na casa dele.

## Aprendizados

Meu contato com Dona Vilma iniciou-se em 2009, quando eu estava subsecretário de educação em Nova Iguaçu e fiz uma entrevista com ela. Naquela época, eu fiz uma entrevista com pouca orientação e as perguntas eram o que eu queria que ela respondesse praticamente. Dessa vez, eu fiz perguntas gerais sobre sua atuação como rezadeira e deixei ela livre para falar tudo que achasse importante. O que mais me surpreendeu é que, desde 2009, eu acreditava que Dona Vilma era católica, em nossas conversas, jamais saiu questões ligadas ao seu credo e como ela, enquanto rezadeira, reza o pai-nosso e ave-maria. Eu, em 2009, a classifiquei como católica. As certezas sobre o outro, são sempre uma parte das possibilidades que o outro é. Nunca foi tão verdadeiro o ensinamento Junguiano “*Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana*”. E foi assim, com esse espírito e com as orientações das aulas de metodologia e das discussões no LabMens, que entendi que além dos gravadores, cadernos de campo, filmadoras, a conexão com a história de vida das pessoas, pode nos trazer informações que sejam preciosas para nós. Mas, mais do que isso, podem trazer informações que realmente sejam importantes para quem vivencia essa história no dia a dia, que são elas, as mulheres que rezam e curam.

### 5.2.3. Bruxa Alana

Alana Morgana, ou Alana a Bruxa, não está sozinha nesta atividade. Segundo o site [gospelprime.com.br](http://gospelprime.com.br), a sua instituição matriz, a wicca, forma antiga de culto à natureza e a “deusa mãe”, vem se popularizando por aqui. De acordo com a União Wicca do Brasil (UWB), há cerca de 300 mil bruxos e bruxas no país. Alana faz parte desta lista de bruxas em atividades, que segundo o site: O Rio de Janeiro conta com cerca de 40 mil praticantes de bruxaria das mais variadas vertentes (tradicional inglesa, celtíbera, familiar). São Paulo teria outros 20 mil. O restante está espalhado por todos os estados da nação.

Alana participa, em Nova Iguaçu, do Comitê de Combate à Intolerância Religiosa da Baixada Fluminense. É ali no comitê que estabelecemos os contatos e onde me informou ser rezadeira. *Eu rezo, já rezei com a Padilha, mas rezo também sem incorporar.* (ALANA, julho de 2019). Nosso encontro se dá em sua residência, uma casa que embaixo abriga um grande salão acima onde realiza suas consultas e jogo de tarô. Na entrada da casa, vejo uma vassoura atravessada na parede. Pergunto se ela voa na vassoura e ela responde “*se você acredita que um*

*homem andou sobre as águas, porque eu não posso voar*”. Ao lado, em um corredor sem saída, uma grande estátua da deusa Diana junto a um pé de boldo do Chile<sup>28</sup>, planta que tomamos a vida inteira em casa, para tratar os problemas do fígado, como dor de cabeça, suores frios e mal-estar. Na porta da sala, um lindo gato preto nos recepciona, em sua companhia, outros gatos vão surgindo. Ao lado de fora, guardiã contra maus espíritos, está um vaso de planta e nele plantado um feixe de Espada de São Jorge<sup>29</sup>. Sua sala tem uma grande biblioteca com centenas de livros que Alana lê para se qualificar e para o atendimento dos clientes e amigos. Sou atendido inicialmente no andar de cima, em um salão, no dia 13 de agosto de 2019. Alana me apresenta seus diversos altares com suas divindades e deuses gregos. Assim narra ela:

Aqui é o animal, a águia que é de Zeus, o animal de Afrodite é o pombo e o cisne, e ela é casada com Zeus, que é o deus da tecnologia, é o ferreiro. Tem também Hefesto, ele faz as joias, ele é o ferreiro, ele é da tecnologia e da metalurgia também, porque ele, construiu bonecas mecânicas que hoje seriam os robôs.

---

<sup>28</sup> Peumus Boldus - O boldo, tomado antes das refeições, ajuda na digestão e nas funções do aparelho digestivo. É ótimo para quem tem intestino preso e ajuda a digerir gorduras. Esta planta não deve ser consumida por quem tem problemas inflamatórios nas vias biliares e no pâncreas, cálculos biliares e hepatite. O seu uso é contraindicado nos casos de gestação também, pois o boldo pode gerar problemas na formação do bebê, principalmente nos primeiros três meses.

<sup>29</sup> Sansevieria Trifasciata - Também conhecida no candomblé como Espada de Ogun, que é usada em sacudimentos e também serve para espantar “maus espíritos. Quem deu nome a esse gênero, em 1974, foi Carl Peter Thunberg, considerado o pai da botânica sul-africana, que quis homenagear Raimundo di Sangro, príncipe da cidade italiana de San Severo; já o nome científico atual, Sansevieria trifasciata, apareceu apenas em 1903 no livro Bengal Plants, de David Prain. A planta espada-de-Oxóssi é verde com bordas amarelas, enquanto que a espada-de-Ogun tem coloração totalmente verde. Em rituais de “Sacudimento” essas duas plantas são sempre utilizadas juntas, pois Ògun e Òsosi são inseparáveis. Na linguagem do candomblé, costuma-se dizer: “Onde Ògun tira Seu pé, Òsosi coloca o Dele”.

*Figura 19 Altar dedicado a Athena e Apolo*



Fonte: O autor.

Aqui é meu pai Apolo, Senhor da cura e que tem um leão aqui do lado, ele matou a serpente pequenininha, e ele é o senhor da divinação, da parte adivinatória é ele. Ele tem um arco e flecha, a flecha dele é de ouro e o arco também é de ouro, ele tem um com leão. Aqui é Athena, é a Deusa da estratégia de guerra, da sabedoria, do conhecimento, o animal dela é a coruja, ela é irmã daquela que tem aqueles cabelos assim, a Medusa. Então, foi Perseu que cortou a Medusa, que ela pegou e colocou no escudo dela.

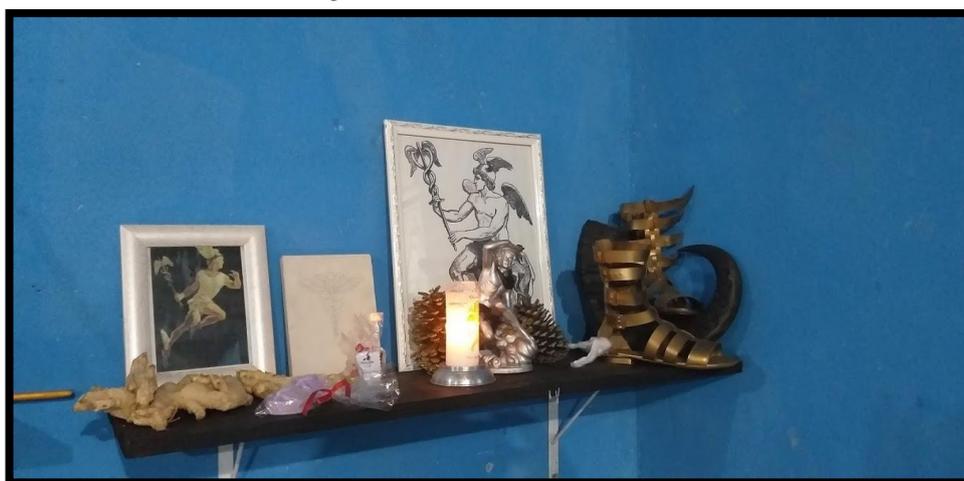
Esse aqui é procurado demais. Todo mundo vem atrás dele, que é o deus Hermes, o mensageiro dos deuses. Ele que é o Deus da jogatina, também do conhecimento, dos estudos, é o Deus para venda, para trocas. Se você quer vender um apartamento, é com ele, eu sou um ladrão e quero roubar um carro peço a Hermes, é o deus dos ladrões. Olha isso aqui, essas sandálias aladas, é uma troca, é que eu peço a Hermes, “o senhor dá isso e em troca eu dou uma sandália alada”, aí eu pinto de dourado, boto as asinhas e dou a ele. Ele é um deus chifrudo, ele também usava chifres, com passar dos anos tiraram, botaram umas asas no capacete, ele também é o senhor das encruzilhadas, encruzilhada é caminho, ele é um deus poderoso, eu sei que ele ganha muitos presentes. Aqui, o que está faltando é a deusa do destino, tá faltando, porque essa imagem não existe no Brasil. A deusa do destino é a Moiras em grego e Parkas em romano.



Essa aqui é Deméter, a deusa da agricultura e das sementes. Ela tem uma quizila que eu vou falar aqui: é o feijão. Ela é deusa dos grãos, mas o feijão para ela não pode, porque o feijão antigamente era para os mortos, e ela é vida. E essa é a filha dela Perséfone, que é casada com o Deus do submundo, que é Hades, que tem o cão de três cabeças, que é o Cerberó, que guarda o submundo, ela se chamava antes de Koré. O tio gostou dela novinha e tal. roubou e levou para o submundo e chegou para ela *toma Koré*, ela disse *eu não quero comer*, aí, assim, lá na Grécia tinha uma romã grande. Aí, ela comeu a romã e aí se apaixonou, então a romã é uma fruta de vida e de morte. Os três principais deuses são Hecate que é do submundo, Zeus que é do céu e Poseidon que é da água. Essa é Anfitrite, ela é uma nereida, é esposa de Poseídon, é a deusa dos mares, na minha cabeça, ela é uma sereia.

Posseidon, ele é muito ciumento com os filhos, ele adora os filhos dele, ele é um excelente pai. Aqui tem um tratamento para também mexer com os homens, as sereias, elas podem ser usadas para fazer o homem mudar de cabeça, para fazer um tratamento e encantamentos, porque a sereia não canta? Ela encanta os homens, mas é símbolo de feminino, olha isso aqui, é uma vagina, são búzios, os búzios são femininos, vê que parece uma vagina. O falo está onde, vou te mostrar, está com Dionisio. O Tritão seria o masculino da sereia para encantar mulheres, mas o Tritão não encanta, quem encanta é a sereia, mas o Tritão age para negócio de homem, virilidade, tesão, essas coisas, vai depender muito.

*Figura 22 Altar dedicado à Hermes*



Fonte: O autor.

Por exemplo, uma mulher quer um homem, então procura Áries. Aqui é Pan que tem muito aquele negócio de falo, aqui você vai escutar muito falo, aqui não tem esse negócio de preconceito, de feio, nada disso! Isso aqui é uma vela, aqui tem um bode e um cabrito, isso aqui eu ganhei de uma filha que matou o cabrito e ofereceu para Exu, então falou *fica com isso*, esses

chifres. E aqui é a deusa Héstia, que toma conta do templo, das casas, é a primeira que come, aqui os deuses comem também, ela é virgem, a única deusa virgem. Ártemis, inclusive tem na bíblia em Efésios, quando Paulo fala assim *respeite Diana de Efesios, é deusa do aleitamento, dos partos*, ela é irmã gêmea do meu pai Apolo. Então, na bíblia fala dela, Paulo se retirou, ele viu a força de Diana lá, as mulheres pedindo, tudo era com ela, parto difícil, essas coisas assim ligadas à mulher. Ela defende todas as mulheres e crianças até dez anos e é todos os animais femininos. Ela é bem ligada ao feminismo, as lésbicas usam muito. A Diana, eu uso para lutas mesmo, muito contra os feitiços de maldição, parto, quando a pessoa está sofrendo no parto, eu peço a ela. Dionísio, eu uso também para falta de virilidade. Pan também, o nome pânico vem dele, para aterrorizar, o grito dele aterroriza as pessoas, daí vem o nome pânico, é o cabrito, a cabra, o bode. Se eu puder, eu quero ainda ter uma cabeça de bode aqui nesse altar de Pan, mas é tão difícil. É, eu tenho esse chocalho indígena para usar na reza também, porque com ele você afasta os espíritos. Na hora, quando estou fazendo limpeza nos outros, tirando cargas espiritual, eu uso chocalho, o barulho chama os espíritos, mas também afasta.

Olha Áries, Deus da guerra! Ele é a própria guerra em si, a irmã dele se chama Ênio, que é a guerra, que destrói tudo. Áries é também irmão da deusa Éris da discórdia. Àries é irmão da discórdia e da guerra, mas ele é maravilhoso, eu adoro, ele é o único deus que não toma para si as mulheres a força, todos pegam né, mas Àries não. Um que é muito namorador é Zeus, com todo respeito, ele se transforma até em cisne. Porque ele gostou de uma mulher e ela, coitada, sofre muito, ele se transformou num cisne para poder transar lá com uma mulher, Leda e ela se apaixonou. Zeus é muito namorador, mas Áries não, só namora, só pega para si se ela quiser, ele pede é o único deus que pede, o restante, créu. Ele é um tipo que as mulheres adoravam, é tipo um Ogun, que é um deus que as mulheres se encantam, se você ver aqueles filmes de guerra os gladiadores, as mulheres pegavam o suor deles, se você pega o suor de alguém que luta e faz um feitiço daquele suor para você ter sedução e energia, é um plano perfeito, não é? Esses pais de santos sabem pegar o suozinho, o xixizinho e a comida para fazer as coisas.

Aqui tem a Circi, a madrinha do coven<sup>30</sup>, a senhora das poções e encantos. É uma deusa do submundo, ela é uma deusa das varinhas, dos feitiços, ela é uma deusa, vamos dizer assim, considerada sombria. Eu quero que minhas filhas sejam bem bruxas mesmo, feiticeiras e elas bem ligada a Hécate, ela é filha de Hécate, ela faz muito veneno, essas coisas não vai ensinar para todo mundo.

---

<sup>30</sup> O Coven, é o nome genérico dado a uma agregação ou reunião de bruxos para a realização de rituais religiosos e ritos. Tradicionalmente, ele abriga o máximo de treze pessoas

Alana fala sobre a oferenda que faz para a deusa Hécate: o ovo é vida também, nascimento é vida, mas com eles você tira os feitiços, Hécate é a única que recebe alho, porque se eu comer alho e for falar com algum deus, eles vão embora. Na oferenda de Hécate, além do ovo tem a chave, e para trabalhar com ela, tem que colocar máscara. Ali na oferenda, tem o cachorro, uma cabeça mesmo de cachorro, o corvo que no Brasil não tem. O chicote, eu peguei esse chicote de caboclo e botei. A caveira, mel e vinho, queijo branco, velas pretas e vermelhas, e por isso o pessoal confunde com exu e pomba gira, essa daqui é uma deusa, não é pomba gira, é uma deusa. Aqui tem um boneco que é de um cara que tem que parar de beber. O gato preto, o Gabriel, já lambeu esse boneco à beça.

E tem um Atã (athame), toda bruxa tem um punhal. Com o punhal, você chama e enfrenta os espíritos, com a ponta da lâmina você falando as palavras afasta. Tem um cajado também e eu uso também um tambor que tem a batida do coração. É usado no rito, a Wicca é uma religião xamânica, você chama, é bem parecido com os índios. A gente tem isso que chama os espíritos, eles vêm e a gente se transforma. Uma vez, estava em dificuldade e para me defender eu chamei na rua Pan, ele veio e resolveu, mas, as vezes, é uma dificuldade pior e que, às vezes, tenho grande conflito com isso. Vem também os espíritos da umbanda em mim e eu não quero, eu virei outro dia aqui, eu tenho um malandro o Seu Navalha. Eu tenho uma casinha para ele, não vou mentir, lá só para o mulambo, Seu Navalha, Dona Farrapo e Seu João Caveira. Aí eu virei e fui andando lá pro quarto da Ivonete, e ela sempre foi grata a esse malandro. Eu nem vi, ela foi lá pegou a cerveja, diz o Alex meu marido, que abraçou o Exu e ela começou “*Laroye Exu*”, quando foi no outro dia, eu voltei, mas eu não saí, porque o portão é trancado. Deu a maior confusão, porque ela quase morreu, teve um negócio de quebra, estava muito pesado.

Eu, para minhas rezas e curas, uso também as ervas e também vejo os planetas. Aqui nestes vidros, eu tenho a canela, capim limão, erva de São João, verbena, aniz estrelado, aqui eu uso as ervas nos chás e para tomar banhos, ninguém faz nada sem as ervas. Porque nós bruxas sempre trabalhamos com ervas. A verbena, eu uso para o amor, sabe quem tomava banho de verbena, era aquela que foi namorada de Dom Pedro, a Marquesa de Santos. Eu tenho ainda aqui o alecrim que eu uso também para descarrego, fazer defumação para tirar os maus espíritos e fazer exorcismo. Isso tudo é coisas de bruxo, você sabe, não é preciso ser da Wicca para ser bruxo, os pais de santos são bruxos, são de outra linhagem, mas são bruxos. O rezador que você disse que te ensina sobre as ervas em Paraty, você disse que ele trabalha com o kardecismo e com os astros, ele reza e utiliza as ervas, ele é um grande bruxo.

Olha Geraldo, eu tenho 67 anos, eu já estou me preparando para retorno para casa. Não sou jovem como você, que ainda tem muita coisa pela frente, eu não consigo nem vê a morte perto de você, o que eu vejo é você dando aula, professor universitário, sua vida brilhando.

Eu comecei a ler os livros, comecei a ler e eu achei muito legal. Quando Paulo, eu sempre fui muito fã de Paulo Coelho, minto, a mamãe tinha um livro que eu ganhei nos anos 70, um livro sobre a história da bruxaria ou a Arte da Bruxaria de um Jornalista que pesquisava. Eu li aquilo e tal, mas não, que era já da Wicca. Nos anos 70, quando eu já tava saindo da época hippie e tal, eu frequentava o MAM, Museu de Arte Moderna, era toda de Vanguarda. E lia e minha mãe guardou. Eu tenho esse livro até hoje, um colega me deu. Hans Rosling, o autor Hans Rosling, aí ficou aquilo na mente, aí ficou lá. Eu li Brida, quando li Brida, eu achei aquilo o máximo, eu me identifiquei e fazia muita homenagem pro Arcanjo Miguel também. Eu tinha lido As Valquírias, que eu tenho aqui gravado o nome de Miguel.

### **Intolerância Religiosa**

“Eu vou te contar uma coisa, eles só me chamavam de bruxa. Você não viu não, que teve muitas reportagens no Globo, Extra, todos os dias, literalmente na capa? Aí veio os direitos humanos, porque os bandidos, não sei o que lá de Jesus, traficantes de Jesus, queriam me matar, me ameaçaram de morte. Eu fiquei em cárcere privado dentro de casa aqui dois meses, só saía de Uber, a coisa tomou proporção muito grande. E aí, se não fosse o direitos humanos, que eu fui lá para a delegacia da polícia, na cidade da polícia, porque o que aconteceu é que gravaram um vídeo da gente arriando essas oferendas na encruzilhada no dia 13 de agosto. Todos os anos eu sempre fiz isso, porque a deusa Hécate é uma deusa grega e as ofertas dela são nas encruzilhadas, porque desde os tempos imemoriais, as encruzilhadas foram lugares de ofertas. Inclusive Sócrates fala assim ‘Antipa, não esqueça de botar para Esculápio - que é deus filho de Apolo, meu pai inclusive - um galo na encruzilhada’. Quer dizer, isso não é mérito de candomblé e nem de umbanda, nem de canto nenhum, na vida inteira, desde o tempo do Egito, que eram negros e tem uma cultura fabulosa, sempre tiveram isso, só que a Wicca não dá oferta de animais. Aí gravaram um vídeo, meu cover de preto, que a gente sai né uma hora da manhã do dia 13 e fomos botar e aí gravaram, era um dia de semana que estava frio e não tinha ninguém na rua, um rapaz do posto de gasolina gravou e deu pro policial. Teve um cara candidato a deputado, derrotado aqui da Baixada Fluminense, dizendo que eu era a voz do demônio, porque eu falava “*cayri Hécate, cayri Hécate, cayri Hécate*” saudando a deusa em grego. Aí o pessoal começou mandar pra mim uns vídeos e diziam, olha é a senhora que está saindo nos jornais e estão dizendo que a senhora mata crianças. Eles fizeram uma montagem de umas crianças que

tinham sido mortas lá no Sul, então eles fizeram aquela montagem e foi horrível para mim, mas muita gente que me conhece falava ‘não, Alana Morgana não, ela é rezadeira e faz até as rezas de graça.’ E nesse período, eu não podia mais sair nas ruas, mas o delegado, eu implorei para eles fazerem um B.O. , aí eu fui com a menina lá dos direitos humanos, na delegacia da polícia e o delegado, ‘olha, você tem que fazer não sei o quê’ e tinha um monte daqueles reportes do Globo, Extra e a Lorrana falou ‘esses reportes é por causa dela’. Aí, o delegado mudou, eu disse ‘como é que pode? Olha a fama!’ O cara mudou na hora e disse não sei o quê, ligou pro cara e quando eu estava vindo pra casa, já tinha um Camburão e o pessoal daqui da rua pensava que era coisa de bandido, foram dois meses, assim, horríveis para mim. As pessoas colocavam nos zaps e internet, *se é encruzilhada, já não presta*, pensam que encruzilhada é só umbanda, candomblé, religiões afro, não tem na verdade nada que não presta ali na encruzilhada, são dadas as ofertas de qualquer religião. Olha, foi um inferno na minha vida, uma coisa assombrosa. Meu marido, o Alex, eles falavam assim: - *O Alex, olha, magrinho, não vem aqui não, que eles vão acabar com vocês*. Olha, depois chegou a vir gente aqui instruída, querendo fazer uns trabalhos, como se eu realmente matasse crianças. Eles falavam: - Se a senhora faz, eu não me importo, quero é resolver meus problemas. Eu falei ‘Vocês estão muito enganados!’ Foram muitos desse que recebi.

### **Resistência**

“Então, esse ano o que que eu fiz? Na véspera, eu fiz aqui, aí tem os que é só a ritualística dos sacerdotes, mesmo e ontem, que foi dia 13, foi para aqueles que estão passando pelo processo de iniciação. Eu fiz aqui mesmo uma encruzilhada, que a deusa entende, quando for amanhã, que tem duas iniciações aqui, eu vou levantar isso, vou pegar uma Uber e vou botar, já que em uma encruzilhada que não dá, eu boto numa graminha e despacho ali.

O que a gente coloca é ovos, queijos, chicote, corda, alho, mel que são as preferências dela, que é a deusa do submundo, tártaro, a deusa Hécate. Porque esse negócio de inferno, demônios é coisa do cristianismo que foi retirado da parte dos gregos que colocam como submundo. Só que os cristãos colocaram o inferno de fogo, já a parte grega colocaram o submundo como frio. Veja bem, você quando está pra morrer, receber santo, você fica é gelada, é quando você está perto da morte, então a morte ela é fria.

### **Sincretismo**

A associação de Zeus com o Candomblé, se fosse o caso, é Xangô. Eu sempre fui do velho, eu amo Ogum, mas o Ogum da Umbanda, o São Jorge, que aqui é Áries, eu sou

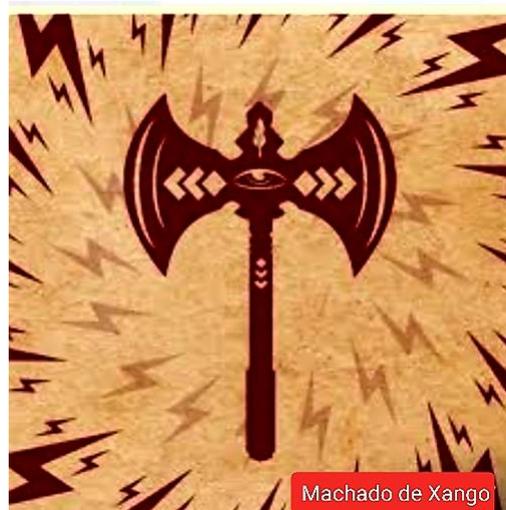
apaixonada por Áries e Áries é Ogum. –*Você sabia que o pessoal que é de Ogum não simpatiza muito com quem é de so,l que é de Xangô?* Nossa, como é que as coisas são! Eu pensei assim, é o que eu digo para meus filhos: – olha, a deusa e o deus são um só! Manifestados em religiões com vários nomes, cultos e formas. A deusa, ela é Iemanjá, é Anfitrite, que é a minha mãe, a deusa d'água, que no candomblé sou de Iemanjá, ela é Hécate, é Diana, é Afrodite, enfim e o deus é um só, é o deus chifrudo, que é todos, são todos eles: Ogum, é Exu, Exú Orixá, é Dionísio, é Pan, na Índia é não sei quem.

Eu não sou helenista, helenista é quando cultua a religião grega como tem que ser. Eu não cultuo como tem que ser, eu pego coisas de como tem que ser lá, por exemplo: as ofertas, Zeus gosta de mingau de cevada, eu faço mingau de cevada para ele. Ele adora, eram as ofertas dele, aí eu boto mel de verdade e coisa e tal. Ele é o senhor dos trovões, dos raios e dos machados, que aqui se chama labris, só que eu. tive que comprar um parecido de Xangô, pois era o que tinha, da wicca não tem, só na Europa, tem que mandar fazer.

Figura 23- machado de Zeus



Figura 24 - machado de Xango



Zeus não gostava muito de Áries, porque era muito brigão, é filho dele. Afrodite seria como se fosse Oxum. Afrodite, nasceu das águas, pelo esperma de Urano, caiu na água numa briga lá entre eles, e o metal dela é o cobre, aí o pessoal faz associação. Dionísio e Pan, associam a Exu por causa do chifre, Dionísio e Pan por terem chifre, o pessoal chama de Exu verdadeiro, por isso que ele usa aquele capacete aqui e aquele negócio que ele anda na mão dele, é um falo, é um pênis. Aqui também é um falo (mostrando algo) de Pan, de Dionísio é um falo também, os deuses todos aqui do meu altar levam um falo.

Mas, não tem muita semelhança. A semelhança que eles botam é por causa do falo. Eu digo, Exu é diferente do Exu povo de Rua, Pomba Gira, Seu Caveira, Seu Marabô, Seu Veludo e o outro não, é Exu Orixá! O mensageiro dos deuses, espiral divina, os deuses são todos iguais.

## Consciência Feminina

Eu fui em um seminário, os caras pai de santo só falavam em Deus. Quando foi minha hora de falar, cada um tinha que terminar, eu falei: Deus não, olha pra mim, não é Deus não! Vocês todos acreditam não sei como, mas eu acredito em uma deusa feminina, então, minha deusa não é igual, não tem o mesmo nome do de vocês, é Deusa, é feminina e outra, eu acredito, mesmo que eu não seja de candomblé, de religião, mas, Odudua, Oxalufan, aí falei, são deuses poderosos tanto quanto Jeová. Os pais de santo olharam assim pro outro, porque eles tinham que falar isso, eles homens não falam, não têm coragem, se falar, não é convidado de novo, mas eu fui e falei, ‘hoje sinto muito, eu vou falar.’

Olha a Athena é deusa grega da inteligência, da estratégia da guerra, ela é uma guerreira e deusa também das costureiras. Também, ela que inventou a azeitona, que trouxe a azeitona para o mundo, ela que deu o sopro de vida do barro, quando Prometeu fez o boneco e foi colocando a vida, fez o boneco de barro e a vida foi soprada, muito parecida com a dos cristãos. Aí veio a primeira pessoa, Pandora, a primeira mulher, por que o homem foi feito primeiro depois foi feita a mulher é sempre assim, sempre o patriarcado querendo nos engolir, mas apesar que daqui, eu coloco a deusa em primeiro plano.

Olha eu vou te dizer uma coisa, o poder das mulheres é muito forte, não é por causa só dos estudos, às vezes uma mulher da roça, uma rezadeira, uma mãe de santo tem muita força porque ela tem o sagrado feminino, isso é o dom do chamado. Às vezes, começa até com aqueles santinhos de igreja católica, as senhoras pedem Santa Barbara tira não sei o que, Santo Antonio, faz isso, faz aqui, faz ali e vai rezando com o nome dos santinhos e a fé nelas é grande, a energia se manifesta, elas têm o dom da cura, quando vê já virou rezadeira. Você lá na sua dissertação, deve falar do sagrado feminino, do empoderamento da mulher, que estes nomes estão na moda, tem gente que fala nem sequer saber, mas vive falando, ‘*empoderamento da mulher*’, isso sempre existiu nas rezadeiras. Tem que se adaptar. Eu tive que começar a falar spirit doll, é isso, está na moda falar sobre espírito de boneca, que é igual a vodu. A bonequinha de vodu, que você bota vida para poder despertar para a saúde ou não. Tu vê aquele boneco ali que é para o cara parar de beber? Tem uns que a gente faz para morrer, que são os pedófilos e os estupradores. Tem que matar mesmo.

## Aprendizados

Meu universo religioso foi o catolicismo durante muito tempo, o candomblé vem depois, bem depois. Eu comunguei até essa entrevista com Alana da visão de que bruxaria era coisa dos demônios. Encontrei em Alana a Bruxa Rezadeira, uma das pessoas mais informadas sobre

questões ligadas a intolerância religiosa, racismo, bem como também, a questões ligadas às curas e formas diversas de operar o ofício de rezadeira. Alana é uma sábia, comprometida com as lutas das mulheres. Mesmo que fale pouco sobre o feminismo, ela expressa essa luta no seu cotidiano. As diversas reuniões que participamos não me permitiram ter acesso a tantas informações como essa entrevista na sua casa. Eu pensei inicialmente em entrevista-la nas reuniões que participamos juntos para organizar a primeira caminhada contra a intolerância em Nova Iguaçu, mas havia muitas disputas políticas envolvidas, o que acabava impedindo que nos aproximássemos um do outro.

#### 5.2.4. Dona Isabel

A primeira impressão quando tentei marcar o encontro com Dona Isabel, é que ela não me receberia, já havia conversado com sua atenciosa filha Nívia por duas vezes e ela teve dificuldade de convencê-la de me receber: *Mãe não gosta de falar muito*. Na terceira tentativa, foi efetivado e cheguei a sua casa como combinado. Dona Isabel me recebe com um ar desconfiado, só me olha após a apresentação de sua filha Nívia. Percebendo a dificuldade, Nívia sugere: *mãe, ele só veio te conhecer e gostaria de marcar um outro dia*. Marcamos novo encontro e quando chego, sou recebido por Nívia, que me convida a entrar na sala e chama Dona Isabel, que novamente só me olha, não fala nada. Explico o objetivo da minha ida a sua casa e a conversa pouco avança. Nádia, a outra filha, cumprimenta e logo o desenho do diálogo que eu teria com ela individualmente se modifica e se transforma em uma roda de conversa. Deixo-a livre para falar o que quiser, enquanto ela me observa. Também observo que da sua sala até a parte visível da cozinha, destacam-se inúmeras imagens de Nossa Senhora Aparecida e ao lado, num pequeno canto, outras imagens juntas lembram um altar de orações.

Antes de entrar na sala, porém, percebi uma planta sagrada do lado esquerdo, um pé de peregun<sup>31</sup> encostado a um corredor que leva aos fundos da casa. É mesmo um quintal de rezadeira, pois tem ainda plantado: espada de São Jorge, pimenta, arnica, comigo ninguém pode, pé de bananeira, cacau, café, graviola, abacate, manga, capim limão, acerola, mamão, jasmim, erva cidreira e aroeira.

Para quebrar o clima ainda gelado, apresento-me, e explico novamente o objetivo da pesquisa. Pergunto se ela deseja colaborar com uma entrevista aberta, falo da necessidade de sua autorização para divulgar o que ela poderia me passar de informações e termino sugerindo

---

<sup>31</sup> O Peregun na cultura yorubá é uma das sete árvores pilares do mundo, cujo nome científico é *Dracena fragrans*. Arbusto de flores perfumadas que também é conhecido como pau d'água. A presença do Peregun é muito simbólica por ter entre suas funções a de abertura total para os caminhos da cura (SANTOS, 2014)

que ela diga o que representa para ela ser rezadeira, como passou a exercer o ofício e se gosta do que faz. Nádia, sua filha, responde: *mãe ele quer conversar com a senhora, acho melhor até você gravar*. Nívia entra na conversa *eu também tenho que comprar um gravador, porque pesquiso sobre as cantigas iorubás*. Eu, que não estava preparado para gravar, aproveito que Dona Isabel começa a falar e vou anotando tudo em folhas que havia separado. Dona Isabel ensaia um início de conversa, *até as cantigas eu esqueci*, demonstrando pouca disposição para falar, e apontando para seu altar, mostra umas fotos e diz: *esse papa [João Paulo II], eu gostava dele, esse agora [Francisco] também é muito bonzinho*. Nesse momento, sua filha Nívia dá uma informação sobre o passado: *Mãe era a quinta moradora da região, aqui era uma beleza só, tinha cobras... mãe era feliz e não sabia. Aqui é chamado Jardim Iguaçu. Era só laranja*.

*Olha, você perguntou se eu gosto de ser rezadeira. Gostar, gostar, não gosto muito não, tem muita gente mal-agraçada, a gente não tem sossego, toda hora vem um na porta da gente*.

*Eu nem sei como virei rezadeira direito. Minha mãe era rezadeira, eu via ela rezando. Tem um caderninho com rezas, que as meninas foram arrumando, misturando tudo, sei lá, elas dizem que está em Nárnia, que é o quarto da bagunça*. Dessa vez, é Nádia que traz outra informação do passado: *mãe não morava aqui exatamente, isso aqui era uma fazenda, aqui tinha uma fazenda de plantar laranja*

*Quando eu vim morar aqui, eu era muito criança, eu rodava isso aqui, porque era uma fazenda. Não me pergunta o nome do lugar, porque eu nunca me interessava por isso, eu me interessava pelas laranjas e tangerinas, cada uma desse tamanho, quando eu era criança*. E Nívia completa: *Quem morava aqui era minha avó e mãe andava por aqui com os irmãos, era tudo mato. Eu antes não rezava, quem rezava era a minha mãe Davina, mas que era apelidada de Mocinha. Aqui, eles chamam a gente de rezadeira, em outro lugar, no Nordeste, é benzedeira e eu quando comecei a rezar já tinha me casado. Agora é difícil ver rezadeiras, viraram tudo crente. Teve um que fez os trabalhos comigo, eu queria me desfazer de uns assentos dali do corredor e liguei pra ele, que agora é pastor, para tirar suas coisas daqui, senão eu ia dar um fim. Ele falou, 'Dona Isabel a senhora não faz isso não, eu estou bem de vida graças a isso aí, se a senhora tirar vai me arruinar.'*

Neste momento, pergunto se posso conhecer a outra parte da casa que tem os orixás e Nívia me acompanha e me mostra o corredor com os assentamentos de Obaluaíê, Oxossi, Nanã, Ogun, Padilha e Exu. Nívia continua: *aqui tem dois que ela ia jogar fora, mas ela teve um sonho, veio um homem negro muito alto com um tipo de vestimenta de capoeira e pediu para*

*ela não jogar fora não, aí ela não jogou. No quarto da bagunça, em Nárnia, tem uma pintura do Sr. Fumaça, que era parente de Heitor dos Prazeres.*

Quando entramos no “quarto de Nárnia”, vejo num canto uma figura de um Erê, que Nívia afirma ser o Crispim, que é um santo da igreja católica. *Olha aqui Geraldo, tem assentada Iemanjá, Xangô, aqui tem vários orixás e tem também a escrava Anastácia, São Jerônimo, a frente, uma grande estatua em gesso com um santo com cachorro que assemelha-se a São Lázaro, ou São Cristóvão próximo de uns atabaques. Mamãe tomou tanta porrada, porque a religiosidade dela respinga na gente, a gente é muito xingado, porque as pessoas acham que só porque mãe é espírita, nós também somos e eles xingam muito a gente. Eles dizem “olha os gatos da macumbeira” e a gente nunca se viu como filho de santo. Eu já briguei muito por isso, saía na porrada, não falo com um monte de homem aqui, porque saí na porrada.*

Dona Isabel complementa: *aí, quando eles falavam que eu era macumbeira, eu dizia ‘eu não, é a sua mãe!’ Sabe o que quer dizer macumbeira, “filha da puta”? Lá na África, é a maior ofensa, é quando xinga a mãe do outro de filho da puta, então, quando me xingava assim de macumbeira eu dizia ‘é a sua mãe!’ Eles pensavam que eu estava xingando de macumbeira, eu estava xingando de “filho da puta”. Nívia completa: agora o ioruba a gente usa mais para conversar, para as pessoas não entender o que a gente está falando, porque às vezes a gente está falando até da pessoa mesmo, às vezes a gente está falando que a pessoa é olho grande, às vezes a gente xinga a pessoa de gay mesmo e a pessoa nem sabe que é um adefontó. Às vezes, no ioruba a gente tá falando que ela é uma cobra, a gente acabou aprendendo várias palavras em ioruba. Ojucricri ou oju nla que é olho grande, a pessoa que é linguaruda a gente chama de indaka majula, fofoqueira é indaka de olofofo, meus pais falavam muita coisa em ioruba e a gente aprendia, meus filhos falam também, eu pensava que eles não estavam sabendo, mas eles estavam sabendo tudo. Uma vez eu fui na igreja são Jorge.*

*Foi por isso que tive a ideia de fazer minha monografia sobre cânticos iorubas, por causa dos meus filhos. Meu pai cantava muito em ioruba, pegava o atabaque e ficava ali cantando.*

## **Aprendizados**

Meus encontros com Dona Isabel nem sempre trouxeram muitas informações. Tive que fazer um percurso que criasse confiança nela e na família. Aos poucos, foi havendo uma abertura e encontro com maior produção. Na última vez me despedi, agradecendo pelas informações presentes em suas narrativas, Dona Isabel, já mais à vontade, convidou-me para voltar quando quisesse.

A conversa com Dona Isabel e suas filhas Nívia e Nádia trouxeram importantes possibilidades de análises sobre o sincretismo e a intolerância religiosa. No caso de Dona Isabel, mostra que esta prática é uma estratégia de resistência e proteção contra a intolerância religiosa. Por isso, deixa as imagens dos orixás na parte de trás, onde ninguém pode acessar sem a sua permissão e no interior da casa fica mais visível as imagens católicas que ainda são “socialmente aceitas”. Ser católico para ela ou ser do candomblé não tiram sua capacidade de entender os preconceitos, a intolerância religiosa e o racismo. Em seu quintal, convive com filhos e noras de denominações cristãs católicas e evangélicas, todos, independente de suas opções, interagem no dia a dia e de alguma forma são absorvidos por essa teia emaranhada de fé, de rezas, orações, curas e magias que une a casa cristã na frente do quintal e o terreiro de Ketu nos fundos. A utilização da língua ioruba é também um recurso de resistência, semelhante a uma herança africana denominada *cupópia*<sup>32</sup>, pois permite que se possa trocar somente entre elas informações que não consideram necessário repassar a outras pessoas.

Dona Isabel e sua família, como muitas outras famílias na Baixada Fluminense, dividem seu território entre diversas moradias em um único terreno. Em suas idas e vindas, a família também interage nos momentos de encontros e desencontros.

Do corredor para lá é que começa a parte que é do candomblé. É que no número 123 é onde funcionava o centro da minha mãe, o 127 é a casa dela. Aqui, é como se fosse dois mundos, aqui em casa os dois mundos se fundem, porque muitas coisas, as comidas por exemplo de santo, às vezes as comidas de santo eram feitas aqui e depois de pronto levava para lá, não é mãe? (NIVEA, AGOSTO, 2019)

Uma passagem comum unifica sua fé em uma espécie de “**sincretismo de corredor**” como um portal entre os dois mundos, onde ninguém pode deixar de transitar. Neste trânsito, há a construção de diversas possibilidades e partilhas. Nesta partilha de espaço geográficos, diversas confluências se cruzam, às vezes se imbricam e se ajuntam Neste caso, o Quilombola Antonio Bispo nos diz que a confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura (BISPO, 2019). Às vezes se interpenetram, promovem mistura nem sempre homogêneas, mas transfluente, sendo que para Nego Bispo: a transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta (BISPO, 2019). Dona Isabel e suas filhas fazem do seu universo geográfico um centro de experimentações e vivências de diversidade religiosa, exercitam a pedagogia da tolerância que (FREIRE, 2016) nos falou

---

<sup>32</sup> Trata-se de um dialeto africano utilizado para comentar coisas que os visitantes não podem saber.

em suas vivências pedagógicas. De toda forma, como a própria Dona Isabel relata, ela deixa um porrete preparado para usar se alguma coisa der errado.

### 5.2.5. Dona Josefa

A minha chegada até Dona Josefa se deu após fazer uma cartografia com minha coorientadora Dra. Catalina Revolo Pardo, onde verificamos a necessidade de mudanças nas estratégias para minha atuação no campo, já que eu havia recebido anteriormente a visita de traficantes em minha casa, proibindo-me de continuar as conversas que eu fazia com os terreiros da região próxima à minha residência. Sendo assim, passei a aproveitar lideranças locais de outros bairros para me apresentar e me acompanhar nas visitas e através do mestre de Folias de Reis João, fui apresentado a Dona Josefa, que me recebe, como é normal em pessoas que não se conhecem, ainda um pouco desconfiada e logo pergunta: - *Mas com qual intenção você veio na minha casa?* Explico todo o processo que envolve a pesquisa e a necessidade do TCLE, falo da luta pela preservação e defesa do culto de matriz africana e com as informações sobre as mobilizações para a caminhada ela fica mais à vontade e já começa a falar. Após minhas provocações, traz importantes informações em sua narrativa que estão em maior parte no capítulo dedicado às suas apresentações.

Dona Josefa inicia suas narrativas assim: “O João até sabe, antigamente o João vinha na minha casa trazer a folia de reis, há muitos anos está muito difícil ele aparecer aqui na folia de reis, porque tem a folia de reis que começa dia 24 de dezembro e tem a de São Sebastião que começa em janeiro e vai até dia 20 de janeiro, porque é catolicismo, a reza é um catolicismo. Você, se pensar bem, a nossa Umbanda tem muito a ver com catolicismo. Nós precisamos das palavras de Deus, de onde saem essas palavras? Saem do catolicismo da parte da minha mãe, tinha minha avó e minha bisavó também, a minha bisavó Gabriela ainda era do tempo do cativoiro.

Minha mãe era católica, católica mesmo! Não era apostólica porque não ia pra Roma. Católica Apostólica Romana são as pessoas que vão à Roma, essas coisas todas e quem não foi é só Católica Apostólica, não é romana. E meu pai já era muito católico, mas não era chegado muito em ir em igreja, ele tinha a fé dele. Minha mãe não era espírita, meu pai não era espírita, eu entrei para o espiritismo por motivo de força maior, o motivo de força maior é que nós temos a nossa mediunidade e muita das vezes a gente não conhece o que são as coisas que faz nos levar pra dentro daquela religião que Deus trouxe pra gente.

Então, quando eu era pequena, que eu tinha essas coisas, essa tosse, de vez em quando eu adoecia de um minuto para o outro. Aí, foi quando apareceu um baiano na casa da minha mãe, na casa da minha mãe não, na casa da vizinha do lado e minha mãe também não estava

bem de saúde, aí ele virou para a vizinha e disse: - O que essa dona tem? Ela disse - Eu não sei, ela tá doente, eu não sei o que ela tem. Ele corria os estados todos, ele ia nos centros, passava dois, três dias, daqui a pouco ele viajava pra outro lugar, que antigamente não existia o candomblé. Aqui. por exemplo, no Rio de Janeiro nós não tínhamos candomblé, tinha muito era umbanda, centro espírita de mesa, umbanda branca e tinham as quimbandas e tinha até tipo um congada onde as mulheres dançavam. Aí a vizinha disse pra ele: - Ela não é dessas coisas, ela não acredita nessas coisas, se eu for falar com ela, ela vai achar ruim. Mas ela foi indo, foi indo, foi indo falando com minha mãe, aí me levou num centro do oriente. Nesse centro do oriente, eu pequenininha, a entidade começou a vir em mim, eu tinha uns cinco anos e foi quando eu obtive minha saúde de volta. Aí, a minha mãe, mesmo sendo católica, foi obrigada a me levar. Aí foi que disseram que a minha mãe estava doente, mas o motivo não era dela, era para ela poder andar comigo e vinha umas entidades, era Preto Velho, era beijada, era povo d'água, eram as entidades que vinham, o povo d'água vinha Iemanjá, Oxum etc. Também vinha Obaluaê, Obaluaê também que é o dono da cura, né? Obaluaê<sup>33</sup> é o dono da cura, é o principal dentro da minha nação, Obaluaê e Iemanjá têm muita utilidade. Tem muita utilidade para as pessoas que estão doentes, a gente cultua muito ele e Iemanjá<sup>34</sup>, que é dona de todas as cabeças! Ela é mãe de todas as mães e dona de todas as cabeças, todos nós temos ela.

Então, assim eu fui frequentando, aí depois de muitos anos, que eu já era adulta, quando eu já estava com dezessete para dezoito anos, eu comecei a me afastar, e me casei, essa menina que está aqui foi minha primeira filha, ela estranhava muito, aí eu fui e abandonei. Por motivo de eu abandonar, eu tive que voltar por ela, porque eu a vi praticamente morta, por causa dela eu voltei. Teve um Orixá meu que me deu duas opções: ou eu voltava à praticar, ou perdia uma filha, entre perder minha filha, eu voltei a praticar. A gente quando não vai pelo amor vai pelo quê? Pela dor.”

Em outro momento, no dia 08 de dezembro de 2019, fui a uma sessão no seu terreiro em homenagem a Nossa senhora da Conceição e Oxun. O terreiro fica ao lado da sua casa numa ladeira íngreme de descer. No final está o espaço de culto onde se agrupam diversos filhos de santo. Ao me ver, ela sorridente cumprimenta e apresenta aos filhos de santo, dizendo: *este é um pesquisador da UFRJ e está me pesquisando para valorizar o nosso culto, ele luta pela*

---

<sup>33</sup> Obaluaie, Rei Senhor da Terra é também conhecido como Omulu. É muitas das vezes associado as pestes, porém há no candomblé uma associação deste orixá também a cura, pois através do seu Xaxará reúne e cura qualquer mal que possa haver na terra. É o senhor dos espíritos e mediador entre o mundo material e espiritual.

<sup>34</sup> Segundo Pai Paulo de Ogun, sacerdote do terreiro Ile Asé Ogun Alakoro o nome em Yorubá é Yeyé Omo Ejá, que significa Mãe dos Filhos Peixes, é aquela que participa e molda a cabeça de todos os filhos de santo preparando-as para os orixás.

*nossa causa*. Sempre penso como é difícil ir a um local somente para buscar informações para uma pesquisa, sem se envolver com as demandas que o campo nos traz.

Uma observação *in loco* possível é o quanto o catolicismo está presente no ritual da umbanda. A abertura da sessão se dá com uma saudação a Nossa Senhora e uma menção ao Bom Jesus da Lapa. Logo após, faz-se a louvação à Santíssima Trindade e logo a seguir, reza-se uma ave-maria. Após esse período, há um intervalo. Dona Josefa precisa sentar-se em uma cadeira, pois uma trombose a deixou fragilizada e logo ao se acomodar, puxa um pai-nosso, momento no qual percebo como estão envolvidos na oração todos os filhos de santo. Logo após, é a vez da oração do Credo, quando todos os filhos de santo afirmam: *Creio no Espírito Santo, na santa igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém!*

Logo após, canta-se para Exu e reza-se para São Pedro e São Francisco. Na hora da oração a Estrela Guia, todos se abaixam e logo começa o bate cabeças, inicialmente pelas suas duas filhas, uma iniciada no próprio terreiro de umbanda e a outra que é sacerdote do candomblé. A partir desse momento, começa a gira de fato com as entidades da umbanda, inicialmente os trabalhos e cânticos se iniciam e os primeiros a chegar são os caboclos.

### **Aprendizados**

Na maioria dos terreiros, a influência do catolicismo está presente tanto nos símbolos, como no ritual. Em alguns casos, mulheres mães de santo e rezadeiras se afirmam mais católicas do que de matriz africana, mesmo que na prática sua dinâmica de vida, esteja mais no terreiro do que na igreja. O que isso tem a nos mostrar? Uma questão que não pode ser descartada, é que esta influência do catolicismo nas religiões de matriz africana tem ligação com os efeitos da colonialidade: o poder, o ser e o ter. Mesmo assim, é dentro deste contexto que estas casas de culto chegaram até aqui, o que não deixa de trazer para todos que estão debruçados nos estudos dos fenômenos religiosos a indagação sobre de que forma religiões de matriz africana poderão ter os pressupostos civilizatórios africanos, vivendo sobre a influência de uma religião colonizadora?

### 5.2.6. Dona Nina

No meu primeiro contato com Dona Nina, ela falou mais de sua apresentação pessoal, na segunda vez que nos encontramos, falou sobre as diversas entidades ciganas e sua forma de atuação como rezadeira.

#### **Como curam as ciganas? Com quem trabalham?**

”Nas curas com terapias não temos entidades incorporadas trabalhando, mas na Tenda Tzara Ramires tem também as entidades que vem mais tarde, e chegam as ciganas que trabalham com curas e são da cura mesmo como a Sunacana, tem a cigana Esmeralda que também é da cura tema cigana Solomita, tem a cigana Sara e muitas outras ciganas.

Essas entidades ciganas tiveram o livre arbítrio, em vez de reencarnarem aqui vieram como espírito para ajudar as pessoas, são evoluídos, eles viveram em uma época na Espanha, tipo a cigana Zoraide, que é a minha cigana, que viveu na cidade de Orense, é uma cidadezinha lá na Espanha, pequenininha, que eu nem sabia que existia. A Zoraide, minha cigana, diz que o cigano não conta onde nasceu, ele conta onde ele foi enterrado, então ela fala eu sou de Orense, porque ela foi enterrada naquele lugar. Tem outras ciganas que são de Andaluzia, outras são de Granada, tudo na Espanha, mais tem os Árabes também e os Celtas, Indianos e Hindus.

A nossa forma de reza, que ajudamos o próximo são as terapias holísticas, nós usamos os cristais, a cura prânica, não se se você já ouviu falar, que é somente trabalhar com as energias das pessoas, tem cursos para isso, como tem para entender os chacras das pessoas e com isso, você consegue dar um certo equilíbrio. Hoje em dia, a maioria das pessoas adquirem doenças porque está com algum tipo de chacra com deficiência, está em desequilíbrio, em desarmonia com ela mesmo, como eu falei a pouco tempo, as pessoas dizem “estou com dor de cabeça”, não está sentindo nada, mas se você colocar na sua cabeça que está com dor sua cabeça vai doer, se colocar que o pé está doendo, vai doer, porque tudo é o cérebro que comanda, até a sensação de dor é ele que comanda e você pode não ter nada, mas se colocar na sua cabeça que aquela situação, muitas das vezes não é um sentimento físico, são energias que estão só desalinhasadas, você tem que alinhar seus chacras, seu corpo astral para poder as coisas fluírem e até a ajudar. Quando está no físico e as vezes o médico não vê, porque tem fatos que vai aí no médico e ele diz que não tem nada e a pessoa sentindo dor. Então, se faz algum tipo de trabalho principalmente dentro da Tzara Ramirez, com a tenda cigana, que tem uma parte que chamamos parte de cura, mas é uma cura espiritual, uma cura energética. Vamos diferenciar esta cura. Na certa forma, quando você trabalha curando a energia da pessoa, ela atinge o físico (questões do atendimento médico, separação do corpo e espírito) como a própria doença, se

você está com problema de deficiência energética, daqui a pouco está atingindo seu físico também.”

### **Pequeno histórico das imigrações de ciganos no mundo.**

Os ciganos viviam em um país lá na Índia pequenininho, um povo tranquilo, pacato, sempre viveram da natureza, eram negociantes e o país foi invadido e os clãs foram chamados para fugir para a Espanha e foram feitos vários clãs, na Rússia, Alemanha, Espanha, França, Sul da França, Itália, Portugal, apesar deles portugueses não gostar muito de ciganos e no Brasil também nós temos ciganos.

Quando teve essa fuga da Síria me lembrou muito o povo cigano, eles também abandonaram para não entrar no conflito com outro país que era muito maior do que eles. Na Espanha foi onde ficou o maior foco de ciganos, na África não ficou muito cigano não. Os ciganos tiveram que ser católicos, senão fossem, eles seriam queimados na fogueira entendeu? Eles são católicos, eles amam Santa Sara, que é a padroeira dos ciganos.

### **Santa Sara**

Ela era uma escrava que fugiu de barco com as três mulheres chamadas Marias e pegaram elas e colocaram a Sara, que era uma escrava, com as três Marias no barco para que morressem em alto mar. As três Marias começaram a chorar, né? E a cigana Sara pegou um lenço e pediu a Deus que se salvasse a todas, ela seria a eterna noiva de Jesus Cristo e usaria um lenço eternamente sobre a cabeça. E quando amanheceu, elas estavam em uma praia acolhida pelo povo cigano, que estava na praia e as três Marias foram para o convento e Sara passou a acompanhar aquele povo cigano e passou a falar que era a noiva de Jesus. Ela fazia partos e ajudava as mulheres a ter filhos e resolvia os problemas das mulheres, as pessoas feridas ela cuidava, mas sempre acompanhando as ciganas e o povo cigano. Quando ela morreu, foi na França, ela foi enterrada na França e se falaram muito de Sara, a cigana que cuidava das mulheres que tinha problemas de engravidar. Ela fazia orações e as mulheres ciganas engravidavam. Quando ela morreu, as pessoas passaram a ir no túmulo dela e faziam promessas: *Minha santa Sara, se eu conseguir engravidar, eu vou trazer um diklô, é um lenço de cabeça, o mais bonito vou trazer.* E até hoje tem milhares de lenço no túmulo dela, porque as mulheres engravidam e levam o lenço para ela de presente.”

## **Curas e magias**

### **Caso I**

Nós temos fatos na Tzara Ramires de uma criança que estava com tumor entre os dois pulmãozinhos, a mãe dela era da tenda e nós começamos a fazer os procedimentos, ela internada e nossos tratamentos a distância para ajudar essa criança. Ela ia fazer uma cirurgia e o médico, não sei o que aconteceu lá, bateu com o carro, perdeu os documentos que estavam no meio da confusão e ela não fez a cirurgia, porque teve que refazer os exames e simplesmente o tumor havia sumido. O médico chamou a mãe e falou assim: eu não sei qual a sua religião, mas continue nela, porque eu não estou entendendo nada. Depois, ele achou os documentos da menina e o tumor simplesmente havia sumido sem explicação, então ele falou: não sei qual a tua religião, mas, continue nela. A criança tinha ficado internada lá uns quinze dias, aí a menina veio pra casa, está aí, já é uma moça, já tem mais de dez anos. Então, a gente tem situação na Tzara Ramires de gente que realmente se curam, uma coisa que estava e depois curou, não teve explicação.

### **Caso II**

Teve uma irmã que chegou e tinha infartado uns dias antes, e chegou chorando porque havia três noites que não conseguia dormir e um simples trabalho de alinhamento com os cristais foi feito. Um trabalho energético tampando energeticamente os buracos da área de saúde dela, nós pedimos e ali emanamos energia para ela e junto aos cristais. Ela disse que chegou em casa e dormiu até no outro dia. Como temos pessoas que chegam cheia de dores e quando sai de lá, vai pisando em algodão e diz que está bem.

Hoje em dia, nas pessoas, muitos dos problemas de saúde são emocionais, está tudo muito corrido, os dias muito corridos, as coisas estão acontecendo uma atrás da outra e as pessoas estão com os nervos à flor da pele e procuram uma válvula de escape, alguma coisa para tentar tirar essas coisas dela um pouco, esse cansaço, esse estresse. O que é o estresse? Não é uma falta de equilíbrio também? Então, ele ajuda você buscar seu equilíbrio, isso é muito bom!

## **Mulheres & curas**

Eu acho que a cura é mais da mulher, as mulheres curam porque têm muito coração, elas gostam muito de ajudar o próximo, têm muito disso, mais do que o homem. Não que os homens não gostam de ajudar, tem alguns que são coração, mas a maioria não, mulher se puder

“ah, tadinho e nesse tadinho, ela se entrega naquela energia, tentando ajudar o próximo, ajudar aquele irmão que está ali e ela sofre junto.”

### **Aprendizados**

Nina Cigana em sua apresentação se descreve como iniciada no candomblé, participa da Tenda Cigana Tzara Ramirez. É importante perceber, que a questão de sua filiação a religião de matriz africana, mesmo que ela ainda frequente o terreiro, não é trazida em suas narrativas. Nina é mais uma rezadeira que narra as preocupações com a intolerância religiosa, talvez um fato que possa fazê-la evitar de falar a respeito do candomblé. Nina Cigana não é cigana, pois não nasceu cigana, não tem sangue cigano, mas é na vivência cigana que está seu maior conforto espiritual e onde pratica o exercício das rezas e curas.

#### **5.2.7. Dona Itamara**

Eu, para começar, tenho que falar da minha avó. Ela era muito lutadora, criou cinco filhos, antes o barracão era em Coelho da Rocha, ela dava consulta lá com o caboclo, toda segunda-feira, caboclo Seu Boiadeiro Novizala, e ela tocava também para o velho aqui. Naquela época, ele jogava aquela pipoca de Omolú, ele protege das doenças, ela tinha muita fé nesse santo. Aqui no meu terreiro, tem orixá de cura e das ervas que é o Katende.

### **Intolerância religiosa, ataques e discriminações**

Você perguntou minha relação com a comunidade. Minha relação com eles é boa, a gente se dá bem com todo mundo aqui. De verdade, todo mundo aqui cresceu juntos, então, a gente se dá muito bem no dia a dia geral da vizinhança, mas aqui agora, de dois anos pra cá, tem havido muita violência, teve uma vez que um rapaz gay saiu aqui do terreiro e tomou uma coça aqui no Parque Flora. Eu fui pegar ele ali na rua, ele estava todo arrebetado, ele estava todo arrebetado, porque ele era gay. Na outra vez, a gente fez um aniversário aqui e no aniversário a gente passa a noite. Jogaram umas pedras enormes, que quebraram as telhas todas. Agora aqui, tem um processo de violência que afetou mais alguns amigos, que foi lá no Buraco do Boi, aqui mesmo no Parque Flora e eles quebraram tudo. A dona Marinete, morava ela e a mãe que está em cadeira de roda. Fui no barracão dela, eu cheguei lá e fiquei horrorizada com aquilo, ela falou assim, ela me chama de mãe, ela é uma senhorinha, mas tem muito respeito sim, ela é umbandista. A Marinete que é o nome dela, ela falou para mim: - Mãe, eu estava dormindo, foi depois do almoço, tinha mais de dez garotos, eles entraram aqui, os meninos quebraram tudo, eles usaram uma bola de concreto e foram quebrando com essa bola todas as

imagens. Eu entrei no barracão, o barracão é aqui e a casa dela é de um lado, quando eu entrei o barracão estava todo depredado, as telhas todas quebradas, quebraram tudo com aquelas duas idosas sozinhas no barracão, porque eles falaram que não queriam macumba naquele lugar que era de Jesus.”

### **Racismo religioso no colégio**

Depois, teve a história de um estágio no serviço social no Colégio Educacional Herbert Moses, ali na Posse, na Cobrex. E aí, a menina levou um bolo, a menina levou um bolo e minha amiga de faculdade disse seguinte: - É, Itamara, eu não vou me meter com isso aí, que isso tudo é macumba, esse negócio de Cosme Damião, essa macumbada, estou fora! A minha outra amiga que levou o bolo, não levou pensando nessa intenção, nem tinha esse pensamento de Cosme Damião, de criança, mas a evangélica minha amiga se manifestou já assim, nessa grosseria. Eu acho uma grosseria e ela é uma pessoa doce, mas na hora de atacar a religião dos outros, a outra falou: - Gente, o seguinte: não tem aquele demônio que mora no mar - falou assim para as crianças - queima já, né? Não acredita naquilo não, porque aquilo é macumba, é feitiçaria e mata as pessoas. Ensinando aquilo para as crianças, criança de sete anos no colégio, esse caso do colégio era mais de racismo religioso, quem falasse lá nesse colégio que era de religião de matriz africana, ia ser excluído, porque era um colégio cheio de gente da igreja. Essas pessoas não toleram, eles falam que está tudo bem, mas é mentira, que no fundo você é como um mal. Se alguém quebrar uma perna ali, vai dizer ‘é porque a fulana é macumbeira’. Eu já ouvi isso também, ‘é porque fulano é da macumba que aconteceu isso’, entendeu? Então, você é visto como um mal que, até se você dá um tropeço ali na frente de todo mundo, vão dizer que foi por causa de fulano que tá aqui, que é macumbeiro e trouxe energia para a gente nesse colégio.

### **Racismo religioso na universidade**

Na universidade, eu também tive muitos problemas com isso, ainda mais quando chegava época das crianças, eles têm um problema com Cosme Damião, porque antigamente, quando chegava na época do 27 de setembro para lá, todo mundo dava doce, na minha época de infância, eu pegava doce igual uma doida. Hoje, ninguém dá doce mais. Hoje, observei que ninguém dá doce, porque as pessoas não estão deixando mais as crianças irem, porque aquilo é o doce do demônio, doce do diabo, do engano. Se uma colega da faculdade quer dizer que aquilo ali é doce do engano, eu queria até saber o que que é engano, ela disse que era do demônio, ‘é tu, engano!’ Eu falei que eu ia processar ela, nós discutimos feio por causa disso na faculdade, na faculdade existe essas pessoas.

E outra coisa, uma pessoa se formando assim no Serviço Social, eu disse assim, eu não entendo porque você está fazendo esse curso, você tinha que fazer outro curso, não Serviço Social, porque o serviço social busca uma liberdade de expressão, o respeito pelo outro acima de tudo. Então, você não tem como fazer esse curso. Se você é totalmente preconceituosa, racista e se desfaz das pessoas, não pode ser assistente social. E ela falava que eu defendia a macumba, porque eu fazia parte da macumba, da macumbaria, e eu falava: eu tenho que defender a macumbaria, porque eu faço parte dela mesmo, eu tenho que defender o meu e você defende o seu.

### **Ações de resistências**

As mães de santo deviam se organizar melhor, porque você fica cada uma no seu canto e deviam se organizarem, para ter uma expressão maior para qualquer coisa que fosse fazer, fosse pensar em fazer, tipo eu vou fazer uma proteção, uma previsão para Oxalá em janeiro, em todas podiam se ajuntar, então, eu quero juntar esses terreiros para a gente caminhar junto na Procissão de Oxalá e a gente levar até bike, tudo. Eu acho que as mães de santo tinha que se ajuntar, tinha que vir para a gente caminhar junto, para a gente se mostrar que a gente não é nenhum demônio e nada disso.

A procissão, a gente faz. Eu vou na frente, com o meu adjá e o meu defumador e leva os atabaques, eu vou usar o defumador até acabar e a gente roda o bairro inteiro no quarteirão. Canta todo mundo de branco de santo, a gente roda para cantar a Oxalá no mês de janeiro, porque essa casa aqui é de Oxalá, eu sou de Oxossi e tudo, mas essa casa pertence a Oxalá. A gente sai na procissão sem medo, e vou feliz! Eu vou lá na frente com meu adjá e com meu defumador, levamos os atabaques batendo, vamos cantando e vamos embora, a gente vai sair agora de manhã. Você vai fazer um café da manhã no domingo aqui, em janeiro e depois a gente faz a caminhada de Oxalá.

A mulher do santo que me inspirou foi a minha avó. A minha avó era muito boa para as pessoas e ela contava história de vida dela, e a gente sabe contar a história dela toda, porque toda hora ela queria contar história para gente, que ela trabalhava na Praça Mauá, que ela era cozinheira numa pensão. O barracão dela era em Coelho da Rocha e o nome dela era Silvia Costa de Oliveira, a Silvia de Oxalá, foi escolhido na folhinha, nome escolhido nas folhinhas.

### **Aprendizados**

“Itamara assumiu seu terreiro muito nova, aos quatorze anos de idade. Inicialmente, perdeu quase todos os filhos de santo, tendo que recomeçar todo o trabalho de sua avó que faleceu.

Nas religiões de matriz africana, há sempre um ensinamento nos acontecimentos. Mesmo nova, Itamara contava com a proteção do seu orixá Katender. Quem a escolhe para a liderança do terreiro é Oxalá, que é o grande responsável pela criação dos seres humanos. Itamara transita no candomblé Angola, iniciada pelo seu pai Ananguê com muita sabedoria. Tem procurado ampliar sua formação acadêmica e talvez, sua coragem ao assumir uma grande responsabilidade em liderar uma casa de santo aos quatorze anos e sua luta nos movimentos sociais com a busca do estudo sobre o racismo religioso, seja um sinal de recuperação dos pressupostos civilizatórios africanos nos terreiros.

## **6. SABERES ORGÂNICOS DAS MULHERES QUE REZAM E CURAM**

### **6.1. Conversando Sobre Plantas Medicinais**

A cultura da acumulação de riquezas, desenvolvida pelo sistema capitalista, que tudo acumula e tudo consome, faz com que seja muito difícil o entendimento e a ideia de que fazemos parte de um organismo vivo, e que, quando afetamos uma espécie viva, nos afetamos todo o sistema que alimenta a vida no mundo. Mas o sistema, a vida o mundo não são nossas propriedades, não podemos acumular, reter em proveito próprio o que é de todos, como sabiamente nos orienta Xeromôï Timóteo Oliveira.

Então, primeiramente, essa terra nós sabemos que Nhanderu que fez pra nós, em primeiro lugar. Ele pensou o que haveria de fazer. Primeiro fez os bichos, os peixes, fruta nativa, mel. Pensou de novo: “o que é que eu vou fazer?” Para caçar, para comer as frutas do mato, para pescar. Foi então que pensou em nos fazer, e fez os homens e as mulheres, os Guarani. Tudo aquilo, foi para nós que fizeram, no nome dos Guarani é que ficou tudo aquilo. Não é que nós somos os donos da terra, ou desta Terra, mas ela é para ser ocupada por nós, para ser usada por nós; foi para nós que fizeram. Por isso nós sabemos que essa é Nossa Terra, que é para ser usada por nós. O dono mesmo é Nhanderu. Este mundo não tem outros donos. Em qualquer país, a população está só usando a terra com a hora que ele quiser terminar, o dono é que vai resolver. Por isso que nós Guarani temos vergonha de dizer que nós somos os donos da terra. Essa terra, nós só usamos. (Guarani Mbya e Jurua).

É com essa mesma lógica que podemos afirmar que há um processo de degradação do planeta terra e também do universo como um todo. Estamos de forma egoísta nos apropriando do que é um bem coletivo, sem medir as consequências de que a nossa ação sobre a natureza pode acarretar prejuízos a todos nós, e pode também colocar em risco a nossa própria existência. Por isso que aqueles que trabalham com a medicina popular, como é o caso do Sr. Raimundo rezador da localidade de Barra Grande em Partay (RJ), estão sempre a alertar para o respeito à mãe terra:

as ervas medicinais, bem como todas as plantas, não pertencem a nós individualmente, elas fazem parte da natureza, por isso devemos ao retirar uma planta medicinal pedir autorização ao universo, e também, é de bom sentido que, possamos plantar e cuidar

para devolver a mãe terra, tudo aquilo de bom que ela nos proporciona (Raimundo Rezador, Maio/2018).

O universo em sua generosidade provém para toda forma de vida as condições necessárias para sua existência, porém os seres humanos tem através das suas atitudes limitado a existência de várias espécies, inclusive a espécie humana. Há uma grande concentração de terras nas mãos de poucas pessoas e muitos sem terra para plantar e morar. importante testemunho nos traz Antonio Bispo, sobre a necessidade da biointeração como conceito de uso e partilha que favorece formas de convivências sociais mais igualitárias.

Nessa região o uso da terra era demarcado pelas práticas e cultivos. Isso era tão forte entre nós que, apesar das pessoas mais velhas possuírem alguns documentos de propriedade, esse só tinha um valor para o Estado. Para nós o que valia era os perímetros que chamávamos de extrema, demarcados pela nossa capacidade de cultivar e de compartilhar tanto é que nossa roça era emendada com tantas outras roças que a chamávamos de roça de todo mundo (BISPO, 2019, pag.63).

Uma contribuição importante nessa pesquisa foram as informações sobre as ervas medicinais e suas utilizações. Mulheres que Rezam e Curam, além das rezas e outras intercessões, fazem o uso e receitas da medicina popular. Esse é um saber que não é subjetivo nessa pesquisa, de fato, nos encontramos em consonância com a reflexão de (BISPO 2019) em sua discussão sobre a qualidade e importância do saber orgânico. Esse saber foi muitas vezes invisibilizado pela ciência oficial, mas as mulheres que rezam e curam são portadoras destes saberes e utilizam para curar as pessoas doentes nas periferias das cidades.

A cura para as rezadeiras é um processo que considera todas as dimensões do ser humano. A utilização das ervas medicinais tem como complemento a atenção com o que envolve todo o sistema da vivência humana: o espiritual, o afetivo, o psicológico, o sistema físico e nossa relação com a biodiversidade. Dona Vilma nos ensina, através de suas experiências, como rezadeira:

As vezes a pessoa vinha aqui rezar uma criança, eu rezava a criança, e a pessoa, geralmente a mãe ficava, ficava conversando. Ela estava muitas vezes cheia de problemas pessoais, envolvidas em questões até familiares. Odiava os outros, e sofria com o marido também. Eu ficava ouvindo e logo percebia, que, o problema da criança, era muitas das vezes causado pelo meio em que ela vivia, aí eu rezava a mãe também, porque senão o problema não passava. Como é que uma criança pode ter saúde se a mãe está cheia de ódio no coração? (Dona Vilma, agosto, 2019).

Essa é uma análise psicossociológica que considera o indivíduo e suas relações sociais para o entendimento das melhores estratégias de atuação. A partir daí é que a receita complementar de ervas medicinais, em forma de chás, emplastro e xaropes são utilizadas pelas rezadeiras. As folhas das plantas, muitas das vezes têm no próprio quintal das rezadeiras, que as receitam de forma responsável e eficiente, consistindo num elemento de grande importância

na prática das rezadeiras e nas religiões de matriz africana, como indica a poesia musicada na voz de Maria Bethania:

Sem folha não tem sonho  
Sem folha não tem festa  
Sem folha não tem nada  
Quem é você e o que faz por aqui

Eu guardo a luz das estrelas  
A alma de cada folha  
Sou Aroni

(Salve as Folhas – Maria Bethania)

Sendo assim, trazemos abaixo, algumas dessas folhas, plantas, ervas medicinais, utilizadas pelas rezadeiras, bem como suas especificações científicas.

### 1) Acerola

Figura 25 Acerola – quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Quem usa acerola em suas receitas é Dona Vilma, usa para gripes, resfriados e questões ligadas a inflamações respiratórias. A bruxa Alana Morgana, diz que controla a pressão e é expectorante. Dona Deise costuma fazer chá e xaropes. Ensina que é bom tomar o suco de acerola com laranja, se quiser melhorar a imunidade pode acrescentar também o gengibre.

**Saberes Sintéticos:** Nome-científico: *Malpighia punicifolia* L. - Família: Malpighiaceae - Nomes populares: Acerola, cereja das antilhas - Nome em inglês: Barbados Cherry - Origem: América Central

De fato a acerola tem muitas propriedades, segundo informações da Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária – Embrapa. O consumo em expansão dessa fruta deve-se, basicamente, a seu elevado teor de ácido ascórbico (Vitamina C) que, em algumas variedades, alcança até 5.000 miligramas por 100 gramas de polpa. Este índice chega a ser cem vezes superior ao da laranja ou dez vezes ao da goiaba, frutas com alto conteúdo dessa vitamina.

## 2) Alecrim

Figura 26 Alecrim – quintal da Dona deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** O alecrim é uma planta do coração, dos problemas cardíacos. Assim como a colônia ele ajuda a controlar a pressão arterial e combate as faltas de ar. As mulheres podem usar para as cólicas menstruais e também como um anti-inflamatório. Dona Lourdes, ensinava que as folhas do alecrim podem-se fazer chás. O alecrim sendo uma planta do coração tem que usar devagar, com critério, pois o coração é um órgão forte e também delicado, não pode ficar colocando muitas folhas para se fazer os preparos orienta Dona Deise.

**Saberes Sintéticos:** *Salvia rosmarinus* - Classificação: Espécie - Classificação superior: Sálvia - Ordem: Lamiales - Espécie: *R. officinalis* - Reino: Plantae - Classe: Magnoliopsida Feedback.

Seu uso medicinal é referido na literatura etnofarmacológica, que cita o uso de suas folhas na forma de chá abafado (infusão), usado como medicação para os casos de má digestão, gases no aparelho digestivo, dor de cabeça, dismenorréia (problemas na menstruação), fraqueza e falta de memória. O estudo das informações sobre esta planta permitiu selecionar como indicação aceita internacionalmente no tratamento caseiro nos casos de hipertensão, problemas digestivos, perda de apetite e, externamente, nos sintomas de reumatismo.

### 3) Amora

Figura 27 amora - quintal da Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Uma coisa boa que a amora faz é tirar aqueles calores que a mulher tem na menopausa contava Dona Lourdes. Ela tomava chá de amora toda semana, envelheceu com muita qualidade, tinha a pele bonita e dizia que ajudava o cabelo não ficar “esquisito”. Segundo contava a amora também é bom para a pressão arterial e previne o câncer, além de fortalecer o sistema imunológico para não ser atacado pelos vírus.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Filo: Magnoliophyta Clado: eudicotiledóneas - Clado: Hamamelidae - Ordem: Urticales - Família: Moraceae - Género: Morus L.

Assim como a framboesa, a amoreira faz parte do grupo de plantas do gênero *Rubus*, sendo cultivada na Ásia norte ocidental, Europa, América do Norte e outras regiões de clima temperado. Suas exigências climáticas são bastante semelhantes às do morangueiro.

## 4) Assa Peixe

Figura 28 Assa peixe – quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Essa planta é muito poderosa para os problemas respiratórios e dos pulmões. As rezadeiras usam como chá e também como xarope, sendo um ótimo expectorante. Tem propriedades para tratar cálculos renais, problemas do útero e é diurético. Dona Deise conta que para tratar bronquite deve tomar uns três copos pequenos de 200 ml de chá com mel, alho ou gengibre, por uns três dias.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae Clado: angiospérmicas- Clado:eudicotiledóneas - ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Género: Vernonia - Nome binomial - Vernonia polysphaera  
O assa-peixe (*Vernonia polysphaera*) é uma planta do género Vernonia, nativa do Brasil, nasce em beira de estradas, esgotos e terrenos baldios. O mel das abelhas criadas junto a plantações de assa-peixe é delicioso, com sabor leve como o da laranjeira. Rica em sais minerais, diurética, a erva também tem ação balsâmica e expectorante. A folha do assa-peixe ajuda a combater as afecções da pele, bronquite, cálculos renais, dores musculares, gripes, pneumonia, retenção de líquidos e até tosse.

## 5) Alho

Figura 29 - Alho - quintal da Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Josefa e Dona Deise, recomendam que comer alho cru é saudável, porque ele ajuda a fortalecer o coração e outras doenças como o câncer. Alana Morgana a bruxa, diz que ele também é usado como anti-inflamatório e para curar a gripes, acabar com as febres, dores de cabeça, além de ser ótimo expectorante. Quem também sempre falava sobre a utilização do alho era Dona Lurdes, que recomendava que é bom para pressão.

**Saberes Sintéticos:** Nome popular: Alho. Nome científico: *Allium sativum* L. - Família: Liliaceae. Origem: Europa. - Propriedades: Digestivo, vermífugo, antigripal, antiinfecioso. Características: Erva bulbosa, perene, com cheiro forte e característico. Largamente utilizado em todo o mundo na culinária. Parte usada: Bulbo.

**Usos:** O alho vem sendo usado na medicina tradicional desde a mais remota antiguidade, para evitar ou curar numerosos males, desde perturbações do aparelho digestivo, verminoses e parasitoses intestinais, edema, gripe, trombose, arteriosclerose, até infecções da pele e das mucosas. Seus compostos desejáveis se degradam mais lentamente em meios ácidos, o que explica seu melhor efeito quando associado a sucos de frutas ácidas, como o limão.

## 6) Arnica

Figura 30 - Arnica - Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Arnica é sempre muito utilizada pela rezadeira Nina Cigana, como anti-inflamatório e cicatrizante. Ela diz que com arnica cura a micose das pessoas e espanta os vermes do intestino.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Clado: angiospérmicas - Clado: eudicotiledóneas - Ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Subfamília: Asteroideae - Tribo: Heliantheae - Subtribo: Madiinae - Género: Arnica L.

A arnica possui as propriedades medicinais devido aos flavonóides, sendo muitos e variados seus usos. Dentre os principais podemos citar: cicatrização de ferimentos superficiais, combate de hemorragias leves, além de ser um ótimo anti-inflamatório natural de uso externo. A arnica não deve ser utilizada por via oral, por ser comprovadamente hepatotóxica.

## 7) Aroeira

Figura 31 - Aroeira - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Aroeira é planta utilizada por todas as rezadeiras, ela é eficiente na cura da erisipela. Segundo Dona Clementina aroeira é um poderoso antibiótico cicatrizante e anti-inflamatório, é usada contra alergia e infecções gástricas, dores no corpo, dor de cabeça, doenças sexualmente transmissíveis, inflamações do útero e contra catapora também. A forma mais comum de usar é o chá e o sumo e também banho para curar machucados e feridas.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Anthophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Sapindales - Família: Anacardiaceae

A aroeira é uma planta medicinal, também conhecida como aroeira vermelha, aroeira-da-praia, aroeira mansa ou corneíba, que pode ser utilizada como remédio caseiro para tratar doenças sexualmente transmissíveis e infecções urinárias em mulheres.

A aroeira possui propriedade adstringente, balsâmica, diurética, anti-inflamatória, antimicrobiana, tônica e cicatrizante, podendo ser utilizada para auxiliar no tratamento de: reumatismo - sífilis - úlceras - azia - gastrite - bronquite - ingua - diarreia - cistite - dor de dente - artrite - distensão dos tendões - infecções da região íntima.

## 8) Arruda

Figura 32 – arruda – quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** A rezadeira Dona Josefa trabalha muito com arruda, conta ela que arruda é bom para cólicas menstruais e como a tançagem, também limpa o útero depois do parto. Pode se fazer sumo, Dona Deise diz que pode fazer também chá, e que ela coloca na cabeça das crianças para matar os piolhos.

**Saberes Sintéticos:** Nome científico: *Ruta graveolens* - Classificação superior: *Ruta* - Classificação: Espécie - Ordem: Sapindales - Reino: Plantae - Espécie: *R. graveolens*

A arruda serve para fortalecer os vasos sanguíneos, sendo ótima no tratamento de varizes. Além disso, é um poderoso inseticida e vermífugo, combatendo piolhos, pulgas, sarna e vermes. Ajuda ainda a tratar dores reumáticas, aumenta a menstruação, dor de cabeça, úlceras, auxilia no tratamento de cistos.

## 9) Babosa

Figura 33- babosa - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Mas uma planta medicinal que atua como anti-inflamatório. Dona Deise diz que, essa planta, ela já ouviu falar em vários lugares que ela trata o câncer. Ela dá uma receita para fazer garrafada: três folhas de babosa, pegar no pé de uma semana sem chuvas. Tirar aqueles espinhos do lado, cortar e misturar no liquidificador com meio litro de mel e meio copo de cachaça para conservar por mais tempo. Depois tem que coar em uma peneira e colocar na geladeira em uma garrafa envolta com plástico preto, não deve pegar luz. Tomar uma colher de manhã e de noite para limpar o sangue das impurezas que adoecem. A babosa segundo Dona Lourdes, também serve para combater os vermes, os problemas do estomago machucado (gastrite) e pode fazer um chá e passar na cabeça para acabar com os piolhos, lêndeas e tratar as caspas.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Filo: Tracheophyta - Classe: Liliopsida - Ordem: Asparagales - Família: Xanthorrhoeaceae - Subfamília: Asphodeloideae - Gênero: Aloe.

Há cerca de 6 mil anos, os egípcios chamavam a aloe vera de "planta da imortalidade". A **babosa** é muito conhecida por suas propriedades calmantes, cicatrizantes, anestésicas, antitérmicas e anti-inflamatórias, além de ser ótima para hidratar o cabelo e cuidar da pele.

## 10) Boldo

Figura 34 - boldo - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

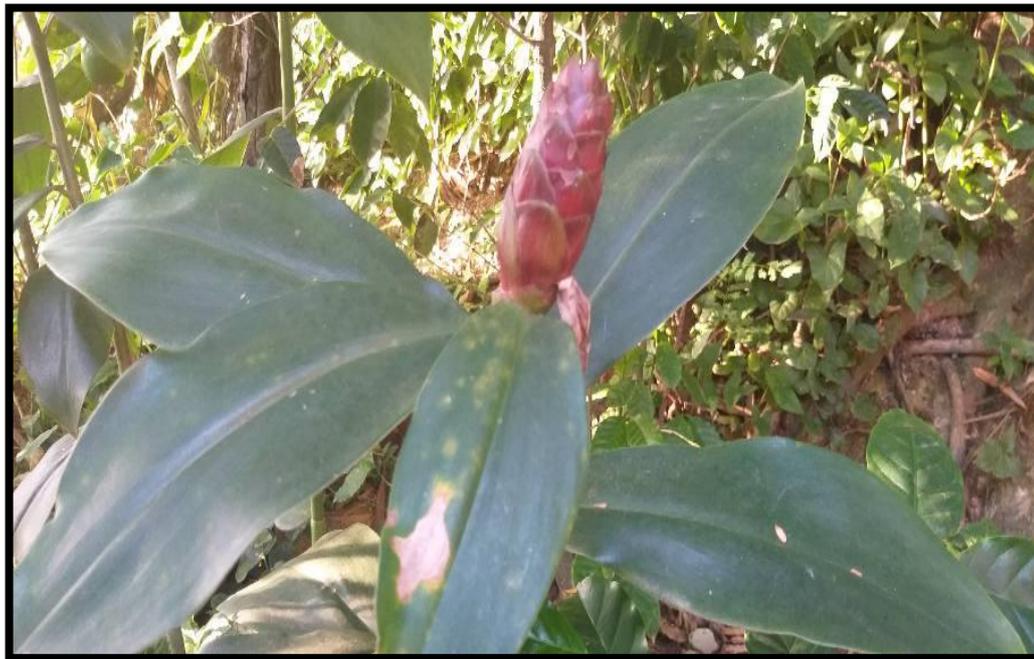
**Saberes Orgânicos:** Segundo Dona Nina, o boldo é para dor de barriga e problemas causado pelo fígado. Ela diz que ele atua na má digestão e também, gastrite. Ela pega o boldo soca e faz sumo para beber, ou então pode fazer o chá que também que é muito bom.

**Saberes Sintéticos:** Super-reino: Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida -Ordem: Laurales - Família: Monimiaceae -Gênero:Peumus - Espécie: P. boldus

É geralmente utilizado para doenças do fígado e vesícula biliar, bem como das perturbações digestivas daí resultantes; hepatites; colelitíase, disquinesia biliar. Enxaquecas relacionadas com disfunção biliar. Como diurético e antiespasmódico nas cistites.

## 11) Cana do Brejo ou Cana de Macaco.

Figura 35 - Cana do brejo - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Quem ensinou a utilização da cana do brejo foi Dona Lourdes. Ela ensinou que pode usar as folhas e também o caule. Segundo ela é bom para inflamações nos rins e para os problemas da mulher, ou corrimentos da vagina, problemas de bexiga também cura e, é bom para a diabete.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Liliopsida - Ordem: Zingiberales - Família: Costaceae - Género: Costus - Espécie: *C. spicatus*.

A cana do brejo tem propriedades para inflamações, efeito analgésico e diurético. Pode ser utilizada para tratamentos urinários, cálculos renais, uretrite, cistite, pedras nos rins, diarreias, diabetes entre outros. Ela tem ação também vaso relaxante e equilibra a taxa de açúcar no sangue. É bactericida e fungicida. Apresenta baixíssima toxicidade.

## 12) Cansação

Figura 36 - cansaço - quintal Dona Isabel



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Isabel usa cansaço inteira para tratar a pele, as vezes a pessoa tem uma coceira e tem que fazer um banho de cansaço para parar de coçar, é bom também para a dor de dente.

**Saberes Sintéticos:** Nome científico: *Cnidosculus pubescens* - Família: Euphorbiaceae - Nomes populares: Cansaço, Arre diabo.

Onde é encontrada: Como é uma espécie predominantemente de Cerrado, é mais encontrada nas áreas de transição da região.

Características: Árvore de médio porte, de 10 a 20 metros de altura. Como se pode ver nas duas primeiras fotos, em campo aberto fica mais baixa e arredondada, na mata fica mais alta e esguia. Folhas simples, lobadas e espinhentas, 20 a 25 cm, floração branca, pequena, em cacho, fruto arredondado com três lados, 7 cm. O fruto contém 3 sementes difíceis de retirar, pois é extremamente duro. Toda a planta, especialmente o fruto verde, tem espinhos agudos com uma substância extremamente urticante. Encostar na planta pode deixar o local dolorido por horas, e é perigoso para pessoas alérgicas.

## 13) Capim Limão

Figura 37 - capim limão - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Clementina chama essa erva de capim limão, Dona Lourdes chamava de capim santo, conta Dona Josefa que com o capim limão pode se fazer xarope expectorante para tirar o catarro dos peitos e dos pulmões. Ele acalma as pessoas e ajuda bem em caso de pressão alta. Suas folhas tratam também problemas de digestão.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta- Classe: Liliopsida - Ordem: Poales - Família: Poaceae - Género: Cymbopogon - Espécie: C. citratus

É indicado para problemas com insônia, ( possui propriedades sedativas) dores musculares, gases, alivia o estresse e a fadiga. É utilizado em loções para a pele pois ajuda a regular a produção de sebo em peles acneicas e oleosas. Tem propriedades anti sépticas e bactericida. Seu óleo é utilizado em forma de fragrância para diversos tipos de cosméticos.

É uma planta usada em medicina popular, sendo, para esse efeito, utilizadas as folhas que, em infusão, têm propriedades febrífugas, sudoríficas, analgésicas, calmantes, anti-depressivas, diuréticas e expectorantes, além de ser bactericida, hepatoprotectora, antiespasmódica, estimulante da circulação periférica, estimulante estomacal e da lactação.

Em 2003, foi descoberta uma importante aplicação médica para a espécie, quando o cientista japonês Tomoyuki Ohno descobriu que o óleo essencial desta planta pode ser utilizado para matar a bactéria do estômago *Helicobacter pylori*.

## 14) Canela de Velho

Figura 38 – canela de velho – estrada.



Fonte do autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Deise é fã numero 1 da canela de velho, ela usa para doenças do fígado e para limpar o sangue. Também utiliza para curar artrite, artrose, hérnia de disco, bursite, dores de coluna.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Classe: Tracheophytes - Clade: Angiosperms - Clade: Eudicots - Clade: Rosids - Ordem: Myrtales – Família: Melastomataceae - Genero: Miconia - Especies: M. albicans

Ela possui uma ótima função analgésica para ossos e articulações, melhora o funcionamento da insulina e também auxilia a combater os radicais livres.

## 15) Carqueja

Figura 39 - carqueja - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Vilma e Alana Morgana a bruxa, dizem que a carqueja, deve ser colhida e usada a planta toda, que é uma arma contra os problemas do fígado. Ela é para desintoxicar, eliminar dores de barrigas, e além de tudo cura dos vermes. Tem que tomar com cuidado porque ela baixa a pressão e pode dar tonteadas e pode ser utilizada também quando se está com febres.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Género: Baccharis - Espécie: B. trimera

A Carqueja é uma planta medicinal que serve para ajudar no tratamento de má digestão, prisão de ventre, diarreia, gastroenterite, anemia, gripe, febre, doenças do fígado, diabetes, vermes intestinais, aftas, amigdalites, anorexia, azia, bronquite, colesterol, doenças da bexiga, má circulação do sangue e feridas.

## 16) Caruru

Figura 40 - caruru - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Deise diz que o caruru matou muito a fome da família alguns anos atrás. Antes se encontrava caruru nas beiras das estradas em fartura. O caruru tem um grande poder para curar anemias, pois tem proteínas, carboidratos, lipídios e sais minerais. Diz ela que não tem anemia que resista se comer um caruru com angu. O caruru também auxilia na formação dos ossos, criança que come caruru cresce com os dentes bons, além disso, trata também as doenças do fígado.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Caryophyllales - Família: Amaranthaceae - Género: Amaranthus.

Planta nativa das Américas, foi a primeira vez conhecido pelos europeus através dos Maias no México. Atualmente, é considerado erva daninha em plantações por ser incrivelmente espontâneo e adaptado às condições climáticas brasileiras. É um ótimo indicador de qualidade do solo. Se for comparado com outras plantas indicadoras, ele indica terra boa, rica em potássio (K - além de 7% da CTC): milhã pode indicar terra desgastada e tiririca indica terra desestruturada e ácida. Todas as partes do caruru são comestíveis. É um alimento rico em ferro, potássio, cálcio e vitaminas A, B1, B2 e C. Tendo funções medicinais como lactígeno, combate também infecções, problemas hepáticos, hidropsia e catarro da bexiga. As sementes podem ser ingeridas torradas ou em pães e outras receitas, e são conhecidas como amaranto.

## 17) Confrei

Figura 41 - confrei - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Lourdes sempre dizia que o confrei resolve muitas coisas inflamadas no corpo, e que é antibiótico natural, podendo ser usado para tratar infecção na pele e muitas das dores nos ossos e entorses. Falava também que pode tomar dose muito fraca de chá e sumo para gastrite, ulcera e infecções intestinais. Mas advertia que é uma planta perigosa para o fígado, por isso deve ser tomada com acompanhamento médico.

**Saberes Sintéticos:** Super-reino: Eukaryota - Reino: Plantae - Clado: angiospérmicas - Clado: eudicotiledóneas - Clado: asterídeas - Ordem: Lamiales - Família: Boraginaceae- Subfamília: Boraginoideae - Género: Symphytum - Espécie: *S. officinale*

As folhas do confrei são utilizadas desde a antiguidade na preparação de chás para o tratamento caseiro de doenças gastrintestinais, disenterias, inflamações, reumatismos, hemorroidas, tosses e várias outras enfermidades. No entanto, estudos recentes mostram que o uso prolongado da planta pode ser tóxico ao fígado (levando a doença veno-oclusiva hepática e a casos de insuficiência do órgão) e causar o aparecimento de tumores malignos no fígado, nos brônquios e na bexiga, não sendo recomendado o seu uso por via oral.

## 18) Colônia

Figura 42 - colônia - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Deise usa colônia para acalmar as pessoas que estão aflitas, diz que controla a pressão e ajuda bem nos problemas do coração. Pode ser tomado em chá ou xarope. Segundo Dona Isabel, o chá batido no liquidificador geladinho e com gengibre é ótimo até mesmo para problemas dos rins e curar dores musculares.

**Saberes Sintéticos:** *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm - Família: Zinziberaceae - Sinonímia popular: Falso-cardamomo, pacová, gengibre-concha, jardineira, louro-de-baiano, vindica - Sinonímia científica: *Alpinia cristata* Griff. Partes usadas: Folhas.

Constituintes (princípios ativos, nutrientes, etc.): Óleo essencial rico em mono e esquiterpenos com maior concentração de cineol e terpineol, flavonoides, kavapironas. Propriedade terapêutica: Anti-hipertensiva, tranquilizante, hipotensora, diurética, antiulcerogênica, antioxidante.

A decocção de folhas tem sido usado durante o banho para aliviar a febre. As folhas e rizomas se mostraram eficazes contra o HIV-1 integrase e enzimas neuraminidase e também mostrou efeito antidiabético através da inibição da formação de produtos de glicação avançada. Já foi relatada a atividade antioxidante de diferentes partes do *Alpinia zerumbet*.

## 19) Embauba

Figura 43 - Emabúna - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** As folhas de embaúba são boas para o coração, são diuréticas e combate a hemorragia. Tem também poder cicatrizante e serve para tratar a asma, além de eliminar as dores. Pode ser usada em chá e expectorante, segundo as informações de Dona Lourdes.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Clado: angiospérmicas - Clado: eudicotiledóneas - Clado: rosídeas - Ordem: Rosales - Família: Urticaceae - Género: Cecropia

A embaúba é uma planta medicinal que pode ser utilizada no tratamento de casos de pressão alta, bronquite, tosse, feridas na pele, taquicardia, tuberculose, asma, coqueluche e diabetes. A decocção das folhas frescas da embaúba serve para banhos em feridas gangrenosas e algumas afecções da pele.

## 20) Erva Cidreira

Figura 44- erva cidreira - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Erva cidreira é a queridinha das rezadeiras, elas são unânimes em dizer que a erva é um poderoso calmante, melhorando as dores de cabeça, trazendo um sono tranquilo e deixando a pessoa calminha, calminha. Conta Dona Nina, que essa erva, é também usada para os gases intestinais e cólicas menstruais, para a tosse e os problemas da urina.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Lamiales - Família: Lamiaceae - Género: Melissa - Espécie: M. officinalis.

A erva **cidreira**, *Melissa officinalis*, é uma **planta** medicinal da família do hortelã e do boldo. A erva **cidreira** possui ação benéfica em casos de gases, problemas estomacais e tem um efeito calmante que melhora casos de insônia, ansiedade, depressão e ajuda na redução do estresse.

## 21) Erva Doce

*Figura 45 - Erva doce - quintal do autor*

*Fonte: O autor*

**Saberes Orgânicos:** Dona Nina, usa chá dec erva-doce como calmante. Dona Deise usa o xarope como expectorante e diz que também regula a pressão. Quando a criança está com dorzinha de barriga deve se usar erva doce para aliviar os gases e a prisão de ventre.

**Saberes Sintéticos:** O uso mais amplo da erva-doce é para atenuar as cólicas dos bebês de peito – um chazinho de erva-doce ajuda a criança a expelir os gases, reduz os espasmos da mucosa intestinal, alivia o movimento peristáltico e, de quebra, induz a um sono tranquilo. Este é um uso consagrado por mães e avós de todos os tempos, não há dúvidas.

Mastigar sementes de erva-doce (na verdade, o que nós chamamos de semente, na erva-doce, é o fruto desta planta) melhora o hálito, descongestiona a mucosa bucal, alivia a garganta inflamada e reduz processos infecciosos bucais por seu efeito antimicrobiano.

Promove a diurese e, conseqüentemente, reduz inchaços de todo tipo, alivia a sobrecarga dos rins, ajuda nos tratamentos de infecção urinária e, se você usar o chá desta planta em compressas sobre os olhos, reduzirá também as pálpebras inchadas de muito cansaço.

## 22) Eucalipto

Figura 46 - Eucalipto - estrada



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Isabel costuma usar o eucalipto pegando as folhas e colocando dentro do travesseiro para acabar com a dor de cabeça e também elimina o nariz entupido. Eucalipto, segundo ela, trata bem a gripe, pode fazer xarope e também. É descongestionante, resolvendo as sinusites e rinites se fizer inalação.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Myrtales - Família: Myrtaceae - Subfamília: Leptospermoidae - Gênero: Eucalyptus.

No Brasil é conhecido por suas propriedades para o tratamento de problemas respiratórios como sinusite, rinite, asma e bronquite. O chá de Eucalipto é indicado como auxiliar nos tratamentos de asma, tosse, rinite, bronquite, sinusite, reumatismo, dores musculares e problemas reumáticos.

## 23) Guaco

Figura 47 - guaco - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** O guaco trata diversas doenças da pessoa, ensina Dona Clementina. Ele trata as gripes, as tosse, e a garganta inflamada. É bom para as alergias e também para as inflamações nos ossos.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Clado: angiospermas - Clado: eudicotiledóneas - Ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Subfamília: Asteroideae - Tribo: Eupatorieae - Gênero: Mikania - Espécie: *M. glomerata*

A planta é também conhecida como erva-de-serpentes, cipó-catinga ou erva-de-cobra. O guaco sempre foi muito conhecido pelos índios brasileiros, que usavam a planta para combater o veneno das serpentes (daí vêm alguns dos seus nomes populares). Ainda hoje, em algumas regiões do Brasil, o macerado das folhas é aplicado em forma de cataplasma sobre picadas de cobras e outros animais peçonhentos. Cientificamente já está provado que o guaco apresenta propriedades medicinais expectorantes e broncodilatadoras, sendo indicado no combate à tosse, asma, bronquite, rouquidão e outros sintomas associados à gripes e resfriados. Popularmente, o guaco continua sendo usado para tratar reumatismo, infecções intestinais e cicatrizar ferimentos. A planta não apresenta princípios tóxicos, entretanto, deve ser usada com cautela, evitando-se todo tipo de excesso. Para o uso em crianças, é recomendável sempre a metade da dose indicada para os adultos.

Essa é uma boa planta para o preparo de xaropes e chás, com fins de cessar a tosse e rouquidão, muitas receitas caseiras podem ser feitas a partir da folha do guaco.

## 24) Gengibre

Figura 48 - gengibre - Dona Josefa



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** O gengibre é muito utilizado por diversas rezadeiras. Segundo algumas delas, se chama também mangarataia. Dizem que ele é antioxidante e anti-inflamatório, protegendo o corpo contra as bactérias e fungos. Dona Josefa usa como expectorante, fazendo xaropes, também o chá é muito bom para tratar a garganta inflamada e as gripes.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Liliopsida - Ordem: Zingiberales - Família: Zingiberaceae - Género: Zingiber -Espécie: Z. officinale

O Gengibre serve para ajudar a emagrecer e ajudar a tratar a má digestão, azia, enjoo, gastrite, resfriado, colesterol alto, pressão alta, tosse, dores musculares, problemas de circulação sanguínea e artrite.

## 25) Gervão

Figura 49 - gervão - quintal Dona Deise.



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Essa é outra planta muito usada pelas rezadeiras para problemas do aparelho digestivo e intestino. Ele combate os males do fígado eliminando febres internas e, é também diurético. Dona Deise diz que é um antibiótico poderoso e expectorante, resolvendo problemas de garganta inflamada e as gripes. Se tomar o xarope ou o chá ajuda muito a resolver problemas de asma.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Lamiales - Família: Verbenaceae - Género: Stachytarpheta - Espécie: *S. cayennensis*

A planta possui propriedades boas ao nosso corpo. Ela é utilizada como diurética, dores estomacais, febre, bronquite, afecções renais, furúnculo, contusão.

## 26) Hortelã

Figura 50 - hortelã - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** A folha de hortelã é um poderoso expectorante, toda vez que Dona Clementina receitava algo para a gripe ou bronquite, ela colocava a folha de hortelã. Segundo Dona Deise a folha de hortelã é também usada para expulsar os vermes.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta-Classe: Magnoliopsida - Ordem: Lamiales - Família: Lamiaceae - Género: Mentha - Espécie: *M. spicata*

É também utilizada como planta medicinal, estando inscrita nas farmacopeias de muitos países da Europa. Dentre as inúmeras virtudes citadas, podem destacar-se: estimulante, estomacal, carminativo. Usado nas atonias digestivas, flatulências, dispepsias nervosas, empregado nas palpitações e tremores nervosos, vômitos, cólicas uterinas, útil nos catarros brônquicos facilitando a expectoração. O chá feito de hortelã também é usado como calmante.

## 27) Losna

Figura 51 - losna - autor desconhecido



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Vou logo avisando que essa planta amarga diz Dona Isabel. Segundo ela o que não mata cura, pois a losna é muito eficiente para as cólicas da mulher naqueles dias (menstruação). Ela trata os ovários e os problemas do estomago. Como é muito amargo, ela diz que é certo para o fígado, que segundo ela, o fígado gosta de remédios amargos.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Clado: angiospérmicas - Clado: eudicotiledóneas - Ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Género: Artemisia - Espécie: A. absinthium

Losna é uma planta medicinal, também conhecida como Absinto, Erva-do-fel, Alenjo, Erva-de-santa-margarida, Sintro ou Erva-dos-vermes, muito utilizada para ajudar a baixar a febre ou para complementar o tratamento contra vermes.

Erva de sabor amargo e aroma forte, usada em banhos e defumações. Largamente usada nas composições caseiras para uso como digestivo e hepático. Seu licor, conhecido como "absinto", foi proibido em função dos distúrbios causados ao sistema nervoso central.

## 28) Manjeriçã

Figura 52 - manjeriçã - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** O manjeriçã conta Dona Isabel, pode ser usado para gripes em geral. Ele trata a febre e a tosse também. Ela costuma usar o chá de manjeriçã em tratamento para pressão arterial e para os gases do intestino.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Lamiales - Família: Lamiaceae - Género: Ocimum - Espécie: Basilicum

Na medicina tradicional, é usado como planta medicinal. As suas folhas e flores são utilizadas no preparo de chás, por suas propriedades tônicas e digestivas, sendo indicados ainda para problemas respiratórios e reumáticos.

O óleo essencial de manjeriçã tem uma composição complexa e variável, segundo o clima, o solo, a época da colheita, etc. Os mais importantes componentes aromáticos são cineol, linalol, citral, estragol, eugenol e cinamato de metila, embora não necessariamente nessa ordem. Outros monoterpenos (ocimeno, geraniol, cânfora), sesquiterpenos (bisaboleno, cariofileno) e fenilpropanóides (metil eugenol) podem estar presentes, em concentrações variáveis, com forte influência sobre o sabor.

## 29) Mentruz, mastruz ou Erva de Santa Maria

Figura 53 - Erva de Santa Maria - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Segundo relatava Dona Lourdes a erva de santa maria é uma planta poderosa contra as lombrigas, vermes e problemas da urina. Ela também é digestiva, antioxidante e cura inflamações, cicatrizando as feridas. Dona Deise usa para bronquite, costuma dar essa planta com leite para ficar com o sabor mais agradável.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Caryophyllales - Família: Amaranthaceae - Gênero: Dysphania - Espécie: D. ambrosioides

Essa erva é conhecida por diversos benefícios proporcionados ao nosso organismo. É utilizada para cicatrização, bronquites, problemas estomacais, gripe, má circulação, picadas, tosse, diurética, estimulante entre outros. Seu uso, assim como com qualquer outra planta, deve ser moderado. A planta é abortiva, além de outros malefícios.

## 30) Moringa

Figura 54 - moringa - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Quem usa muito essa planta é Dona Deise. Também conhecida como acácia branca, diz Dona Deise que são ricas em vitaminas, ferro. Garante que a moringa é anti-inflamatório e resolve problemas dos ovários e até inibe as células do câncer. Segundo ela já ouviu que o extrato de moringa cura câncer mesmo e pode tomar sem medo para tratar anemia, asma, problemas nos ossos, colesterol. Para as doenças dermatológicas, pode-se fazer banhos e tomar o chá. É eficaz para combater o glaucoma e para a hipertensão. Pode ser ingerida refogada com alho e cebola.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Brassicales - Família: Moringaceae - Género: Moringa - Espécie: Moringa oleifera

O uso deste Chá fortalece o sistema imunológico, reduz a desnutrição e anemia, reduz o Colesterol e os níveis de glicose, fortalece ossos e músculos, ação antiinflamatória principalmente em articulações e traz mais energia para seu dia-a-dia.

Muitos estudos têm provado que ela pode ser a solução para uma série de males, desde desnutrição até doenças degenerativas, incluindo o câncer. Acredita-se que ela seja efetiva contra vários tipos de câncer, como de ovário, intestino, fígado, pulmão e de pele. A planta moringa é originária da Índia e Norte da África.

## 31) Negra Mina

Figura 55 - negramina - desconhecido



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** A negramina é outra planta medicinal que Dona Deise indica para tratar inflamações, dores de cabeça e febre. Ela trata do reumatismo e dos problemas renais. Um chá de negramina pode resolver outros problemas também como as alergias. Ela também afirma que negramina pode ser usada para questões do estômago. Para as mulheres que deram a luz, pode se fazer um banho após o parto e afirma que o mesmo banho de negramina cura todo “mal olhado”. Mas tem uma coisa, na mata quando for pegar essa planta não pode falar o nome dela, tem que dizer que vai pegar “mãe boa”, senão essa planta fica invisível e a pessoa não consegue achar conta Dona Deise.

**Saberes Sintéticos:** *Siparuna guianensis* Aublet - Apesar da *Siparuna* ser reconhecida por muitos taxonomistas como pertencente a família Monimiaceae e citada sob essa classificação em inúmeros artigos, o sistema APG II (Grupo para a Filogenia das Angiospermas), de 2003, segregou o gênero *Siparuna* Aublet, reconhecendo-o como sendo da família Siparunaceae

Banho de folhas medicinais é indicado para tratar sinusite e enxaqueca. Apontada como uma das espécies prioritárias de conservação para a região do Cerrado brasileiro, as folhas da Negramina são utilizadas na forma de banho para sinusite e dores no corpo.

## 32) Ora-Pro-Nobis - Orai Por Nós.

Figura 56 - ora - pro - nobis - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Essa é outra planta que Dona Deise conta que usou muito para matar a fome das crianças quando elas eram pequenas. O Ora-Pro-Nobis, ela chama de Orai-Por-Nós, porque junto com o caruru essa planta evitou que as crianças tivessem anemia. É uma planta que cura gastrite.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta-Classe: Magnoliopsida -  
Ordem: Caryophyllales - Família: Cactaceae - Género: Pereskia - Espécie: P. aculeata

As folhas possuem valor nutricional bastante relevante, com teor de proteína que varia de 28 % a 32 % na matéria seca. Também apresenta quantidades consideráveis de minerais, como potássio, magnésio, zinco, mas especialmente cálcio e ferro, além de fibras e substâncias mucilaginosas que trazem benefícios à saúde.

A vida útil das folhas de ora-pro-nóbis é relativamente longa em comparação com outras folhosas, podendo ser colocadas em embalagens plásticas e armazenadas sob refrigeração a 10 °C, permanecendo em boas condições por até 12 dias.

As folhas jovens e brotos podem ser consumidos crus. Em geral, o ora-pro-nóbis é preparado cozido com diferentes tipos de carnes (frango e costelinha suína). Também pode ser utilizado como ingrediente no preparo de pães, tortas e bolos.

## 33) Parietária

Figura 57 - parietária - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Algumas rezadeiras usam a parietária para tratar as questões pulmonares, ela também trata pedras nos rins, inflamações nos ossos, problemas na pele e serve para curar as queimaduras. A parietária segundo falava Dona Lourdes deixa as pessoas experta, com a cabeça boa de pensar, ou seja, ajuda a ser inteligente. É usada como xarope expectorante para tirar as sujeiras do peito e resolver bronquite.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Clado: angiospérmicas - Clado: eudicotiledóneas - Clado: rosídeas - Ordem: Rosales - Família: Urticaceae - Género: Parietaria

Propriedades ; Emoliente, calmante; diurética e antilgísticas, particularmente recomendadas no combate à nefrite, cálculos renais, e outros distúrbios do aparelho urinário, furúnculos, feridas chagas e queimaduras, catarro brônquios, tosse e afecções pulmonares, hidropisia, disfunções hepáticas, fissuras dos seios, e do ânus, problemas das artérias e coração, febres inflamatórias.

## 34) Pata de Vaca

Figura 58 - pata de vaca - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Todas as rezadeiras são unânimes, se tem um remédio bom para diabetes é a pata de vaca. Ela reduz a glicose do sangue, é só tomar o chá que ela termina com esse problema. Dona Vilma aconselha que a pessoa não pode deixar de ter acompanhamento médico, porque diabetes tem que ser medida sempre e altera muito.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Filo: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Fabales - Família: Fabaceae - Género: Bauhinia - Espécie: *B. forficata* Link

É uma árvore ornamental, apreciada em áreas urbanas por suas belas e grandes flores. É usada tradicionalmente como medicamento e tem sido objeto de estudos no controle da diabetes. Estudos científicos comprovaram a planta é capaz de reduzir a hiperglicemia tendo ação semelhante a da insulina. Além disso, estudos comprovam um importante potencial antioxidante dos extratos da planta *in vitro*. A espécie é pioneira e importante na regeneração de matas degradadas.

## 35) Picão

Figura 59- picão - desconhecido



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Deise conta que picão é uma planta poderosa porque trata muitas doenças. Trata a pele das pessoas que fica amarelada e eles chamam de icterícia diz. Trata problemas renais, artrite, hepatite e a vesícula. Se tomar um chá de picão por três dias, coloca todas essas doenças para correr afirma.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Ordem: Asterales - Família: Asteraceae - Gênero: Bidens - Espécie: B. pilosa

Bidens pilosa ou picão preto é uma espécie vegetal da família Asteraceae. É considerada uma erva daninha em alguns habitats tropicais. No entanto, algumas partes do mundo é usada como comida. O Ministério da Saúde do Brasil anunciou que poderá ser homologada como possuidora de propriedades fitoterápicas.

É uma planta medicinal utilizada para tratamentos de dor muscular, artrite devido suas propriedades anti-inflamatórias. Ajuda a manter os níveis de açúcar controlados no organismo.

Dor de garganta, cólica menstrual, úlceras gástricas, infecções urinárias, hepatite, tosses, dores de estomago também são problemas que podem ser beneficiados com a ingestão da erva.

## 36) Pitanga

Figura 60 - pitanga - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** A Pitanga para as rezadeiras é a erva número um para tratar a febre, trata também a diabetes, é calmante, diurética e boa para o estômago. Quem toma chá de pitanga melhora a hipertensão, a bronquite e as doenças do coração. A pitanga é também expectorante atuando para acabar com a gripe e as inflamações de garganta. Se fizer um xarope e tomar, o catarro sai logo do peito, e manda a tosse embora. E tem uma coisa mais, ela trata até catapora conta Dona Clementina.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida

Ordem: Myrtales - Família: Myrtaceae - Gênero: Eugenia - Espécie: E. uniflora

A pitanga ajuda na prevenção das doenças cardiovasculares, a combater doenças inflamatórias, como artrite e também ajudam no tratamento de bronquite e reumatismo. A pitanga também é muito eficiente no controle de rugas e proliferação de acne e ajuda a prevenir infecções na garganta.

## 37) Poejo

Figura 61 - poejo - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Quem sempre tratava as crianças com o poejo era Dona Lourdes. Ele é expectorante e ótimo remédio para os brônquios. Se a criança estiver com gripe, bronquite, febre e resfriada, pode dar o chazinho de poejo ou o xarope que resolve bem. O poejo é também usado nas diarreias e para as mulheres na limpeza depois que ganha os filhos tem que tomar, senão o útero não fica bom. Ele trata bem as cólicas menstruais diz Dona Josefa.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae- Filo: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Lamiales - Família: Lamiaceae - Género: Mentha - Espécie: M. pulegium

Poejo-A hortelã dos pulmões! O poejo, de nome científico *Mentha pulegium*, é uma planta comumente encontrada em hortas e jardins em nosso país. ... O chá de poejo também pode melhorar o desconforto e dores das cólicas menstruais acabar com a insônia e diminuir a ansiedade

## 38) Picuta – Mata-e-Cura

Figura 62 - picuta - mata e cura - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:**Essa planta é chamada por Dona Deise de Picuta. Em seu testemunho, diz que este remédio tem como sobrenome “mata-e-cura”, porque deve ser tomado em doses corretas para ter efeito cicatrizante. Ele é indicado para problemas de próstata e aquele leitinho que sai dele tem que ser misturado na água e beber em jejum.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida  
Subclasse: Magnoliidae - Ordem: Malpighiales - Família: Euphorbiaceae -Gênero:  
Euphorbia - Espécie: Euphorbia tirucalli.

O avelós é também popularmente conhecido como pau-pelado, homem-nu, coroa-de-cristo, cachorro-pelado, árvore-lápis ou **graveto**-do-diabo. É um arbusto da família das euforbiáceas que produz uma seiva tóxica e cáustica, a qual tem sido amplamente estudada

Essa seiva também tem usos em medicina tradicional, em muitas culturas. Tem sido usada para tratar cancrios, excrescências, tumores e verrugas em lugares diversos como Brasil, Índia, Indonésia e Malásia. Porém, usada em grandes quantidades, é extremamente nociva à saúde.

Conforme o Jornal Folha de S. Paulo, estudos do Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, em São Paulo, mostram que essa planta conseguiu estabilizar o quadro clínico de uma pessoa doente com câncer, em estado terminal, e que também foi eficaz no alívio das dores. Porém, em estudo realizado com ratos (*Rattus norvegicus*) sobre os efeitos mutagênicos causados pela *Euphorbia tirucalli* em células da medula óssea, verificou-se que seu extrato aumentou a quantidade de mutações nos ratos, e assim pode também causar câncer.

## 39) Quebra Pedra

Figura 63 - quebra pedra - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Segundo ensina, Dona Clementina, essa planta chamada quebra pedra é usada para fazer chás e tratar os rins, fazendo eles funcionarem bem, combatendo as infecções urinárias. Ela diz que se sentir arder lá embaixo tem que tomar quebra pedra para limpar e curar a inflamação.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Divisão: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida - Ordem: Malpighiales - Família: Phyllanthaceae - Gênero: Phyllanthus

O chá de quebra-pedra (*Phyllanthus*) é bastante popular e conhecido por suas propriedades diuréticas e por propiciar a eliminação de pedras dos rins( cálculos renais), mas não há um consenso por parte dos profissionais médicos em relação ao uso medicinal do chá de quebra pedra no tratamento de problemas renais.

## 40) Romã

Figura 64- Romã - quintal Dona Deise



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Outro cicatrizante muito popular que foi muito usado pela rezadeira Dona Lourdes é a fruta romã. Dona Lourdes usava a Romã toda vez que rezava a garganta inflamada dos que a procuravam. Assim como a tancagem, a fruta romã, também é utilizada para problemas de infecções intestinais e para combater a gripe.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Filo: Magnoliophyta - Classe: Magnoliopsida -  
Ordem: Myrtales - Família: Lythraceae - Género: Punica - Espécie: P. granatum

A importância da romã é milenar, aparece nos textos bíblicos, está associada às paixões e à fecundidade. Os gregos a consideravam como símbolo do amor e da fecundidade. A árvore da romã foi consagrada à deusa Afrodite, pois se acreditava em seus poderes afrodisíacos. Para os judeus, a romã é um símbolo religioso com profundo significado no ritual do ano novo quando sempre acreditam que o ano que chega sempre será melhor do que aquele que vai embora.

## 41) Saião

Figura 65 - saião - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Essa planta chamada saião, diz Dona Isabel que é expectorante e cicatrizante. Outra rezadeira, Alana Morgana a bruxa, fala que usa o saião para as questões de natureza gripais, atuando contra febre causada por inflamações dos brônquios, nas tosses dos gripados, no tratamento das pneumonias e questões respiratórias. Dona Loudes sempre usava para tratar os furúnculos colocando a folha de saião nas feridas e através do sumo curava o furúnculo. As folhas do saião podem ser usadas para fazer xaropes.

**Saberes Sintéticos:** Reino: Plantae - Filo: Tracheophytes-Classe: Angiosperms Clade: Eudicots - Ordem: Saxifragales - Família: Crassulaceae - Genero: Kalanchoe - Espécie: K. brasiliensis.

O Saião é uma planta medicinal, também conhecida como coirama, folha-da-fortuna, folha-da-costa ou orelha-de-monge, muito utilizada no tratamento de alterações estomacais, como indigestão ou dor de estômago, tendo também efeito anti-inflamatório, antimicrobiano, anti-hipertensivo e cicatrizante.

## 42) Terramicina

Figura 66 - terramicina - quintal do autor



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** Dona Deise chama essa planta de terramicina, mas ela é também conhecida como buscopan e cefalexina. Segundo ela, esta planta é poderosa e comprovada para tratar dores em geral, ela é também um eficiente antibiótico que pode tratar infecções, além de intestino solto. É utilizada para tratar febre e as gripes geralmente.

**Saberes Sintéticos:** *Alternanthera brasiliana*. Kingdom: Plantae - Division: Angiosperms - Class: Eudicots - Order: Caryophyllales - Family: Amaranthaceae- Subfamily: Gomphrenoideae - Genus: *Alternanthera* - Species: *A. brasiliana*

Tem propriedades analgésicas, anti-inflamatórias e também age como antibiótico potente. Trata-se de um excelente chá para infecção é o conhecido chá de Penicilina ou chá vermelho.

Na medicina popular, *Alternanthera brasiliana* é amplamente utilizada no tratamento de diversas patologias, sendo comprovadas a ação antiinflamatória, analgésica e ainda a atividade inibidora do vírus da herpes simples.

## 43) Trançagem

Figura 67 - Trançagem - desconhecido



Fonte: O autor

**Saberes Orgânicos:** A trançagem ou tansagem segundo Dona Deise, combate inflamações. Esta planta é usada em chá ou sumo para tratar as afecções da garganta. É também usada por mulheres depois do parto para deixar o útero limpo. Outra utilização da tansagem é nos problemas dos tratos respiratórios como gripes, e resfriados. Dona Josefa já usou também como cicatrizante e nas questões do trato urinário, nas inflamações vaginais, nas questões do útero e do ovário.

**Saberes Sintéticos:** Super-reino: Eukaryota - Reino: Plantae - Divisão: Eudicotiledônea  
Classe: Asterídias - Ordem: Lamiales - Família: Plantaginaceae - Tribo: Plantagineae Gênero: Plantago - Espécie: P. major

A Tanchagem é uma planta medicinal da família das Plantagináceas, também conhecida como Tansagem ou Transagem, muito utilizada para fazer remédios caseiros para tratar gripes, resfriados e inflamações da garganta, útero e intestino.

## 7. EXPERIÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NO SINCRETISMO RELIGIOSO

### 7.1. Sincretismo Religioso: Resistências e Agenciamentos

Uma contribuição que estes diálogos com as mulheres que rezam e curam deram, dentro do objetivo principal de entender como elas resistem diante de uma conjuntura de violência, foi perceber que houve e há diversas formas estratégicas de resistir dentro do exercício das suas religiosidades e do seu ofício de rezadeiras. A presença do sincretismo é muito forte entre as rezadeiras pesquisadas, sendo muitas vezes o assunto mais recorrente nas suas narrativas. Muitas rezadeiras, mesmo as praticantes de religião de matriz africana, têm uma relação muito próxima com Nossa Senhora Aparecida, como revela a mãe de santo do candomblé Ketu, Dona Isabel: *Eu sempre fui à igreja católica. Agora, o que eu tenho muito aqui é Nossa Senhora Aparecida, arrodilhada aqui até as casas do fundo* (DONA ISABEL, agosto 2019). Estas formas de sincretismo nem sempre são uniformes, elas variam de acordo com a formação religiosa ou as formações religiosas, políticas, sociais e psicológicas de cada uma delas. Para Dona Vilma:

A imagem de nossa senhora lá em Minas Gerais era Oxun, agora nossa senhora é branquela, né? A Oxun é preta, eu posso dizer que a Iansã é Santa Barbara pros católicos, mas a Santa Bárbara era branca também, apesar que ela era morena, tinha cabelo moreno, mas ela era branca (DONA VILMA, agosto, 2019).

Mãe Itamara (Keualombo) é do candomblé Angola. Além do sincretismo, vê como positiva a relação de trocas entre as diferentes religiosidades:

Ontem, o padre foi rezar uma missa na obrigação do meu amigo de 21 anos. Eu achei legal, o padre rezou a missa para oxalá no meio do barracão lá, o pai de santo dele tinha essa tradição. O candomblé, quando a gente fazia o santo, a gente de Kele, tinha que ir assistir uma missa. O meu pai de santo, pai Ananguê, tirou isso, ele acha que a gente não precisa da bênção do padre. A gente precisa da benção do santo do inkici, do orixá. Mas o pai de santo dele continuou com essa obrigação, eles são Ketu, e o padre rezou uma missa em ação de graça a Oxalá (KEUALOMBO, julho 2019).

A rezadeira Nina, que trabalha na tenda cigana Tzara Ramires, em Nova Iguaçu, também é devota de Nossa Senhora e tem um altar de rezas em sua casa com diversas entidades:

Eu, na minha casa tem um altar das ciganas, onde tenho minha Oxun, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, né? Que representa Oxun na umbanda, mas eu sou do candomblé, lá no candomblé, não se usa imagem, se usa Ibá<sup>35</sup>, que fica no barracão, porque em casa não tem como eu colocar o Ibá, e aí eu boto a imagem, que não deixa de ser ela. Mas, tenho a imagem de Cristo, tá tudo lá, acendo minhas velas lá. Tem cigano e cigana, tem a Zoraide, tem o cigano do meu marido lá também, que é o Ferrame, tem o Taim também, que é o cigano dele. Tem também a imagem de Nossa Senhora Aparecida, umas três lá que meu esposo, ele adora, ele fez uma promessa e foi atendido e ele adora Nossa Senhora Aparecida (NINA, julho, 2019).

<sup>35</sup> Igba ori, ou ibá ori o é o nome do assentamento sagrado da cabeça de um indivíduo na cultura nago vodun, identificado no jogo do merindilogun pelos odu ossá.

Essas formas de percepções sobre a identidade de cada entidade são permeadas de novas características, que serviam e servem muitas vezes para que o ofício, a fé e a ancestralidade não deixem de ser exercidas. Para dissimular a verdadeira religião, muitos dirigentes fizeram parte de confrarias católicas, sendo capazes de se esconder e passar suas crenças “sob as saias de Maria” (BENISTE, 2019). Diante de uma realidade onde o racismo religioso sobre as suas crenças era efetivado e continua sendo, Dona Vilma traz importantes elucidações:

Isso é o sincretismo que os escravos usavam pra disfarçar, não é? Disfarçar o que eles estavam fazendo, então, o que que eles fizeram? Botaram o nome... Tinham eles lá, os donos, eles que achavam ‘tá respeitando a nossa religião’, que era a católica, mas não. Então, quando eles faziam aqueles batuques mesmo, eles falavam ‘não, nós estamos aqui celebrando, a Nossa Senhora.’ Mas, o que era mesmo é que São Jorge, São Jorge, santo guerreiro, Ogum né? Também. Mas eles acham, eles acham assim, agora eles estão começando a tirar essa imagem, mas fica a religião mesmo. Eu sou umbandista, eu nunca neguei, eu vim duma família católica, fui batizada, fui crismada, fiz primeira comunhão, tudo isso. Não tenho isso pra falar deles (DONA VILMA, 2019).

O sincretismo sempre foi muito criticado por alguns pesquisadores, que muitas vezes colocam os praticantes do culto afro-brasileiro no papel de meros expectadores, sujeitos sem agenciamento no processo denominado aculturação religiosa, porém, há outros autores que avaliam o sincretismo no Brasil Colônia de um outro ponto de vista, ressaltando sua ação de resistência diante de um sistema, extremamente cruel, que punia severamente com castigos os africanos escravizados que adorassem os seus deuses. Essas estratégias passaram por todo o século XX, e continuam até os dias de hoje:

Para dissimular suas práticas e abrandar possíveis perseguições, os antigos grupos de terreiros registravam suas casas com nome de santos católicos: O candomblé de Nitinha de Oxum é de Nossa Senhora das Candeias, o de Senhorazinha era de São Jerônimo e Santa Bárbara, e o Bate-Folha é o Candomblé de Santa Bárbara. (BENISTE, 2019, P, 432).

Temos que considerar que o sincretismo religioso, apesar de uma categoria muito discutida no âmbito das religiões de matriz africana e do catolicismo, está presente também em outros segmentos religiosos. Em alguns casos, poderá ter havido um processo de aculturação, em outros não. As religiões de matriz africana, apesar de terem alguns fundamentos comuns, não possuem uma organização central que estabelece uma forma ritualística universal, de certa forma, os sacerdotes e as sacerdotisas possuem um certo grau de autonomia. As experiências colhidas com as mulheres que rezam e curam trouxeram também evidências dessas influências do sincretismo no processo de rezas e curas, como é o caso de Dona Lourdes, que invoca o espírito de Getúlio Vargas para resolver problemas políticos dos que a procuram. Mesmo que tenhamos teoricamente observações pertinentes sobre o quanto o processo de aculturação tenha servido como instrumento de colonização, vindo a influenciar o culto aos Orixás e fazer valer suas verdades epistemológicas, políticas e jurídicas, temos que reconhecer que há também estratégias de resistências nas práticas do sincretismo dentro das religiões de matriz africana,

que trouxeram para o cristianismo neopentecostal diversos elementos da ritualística executada nos terreiros, sendo inicialmente o transe um desses elementos, que veio compor o repertório das atividades de mediações mágicas das igrejas. Hoje, diversas igrejas neopentecostais utilizam o sal grosso, a arruda, o atabaque e a invocação de Exu dentro dos seus rituais de exorcismo e possessão, já que a igreja, para curar seu público, criou na sua linha dogmática uma relação entre a posseção e o adoecimento.

Dona Isabel é rezadeira em Nova Iguaçu, mora na localidade de Jardim Iguaçu, e fala pouco. Fizemos com ela uma roda de conversa com a presença das filhas, que puderam contribuir e complementar as informações da mãe já idosa. Segundo Nívea, filha da rezadeira Isabel, sua avó, que também era mãe de santo e rezadeira, praticava o catolicismo: - Minha avó também era da igreja São Francisco de Assis, minha avó todo domingo estava marcando a presença dela lá na São Francisco de Assis (Nívea). Mas, nem só o catolicismo serviu de estratégia, Dona Vilma veio de Minas Gerais e pela sua narrativa, havia um disfarce que eles utilizavam para exercer a umbanda, a prática do Kardecismo, que era mais aceito:

Só que eu sempre, eu sempre fui do lado assim. Eu gostava de rezadeiras, eu tinha aquela facilidade de aprender as rezas dela. Eu gostava, assim, de quando eu ia escondido, ia assim num terreiro de Umbanda, porque eu gostava de ver aqueles atabaques, aquela batida dos atabaques, aquilo mexia comigo tudo. Eu ficava ali maravilhada com aquilo. Mas lá, o pessoal aceitava muito pouco os terreiros que tinham atabaques, era uma cidadezinha do interior, Recreio, eles aceitavam pouco a umbanda. Eles aceitavam o espiritismo kardecista. Aí eu frequentava ali, o espiritismo kardecista. Porque eles antes, primeiro eles falam com o santo da igreja, eles falam, lê o evangelho, o evangelho não, lê a bíblia. O evangelho..., eu acho que isso é um disfarce, eu acho, entendeu? Porque o livro do, da Umbanda é só os evangelhos. Eles lá não, eles leem o livro kardecista e, de vez em quando, o evangelho. Porque o Kardecismo, eu acho que ele é mais assim, pra te ensinar a você tomar uma atitude, o que você vai ser, o que você vai frequentar. Porque tem o Livro dos Espíritos, tem o Livro dos Médiuns têm o Evangelho, tem, ... São 7 livros dele, de Kardec. Todos esses não falam em religião. Se você pegar, você lê, você num vê que fala em religião. Mas veio daqui do Rio, um senhor, ele arrumou, arrumou não, inaugurou um hotel lá e tal, ele era português e tudo, né? Então, começou a frequentar o centro kardecista lá, e tudo, ele lia, lia o evangelho, lia o... E ele sempre, às vezes eu estava escutando o evangelho, eu via que ele estava olhando pra mim, aí ele disse pra mim uma vez assim – ô Vilma, você, minha filha, você não vai ficar muito tempo aqui em Minas não. – Ora, porquê seu Zé? – Você vai, você vai pro Rio, para uma cidade pequena do Rio, lá você vai desenvolver a sua doutrina mesmo, você é umbandista (DONA VILMA, Julho, 2019).

Esse emaranhado de encontros entre práticas religiosas diferentes, compõe o cenário do ofício das mulheres que rezam e curam em Nova Iguaçu. Dona Isabel mora em um terreno com outros familiares, filhos e nora. Há uma divisão dos espaços religiosos, mas apesar dessa divisão, eles estão sempre se entrecruzando, como no sincretismo de corredor, onde estão os assentamentos e por onde passam os cristãos e os de religião de matriz africana, todos que moram naquele terreno. E tem só um espacinho pequeno que onde a Padilha atende, onde minha

mãe atende com Elegbara. (NÍVEA, agosto, 2019). Elegbara Exu funciona como um unificador das religiões de matriz africana, com assento na umbanda, quimbanda e no candomblé, seja bantu ou nagô. A concepção de exu varia de acordo com cada uma delas:

... Exu não é ruim. Ruím é o povo. Exu é um espírito pagão, é um espírito que não tem luz, mas ele faz o bem. Faz o mal para aqueles que vão pedir o mal. Mas se você for pedir o bem, ele vai te fazer só o bem. Eu tenho pessoas... porque eu trabalho com essa entidade... eu tenho pessoas que podem lhe dizer, sentar com você e contar a vida que tinha e a vida que têm agora, tudo por Exu. (DONA JOSEFA, agosto, 2019)

Sabemos que Exu foi um dos principais alvos de demonização do projeto de poder neopentecostal, porém é importante descrever que muitas atitudes dos praticantes da religião de matriz africana serviram para reforçar esta relação de Exu com o demônio. Mas, Exu, independente do estereótipo criado pelos cristãos, continua atuando como o comunicador, sua relação e prestígio ultrapassam os muros de outras concepções religiosas, muitas vezes comparados a diferentes deuses.

O pessoal chama de Exu verdadeiro, que é aquele que usa... aquela que tem o segredo dele é a lâmina, por isso que ele usa aquele capacete aqui e aquele negócio que ele anda na mão dele é um falo, é um pênis. Aqui também é um falo de Pan, de Dionísio... é um falo também... os deuses todos aqui (mostrando algumas gravuras) levam um falo, mas não tem muita semelhança. A semelhança que eles botam é por causa do falo. Eu falo Exu diferente do Exu povo de Rua... Pomba Gira, Seu Caveira, Seu Marabô, Seu Veludo... e o outro não, é Exu Orixá! O mensageiro dos deuses, Espiral Divina. (ALANA, agosto, 2019)

Esses caminhos possuem desencontros e encontros nas encruzilhadas das tradições religiosas e culturais, sendo a culinárias um desses:

Sabe que as misturas aqui de católica com o candomblé não atrapalha nada não? [...] É importante pra eles as **tradições** e a gente coloca como tradição católica, a gente faz a comemoração do santo em si mas aqui também faz a feijoada de São Jorge, e a feijoada é para Ogum, é ele que participa desse prato. [...] A gente come a comida baiana, aí faz o peixe, faz vatapá, o caruru, munguzá, a gente faz pra manter a tradição, porque a gente acha importante e tem que ter uma tradição baiana. (DONA ISABEL, maio 2019)

Esses caminhos agenciam uma forma de vivenciar a fé das mulheres que rezam e curam, sem, no entanto, impedir a transmissão de suas heranças ancestrais. Na família da mãe de santo e rezadeira Dona Isabel, apesar do catolicismo presente, há entre eles a prática da língua yoruba, que segundo ela, é uma forma de conversar entre eles o que só interessa à família. Essa prática permite a transmissão de valores culturais ancestrais, que nem elas se dão conta:

Eu fui na igreja de São Jorge comprar uma cocada, que era dia de São Jorge. Aí meu pai falou 'quando chegar lá fala isso', o que significa, aí ele: isso, isso, isso; ah, tá bom. Foi eu e o Tiago meu filho, botei uma blusinha vermelha em mim e nele e lá fomos nós. Quando chegou na igreja, estava cheia e disse não vou chegar no altar e puta merda, esqueci a frase que seu avô falou! Aí ele foi e falou assim: - Ya megi lacaie ochi mole, aí eu olhei pra ele e disse: - Você escutou se avô falando? Aí ele: - Escutei. - Ei aaah, que coisa meu Deus, você aprendeu. (NÍVEA, maio 2019)

Já falamos que o sincretismo nem sempre acontece entre os santos católicos e de matriz africana, ele está presente em outros segmentos, algumas vezes, também, fundindo mundos e deuses gregos e africanos. Alana é Bruxa da Wicca, mas também iniciada no candomblé, onde deixou de exercer a filiação, sem, no entanto, deixar suas crenças nos orixás e fazer associações com as divindades utilizadas em seu ofício de rezadeira e de Bruxa:

Eu tinha problema com Zeus! E a associação de Zeus com o Candomblé, se fosse o caso, é Xangô! Eu sempre fui do velho... eu amo Ogum, mas o ogum da Umbanda, o São Jorge, que aqui é Áries, eu sou apaixonada por Áries e Áries é Ogum. *–Você sabia que o pessoal que é de Ogum não simpatiza muito com quem é de sol que é de Xangô?* Nossa, como é que as coisas são? Eu pensei assim... é o que eu digo para meus filhos: –olha, a deusa e o deus são um só! Manifestados em religiões com vários nomes, cultos e formas. A deusa, ela é Iemanjá, é Anfitrite, que é a minha mãe, a deusa d'água, que no candomblé sou de Iemanjá, ela é Êcate, é Diana, é Afrodite, enfim, o deus é um só, é o deus chifrudo, que é todos, são todos eles. Ogum, é Exu, Exú Orixá, é Dionísio, é Pan, na Índia é não sei quem. (ALANA, Bruxa e rezadeira, agosto, 2019)

## 8. EXPERIÊNCIAS E RESISTÊNCIAS DIANTE DO RACISMO RELIGIOSO

### 8.1. Como se manifesta o racismo religioso nas mulheres rezadeiras

O racismo religioso atinge em cheio as mulheres que rezam e curam em Nova Iguaçu. Esse racismo é disfarçado em muitas faces, uma delas está dentro das classificações generalizantes de intolerância religiosa. Na realidade, a intolerância religiosa que afeta as rezadeiras de matriz africana e outras que participaram desse trabalho é muito forte, por ter sido praticada contra as manifestações de matriz africana, conceitos construídos através de associações com os demônios. Essa é uma associação feita através da violência simbólica que deu muito certo: quem quer relação com uma religião de demônios? Porém, por outras diversas considerações preconceituosas, muitas delas propagadas com equívoco científico, podemos afirmar que a criação do racismo faz parte de um projeto de dominação de povos. Mas é certo que o racismo no Brasil possui raízes no período colonial, inicialmente através da discriminação imposta aos indígenas e posteriormente aos africanos escravizados: No período colonial, a discriminação de base biológica pode ser observada pelo dispositivo legal dos estatutos de pureza do sangue, criados na Península Ibérica muito antes da “descoberta” da América (SEYFERTH, 2002). Sendo assim, o racismo religioso, muitas vezes, influenciou e influencia as formas como as mulheres que rezam e curam atuam em seus ofícios.

Dona Isabel, como Dona Vilma, também utiliza estratégias de disfarces por causa da não aceitação da sua religiosidade, candomblé ketu. No depoimento de sua filha na roda de conversa, ela narra o seguinte fato, quando fez a observação sobre as diversas imagens de nossa senhora dentro de sua casa. Até aquele momento, eu pensava estar conversando com uma

rezadeira católica, porém, Nívea me esclareceu que sua mãe era mãe de santo e que elas habitavam em dois universos religiosos:

Normalmente, a parte das coisas dos espíritos fica uma coisa mais privada, separado, e o público é justamente o que é aceito pela sociedade, que é dos católicos; eu acho que se mãe botasse uns santos seria até interessante colocar uma imagem, talvez de um dos santos lá de trás. Aqui, as pessoas iam se assustar, com certeza, normalmente fica na parte privada, o público fica aqui, normalmente o que é aceito pela sociedade, o que é o normal né? Temos o profano e o sagrado. (NÍVEA, agosto, 2019)

É importante perceber na descrição acima, que o profano é relacionado nesse caso ao candomblé e o sagrado é relacionado aos santos da igreja católica, também denominado de normal.

Importante que há dentro da própria religião, através de muitos dos seus próximos uma ideia de cultura de impureza, de profanidade. Essa ideia foi alimentada por séculos, através das teorias racistas impostas nas colônias, onde se estabeleceu padrões de superioridades e inferioridades, como acentua Quijano:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. (QUIJANO, 2005, p. 117).

Essa relação se dá mesmo entre os praticantes das religiões de Matriz Africana, impregnados que estão das consequências do racismo religioso, da colonialidade produzida a partir de um saber eurocêntrico. Importante apontamento crítico traz Jayro Pereira: Vou insistir, ou o racismo religioso será radicalmente combatido pelo viés afroepistêmico, ou essa luta prosseguirá incompleta ( GOMES, EDLAINE DE CAMPOS, 2019, p, 145). O que Jayro de Jesus, coordenador do projeto Tradição dos Orixás traz imperativamente em sua fala, encontra-se com o pensamento Fanoniano, tão bem estudado e desenvolvido nos textos pedagógicos da professora Claudia Miranda: Libertar o colonizador que está dentro de cada colonizado seria tomar consciência da condição colonial e de suas mazelas, como é o caso do Negro ter como destino o Branco (MIRANDA, 2006).

O racismo religioso se faz presente como uma ação contínua nas relações sociais, colaborando para aumentar a hostilidade contra as mães de santo e as rezadeiras em Nova Iguaçu:

Acho que tem muito preconceito contra nossa religião, porque esse pessoal não conhece nossas religião, principalmente os evangélicos E aí chamam de macumbeiros, joga pedra nas pessoas, e eles criam as crianças nas suas famílias com esse preconceito com essa coisa feia, e aí as crianças, quando passam aqui na rua, não pode passar na calçada do meu candomblé, porque dizem que é macumba, que a mãe não quer. E quem ensinou isso, que não pode passar na calçada dizendo que é macumba? Foi a mãe, e os pais ainda dizem não pode ficar perto daquela pessoa ali, não, porque é preto. (ITAMARA, agosto, 2019)

Essa associação das religiões de matriz africana com o profano, com o pecado, com o diabo fincou raízes na sociedade e também influenciou os próprios praticantes, o povo dos terreiros. Neste sentido, Jayro Pereira nos aponta que: Essa coisa que se chama colonialidade, é a manutenção de um ideário que, por conta do semicídio, nos subtraiu a todos, tratou de nos matar do ponto de vista do sequestro, da desterritorialização, mas tem outras formas de assassinato (GOMES, EDLAINE DE CAMPOS, 2019, p, 149). Sendo assim é importante ações de formação política, voltada aos povos de terreiros.

Nova Iguaçu é atualmente uma cidade com maioria evangélica. Nas periferias, surgem em forma acelerada, diversas igrejas neopentecostais com pouco respeito à diversidade religiosa. Dois fatos foram revelados durante nossa conversa que atestam isso: Dona Isabel utiliza folhas de “para-raio” em suas atividades de rezadeira, mas os vizinhos evangélicos, ao saberem dessa atividade, cortaram o pé da planta:

Essa folha é de para-raio, ela pega ali no campo, mas por incrível que pareça, tem algum filho de alguma coisa, uma pessoa muito cruel, que cortou a árvore, os crentes não aceitam a religião dos outros, por causa da ignorância do povo. Eles lá, eles tinham muito assim: ou você é católico, ou protestante. Outras religiões, ó.. Tanto que até o, quando, ah meu Deus, como é que chama a religião? Da parte (da) do protestantismo, evangélico não, até a minha tia passou para eles também. Nossa senhora, a minha tia virou crente, então ela pegou o santo de minha avó e jogou tudo fora, e aí a gente foi lá, eu era pequena, mãe reclamou com ela (NIVEA, 2019).

Muitas vezes, esta disputa entre evangélicos e adeptos de religião de matriz africana é estimulada nos cultos, onde os evangélicos, sobretudo os neopentecostais, são atizados a atacar e prejudicar a prática dos que eles chamam “macumbeiros”. Esse é um alibi usado pelos “traficantes de Jesus” que ao depredar um terreiro ou eliminar um pai de santo ou mãe de santo, justificam seu ato como uma guerra contra o próprio diabo.

Dona Vilma traz as lembranças das crises entre evangélicos pentecostais e católicos que brigavam em Minas Gerais, antes dela chegar a Nova Iguaçu.

É quando as pentecostais abriram igreja lá, nosso Deus! Porque eles abriram a igreja, compraram um terreno e começou a briga. Esse terreno dava a frente pra onde tinha um cruzeiro bonito, com Santo Antônio. Ali quando era esse mês agora, eles faziam festa de Santo Antônio, era tudo ali naquele cruzeiro. Então, os congregados marianos e as filhas de maria se juntava, iam cantar na frente da igreja deles e era uma coisa horrível! Eles lá reclamavam, os de cá reclamavam também, e aquela coisa assim. (DONA VILMA, julho, 2019)

Curioso é o fato de que até a vivência em alguns terreiros de umbanda (mesa branca) serviram em certa época para frear a não aceitação da prática nos candomblés, já que a “mesa branca” é vista com mais tolerância:

É assim. Aqui eu vi. Eu frequentei muito tempo um centro ali em Nova Iguaçu, é do senhor Eugênio Bovanelli. Não sei, você pode ir ver lá nos seus estudos que você vai

ver, tem ele. Muito bacana, era Umbanda. Mas era uma Umbanda assim também disfarçada, porque eles não aceitavam assim, lá não botava roupa, porque os umbandistas, eles gostam, ... eles usam, aquela saia comprida né? Não usa roupa decotada, nem nada disso. Tem as blusas, é aquele tipo um, uma camisa assim direitinho de manga, pode ser manga, só das mulheres que é manga com bufante. E lá, era assim. (DONA VILMA, agosto, 2019)

O racismo religioso está sempre presente nas narrativas, pois a aceitação maior da umbanda “mesa branca” em relação aos outros segmentos da própria umbanda (quimbanda, umbanda traçada) demonstra que, ao se aproximar dos valores eurocêntricos, maior é a tolerância e credibilidade, esses valores muitas vezes incorporam na vivência do próprio adepto.

A Umbanda tem a Umbanda branca. Quer dizer, o espiritismo é Umbanda, do Allan Kardec, é da Umbanda branca. Branquíssima, branquíssima... E só trabalha na mesa. E tem... a Umbanda branca pura e aquela que trabalha traçada com Quimbanda. A que trabalha traçada com Quimbanda, aquela que trabalha com Exu, que é Umbanda com Quimbanda. (DONA JOSEFA, agosto, 2019)

O racismo religioso afeta também as práticas que, de alguma forma, possam ser confundidas com feitiçaria e/ou classificando todas como “macumba”: - Olha, vou te falar uma coisa, é muito os desafios que nós mulheres passamos por aí, tudo na cabeça das pessoas é macumba, você cuidar do irmão, fazer o irmão ficar curado é macumba, tudo vai fazer mal. Nossa, que mente! (NINA, julho, 2019). É muito comum a utilização do termo macumba pelo segmento cristão neopentecostal, para designar todas as associações que eles consideram como prática de feitiçaria:

Muitos deles de religião de fora, tudo que se faz de termos holísticos e que não é físico, na mente deles é macumba, geralmente são os evangélicos, os católicos, eles têm uma mente mais aberta, geralmente são os evangélicos, mas nem todos os evangélicos, mas não todos, tem uns de mentes mais abertas que vão lá na Tissara Ramis fazer terapias, temos pessoas que estão propícios a ir lá e diz ‘isso é maravilhoso!’ Outros, a gente vê muito assim, quebrando templos e tudo, e Deus também não falou ‘amai-vos uns aos outros’, onde é que está o amor nisso? Quando você entra na casa de uma outra pessoa e sai quebrando tudo, você está faltando com respeito àquela pessoa, você não está amando ela, isso é ódio, então não é de Deus, não me venha falar que esses são evangélicos, que pra mim não é evangélico não, isso aí, eles estão usando uma carapuça para dizer que é evangélico, para fazer ruindades, porque um evangélico mesmo não vai fazer nada de ruim contra o irmão e vai chamar o macumbeiro de irmão, independente de religião, como nós lá na Tissara tratamos todos de irmãos, somos todos filhos de Deus, não tem cor, todos somos irmãos (NINA, julho, 2019).

Outro fator que é citado como estimulador as agressões às rezadeiras e mães de santo é a impunidade, a grande maioria dos casos de violência aos terreiros nem são registrados, como é o caso de Itamara (Keualombo) que tem seu terreiro na região do Parque Flora, uma das regiões mais afetadas pelo vandalismo e depredação às religiões de matriz africanas:

Eu já sofri violência, tacaram pedras enormes aqui no meu telhado, acho que fica uma impunidade, a pessoa vem, joga pedra, eles nos agridem, matam um. Aqui as pedras estavam vindo lá da rua de cima, a gente foi olhar, os tamanhos das pedras eram enormes

e na velocidade do alto para baixo, você imagina uma criança dessa tomando uma pedrada na cabeça, a gente morre. Eu acho que é mais uma impunidade, um abuso, uma coisa que tinha que acabar, as pessoas fazem e ficam por isso mesmo, a gente corre para ver quem é, mas não fica ninguém para a gente ver, mas só podem ser os evangélicos, porque nessa parte do morro toda ali, é todo mundo crente. [...]. Agora, aqui tem um processo de violência que afetou mais alguns amigos, que foi lá no Buraco do Boi, aqui mesmo no Parque Flora e eles quebraram tudo, a dona Marinete foi uma, dona Marinete mora ela e a mãe, que está na cadeira de roda. Eu cheguei no barracão dela, eu cheguei lá fiquei horrorizada com aquilo, ela falou assim, ela me chama de mãe, ela é uma Senhorinha mas tem muito respeito, ela é umbandista. Ela falou para mim: - Mãe, eu estava dormindo, foi depois do almoço, tinha mais de dez garotos, eles entraram aqui, os meninos quebraram tudo, eles usaram uma bola de concreto e foram quebrando com essa bola todas as imagens. Eu entrei no barracão, o barracão é aqui e a casa dela é do lado, quando eu entrei o barracão estava todo depredado, as telhas todas quebradas, quebraram tudo com aquelas duas idosas sozinhas no barracão, porque eles falaram que não queriam macumba naquele lugar [...] Ou pode ser esse pessoal aí mesmo, os novos bandidos que têm vindo, fica uma coisa camuflada você não sabe quem mandou, igual ao pai de santo lá, que o cara entrou e deu os tiros e foi embora, lá no Nova Brasília. Era parente de santo do meu amigo, ele estava fazendo a corrente de santo da pomba gira dele e o cara matou ele incorporado com a pomba gira. Uma coisa gratuita e fica por isso mesmo, essa coisa de ficar por isso mesmo é que a coisa vai se perpetuando e aí criam-se força e a força aumenta, porque ninguém está fazendo nada, então, eles falam ‘vamos quebrar e vamos bater’ e assim, muita gente perdeu o barracão, você vê na televisão pessoas sendo expulsas, porque não podem mostrar sua roupa, não pode entrar com sua roupa em tal e tal lugar. (Mãe Itamara/ agosto/2019).

Um das questões apresentadas nessa pesquisa, passa pela dificuldade do processo de transmissão do conhecimento das rezadeiras para as novas gerações. Como verificado, as rezadeiras, também por uma questão de segurança, estão mais reclusas, e colabora para isso as constantes situações de violência na qual estão submetidas, como relata Dona Isabel: ... eu rezo, mas não gosto mais de rezar não, esse povo é tudo uns bandos de mal-agraçados, ingratos. Colaborando para essa realidade, há a perseguição também às pessoas que aderem as religiões de matriz africana, que precisam esconder sua opção:

E também tem um outro problema, porque as pessoas da religião de matriz africana se escondem, porque podem até perder o emprego, não podem dizer qual é a sua religião. Várias situações que você não pode dizer nem o que você é, por conta de várias coisas e ainda tem o preconceito de outras religiões, tudo é macumba, tudo é mau e a gente é visto como mau, como demônio, até na faculdade eu já tive discussões sobre isso com colega da minha de faculdade (Mãe Itamara/agosto/2019).

A atuação de rezadeira e mãe de santo entre as mulheres que rezam e curam é muito bem percebida nas diferentes formas de atuação. As rezadeiras, colaboradoras dessa pesquisa não rezam incorporadas, nunca fazem curas através de cobranças financeiras, como diz Mãe Itamara: às vezes, umas senhoras que eu rezei trouxe bolo, coisa assim para comer, teve uma que queria trazer um dinheiro, até trouxe, mas eu mandei ela de volta, porque eu não queria aquele dinheiro, eu não cobro para fazer isso. Porém, chama a atenção a violência, que atravessa

a atuação de todas elas. Como rezadeiras, ciganas, mães de santo ou bruxas da Wicca, não importa, para os racistas elas são todas macumbeiras.

Então, as pessoas têm que ser mais sensível, é isso, essas pessoas têm que respeitar, as pessoas não respeitam os outros. Isso é feio, é ruim para gente como pessoa e para eles. Tanto a gente como rezadeira, como mãe de santo, a gente sofre preconceito. Para eles, tudo é macumba, tem que demonizar os dois, eles vão dizer que a rezadeira é macumbeira, mesmo que ela não seja, eles vão dizer que é coisa do mal, eles falam das rezadeiras “aquela ali é uma macumbeira, ela faz coisas do mal”, então, não tem diferença, sofrem as duas.(Mãe Itamara/agosto/2019)

Essa violência, ora simbólica, ora estrutural tem como base o racismo religioso. O que nos remete a pensar que a luta por uma sociedade justa, deve considerar a luta contra o racismo, fundamental para promover igualdade de condições para a população negra.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se justificou a partir da hipótese: de que mulheres que rezam e curam, rezadeiras e mães de santo na cidade de Nova Iguaçu - Baixada Fluminense (RJ) estavam em processo de diminuição, em uma região marcada por considerável registros de intolerância religiosa. Dessa conjuntura surge a necessidade de trazer essa discussão através do tema: Mulheres que Rezam e Curam: Narrativas e Resistências em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ), que guiou este estudo com o objetivo geral de investigar como essas mulheres resistem em um cenário de violências.

Constatamos que esse objetivo foi atendido, porque este trabalho nos revela que entre as estratégias de resistência utilizadas pelas mulheres que rezam se destacam:

- 1) Participação em associações e grupos que atuam na luta contra a intolerância religiosa, como é o caso da Bruxa Alana e da rezadeira e mãe de santo Itamara (Keualombo);
- 2) Barreiras Linguísticas e Segredos - falando em ioruba com a família, como é o caso de Dona Isabel, que se protege através de uma barreira linguística, a transmissão de conhecimentos, segredos e informações através da língua de seus ancestrais converte-se em uma forma de resistência;
- 3) Sincretismo religioso, que em todas as colaboradoras se revela como uma forma de reorganização simbólica das crenças destas sujeitas, com vias a mascarar suas identidades e, deste modo, protegê-las. É interessante ressaltar, que esta associação de culturas representada pelo sincretismo religioso se destaca enquanto estratégia que vem sendo empregada pelas religiões de matriz africana desde os tempos da escravidão. Deixando claro que o sincretismo, através da aculturação, promove a subatnização, evidenciando a religião colonizadora em detrimento da religião de matriz africana.
- 4) A utilização dos conhecimentos transmitidos entre gerações sobre as ervas medicinais nas suas atuações do ofício de rezadeiras, está em um capítulo a parte, após o texto com suas apresentações.

A pesquisa teve inicialmente como objetivo específico a identificação dessas colaboradoras, o que foi alcançado através da apresentação de suas narrativas, trazendo também uma reflexão e análise sobre os atravessamentos do racismo religioso e do sincretismo em suas práticas rituais e seus ofícios de curadores e rezadeiras.

Verificamos que a hipótese de diminuição das atividades das mulheres que rezam e curam são multifatoriais, trazendo elementos relacionados a violência, como também a falta de políticas públicas de valorização das manifestações culturais. Não obstante, essa violência se caracteriza de forma mais proeminente através da intolerância religiosa e do racismo religioso.

Um outro fenômeno que colabora para a diminuição dessas atividades, é o aumento da adesão dos habitantes dessa região às igrejas neopentecostais que têm nas religiões de matriz africana seu principal foco de ataque, bem como a conversão ao protestantismo das famílias de rezadeiras. A maior parte das rezadeiras que ainda resistem estão em idade avançada, dependentes de familiares, sendo que alguns, ao se filiarem ao seguimento protestante, impedem o exercício das atividades das rezadeiras, por considerarem ações de feitiçarias.

Durante todo o percurso, houve uma dúvida que me perseguia: se eu deveria identificar ou não as colaboradoras da pesquisa, já que todas encontram-se em território de forte ataque às religiões não cristãs. Porém, chamou-me atenção a predisposição delas em se identificar. Junto com o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, trouxe também uma Ficha de Registro das Colaboradoras. Quando fazemos entrevista abertas, nem sempre algumas informações são trazidas nas narrativas. Sendo assim, a ficha de registro teve o objetivo de saber dados mais específicos, como a data de nascimento, religião inicial, profissão etc. Entre as perguntas, havia a opção de saber se as entrevistadas queriam fazer um documentário e participar de um encontro municipal de rezadeiras. Todas optaram por participar e acharam uma boa ideia.

Quanto as suas identificações no texto, houve, inclusive, solicitação de que queriam ser identificadas pelo nome, como foi o caso de Dona Isabel, Dona Josefa, Dona Nina, Dona Vilma e Mãe Itamara. Algumas delas se dispõem a comparecer no dia da defesa, como é o caso da Dona Josefa, Dona Vilma, da Bruxa Alana e da Mãe Itamara, o que de certa forma nos informa que, apesar das rezadeiras serem reservadas, não terem anúncio, nem identificação sobre o seu ofício em suas residências e mesmo elas realizando as rezas com certa discrição, o anonimato não é uma opção de resistência, pois entre elas há algumas que militam ativamente na luta contra a intolerância e contra o racismo. Há também aquelas que transitam em comunidades religiosas de matriz africana e também do catolicismo sem uma aparente “culpa” ou constrangimento. Portanto, a identificação foi um procedimento que se fez natural durante o processo.

Neste trabalho, a psicossociologia se mostra nas interfaces entre a complexa realidade social da Baixada Fluminense e as narrativas das histórias de vida de mulheres que rezam e curam. Assim, a partir de uma abordagem centrada em narrativas, pudemos perceber como as experiências de vida destas senhoras interligam aspectos subjetivos e individuais de suas vivências aos seus contextos sócio-históricos específicos, revelando-nos detalhes sobre as relações que tais mulheres estabelecem com suas comunidades e com aqueles que seguem crenças diferentes, permitindo-nos refletir também sobre os conflitos e choques que vêm ocorrendo neste território.

A pesquisa reconhece ainda que a violência a qual estas mulheres que rezam e curam estão submetidas, desde as primeiras décadas do século XX, no território da Baixada Fluminense, mostra-se distinta da concepção convencional de violência observada neste território, que é centrada no conflito entre policiais e “bandidos”. As narrativas destas colaboradoras trouxeram figuras como os “traficantes de Jesus” e destacaram a presença das milícias, fatores que pelo pouco tempo disponível para a realização de uma pesquisa de mestrado, acabou não sendo explorado nesta dissertação e, por sugestão da banca de qualificação, tornaram-se parte do projeto de tese que já se encontra aprovado no edital/2019 do Eicos/UFRJ. Deste modo, o presente estudo nos fornece pistas para desdobramentos futuros, como por exemplo, os fatores que estão por trás de episódios de violência motivada por intolerância religiosa e o papel das religiões de matriz africanas enquanto movimentos de resistência ao racismo.

### **Limitações da pesquisa**

Por fim, a pesquisa que serviu de base para essa dissertação trouxe respostas que consolida como verdadeira a hipótese de que: há intervenção da violência no exercício das atividades das mulheres que rezam e curam em Nova Iguaçu. Também nos possibilitou entender como elas resistem e quem são essas mulheres. Não obstante, suscitou outras interrogações sobre o fenômeno da violência nesse território. Entre essas interrogações, carece uma análise mais detalhada, dos mecanismos que alimentam essa violência: Como ela atinge os “marcados para morrer”? Quem são os agenciadores deste processo? Qual o papel do Estado enquanto responsável pela segurança pública? Como esse cenário interfere no cotidiano dos subalternizados? Estas são análises que poderão ser aprofundadas em pesquisas futuras.

A metodologia proposta implicou trazer as narrativas das colaboradoras ao cenário de análises e resultados do texto. Essas narrativas trouxeram uma forte denúncia da intolerância religiosa e outras formas de violência. Esta realidade não nos permite ampliar muito a permanência no campo em um cenário de tensão, no qual todos estão sob vigilância, mesmo

que não saibam. Diante da realidade inicial de proibição dos traficantes de que eu pudesse pesquisar em determinada região, foi necessário diminuir o número de colaboradoras e repensar a inserção no território, trazendo para o processo certo grau de dificuldade. Não obstante, as narrativas nem sempre trazem todo o emaranhado que envolve as estruturas responsáveis pelo sistema de opressão e marginalização que se vive nas grandes periferias da região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Portanto, há de se pensar propostas que possam ampliar e otimizar as pesquisas, trabalhando aspectos que permitam uma maior segurança aos pesquisadores e aos colaboradores.

Por fim, a investigação nesse caso traz elementos que subsidiam o sincretismo como uma forma de resistência. Porém, dentro destes processos de associações, há também outras categorias que não consegui trazer ou aprofundar, mas que são importantes para análises futuras como: a dupla pertença e a interpenetração cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Claudio Souza, Violência e religião na Baixada Fluminense: **uma proposta teórico metodológica**. Revista Rio de Janeiro, n. 8, p. 59-82, set./dez. 2002
- AZEREDO, Luiz Martin de. Padre João: **Apostolo do Bem em Nova Iguaçu**, Edição da Diocese de Nova Iguaçu, 1980.
- ATLAS da Violência, 2017, acesso <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia>
- BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil, Livraria Pioneira e EDUSP, São Paulo 1971.
- BASTIDE, Roger. As Américas Negras. Difel – Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.
- BASTOS, Geraldo da Silva. Rezadeiras: memória oral de protagonistas negras, benzeduras, curas e mistérios. Cadernos do Gestar, ano II nº 2 - Nova Iguaçu, (RJ),2008.
- BENISTE, José. História dos candomblés do Rio de Janeiro: o encontro africano com o Rio e os personagens que construíram sua história religiosa – 1ª ed. Bertrand – Rio de Janeiro,2019.
- BEVILAQUA, Adriana Magalhães. Clementina, cadê você? FUNARTE, Rio de Janeiro, 1988.
- SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. 2ª ed revisada e ampliada, AYÓ, Brasília, 2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Corrêa. Pesquisa Participante: um Momento da Educação Popular. Revista de Educação Popular, Uberlandia, v. 6, p. 51-62, 2007.
- Candomblé Carioca. Revista África(s), v. 04, n. 08, p. 156-180, jul./dez. 2017.
- CARNEIRO, Edison. Religiões Negras. Negros Bantos. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, p.185, 1991.
- CHAGAS, Conceição Corrêa. Negro uma identidade em construção. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. O Santo é Quem nos Vale, Rapaz. Editora Prismas, Curitiba, 2015.
- COSSARD-BINON, Gisele. Origens do sincretismo africano católico no Brasil e perspectivas futuras. Revista Afro-Ásia, nº 12. Centro de Estudos Afro-Orientais CEAO, Salvador, 1976
- DIAS, Marcelo e WILSON, Prudente. Relatório Parcial da Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil OAB/RJ. Editora Mavi Artes Gráficas e Editora. Rio de Janeiro, 2015.
- EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária. Disponível em <https://www.embrapa.br>. Acesso em 21/02/2020.
- ESCOLA, Equipe Brasil. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/frutas> Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

ESTÉS, Clarissa Pinkola, O Dom da História: Uma fábula sobre o que é suficiente. Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 1998.

FABIANI, Jean Noel. A fabulosa história do hospital: da Idade Média aos dias de hoje. 1ª edição. Editora L&PM, 2019.

FEDERICI, Silvia Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax – Editora Elefante, São Paulo, 2017. (2017)

FLY, Peter. Feijoada e ‘soul food’, in, Para inglês ver. Zahar, Rio de Janeiro, 1982

GABARRÓN, Luis; LANDA, Libertad. O que é pesquisa participante? In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (org). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Ideias & Letras, 2ª Ed. SP, 2006.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra 2ª ed. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2004.

GOMES, Edlaine de Campo. O Tradição dos Orixás: valores civilizatórios afrocentrados. Ed. Mar de Ideias – Navegação Cultural, Rio de Janeiro, 2019,

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 1ª ed. Ed. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.

IBGE. Resultados do Universo. Censo 2010. acesso [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) RJ.2013

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. Malleus Mallificarum: O Martelo das Feiticeiras. Editora Rosa dos Tempos, 12ª Edição. Rio de Janeiro, 1997.

LANDES, Ruth. A cult Matriarchate and male Homosexuality, in “Journal of Abnormal and Social Psychology”, julho de 194 - in Carneiro, Edison. Antologia do Negro Brasileiro. Ediouro, Rio de Janeiro, sem data.

LIMA, Vivaldo da Costa de. A Família de Santo. Currupio, Salvador, 2003.

LOUW, Dirk. Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha - IHU on-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2010.

LOPES, Nei. Novo Dicionário Banto do Brasil. Editora Pallas, Rio de Janeiro, 2012

LUCINDA, Maria da Consolação. Territórios Religiosos. Appris, Curitiba, 2016.

MARTINS, S.; IORUBA, T.; GOMES, F. REDEMOCRATIZANDO NA RAÇA: SOBRE MEMÓRIAS, INTELLECTUAIS NEGROS E MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (NOTAS DE PESQUISA) História: Questões & Debates, Curitiba, volume 63, n.2, p. 195-210, jul./dez. 2015. Editora UFPR

MENDES, Dulce Santoro. Com um te botaram com dois eu te tiro! Um estudo sobre as benzedeadas e dos benzedeados moradores das comunidades quilombolas de Igreja Nova – Alagoas Universidade Federal do Rio de Janeiro Programa de Pós-Graduação EICOS Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro – UFRJ, 2017.

MENDES, Dulce Santoro e CAVAS, Claudio São Thiago. HIBRIDISMOS, SINCRETISMOS E OUTRAS MILONGAS: ALTERNATIVAS CULTURAIS NA SOBREVIVÊNCIA DO CULTO DOS ORIXÁS NO CANDOMBLÉ CARIOCA. Revista África(s), v. 04, n. 08, p. 156-180, jul./dez. 2017.

MINAYO, Maria Cecília (org). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Coleção Temas Sociais, Vozes, Petrópolis, RJ, 34ª edição, 2015.

MIRANDA, Cláudia. Narrativas Subalternas e Políticas de Branquidade: O Deslocamento de Afrodescendentes como Processo Subversivo e as Estratégias de Negociação na Academia. 2006, 244 f. Tese (Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação/Proped) UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

MOURA, Carlos Eugênio (org). Leopardo dos Olhos de Fogo. Ateliê Editorial. 1998.

NASCIUTTI, Jacyara C. Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia. In: Documenta Eicos, nº 7, 1996.

NIANE, Djibril Tamsir. Sundjata ou a epopeia mandinga. Tradução: Oswaldo Biato. Ed. Ática, São Paulo, 1982.

NOBRE, Carlos. Goméia João: A Arte de Tecer o Invisível, Editora Summus, Rio de Janeiro

NOTA TÉCNICA Nº 5/2018/PFDC/MPF

OLIVEIRA, Andersosn José Machado de. Devoção Negra: Santos pretos e catequese Outras Milongas: Alternativas Culturais na Sobrevivência do Culto dos orixás no Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Amauri Mendes. Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. Nandyala, Belo Horizonte, 2008.

PORTAL São Francisco <https://www.portalsaofrancisco.com.br> Acesso em 20/02/2020.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras. In Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, UFRGS, 1998.

PRUDENTE, Wilsom. A Verdadeira História do Direito Constitucional no Brasil: Desconstruindo o Direito do Opressor - Construindo um Direito do Oprimido. Editora Impetus. Niteroi, RJ, 2009

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo; in Racismo no Brasil. ABONG, São Paulo, 2002

SANTOS, Antonio Bispo. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. Editora AYO – Brasília, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves. Intolerância religiosa. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. Editora Vozes, Petrópolis, p. 68, 1988.

SOUZA, Laura de Mello. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colônia. Companhia das Letras. 2ª ed, 2ª reimpressão. São Paulo, 2009.

TORRES, Díjna Andrade. Mulher Nagô. Appris Editora, Curitiba, 2015.

TAVARES, Jonas França. MPAMBU: A Encruzilhada entre crime organizado e fé pentecostal na perseguição ao candomblé: Uma análise dos casos de intolerância religiosa praticada por traficantes evangélicos nas periferias do Estado do Rio de Janeiro, 2018, 69 F. Monografia de conclusão de curso submetida ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: Epistemologia e Metodologia Operativa. Editora Vozes, 6ª ed, 2013.

VERGER, Pierre Fatumbi. Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás. Corrupio, Salvador, 1981.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. Temáticas, Campinas, 2014.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo e Graziela Domini Peixoto. O que as folhas cantam Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INTCI), Brasília, 2014

SHAKUR, Assata. Escritos. Brasília: Editora Reaja, 2016

Relatório à Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, Typografia do Apostolo, 1876. Rio de Janeiro.

**ANEXO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
(AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, (*nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, Documento de identidade*) \_\_\_\_\_, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado MULHERES QUE REZAM E CURAM: Narrativas e Resistências em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ), cujo objetivo principal é analisar as narrativas e resistências de Rezadeiras e Mães de Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de contribuir com minha experiência e trajetória como rezadeira/e/ou/ mãe de santo por meio de formulários e depoimentos abertos que serão gravados pelo pesquisador, cuja informação será transcrita e analisada exclusivamente pela equipe de pesquisa para fins acadêmicos.

Estou ciente que posso levar para a entrevista quaisquer objetos, documentos, fotos, imagens, recortes, entre outros tipos, que tenham relação com a minha participação e façam sentido para mim. Este material não ficará em posse do pesquisador e sairei da entrevista com ele e uma cópia ficará para o arquivo da pesquisa.

Minha participação é voluntária e minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Respeitando esta privacidade, autorizo que a pesquisa faça parte de outros estudos desenvolvidos pelo pesquisador, assim como apresentação em seminários, palestras, congressos.

Fui alertado/a de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como o reconhecimento de relações e redes que favorecem a socialização e participação social como rezadeira/e/ou/mãe de santo na Baixada Fluminense.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, se me incomodar ou decidir omitir alguma informação sobre minha condição de rezadeira/e/ou/ mãe de santo, sobre minhas relações próximas ou dinâmicas pessoais com a comunidade, eu terei a opção de que sejam omitidas.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Geraldo da Silva Bastos, Mestrando do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social- Eicos/UFRJ, a Profa Orientadora Dra. Samira Costa Lima - Programa Eicos/UFRJ a Programa Eios/UFRJ e com eles poderei manter contato pelos telefones 21-992615462 e pelo email [geraldobastosvencedor@gmail.com](mailto:geraldobastosvencedor@gmail.com)

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Ratifico que foi-me entregue uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (21) 3938-5167 ou mandar um *email* cep.cfch@gmail.com

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome e assinatura do(s) pesquisador(es)

(responsáveis)

**Contato do grupo de****Pesquisa:**

Laboratório de Memórias Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis – Instituto de Psicologia/UFRJ, Pavilhão  
Nilton Campos. Av. Pasteur,  
250, Praia Vermelha – Urca –  
Rio de Janeiro/RJ – CEP  
22290-240.  
Telefones: (21) 3873-5348

**Contato do Comitê de Ética em Pesquisa:**

Prédio da Decania do CFCH, Av.  
Pasteur, 250, 3o. andar, sala 40, Urca,  
Rio de Janeiro/RJ – 22290-240 Tel.: (21)  
39385167  
Email:

[cep.cfch@gmail.com](mailto:cep.cfch@gmail.com)

**CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa** – Brasília/DF –

Tel.: (61) 33155878 Email: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

**Contato do pesquisador:**

Avenida A,879. Bairro Palhada, Nova Iguaçu/RJ – CEP 26290-375.

Tel: (21)992615462.

Email: [geraldobastosvencedor@gmail.com](mailto:geraldobastosvencedor@gmail.com)

## Carta de Aceite da Plataforma Brasil

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MULHERES QUE REZAM E CURAM: NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS EM NOVA IGUAÇU, BAIXADA FLUMINENSE (RJ)

**Pesquisador:** GERALDO DA SILVA BASTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 14407619.0.0000.5582

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.408.649

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto com mulheres mães de santo e rezadeiras/benzedeiros tendo em vista entender como elas resistem em ficar em suas localidades apesar de atos de violência por racismo e intolerância religiosa. Pretende-se trabalhar com momentos de observação participante e a observação intensiva de ambientes naturais com entrevistas abertas informais e análise documental. Pretende-se registrar as falas por meio de gravador de voz e anotações em cadernos de campo. A partir dos diálogos com o campo o autor quer desenvolver ações educativas, pelas quais, além do retorno das informações da pesquisa para as participantes, serão debatidos coletivamente temas de interesse das comunidades. As informantes serão selecionadas a partir do Projeto de Mapeamento das Rezadeiras da Baixada da Fluminense, uma ação desenvolvida no ano de 2010 na cidade de Nova Iguaçu (RJ), através do edital do Fundo Municipal da Cultura Escritor Antônio Fraga, da secretaria de cultura deste município.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:**

Pesquisar as trajetórias e atuações de mulheres que rezam e curam (mães de santo e rezadeiras)

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30

**Bairro:** URCA **CEP:** 22.290-240

**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com

Continuação do Parecer: 3.408.649

de

Nova Iguaçu na Baixada Fluminense (RJ), por meio da pesquisa participante, a partir de uma interação que propõe uma investigação sobre narrativas de mulheres rezadeiras e mães-de-santo na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ), e como tem permanecido sua sabedoria e prática no cenário de violência.

**Objetivo Secundário:**

- Identificar quem são as mulheres que rezam e curam por meio da análise das trajetórias históricas, das suas atividades de rezas, a utilização da medicina popular e o sincretismo religioso.
- Compreender como se articulam o racismo e a intolerância religiosa ao atual cenário de violência em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ) que afetam as mulheres que rezam e curam.
- Analisar o conteúdo das narrativas das mulheres que rezam e curam e as observações participantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos estão contemplados, bem como suas formas de minimização. Os benefícios, também.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa encontra-se nos padrões do sistema CEP/Conep

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão dentro dos padrões do sistema CEP/Conep.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1263560.pdf	14/05/2019 16:44:17		Aceito

Endereço: Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30  
 Bairro: URCA CEP: 22.290-240  
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO  
 Telefone: (21)3938-5167 E-mail: cnp.ctch@gmail.com

UFRJ - CENTRO DE FILOSOFIA  
E CIÊNCIAS HUMANAS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 3.408.649

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/05/2019 16:43:16	GERALDO DA SILVA BASTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	14/05/2019 16:41:06	GERALDO DA SILVA BASTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	14/05/2019 16:24:11	GERALDO DA SILVA BASTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 24 de Junho de 2019

---

**Assinado por:**  
**Mônica Pereira dos Santos**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av Pasteur, 250-Prata Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30  
**Bairro:** URCA **CEP:** 22.290-240  
**UF:** RJ **Município:** RIO DE JANEIRO  
**Telefone:** (21)3938-5167 **E-mail:** cep.cfch@gmail.com